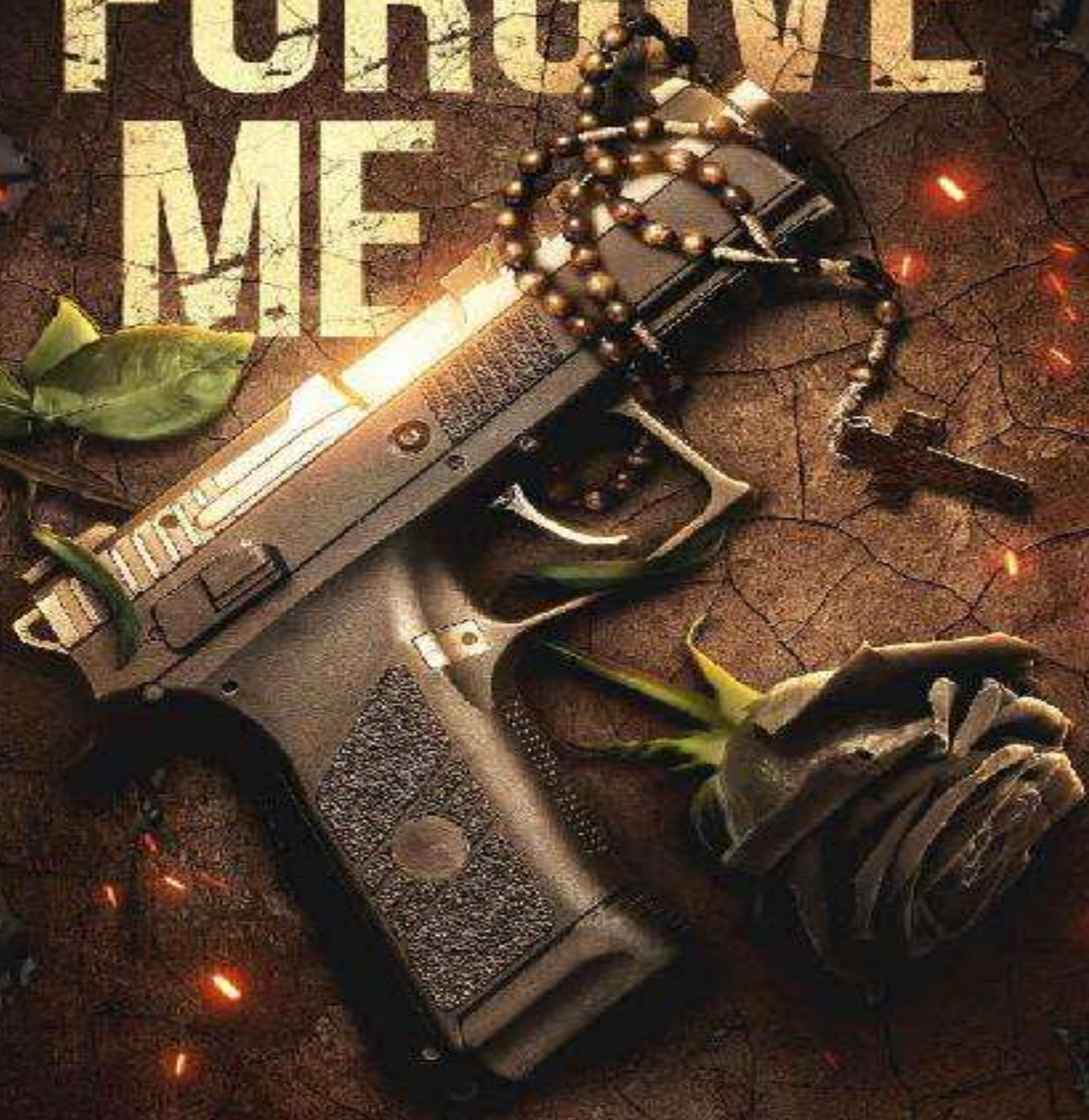


FORGIVE
ME



A. NASH

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ALQUIMISTA DOS LIVROS
ARIANA NASH

FORGIVE ME



Padre Francis Scott sabe que está condenado, mas aos vinte e quatro anos tem uma vida inteira para compensar os erros do passado. Recém-ordenado, ele está determinado a limpar a mancha da sua alma, um dia de cada vez.

Até que um anjo entra em sua igreja, pedindo a Francis que se confesse. Basta olhar nos olhos de Vitari (Angel) Angelini e fica claro que o homem é feito de pecado.

Francis não pode se permitir mais erros. Infelizmente, o mundo para o qual Angel está prestes a atrair Francis não deixa espaço para homens bons, e enquanto Francis é arrastado para o submundo sombrio do crime organizado, seu amor pela Igreja, sua alma quebrada e todos os pecados dos quais ele tem fugido conspiram para quebrá-lo.

Será Vitari Angelini o seu salvador ou a última bala na arma da queda de Francis.



Angel não tem ideia do motivo pelo qual foi enviado para a Inglaterra, a não ser para vigiar um padre para o mais notório chefe da máfia da Itália. Ele não esperava que o padre Francis Scott fosse tão jovem, ou que ele fosse pecaminosamente quente em sua batina preta. Ele também não esperava que os olhos assombrados do padre estivessem cheios de segredos. Tudo o que Angel sabia era que este deveria ser um trabalho rápido. Entre, mate o padre e saia.

Mas quando um sindicato criminoso rival ataca Angel, quase executando Francis sob a supervisão de Angel, sequestrar o padre parece ser a próxima

melhor opção. Agora eles estão fugindo, apenas um passo à frente dos assassinos que não hesitam em cruzar países e continentes para rastreá-los.

Porque é que as máfias russa e italiana estão tão desesperadas para pôr as mãos no Padre Francis Scott? E por que Angel se importa?

Enquanto correm para permanecer vivos, Angel não consegue se livrar da sensação de que há mais em tudo isso do que um padre não tão inocente. E à medida que a verdade dos seus passados terríveis colide, o mesmo acontece com os seus desejos proibidos.

Nem todos os anjos tem asas. Alguns têm chifres. E o padre Francis Scott merece perdão, mesmo que isso custe tudo a Angel. Incluindo sua vida.

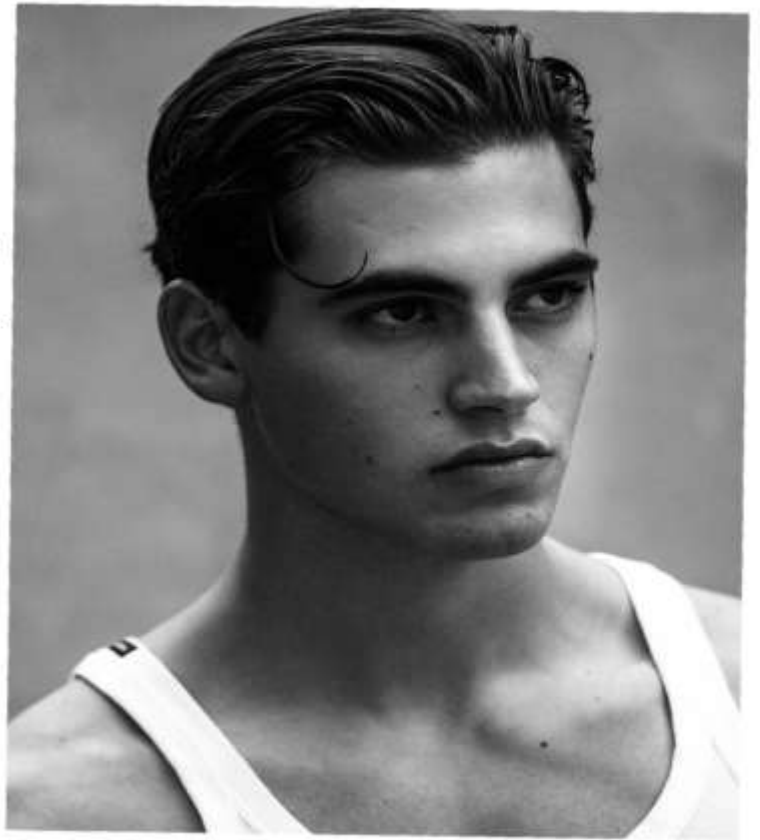


Forgive Me é um thriller gay sombrio e contemporâneo, com conteúdo potencialmente perturbador, incluindo histórico de abuso infantil, violência gráfica, ódio homofóbico e abuso religioso. Mais detalhes sobre os avisos de conteúdo podem ser encontrados no site do autor.

Nota do autor sobre idiomas e conteúdo: Este livro e grande parte desta série se passam na Europa e incluem vários idiomas.

Quando os personagens estão entre pessoas da mesma língua, pode-se presumir que eles falam sua língua nativa.

Nesta série, ‘Máfia’ é usado como um termo genérico para o crime organizado italiano. Por questões legais, o autor optou por usar o nome fictício ‘Battaglia’ no lugar dos nomes reais dos sindicatos do crime.



AVISO

- ✓ Prestígie o autor comprando a obra original ou deixando resenhas positivas nos locais apropriados para tal.
- ✓ O Alquimista dos Livros ressalta que; a tradução desta obra é feita de forma amadora, sem fins lucrativos com o mero intuito de entretenimento, sendo está sujeita a erros, como em qualquer outro GT. Enfim, não somos uma editora e não temos os meios ou equipe necessária para garantir uma tradução, revisão, diagramação e todos os meandros necessários pra compartilhar um trabalho impecável e exigidos dentro dos padrões de profissionais – o que não o somos-. O compartilhamento desta obra é tolerável desde que;
 - ✓ 1: as pessoas que o compartilhem tenham consciência que não podem e não devem obter ganhos monetários pelas mesmas.
 - ✓ 2: divulgações e resenhas em meios aos quais o autor tenha acesso devem ser feitas em inglês e lembrando; citando que leu a obra original, NÃO A TRADUÇÃO DE GT.
 - ✓ 3: Em casos da compra de direitos autorais, o livro deve ser removido de circulação pelo próprio ADL e ademais – ou seja – GDs parceiros.
 - ✓ 4: Preserve o grupo, mantendo os livros para vocês, lembrando-se sempre que ISTO é trabalho voluntário e ilegal, não importa a boa vontade do GT ainda é pirataria. Por que, se não obtemos os direitos autorais por vias legais sobre as obras, não temos direitos sobre elas ou seus autores.

CAPÍTULO UM

Francis

O padre Francis Scott trancou a antiga porta do escritório ao lado da Igreja de St. Mary, com o pesado anel de chaves velhas ressoando com o movimento. Ele ficou um momento nas sombras, atrás de um grande pilar ao longo do corredor sul da igreja, respirando o silêncio enquanto as provas do dia rolavam no fundo de sua mente, como uma TV ligada em uma sala vazia.

O Padre Hawker disse-lhe que seria mais fácil: confiar em si mesmo e lembrar-se de como deveria carregar o peso dos seus paroquianos que o procuravam em busca de orientação. Ao carregar esse peso, Francis estava servindo ao povo e servindo a Deus.

Ninguém lhe dissera como, depois de colocar o colarinho branco, as comportas se abririam. Nem em toda a sua formação, em todos os anos de estudo, alguém o preparou para o batismo de fogo que foi *ser sacerdote*. Mas um período de adaptação era natural, supôs ele, suspirando. Levaria tempo para assumir o papel, para se reerguer. Três meses não eram nada quando comparados com o resto de sua vida.

Ele continuaria a viver cada dia de cada vez e encontraria forças para cumprir todos os deveres que se esperavam dele. Seu estômago roncou. E amanhã ele tentaria arranjar tempo para comer.

A batida em staccato dos sapatos cortando a nave¹ perfurou o silêncio. Os passos ecoavam pelos antigos arcos da igreja. Francis ergueu o olhar, esperando encontrar uma mulher se aproximando do altar, mas um homem se aproximou. Pelas calças pretas formais, pela camisa roxa escura e pelo colete de seda preta, ele não era local. Francis piscou, sem saber se sua exaustão havia provocado uma bela alucinação. Ele podia estar na paróquia de Kellerton há apenas três meses, mas sabia que a cidade não produzia homens que parecessem... bem, pareciam ter acabado de sair das páginas de uma revista sofisticada. Ele tinha o cabelo mais preto que Francis já vira –curto nas laterais, mas desgrenhado e com gel na parte superior – e um leve calor na pele, como se tivesse passado o verão no exterior.

Ele se ajoelhou em frente ao altar e abaixou a cabeça.

Um breve movimento de *alguma coisa* encurtou a respiração de Francis. O estranho não era tão velho assim, não tinha mais do que os vinte e poucos anos de Francis, mas parecia carregar um ar de sofisticação além de sua idade.

Francis deveria alertá-lo de que não estava sozinho, mas enquanto os lábios do estranho se moviam em oração, Francis permanecia imóvel. Pelo que ele orou? Claro, isso era entre ele e Deus, e Francis não tinha o direito de se perguntar. Ele esperou, ouvindo o sangue correndo em seus ouvidos, e quando os lábios macios do estranho se acalmaram, Francis pigarreou.

O olhar do homem deslizou para o lado. —Você costuma se esconder nas sombras, observando seus paroquianos orarem, padre?

A pergunta pegou Francis desprevenido. Isso, e o fato de sua voz ter uma cadência doce e estrangeira que Francis não se importaria de ouvir por horas.

¹ A **nave** é o termo referente à ala central de uma **igreja** ou catedral onde se reúnem os fiéis de modo a assistirem ao serviço religioso.

Italiano, talvez? Ele limpou a garganta novamente, alisou a batina preta e saiu das sombras. —Desculpas. Você parecia estar orando e eu não queria incomodá-lo.

—Eu não tinha certeza se alguém estaria aqui. Tarde, não é? Embora eu assuma que o trabalho de Deus não é das nove às cinco.— Ele coçou o nariz e sorriu, mas era o tipo de sorriso chamativo que não tocava os olhos. Tal como o relógio que usava, brilhando à luz das velas, o seu sorriso era para as suposições dos outros, não para si mesmo.

Francis sempre foi bom em ler as pessoas, como tática de sobrevivência, mas também sabia que as primeiras impressões estavam muito longe da verdade. As primeiras impressões lhe disseram que o visitante estava de passagem pela cidade e que era rico o suficiente para comprar roupas sob medida que se ajustassem ao seu físico esbelto. Se o relógio fosse real, provavelmente valia mais do que os paroquianos de Francis ganhavam num ano. O que levaria um homem tão intrigante a St. Mary's perto da meia-noite?

—Como posso ajudá-lo? — perguntou Francis.

—Você não tem uma casa para onde ir, padre?— ele respondeu, olhando por cima do ombro para as portas da igreja.

Francis tinha uma casa próxima que veio com o posto em St. Mary's, mas ainda não parecia um lar.

O estranho percebeu sua hesitação. —Esta é a parte em que você me diz que esta igreja é sua casa? Não tenho certeza se acreditaria.

Lá estava aquele sorriso novamente. Francis sentiu que estava sendo ridicularizado, mas algo fez o estranho passar pelas portas de St. Mary e Francis foi obrigado a ajudar todo e qualquer um que precisasse. —Talvez você procure alguma orientação?— Ele ofereceu.

O estranho deu uma risada desdenhosa e bufante e inclinou a cabeça novamente, provavelmente pensando em ir embora, mas quando ergueu o olhar escuro e olhou em direção ao confessionário, seu sorriso fraco desapareceu.

Não era preciso dizer mais nada. Francis baixou a cabeça e foi até a cabine. Ele entrou, fechou a porta e colocou o livro do Rito da Penitência sobre os joelhos. Ele esperou um pouco, esperando ouvir o passo do homem, mas os minutos se passaram por tanto tempo que ele começou a se perguntar se o estranho teria saído sem fazer barulho. Então os sapatos bateram no chão de mármore e a porta do confessionário se abriu. A madeira velha rangia e o farfalhar do tecido indicava que o estranho estava pronto.

—Abençoe-me, Padre, porque pequei.

Aquele sotaque mediterrâneo era mais forte com a tela de treliça entre eles, a voz dele também mais profunda, agora que eles haviam passado da nave aberta para locais mais próximos.

—Por favor continue. Estou aqui para receber sua confissão.

Ele ficou em silêncio, talvez arrependido de sua decisão. Um pouco de estímulo pode ajudar. —Quanto tempo se passou desde sua última confissão?

—Não sei, — disse ele. —Acho que nunca estive.

—Bem, está tudo bem. Se ajudar, também sou novo nisso, — Francis ofereceu, esperando acalmar um pouco seus nervos.

—O padre mais jovem a ser ordenado na diocese.

Aos vinte e quatro anos, Francis era de fato um dos padres mais jovens da Inglaterra, em grande parte devido à orientação do Arcebispo Montague e aos estudos exemplares de Francis. Mas como é que este estranho saberia tudo sobre Francis se estivesse apenas de passagem? Talvez não tenha sido nada. Afinal, seu

posto em St. Mary's apareceu nos noticiários locais e muito se falou sobre sua idade. —Este é um confessionário, não uma conversa. Por favor, se você tem algo específico para confessar, estou aqui para ajudar com isso.

Uma risada suave passou pela tela e agora Francis estava sendo ridicularizado novamente. Todos tinham direito à confissão. Ele não poderia recusar, mesmo que estivesse prestes a ser rude. Ele poderia tratar a confissão como uma piada, mas Francis não o fez. Ainda assim, ele poderia ter passado sem a visita noturna se este homem estivesse aqui apenas para desperdiçar o tempo de ambos.

—Como é que isso funciona? O que eu digo? Se eu confessar tudo, ficaremos aqui a noite toda.— Houve aquela risada novamente. Talvez não tenha sido desrespeito, mas nervosismo.

—Coloque em palavras o que você fez de errado, o que o trouxe aqui, para mim. Quando terminar, diga a Deus que você sente muito por esses pecados e pelos pecados de sua vida passada. Eu lhe darei uma penitência, então você fará um Ato de Contrição²...

—Já faz muito tempo que não frequento a igreja.— O humor desapareceu e seu tom endureceu, tornando-se mais frio. Essa admissão era verdadeira e não foi fácil.

Quando não ofereceu mais informações, Francis perguntou: —Essa é a sua confissão?

—Não. Bem, poderia ser. Há uma lista muito longa.

² O Ato de Contrição é uma oração cristã que expressa a tristeza do pecador pelos seus pecados realizados. Pode ser utilizado em um serviço litúrgico ou em particular, como em uma oração. Utilizado na Igreja Católica, Luterana e Anglicana, cada qual com seu próprio texto.

—Você não precisa listar tudo. Os pecados menores, os veniais³, são perdoados através da oração e da comunhão. Que pecado o trouxe aqui hoje? O que fez você buscar a Deus?

Uma pausa suave. —Você fez isso,— ele sussurrou.

—Eu...— Francis engoliu em seco, tentando suavizar o rangido em sua voz quando ele alisou os vincos de sua batina. —O que você quer dizer?

—É difícil de explicar.

—Estou ouvindo.

—Sim, — ele disse com um suspiro. —Você está.

A madeira rangeu e a porta do confessionário se abriu do lado do outro homem. O som de seus sapatos abriu caminho de volta à nave.

Francis deixou o livro de lado e saiu do confessionário.

Se o estranho andasse mais rápido, estaria correndo. Francis quase gritou para dizer-lhe que o que quer que o trouxesse aqui, ele ouviria. Que St. Mary's era um lugar seguro, que *ele* estava seguro, mas as palavras ficaram presas em sua garganta enquanto ele observava o homem de muitos pecados fugir da igreja. O que ele quis dizer quando disse que Francis o trouxe aqui? Como isso era possível se eles nunca se conheceram antes? Certamente, Francis nunca esqueceria alguém tão intrigante.

O coração e a cabeça de Francis zumbiram. Ele fez uma oração para se acalmar, apagou todas as velas e saiu da igreja, caminhando pelo caminho de paralelepípedos em direção ao portão principal. Não havia sinal de seu visitante noturno.

³ De acordo com o catolicismo, um pecado venial é um pecado de natureza leve, que não resulta em uma separação completa de Deus e na condenação eterna no Inferno.

O ar estava parado, a cidade tranquila. Mariposas voavam em torno dos postes de luz próximos e, quando Francis passava por baixo delas, um ou outro morcego passava correndo como um borrão. Sua casa era a última de uma fileira, com um pequeno portão de metal e um pequeno selo postal representando um jardim na frente. Rosas emolduravam as janelas tortas. Felizmente, ele não precisava cuidar do jardim – os jardineiros da igreja cuidavam dele para ele – ou teria ficado uma bagunça enorme.

Ele parou na porta da frente, colocou a chave na fechadura e olhou para a estrada, na direção da igreja. Carros estacionados alinhavam-se na rua estreita e sinuosa. Um gato saiu correndo de debaixo de um velho Land Rover surrado e trotou pela estrada. Um carro se destacava de todos os demais: um elegante Jaguar prateado. Talvez a família Rogers tenha recebido uma visita?

Dentro do chalé, ele acendeu as luzes e a chaleira, mas não se preocupou com o aquecimento. Ele tomou uma xícara de chá, tomou um banho rápido e depois estava entre os lençóis meia hora depois de chegar em casa. Ele olhou para as rachaduras no teto antigo e para as teias de aranha que havia esquecido de varrer. Uma leve corrente de ar os perturbou.

Ele fechou os olhos, desejando que o sono o levasse, mas o homem de muitos pecados estava lá, ajoelhado, com a cabeça baixa, sussurrando uma oração. O coração de Francis desacelerou e o sono invadiu sua mente. Ele se permitiu um momento para admirar uma figura tão intrigante em seu estado de sonho. O relógio chamativo, os sapatos pretos engraxados, como – nos joelhos – as calças abraçavam sua bunda e se agarravam às coxas firmes.

Francis abriu os olhos, virou-se de lado e tentou reorganizar seus pensamentos para longe do homem de muitos pecados. Ele tinha uma reunião

com o conselho municipal amanhã. A Sra. Roe estaria lá, com seu perfume sufocante e abordagem prática. Ela confessou ser alcoólatra e ultimamente vinha se confessando com cada vez mais frequência. Durante seus estudos, ele foi alertado sobre os paroquianos que se tornavam muito dependentes de seus padres. Quando segredos eram revelados, e com os padres conhecendo todas as intimidades de um paroquiano, era comum o desenvolvimento de ligações emocionais. Ele teria que ter cuidado com a Sra. Roe. Embora ele não se importasse se o homem de muitos pecados retornasse. Ele ouviria aquela voz durante horas, escutaria seu tom sardônico com seu tom de escárnio. Ele tinha problemas pessoais com Francis ou foram com os padres em geral?

Não poderia ser pessoal. Eles nunca se conheceram antes.

Que pecado o trouxe aqui?

Você fez.

Como Francis foi um pecado?

Uma coruja piou e, através do vidro fino da janela, parecia que estava lá fora. Ele olhou para o relógio. 1h10. Ele tinha que acordar às cinco. O cansaço o dominava como um demônio nas costas, então por que, quando fechava os olhos, não conseguia dormir? Por que ele viu o homem de muitos pecados olhando para ele pela primeira vez com o canto do olho enquanto ele se ajoelhava no altar? Lembrando-se disso agora, ele teve certeza de que o homem estava sorrindo.

Francis tinha que parar com isso.

Ele sabia para onde estava indo.

Aqueles olhos escuros, com seus longos cílios escuros... Os lábios macios, sussurrando uma oração...

Francis rolou para o outro lado e desviou seus pensamentos de como seu corpo reagia aos seus pensamentos confusos de exaustão. O celibato era um longo caminho pela frente, um caminho que ele havia percorrido mais vezes do que gostaria de admitir.

O sono finalmente o envolveu e o levou embora, mas em seus sonhos ele não estava sozinho. O homem de muitos pecados sorriu, com a mão na cintura, o olhar percorrendo Francis, julgando, despindo-se, e então ele se ajoelhou, e aqueles lindos olhos escuros de cílios longos olharam para Francis, implorando por perdão.



Duas xícaras de café mal haviam disfarçado seu cansaço. Ele faria outro assim que chegasse à igreja. Saindo correndo pela porta, ele disse um rápido bom dia ao carteiro e marchou rua acima. O carro prateado havia sumido. Choveu durante a noite, mas o espaço que o Jaguar ocupava permanecia seco. Ele descartou isso. Ele tinha um dia agitado pela frente. Oração matinal às nove, Comunhão às dez.

O grande mostrador do relógio na torre da igreja mostrava que ele já estava quinze minutos atrasado. O portão rangeu e as pedras do calçamento brilharam sob os pés. O peso de seus antecessores diminuiu sempre que ele percorreu o caminho antigo. A igreja existia há centenas de anos e provavelmente permaneceria por centenas mais. Ele só podia esperar servir a sua paróquia tão bem como aqueles que serviram antes dele.

Hoje foi um novo dia. Ele faria melhor.

Ele entrou na igreja, pediu desculpas a Julia, a assistente, destrancou a porta do escritório e olhou para sua mesa. Nada mudou; tudo estava em seu lugar, exatamente como ele havia deixado. Incluindo o diário transbordante de tarefas e eventos diários. A visão disso esvaziou sua ânsia de começar. Mais café estava em ordem.

—Você está bem, padre? Você parece um pouco cansado esta manhã. — Julia sorriu gentilmente, tocando seu permanente prateado.

Ele piscou para ela e, por alguns momentos horríveis, quis dizer-lhe que não estava nada bem e que não tinha certeza se conseguiria fazer isso. Ele não poderia ser o padre que todos precisavam que ele fosse. Ele estava falhando. O peso dos pecados de todos os outros o enterrou como areia movediça, e ele estava prestes a afundar. Ele queria dizer a ela que não devia estar fazendo nada disso direito, porque se estivesse, não aguentaria mais uma semana, muito menos o resto da vida.

Ele sorriu. —Estou bem.

—Deixe-me fazer uma boa xícara de chá para você, então?

—Café, eu acho.

—Oh, a coisa forte. Deve ter sido uma noite difícil. — Ela riu sozinha e começou a fazer o café.

Ela não tinha ideia de quão difícil foi a noite que ele teve. Ele precisava conversar com o padre Hawker, confessar os... pensamentos da noite anterior. Se ele pudesse encontrar um momento em sua agenda.

Ele sentou-se à escrivaninha, abriu sua agenda da semana e lá, guardada por Julia, estava uma carta de seu advogado marcada como *Privada e Confidencial*. Ele arrancou a carta das páginas do diário e a colocou de lado,

deixando-a ali enquanto lia a longa lista de compromissos do dia. Foi interminável; cada entrada queria um pedaço dele, e ele já estava vazio. Além disso, a carta estava à sua direita, fechada. Seu coração acelerou, encolhendo a cada batida.

A falta de sono, os acontecimentos da noite passada, o peso do dia. Tudo conspirou para sufocá-lo.

Ele suspirou.

—Padre?

—Vou caminhar pelo terreno, tomar um pouco de ar, eu acho.— Ele saiu correndo do escritório, ignorando as tentativas de Julia de perguntar novamente se ele estava bem, caminhou entre os bancos vazios e correu quase acelerado demais, semelhante ao ritmo do homem de muitos pecados. Mas aquele homem nunca mais voltaria. Francis não tinha essa liberdade.

Ele não conseguia correr. Esta era a sua vida agora. Ele escolheu isso. Dedicou seu coração e alma a isso.

Ele poderia fazer isso. Ele precisava fazer isso.

Saindo do vestibulo de entrada, ele avistou um de seus paroquianos subindo o caminho para encontrá-lo.

—Padre?

Francis virou para a esquerda tão rápido que quase escorregou nas pedras. —Já vou para lá, — ele gritou. Seu peito doía; algo apertou seu coração. Ele precisava parar, respirar, centrar-se. Ele precisava de um momento, um pequeno momento para si mesmo, e depois disso seria capaz de enfrentar o dia.

O caminho serpenteava pelo lado nascente da igreja, seguindo a curva natural do terreno, passando entre sepulturas, antigas e novas, algumas com terra

elevada, outras afundadas. A chuva havia passado, mas nuvens cinzentas pairavam pesadamente no céu.

Ele diminuiu a velocidade quando o velho banco apareceu à frente. Ele apenas sentaria e tiraria um momento. Isso foi tudo. Ele foi autorizado a parar, não foi? Sentado, ele juntou as mãos em oração e se inclinou para a frente. — Deus venha em meu auxílio, e Senhor, apresse-se em me ajudar. — Lentamente, respiração após respiração, batimento cardíaco após batimento cardíaco, a dor em seu peito diminuiu e o pânico que despedaçava seus pensamentos desapareceu como névoa ao sol da manhã.

Com o coração já não tentando libertar-se das costelas, endireitou-se e olhou para as lápides salientes. Uma brisa fresca sussurrou através da grama alta, e um arrepio percorreu sua espinha com um dedo gelado, como se seu corpo sentisse o que sua mente ainda não conseguia ver. Então ele viu. Sapato feminino de salto alto. Preto brilhante. Fora de lugar entre os túmulos e as flores murchas. Ele se levantou e, em poucos passos, viu o pé ao qual pertencia o sapato, e a perna, e a mulher, de bruços na grama.

Francis correu e instintivamente estendeu a mão para ela, para ver se poderia ajudar. Sem pensar, sem entender, apesar de saber no fundo que ela já havia morrido, ele tocou seu ombro e tentou virá-la. Ele tinha visto os mortos, realizado funerais, confortado os enlutados, mas esses mortos eram esperados. A mulher estava ali, esparramada na grama molhada, sem vida há muito tempo em seus olhos opacos. —Deus te abençoe... e cuide de você...— Ele parou, incapaz de encontrar as palavras enquanto uma dormência gelada se espalhava por ele. As mãos da jovem estavam amarradas atrás das costas, amarradas com zíper. Ele não

a reconheceu como alguém de sua congregação, mas havia algo nela que parecia familiar.

Seu batom vermelho brilhante havia manchado sua bochecha marrom-trigo. Areia e sujeira grudaram naquela mancha.

Por que ele não conseguia desviar o olhar?

Francis tropeçou e ficou de pé. A dormência se espalhou ainda mais pelas pernas. Ele se moveu automaticamente e deslizou de volta pelo caminho, para dentro da igreja e para o escritório, com mente e corpo presentes, mas também em outro lugar. Julia entregou-lhe o café, ele aceitou e calmamente disse-lhe para chamar a polícia.

Seguiram-se horas de caos e ele respondeu pergunta após pergunta. Ele manteve o público afastado, contatou a imprensa local e permaneceu intocado por tudo isso. Quando a polícia lhe perguntou se ele tinha visto alguém suspeito ou incomum nos últimos dias, ele deveria ter mencionado o homem de muitos pecados. Mas não o fez.

Quando o furor cessou e a polícia foi embora, o corpo também, deixando apenas um anel de fita policial esvoaçante ao redor dos túmulos onde a garota havia sido descartada, Francis ficou no mesmo lugar em que estava naquela manhã, só que agora choveu e ele estremeceu na batina.

Ele perguntou ao estranho se ele tinha algo a confessar.

Que pecado o trouxe aqui?

Você fez.

Padre Francis Scott não era um homem do mundo, e não havia dúvida em sua mente de que o homem de muitos pecados era de um mundo totalmente

diferente do seu, muito além da paróquia de Francis, mas ele tinha vindo para St. Mary's para Francis. E na manhã seguinte, uma mulher estava morta.

Essa foi uma coincidência improvável.

Parte dele esperava ver o estranho novamente. E parte de Francis esperava que o homem nunca mais voltasse. Mas no fundo, ele suspeitava que o estranho voltaria e, quando o fizesse, Francis perguntaria se o assassinato era um dos seus muitos pecados.

Ele temia já saber a resposta.

CAPÍTULO DOIS

Vitari

Vitari Angelini discou o único número da lista de contatos do telefone portátil e segurou o telefone junto ao ouvido. Do lado de fora do carro alugado, as pessoas entravam e saíam das portas principais do posto de gasolina à beira da estrada, como abelhas em uma colmeia. Paradas para descanso como essas faziam com que milhares de pessoas passassem por suas portas a cada hora. Vitari era apenas mais um cliente anônimo, exatamente como ele gostava.

Um pai e seus dois filhos foram em direção ao carro estacionado perto da casa de Vitari. O pai carregava uma sacola do McDonald's em uma das mãos e digitava uma mensagem no telefone na outra, enquanto seus filhos pré-adolescentes brigavam. O olhar de Vitari saltou para duas adolescentes rindo e saltando das portas do posto de gasolina, indo em direção ao seu velho VW. Seu olhar continuou percorrendo breves trechos de vidas normais que ele nunca tocara: uma mulher de terninho, viajando sozinha com uma maleta de laptop balançando ao lado; os dois reformados que não tinham pressa em chegar ao destino; algum velho amaldiçoando seu carro elétrico. As vidas que ele tocou terminaram em gritos e sangue. Essas pessoas não tinham ideia de que estavam sendo observadas pelo executor número um do Battaglia. Provavelmente nem sabiam quem ou o que eram os Battaglia. Do jeito que *o negócio* gostava.

Embora o que diabos Vitari estava fazendo no fim da Inglaterra, ele não tinha ideia.

Ele odiava a Inglaterra, odiava seus campos muito verdes, sua chuva interminável e as câmeras CCTV por toda parte.

Don Giancarlo sabia disso, então devia tê-lo mandado aqui para puni-lo, ou Luca estava sussurrando no ouvido do chefe novamente, tentando forçar Vitari a sair. Como a única saída era um caixão e Vitari era muito difícil de matar, Luca teria que se esforçar muito mais.

— Angel, — uma voz rouca atendeu a ligação, usando o pseudônimo de Vitari.

—Ciao, Sal, — Vitari cumprimentou. —Isso é uma maldita perda de tempo, cara. O padre não é nada, apenas um cara legal recém-saído da escola sacerdotal. Por que estou aqui?

—Vou ignorar tudo o que você acabou de dizer, stronzetto⁴, e presumir que você não ouviu a notícia?

—Que novidades?— Seu coração afundou. —Eu estive na estrada.— Ele estava ansioso para voltar ao iate e voltar para casa na Calábria no fim de semana, mas a voz de Sal sugeria que isso não iria acontecer.

—Seu padre que não sabe de nada encontrou uma mulher morta em seu cemitério. Você não foi embora, foi?

—Não, — mentiu Vitari. *Porra.*

—É melhor você voltar para lá antes que o DeSica termine o trabalho, ou Giancarlo vai pregar suas bolas na parede.

⁴ É um termo ofensivo, algo como pequeno idiota.

Giancarlo faria exatamente isso. Vitari executou um método semelhante de punição para o don várias vezes. Luca, o idiota, se ofereceria para segurar a arma. —Porra.— Ele encerrou a ligação, apertou o botão Iniciar do carro e acelerou o potente motor do Jaguar. Ele estava a duas horas de distância e as malditas estradas inglesas estavam cheias de radares. As multas nunca o alcançariam no aluguel, mas a polícia de trânsito britânica sim – eles não brincavam.

Giancarlo foi muito claro. Se DeSica alcançasse o padre, então seria melhor que Vitari se certificasse de que ele não falasse. Ou, se o fez, todos morreram, como uma mensagem clara aos DeSicas para não tocarem na propriedade de Battaglia.

O que diabos algum padre limpinho deveria falar estava muito acima do conhecimento de Vitari, ele só sabia que tinha que chegar a St. Mary's antes dos DeSicas. Ele largou a marcha e lançou o Jaguar para longe do posto de gasolina, na direção da rodovia. Esperando que ele já não tenha chegado tarde demais. Um corpo num cemitério era desleixado, mesmo para os idiotas de DeSica. Eles iriam querer que isso fosse resolvido.

Ele passou com o Jaguar pelo pai e pelos dois pré-adolescentes em seu BMW e chamou a atenção do homem de meia-idade. Algo predatório brilhou em seu olhar, ciúme também. Vitari lançou um sorriso ao velho e pisou fundo no acelerador, deixando o pai na fumaça dos pneus.

Vitari preferia morrer sob uma saraivada de balas do que viver atrás de uma mesa. Ele não foi feito para seguir as regras. A sociedade não lhe dera nada e ele não lhe devia nada em troca. A única coisa com que ele se importava – a razão pela qual respirava, sua religião, sua vida – era a família: a Battaglia e Don Giancarlo.

Vitari não hesitaria em matar um homem do clero pelo Don. Ele tinha feito pior, ganhando o pseudônimo *de Angelo della Morte*. O que o padre Francis Scott, com sua batina imaculada e olhos assombrados, pensaria disso?

Um cara legal como ele? Ele provavelmente juraria salvar a alma de Vitari.

Ele poderia tentar, mas a alma de Vitari estava além de qualquer salvação.

Talvez Vitari o arrastasse para o Inferno com ele. Embora, considerando a profundidade da dor nos olhos do padre Scott, ele já pudesse estar lá.

CAPÍTULO TRÊS

Francis

A comunhão noturna foi excepcionalmente movimentada, provavelmente porque a notícia da morte da infeliz jovem havia chegado a todos os quatro cantos da cidade e todos queriam saber da fofoca.

Francis saudou os seus paroquianos com o seu sorriso sempre presente e passou muito tempo entre eles, colocando-se à disposição, dizendo sim a demasiados eventos, alguns dos quais mais tarde teria de cancelar. Quando todos se acomodaram nos bancos, dois rostos novos olharam para ele no meio da multidão, o que por si só não era incomum, mas como havia acontecido na noite anterior, algumas pessoas simplesmente não se encaixavam. E os dois homens de meia-idade no banco de trás não pareciam o tipo de pessoa que participaria da Noite de Quiz no Carpenter's Inn. Eles não chegaram com ninguém, não foram apresentados e ninguém apareceu para falar com eles. Apenas alguns acenos educados e olá.

Francis estava acostumado a lidar com pessoas difíceis. Ele visitou hospitais, lares de idosos e prisões. Ele foi xingado, cuspidor e exposto a várias partes da anatomia humana, e aceitou tudo com compreensão e graça. Muitos desses casos não estavam sob o controle da pessoa, e por isso Francis orou por eles, mesmo

quando a queimadura de um tapa ou o calor de uma linguagem chula queimaram seus ouvidos.

Mas havia pessoas difíceis e havia pessoas *perigosas*. Estas exigiam uma abordagem diferente, como chamar a polícia assim que a comunhão terminasse.

Francis realizou a comunhão e, enquanto a congregação fazia fila para se aproximar dele para receber o sangue e o corpo de Cristo, os dois homens de fora da cidade juntaram-se à fila.

O coração de Francis bateu forte. Pelo menos ele daria uma boa olhada neles. —O corpo de Cristo.

—Amém.

Um por um, os paroquianos se ajoelharam e inclinaram a cabeça, e cada um recebeu o corpo e o sangue de Cristo em forma de hóstia e água do cálice. Os dois homens foram os próximos e cada um fixou o olhar em Francis como se o prendesse a uma cruz. Ele comungava com eles como faria com qualquer pessoa, mas seus dedos tremiam quando ele colocou o papel hóstia em suas línguas.

—Amém, Padre.

Eles estavam aqui por motivos nefastos, ele tinha certeza disso.

—Amém, Padre.

Um dos homens tinha uma pequena tatuagem de cruz no pescoço, o que sugeria que ele levava suas orações a sério.

Ou talvez encontrar uma mulher assassinada tenha abalado Francis e esses dois homens estivessem aqui para adorar legitimamente e, como o homem de muitos pecados, estivessem apenas de passagem. Ele sem dúvida nunca mais veria nenhum deles. Embora essas pessoas não fossem como o estranho bem vestido da

noite anterior. Suas roupas eram desleixadas e casuais, e seus dedos ostentavam tantos anéis que os nós dos dedos brilhavam à luz das velas.

Francis se atrapalhou com sua próxima citação e pediu desculpas, quando seus pensamentos começaram a se desvendar. Ele pegou o púlpito e folheou as páginas do Livro do Evangelho, procurando a linha correta. Se ele pudesse superar isso. Rostos olhavam para ele dos bancos lotados. Quanto mais o tempo passava, mais ele suava sob a batina. O peso da estola parecia sufocá-lo, e o interior da igreja brilhava tanto que arrancou lágrimas de seus olhos.

Que pecado o trouxe aqui?

Você fez.

Não, ele não poderia pensar isso agora. —Senhor, apresse-se...— Ele proferiu a oração para firmar sua mente e coração e, por algum milagre, conseguiu encontrar seu lugar no livro e completou a missa.

Concluída a comunhão, ele confortou quem precisava, conversou com outros que apenas queriam conversar e, de alguma forma, superou a situação, até que não sobrou ninguém na igreja além dele e Julia, recolhendo os hinários.

Ele caiu no degrau ao lado do púlpito e passou as mãos pelo rosto.

—Padre.— Julia se aproximou com uma grande pilha de livros nos braços. —Espero que você não se importe que eu diga, mas talvez você devesse tirar alguns dias de folga? Você tem trabalhado muito duro e sei que deseja causar uma boa impressão no padre Hawker, mas acho que ele concordaria comigo se o visse agora.— Seu rosto era solidário. —Até os homens de Deus precisam de descanso, padre.

Ela estava certa. Ele quase desmaiou durante a cerimônia. Ele não poderia continuar assim.

—Mas há muito o que fazer.— Nada disso iria embora, tudo ainda estaria esperando por ele quando voltasse ao trabalho em um ou dois dias. Na verdade, seria pior. Todos os dias eram assim para outros padres? Alguma vez ele desacelerou?

—O que pode esperar.— Julia sorriu.

—Sim claro. Hoje foi difícil. Por que você não vai para casa, Julia? Eu vou trancar.

—Você vai ficar bem sozinho?

Ele gostava dela; ela era gentil como muitas pessoas não eram, apesar de suas próprias perdas no passado. Ou talvez por causa delas. Ele sabia que ela olhou para ele e viu seu filho, que havia falecido. Ela encontrou orientação e fé na Igreja e tinha fé *nele*. Ele não tinha certeza se merecia sua gentileza.

—Claro.

Ele esperou no degrau enquanto ela pegava a bolsa, vestia o casaco, dizia boa noite e o deixava sozinho. O silêncio acalmou sua alma. Ele puxou os joelhos até o peito, tornando-se pequeno em meio à enormidade da igreja. Ele deveria ter encontrado força ao seu redor, como se pudesse absorver Deus da pedra, em sua carne, como uma bateria recarregável absorve energia. Mas talvez ele não fosse recarregável. Talvez ele fosse apenas uma daquelas baterias que, uma vez usadas, deveriam ser jogadas fora.

Esses pensamentos não foram construtivos.

Foi apenas o nervosismo, apenas o ajuste. Tudo logo se encaixaria. Tinha que acontecer, porque não havia saída.

Ele se levantou, limpou as vestes, encheu os pulmões com ar perfumado com óleo sagrado e cera de vela quente e voltou ao escritório.

A carta do advogado ainda estava em sua mesa, esperando para ser aberta. Ele a embaralhou durante o dia, quase a enterrou, mas viu o canto aparecendo na pilha de outras cartas fechadas. Ele não aguentaria abri-lo hoje. Amanhã, mas não hoje.

Ele pegou o molho de chaves da gaveta da escrivaninha, juntando os grandes pedaços de metal e, saindo do escritório, enfiou a chave na fechadura.

Uma mão pesada cobriu sua boca por trás. Ele sentiu gosto de sal, cheiro de colônia rica e abriu a boca para gritar, mas a mão apertou-o e puxou-o para trás contra um peito firme.

—Você não vai fazer barulho, vai, padre?

Mil memórias caíram atrás de seus olhos. *Shh, não faça barulho, esse será o nosso segredo.* Ele queria ser o tipo de homem que lutava, que era forte o suficiente para enfrentar o mal, mas quando a mão pesada fechou sua boca e o cheiro de suor, amaciante de roupas e loção pós-barba assaltou seu nariz e queimou sua garganta, seu intestino vazio se agitou.

Ele rapidamente balançou a cabeça. Ele não lutaria.

O medo transformou seu sangue em gelo e borrifou sua pele com suor, umedecendo suas roupas e mantos.

O homem puxou-o para trás, meio que carregando-o. Os sapatos de Francis rangeram no chão liso da igreja. Ele tremia, odiando aquilo, odiando a si mesmo.

—Esse é um bom menino.

As narinas de Francis dilataram-se. Ele não era um menino. Não mais. A raiva, pura e limpa, surgiu do fundo de suas entranhas, derretendo todo o gelo. Francis bateu a cabeça para trás. O homem grunhiu, seu aperto diminuiu e seus dedos grossos deslizaram entre os lábios de Francis. Francis abriu a boca, deixou o

dedo deslizar para dentro e fechou os dentes com força. O homem gritou e Francis disparou, mas quer a batina tenha ficado presa num banco ou o agressor o tenha feito tropeçar, ele não conseguiu chegar longe. Seus pés saíram de debaixo dele e ele caiu, o banco subindo rapidamente. Sua testa bateu na borda e ele caiu, esparramado na nave, atordado.

Em algum lugar distante, uma voz interior gritou para ele se levantar, correr, e ele sabia que deveria, mas também não podia porque os bancos estavam girando e ele estava caindo enquanto estava imóvel.

—Filho da puta me mordeu!

O chute em seu meio o fez voltar ao seu corpo pesado e revestido de chumbo.

—Rossi, deixe-o. Ou ele nunca falará.

Francis gemeu e tentou colocar as mãos sob ele. Talvez ele pudesse rastejar para longe. —Deus, conceda-me força.— Sua visão ficou turva, ficando rosa. Ele colocou uma mão na frente da outra, mesmo enquanto eles riam de seus esforços. Ele cravou as unhas no chão e arrastou seu corpo relutante para frente. Se tudo parasse de girar, ele seria capaz de colocar os joelhos sob o corpo e depois ficar de pé.

Isso não deveria estar acontecendo. O que ele fez para merecer isso? Bem, ele sabia o que tinha feito, mas estes homens não podiam saber. Eles poderiam?

A náusea molhou sua boca. Seu intestino se revirou novamente.

Um dos homens agarrou-lhe as costas da batina e levantou-o. Seu agressor o empurrou contra um banco. Francis agarrou-se à madeira dura; se ele caísse novamente, talvez nunca mais se levantasse.

—Sente-se de costas, padre, e vamos jogar, — disse aquele com a cruz tatuada.

Francis caiu no banco e enxugou a umidade do rosto. O sangue brilhava nas costas de sua mão.

Os dois homens – os mesmos para quem ele havia dado a comunhão – estavam de pé sobre ele. Ele não os conhecia; ele não tinha feito nada com eles. — Vou rezar por você.

O tapa com as costas da mão roubou o ar de seus pulmões. Mãos ásperas agarraram seu queixo e o forçaram a olhar nos olhos do homem.

—Não preciso de suas orações, só preciso que você responda algumas perguntas, então talvez possamos ver se você pode ir embora.

O sangue se acumulou na boca de Francis e derramou, escorrendo pelo queixo.

—Foda-se, Rossi. Mais disso e ele será inútil. Me deixe fazê-lo.— O outro tentou se intrometer e desvencilhar Rossi, mas apesar de maior, Rossi foi apaixonado e conseguiu desvencilhar-se do companheiro.

—Tire as mãos de mim, — gritou Rossi. —Isso é entre mim e Deus!

Rossi enfiou a mão esquerda no bolso, ainda segurando o queixo de Francis com a direita, e tirou um par de fechos de correr pretos – os mesmos fechos de correr que Francis tinha visto nos pulsos da mulher.

Eles iam matá-lo.

Ele não sabia o que eles queriam ou o que tinha feito, mas iriam matá-lo como mataram a mulher, e deixariam seu corpo para Julia encontrar pela manhã. O horror disso o tornou inútil. Ele não conseguia se mover; o terror o tinha em suas garras.

—Pegue os pulsos dele.

O companheiro de Rossi obedeceu, agarrando os pulsos de Francis. Ele não podia deixá-los fazer isso, mas não sabia como impedi-los. Ambos eram mais fortes que ele, mesmo quando ele não estava sangrando e nem tonto. Se ele tentasse correr, eles o pegariam, matando-o mais rápido.

Rossi recuou, libertando a mandíbula de Francis, e franziu o lábio superior em desgosto. —Um maldito padre me tocou uma vez. Eles são todos iguais.

Francis quase riu – não por causa de sua situação, mas por causa da ironia – mas sua risada soou como um soluço. —Sinto muito pela sua dor.

—Jesus, Rossi, não torne isso estranho. Faça as perguntas.

—Certo, então aqui está o ponto crucial.— Rossi ajoelhou-se e pousou gentilmente a mão no joelho trêmulo de Francis. —Você só precisa responder e nós o deixaremos ir.

Francis acenou com a cabeça, então eles pensaram que ele havia sido derrotado, mas no segundo em que Rossi recuou novamente, ele iria fugir e rezou a Deus para que ainda tivesse força suficiente para manter as pernas em movimento quando isso acontecesse.

—Quando você nasceu?— Rossi perguntou.

Francis franziu a testa. Que tipo de pergunta foi essa? Ele piscou para o bruto. —Setembro de noventa e nove.

—Bom, você está indo bem. Agora, onde você nasceu?

—'Onde'?— Francis repetiu.

Rossi bufou. —Você está começando a me irritar. *Onde?!*

—Eu não...— Francis engoliu em seco. —Por que?

A bofetada deixou seus ouvidos zumbindo e seu rosto em chamas. Os bancos ao seu redor giraram um pouco mais e os dois homens inclinaram-se para o lado. A escuridão latejava mais perto, ameaçando arrancar sua consciência.

—'Por que?' ele pergunta. Porra, por quê? Quem faz as perguntas sou eu! Responda a porra da pergunta ou vou arrancar isso de você.

—Eu não, eu não sei. Eu fui... fui adotado.

Rossi olhou para o parceiro, que acenou para que ele continuasse, ou talvez para confirmar que a informação era verdadeira.

Um rangido familiar encheu a igreja – o som da porta da frente se abrindo. *Por favor, não Julia.* Não poderia ser Julia, eles a matariam. Os dois brutos olharam para a nave, mas nenhum deles se mexeu. Francis se virou para ver, mas uma pontada de dor atingiu seu lado, fazendo-o ofegar.

O parceiro de Rossi acenou para ele. —Confira. Eu vou cuidar dele.

Rossi pisou forte, deixando para trás o mais atarracado e reservado da dupla.

—Desculpe pelo Rossi, ele é um idiota às vezes. Fica tudo fora de controle. Ele tem seus usos. —O parceiro de Rossi olhou longamente. —Você não sabe por que estamos aqui, não é?

Francis balançou a cabeça. —Por favor... eu não te conheço, não vou contar a ninguém, por favor, não me mate.

—Você tem medo da morte, padre?— Ele tirou uma faca do bolso. —Homem como você, homem de Deus, provavelmente mal pode esperar para morrer, certo?— Ele se aproximou, preenchendo toda a visão de Francis. —Oh, espere, você é católico. Todos os católicos não vão para o Inferno?— Ele enfiou a ponta da faca na ponta do dedo, tirando uma gota de sangue. —A menos que

você se arrependa? Não é verdade? Um cara como você, quantos anos você tem, vinte e poucos anos? Do que você tem que se arrepender, padre?

Rossi usou os punhos, mas este era o mais perigoso. Francis fechou os olhos e implorou ajuda a Deus, orou por orientação, prometeu que seria melhor, faria melhor, se sobrevivesse a isso.

Dedos presos no cabelo de Francis, jogando sua cabeça para trás. Ele abriu os olhos.

—Um garoto bonito como você, o que você fez com Sasha, hein? Por que ele quer saber tudo sobre você?

Francis não tinha ideia de quem era Sasha ou do que ele havia feito. —Nada, eu não... eu não sei...

O homem ergueu a cabeça, o rosto surpreso. Ele soltou o cabelo de Francis e entrou no corredor. —O que temos aqui? L'Angelo della Morte, em carne e osso! Porra, Angel. —O parceiro de Rossi sorriu. —Não pensei que encontraria você aqui.

—Sim, bem, você sabe o que dizem...

Francis conhecia aquela voz suave. Ele piscou rápido, clareando a visão, e se virou no banco. Faíscas de dor dançaram por seu lado, fazendo seus olhos lacrimejarem novamente, mas ele viu o homem de muitos pecados andando pela nave, arregaçando as mangas casualmente. Arranhões recentes sangraram nos nós dos dedos. Seu relógio brilhou. Olhos escuros se voltaram para Francis e depois se afastaram.

—Os anjos nos encontram nas horas mais sombrias, — disse o homem de muitos pecados, ou *Angel*, como o bruto acabara de chamá-lo.

O bruto brandiu a faca e mostrou os dentes. —Vamos então, Angel.

Angel correu para frente, *em direção a* ele, e eles colidiram, lutando brutalmente. Angel acertou o primeiro soco, seguido de um segundo golpe curto e certo, depois outro, derrubando o bruto no chão. Angel era rápido, implacável e cruel, e quando a bochecha do bruto se abriu, Angel não parou. Sangue respingado. O bruto cortou a faca descontroladamente. Angel dançou para trás, então agarrou a cabeça do bruto e bateu em seu joelho. O bruto desabou, mas Angel não terminou. Ele o chutou no estômago, uma, duas vezes. O bruto cuspiu sangue no chão da nave.

A violência foi visceral, chocante, selvagem.

Isto foi um pesadelo. Francis estava em um pesadelo.

Ele não poderia estar aqui; ele não podia assistir isso. Ele se empurrou do banco, tropeçou e saiu correndo. Ele tinha que fugir – simplesmente fugir. Seus pulsos amarrados atrapalharam seu passo, mas ele saiu correndo pelas portas da igreja e tropeçou no vestibulo, mas um caroço escuro o fez tropeçar e ele caiu com força nas pedras do calçamento, batendo o cotovelo. Uma dor relâmpago subiu por seu braço até seu ombro. Ele gritou, mas conseguiu rolar de frente e depois ficou de joelhos.

O caroço esparramado no caminho era Rossi. Olhos azuis frios, abertos, mas cegos, confirmaram que ele não estava ameaçando ninguém nunca mais.

Uma oração saiu dos lábios de Francis. Ele deslizou para trás, tentando fugir do horror de tudo isso.

Angel emergiu do vestibulo. O sangue respingou em seus antebraços e a alegria dançou em seus olhos. Ele passou as costas da mão na bochecha, manchando o sangue dos lábios, e caminhou em direção a Francis.

Ele não era nenhum anjo, apesar do nome.

Ele era um demônio, veio por causa de Francis e de seus pecados. —Fique atrás!

Ele agarrou Francis pelos pulsos amarrados com zíper e o colocou de pé. — Você pode andar? Bom. Precisamos sair antes que mais DeSicas cheguem aqui. Não se preocupe.— Ele sorriu. —Você está seguro comigo. Majoritariamente.

Seguro? Ele não estava seguro.

Este *anjo* acabara de matar dois homens. Ele estava coberto com o sangue deles.

Que tipo de pesadelo foi esse? —Isto é real?— Francis murmurou, conduzido pelos pulsos em direção ao carro prateado com a porta aberta e o motor ligado.

—Sim, e está prestes a piorar.— Angel abriu a porta traseira e Francis sentou-se no banco de trás. A porta bateu, sacudindo os nervos em frangalhos de Francis. Ele pode chorar ou gritar alguma coisa, qualquer coisa. Mas em vez disso, ele ficou sentado em silêncio, com os pulsos amarrados apoiados no colo.

Angel puxou o carro do portão da igreja.

Julia encontraria os dois homens mortos pela manhã. E não havia nada que Francis pudesse fazer para ajudá-la. Ele deveria ter feito mais. Por que ele não lutou contra eles? Ele congelou, com muito medo de fazer qualquer coisa. E agora ele estava com um monstro.

O pôr do sol se transformou em escuridão. Angel dirigia em silêncio, olhando ocasionalmente para o espelho, verificando Francis. Ele iria matá-lo como fez com aqueles outros homens?

Francis tinha que fugir.

Eles viajaram por estradas vicinais, fazendo curvas e mais curvas, passando por cidades e vilarejos, e então pegaram uma rodovia, em direção ao sul.

Os faróis dos carros que se aproximavam no lado oposto da barreira passaram por cima deles. Francis estremeceu. Ele não sabia se estava molhado de suor ou se havia urinado em si mesmo durante a provação. Seu rosto latejava sobre o olho e seu lábio estava inchado. Ele cutucou com a língua, sentindo o gosto de sangue fresco. Parecia errado, ele se sentia errado, como se tivesse sido machucado por dentro, não apenas por fora. Ele só se sentiu assim uma vez antes, como se tivesse feito algo tão terrível que nunca poderia falar sobre isso.

Se ele conseguisse chamar a atenção de outros motoristas, alguém ajudaria? Mas estava escuro. Ninguém o veria. —Preciso do banheiro, — disse ele.

—Espere, — respondeu Angel. As primeiras palavras que ele disse em horas.

Francis podia ver as mãos de Angel no volante e na alavanca de câmbio, e como os nós dos dedos estavam sangrentos e rachados. Francis conheceu adúlteros; como parte de seu trabalho na prisão, ele conheceu homens que desejavam crianças, fez pessoas confessarem pensamentos hediondos, mas nunca conheceu um assassino antes. E Francis sonhou com Angel, teve pensamentos impróprios sobre ele, pensamentos que desafiaram o seu voto de celibato. Mas todos os homens eram fracos e Francis não foi exceção. O celibato era uma jornada, o padre Donavon lhe dissera durante seus estudos, quando confessou ter fantasias sexuais com homens. Uma jornada sem destino, uma batalha sem vencedor. A viagem *era* o destino.

E agora, ele desejava um assassino.

Por que Francis tinha que estar tão quebrado?

—Eu, uh...— ele resmungou. —Eu realmente preciso do banheiro.— Ele tinha que se afastar daquele homem. Nada mais importava.

Os olhos escuros de Angel se voltaram para ele, sem piscar. Francis olhou de volta, mesmo enquanto seu coração tentava bater forte nas costelas.

—O carro é alugado, faça o que for preciso. Não vamos parar.

Este homem era um animal. Será que ele realmente deixaria Francis se sujar? Francis piscou e desviou o olhar. —Você vai me matar?

—Não.— Angel olhou para a estrada. Seus dedos apertaram o volante.

Ele mentiu.

A porta traseira abriria se Francis puxasse a maçaneta? Ele olhou para baixo. Essas portas tinham fechaduras para crianças, não é? Para evitar que as crianças caíssem quando o carro anda em alta velocidade. Ele deixou cair a cabeça para trás e fechou os olhos. Por que isso estava acontecendo? O cansaço puxou seu corpo para baixo, arrastando-o para a escuridão. O motor do carro zumbia e as rodas roncavam, e talvez se ele adormecesse, ao acordar, tudo teria sido um pesadelo terrível.

—Padre?

Ele abriu as pálpebras pesadas e piscou para o rosto agora bem na frente do seu. Olhos escuros – lindos olhos – um queixo fino, terminando em uma boca emotiva, rápida demais para sorrir. Na névoa da exaustão, ele sabia que não deveria admirar o rosto de Angel, mas Francis o admirou mesmo assim.

—Aí está você.

Um lenço de papel frio e úmido tocou o rosto de Francis, enxugando os restos do sono. Os pensamentos desabaram. Angel estava *tocando* ele. Na parte de

trás do carro. Eles pararam... e Angel estava se inclinando pela porta dos fundos e *enxugando o corte* na testa de Francis.

Francis se afastou, tentando desaparecer nos bancos do carro.

—Não se mova, preciso olhar esse corte.

Eles estavam no carro, em algum estacionamento em algum lugar. A garoa caía como estática sob a iluminação próxima. Os pensamentos de Francis giravam, tentando entender tudo. Uma estação de serviço. Os arcos do McDonald's brilhavam no escuro.

Angel cutucou novamente o hematoma no olho de Francis, reacendendo seu latejar aquecido. Francis congelou e olhou para o rosto de Angel, como seu queixo ganhou uma sombra de bigode, como seus lábios se apertaram, descolorindo-os. Gotas de chuva brilhavam em seu cabelo preto e nas pontas dos cílios. Como alguém tão lindo poderia ser capaz de coisas tão terríveis? Mas a beleza não era nada se lhe faltasse a piedade. A beleza da alma era importante, e a alma de Angel corria grande perigo.

—Tudo bem.— Angel pegou uma faca. A faca do parceiro de Rossi. Ele brandiu-o e o coração de Francis saltou para a garganta, mas com um movimento rápido do pulso, Angel cortou os fechos que prendiam os pulsos de Francis. —Vamos ao McDonald's ali para que você possa usar o banheiro.— Sua mão apertou o ombro de Francis e Angel olhou de perto, em seus olhos. —Você viu o que aconteceu com as pessoas que mexem comigo. Eu vou mantê-lo seguro. Você confia em mim?

Não, Francis não confiava nele. Por que ele confiaria em um assassino de sangue frio? Ele assentiu.

—Bom. Vamos nos dar muito bem.— Angel saiu do carro e ofereceu a mão para Francis segurar. —Com essas roupas, não há como esconder o fato de que você é padre, então vamos resolver isso rápido, — acrescentou.

Francis caminhou ao lado de Angel. As poças pelas quais ele chapinhou encharcaram suas vestes, deixando-as pesadas. A chuva fez com que a camisa de Angel grudasse em seus ombros. Ele pegou Francis olhando, e seus olhos emotivos emitiram um aviso impaciente. —Não fale com ninguém. Só o banheiro, só isso.

Eles entraram no posto de gasolina, passando por luzes fortes e barulho. Algumas pessoas perambulavam, falando ao telefone, crianças esperando com os pais. Meia dúzia de pessoas perambulavam pelas máquinas de autoatendimento do McDonald's. Se ele gritasse que tinha sido sequestrado, Angel o deixaria ir ou o esfaquearia aqui, na frente das crianças? Eles seguiram em frente, passaram pela área de estar do McDonald's e entraram no banheiro.

Francis viu seu reflexo medonho no espelho e cambaleou. Ele era uma bagunça sangrenta e espancada. Como ninguém ainda deu o alarme? Ele agarrou a bacia.

—Tudo bem, padre, vá, faça o que tem que fazer.— Angel pegou seu braço, guiou-o até uma cabine e fechou a porta.

Francis abriu a fechadura, recuou e caiu sobre a tampa fechada do vaso sanitário. Talvez ele pudesse ficar aqui? Angel não conseguiu chegar até ele. Ele havia trancado a porta. Ele enterrou o rosto nas mãos e sufocou um soluço. Era isso; ele ficaria aqui. Escondendo-se. Esperando ele sair. Ele respirou, talvez soluçou. Tudo doeu. Os homens estavam mortos.

—Francis?

Ele mordeu o dedo para não tremer.

—Se você acha que esta porta frágil do banheiro vai me impedir de entrar lá, é melhor pensar novamente. Termine aí. Você tem trinta segundos.

—Por que você está fazendo isso?— Francis deixou escapar.

—Mantendo você vivo? Não sei. Talvez eu não vá. Talvez eu vá embora, mas os DeSicas vão encontrar você, e esse corte acima do seu olho sugere que está bem claro o que eles planejaram para você.

—Eu nem conheço vocês! Apenas me deixe ir!

Angel chutou a porta e ela se abriu, bateu na lateral da cabine e ricocheteou para trás, mas Angel estava lá, bloqueando seu retorno.

Ele olhou para Francis, com as narinas dilatadas. —Estou começando a pensar que você mentiu para mim, padre. Levante.

Francis levantou-se e enxugou as lágrimas frias do rosto.

Angel lançou seu olhar sobre ele, da cabeça aos pés. —Teremos que fazer algo a respeito desse manto.— Ele estendeu a mão, agarrou Francis pelo colarinho e arrancou a tira branca. Virando-se, ele jogou-o no lixo. —Vamos, não tenho tempo para jogar.

—Não! Eu não vou.

Angel voou para ele. Seus dedos finos envolveram o pescoço de Francis. Ele empurrou Francis contra a parede da baia, sacudindo todas as baias conectadas. —Não brinque comigo, padre Scott. Seria mais fácil para mim cortar sua garganta e deixá-la aqui sangrando. Estou te fazendo um maldito favor.

Ele havia dito muitas palavras, mas Francis só ouviu algumas delas em meio ao pânico latejante em sua cabeça. Ele examinou os olhos de Angel e viu a morte. A dele e a de Angel. *Deus, conceda-me forças.*

O aperto de Angel afrouxou até que ele não prendeu Francis na parede, mas sim o pressionou ali, usando o peito e a coxa para segurá-lo. Seus dedos deslizaram pelo pescoço de Francis, provocando arrepios na espinha. Francis engasgou. Ele não tinha certeza se isso doía ou se era outra coisa. Mas então Angel passou a língua pelo lábio inferior e seus olhos se estreitaram, como se estivesse tentando decifrar alguma coisa. Então ele recuou e virou-se para os espelhos. Ele se estudou, ajeitou a camisa com respingos de sangue e olhou para o reflexo de Francis quando Francis saiu da cabine.

—Você terminou de jogar, padre?

Francis assentiu.

Eles saíram do McDonald's e voltaram para o carro. Francis fez questão de olhar para todas as câmeras CCTV que pôde encontrar. As autoridades ainda não saberiam que ele estava desaparecido, mas assim que os corpos fossem descobertos na igreja, a polícia começaria as buscas. Eles veriam seu rosto na filmagem e saberiam que ele estava com *Angel*. Quem quer que fosse Angel.

Ele deve ter algum tipo de acordo, alguma razão para manter Francis vivo. Ele não estava de passagem. Ele havia parado deliberadamente em St. Mary, talvez até para matar aquela jovem. Três corpos em dois dias. Seria um escândalo para a Igreja. Mas por que Francis?

—O que você quer?— Francis perguntou enquanto eles avançavam.

—Neste momento, quero tirar nós dois do Reino Unido.

—O que você quer *comigo*?

Angel não respondeu.

Francis sentiu que isso não era pessoal. Eles não se conheciam. Então isso significava que outra pessoa estava mexendo os pauzinhos de Angel? Talvez eles

quisessem resgatar um padre? Mas se fosse esse o caso, por que escolhê-lo, um padre de apenas três meses de uma pequena paróquia no sudoeste da Inglaterra? Tinha que haver metas de maior valor.

Os faróis do carro iluminaram uma placa de trânsito para Plymouth, *a Ocean City da Grã-Bretanha*. Eles passaram por uma ponte suspensa bem iluminada. Angel parou nos pedágios, acenou com um cartão e as barreiras foram levantadas. Francis tentou chamar a atenção do homem na cabine, mas ele olhou fixamente através da tela de plexiglass.

Ninguém se importou? Ninguém conseguia ver que ele estava sendo sequestrado?

Angel parecia conhecer bem as estradas e, logo após os estandes, entrou em uma área residencial, serpenteando com o carro pelas estradas antigas e sinuosas da cidade, em direção à orla marítima.

Um barco.

Era assim que ele iria contrabandear Francis para fora do país. Assim que chegassem perto de embarcar em um barco, Francis daria o alarme. Eles tinham controle portuário nas docas, verificando mercadorias e pessoas contrabandeadas. Eles nunca deixariam Francis embarcar em uma balsa, todo espancado como ele estava.

Mas Angel estacionou o carro em uma marina particular cercada por apartamentos sofisticados à beira-mar. Este não era um porto e não saíam balsas daqui. Os barcos que flutuavam em seus ancoradouros eram todos de propriedade privada.

—Fora, — Angel retrucou.

Quaisquer boas graças que Francis teve com ele, ele desperdiçou nos banheiros do McDonald's. Ele deveria ter usado o banheiro também. Ele *precisava* se aliviar agora, mas não ousou perguntar.

Eles se aproximaram de um escritório da marina. Uma única luz brilhava de dentro. Ao lado, a água agitava-se em torno de barcos de todos os tamanhos, desde pequenos barcos de pesca até super iates três vezes maiores que a casa de Francis.

—Fique aqui fora, — ordenou Angel, e avançou, abrindo a porta do escritório. Ele cumprimentou alguém lá dentro e os dois puxaram conversa.

Francis ficou à beira da água. Cem apartamentos ladeavam a marina, alguns com as luzes acesas. Provavelmente já passava da meia-noite, mas ele estava visível; qualquer um pode olhar pela janela e vê-lo. Como ele poderia chamar a atenção sem alertar Angel?

E se ele simplesmente... corresse?

Ele olhou novamente para Angel pela porta entreaberta. Ele entregou ao homem atrás do balcão um maço de dinheiro.

Francis não estava recebendo ajuda aqui.

Se Angel o colocasse em um barco, Francis nunca escaparia.

Ele correu.

Correu forte e correu rápido. As pedras escorregadias do cais ondulavam, quase o fazendo tropeçar, mas ele manteve o equilíbrio e, com os pulsos livres, ele balançou os braços, de cabeça baixa. Seu manto chicoteava suas pernas. Então ele ouviu os sapatos de Angel batendo atrás dele, aproximando-se dele. Ele poderia esfaqueá-lo pelas costas e deixá-lo estripado em um beco.

Deus me ajude!

Mais rápido, ele tinha que correr mais rápido! Mas Angel estava chegando e as vestes de Francis o atrasaram.

Angel agarrou sua batina e girou-o. Francis bateu na parede, de cara. Ele girou e empurrou, empurrando Angel. Era isso, se ele não lutasse agora, estaria morto pela manhã. Ele se debateu, mas Angel estava sobre ele, em cima dele, prendendo-o ainda.

O aço frio tocou a garganta de Francis, congelando-o.

—Droga, padre,— Angel ofegou, o peito arfando contra Francis. —Quando você vai aprender que não pode escapar de mim? Eu preciso cortar você? É isso que você quer?!— Ele agarrou Francis pelas vestes pelo pescoço e jogou-o de volta na direção dos barcos que balançavam. —Mova-se!

Suas pernas tremeram, ameaçando ceder. Ele orou tanto que se esqueceu de respirar e tropeçou. Angel o agarrou, empurrando-o bruscamente para a doca flutuante. O cordame dos veleiros próximos ressoava com a brisa e pequenas bandeiras tremulavam, mas fora isso a marina estava silenciosa.

E se ele pulasse na água? Angel seguiria?

As águas escuras e agitadas pareciam profundas e Francis não sabia nadar.

Angel subiu a bordo de um grande super iate chamado *Dolce Vita* e deixou Francis sozinho no pontão, presumindo que ele o seguiria.

Francis permaneceu. Ele não tinha escolha, não havia saída. Assim como o resto de sua vida.

Ele subiu a bordo.

CAPÍTULO QUATRO

Vitari

Bem, este era um show de merda.

Ele deveria ter matado o padre e deixado-o com os DeSicas. Três assassinatos em uma igreja. Mensagem enviada. Tarefa concluída. Não brinque com a Battaglia.

Em vez disso, Vitari levou o padre consigo no iate.

—Que porra é essa, — ele murmurou para si mesmo enquanto aquecia os motores do barco. Sequestrar o padre não fazia parte do plano. Ele nem tinha certeza do porquê de ter feito isso. Só que, quando voltou para St. Mary e viu como aqueles bastardos atacaram o padre Scott, ele perdeu parte de si mesmo por um tempo. Aqueles idiotas do DeSica não estavam matando o padre de Vitari. Já era bastante ruim que eles pensassem que poderiam interferir nas operações da Battaglia em seu país e na Venezuela, e era muito ruim que o idiota do líder russo pensasse que sua pequena operação tinha metade do tamanho da Battaglia.

Mas levar o padre foi estúpido. Um movimento idiota. O chefe iria pregar as bolas de Angel em uma tábua.

Talvez ele devesse empurrar o Padre Scott para fora do barco? O astuto padre nadaria de volta à costa e o identificaria à Agência Nacional do Crime. Vitari ficaria ferrado se algum dia precisasse voltar para a Inglaterra. Não, ele não

podia deixá-lo ir. Só havia uma maneira de isso terminar: com a morte do padre Scott. Então, por que diabos o padre estava sentado no convés, fervendo em sua atitude de mais santo que você⁵, como se soubesse todos os pecados que Vitari já havia cometido, desde se masturbar em revistas masculinas até espancar um cara até a morte em seu aniversário de dezesseis anos?

—Estúpido.— Ele deu um soco no volante do iate.

Vitari só precisava de espaço para pensar. Em primeiro lugar, devia haver uma razão pela qual Giancarlo queria que ele verificasse como estava o padre Scott. Provavelmente para matá-lo... Era o que Vitari fazia de melhor, pelo que ele era conhecido. O cão de ataque na ponta da coleira de Don Giancarlo. L'Angelo della Morte.

Com os pensamentos fervilhando, ele pilotou o iate para fora da marina de Plymouth e, depois de passar o quebra-mar, estabeleceu um rumo – não para a Calábria, ainda não – para Puerto Banús. Ninguém saberia que ele havia feito um desvio para a Espanha, e isso lhe daria tempo para descobrir o que fazer com o padre Francis Scott.

Quando o patrão o mandou para a Inglaterra para cuidar de um padre, ele esperava encontrar algum homem de cabelos grisalhos, de meia-idade, incentivando a aposentadoria, e não um moreno de vinte e poucos anos, pecaminosamente bonito em suas vestes totalmente pretas e com grandes olhos castanhos tão cheios de emoção que ele deve ter visto o pior que o mundo poderia jogar sobre ele e ousado para testá-lo um pouco mais.

Malditos padres.

Foda-se essa missão.

⁵ Esse termo “mais santo que você” é usado para dizer que alguém quer ser o super certo em tudo.

Foda-se Padre Scott.

Preferia voltar ao sul da Itália, onde andava pelas ruas como um maldito rei. Onde todos o conheciam, todos o respeitavam, onde ele tinha poder. E onde poucos ousariam julgá-lo como o padre Scott fez.

Ele flexionou os nós dos dedos machucados e olhou para fora. O tempo estava claro, o oceano estrelado calmo. Era hora de descobrir o que o Padre Scott sabia que tinha os DeSica em cima dele e a Battaglia querendo que ele fosse levado embora. Vitari colocou os controles no piloto automático e desceu para o convés.

A iluminação discreta destacava a área de jantar, o lounge e a cozinha em tons aconchegantes. Padre Scott estava deitado de lado no sofá, respirando suavemente. O mentiroso escorregadio estava fingindo, como se tinha fingido que precisava ir ao banheiro. Embora ele não tivesse fingido aquelas lágrimas.

Vitari ficou de pé sobre ele. O peito do Padre Scott subia e descia. A lateral de seu rosto estava marcada por um hematoma em torno de uma fenda na testa que deveria ter pontos, mas parecia ter parado de sangrar. A fenda em seu lábio havia cicatrizado. Ele também havia levado uma surra em outro lugar, já que abraçava a cintura enquanto caminhava.

Os DeSica o teriam matado. Ele tinha sorte de estar vivo.

Vitari tinha apenas algumas horas para decidir seu próximo movimento e, para isso, precisava saber mais sobre o circo em que se apresentava.

—Ei.— Ele chutou a perna pendurada do Padre Scott. —Não há descanso para os ímpios.

Padre Scott abriu os olhos. Sim, ele estava fingindo. Aqueles olhos castanhos eram muito brilhantes, muito intensos, muito críticos para um homem que acabara de acordar. Ele achava que Vitari era tão fácil de enganar?

—Bebida?— Vitari não esperou pela resposta e pegou duas cervejas na cozinha. Ele empurrou o padre por cima da mesa.

Padre Scott zombou. —Eu não bebo álcool.

Vitari sorriu. —Claro que não, você não gostaria de sujar sua auréola.

—Você tem água?— Ele se sentou e sibilou com a dor em seu lado.

Vitari quase lhe disse para pegar sua própria água, mas ele precisava que ele fosse submisso, o que significava mantê-lo amigável. Vitari serviu-lhe um copo de água e entregou-o, depois esperou enquanto o padre Scott levava o copo aos lábios, estremeceu com o corte, mas bebeu mesmo assim.

O que fez um homem dedicar sua vida a Deus? Ele acordou um dia e teve uma epifania, uma visão, ou foi um processo gradual? Parecia um desperdício alguém tão atraente como Scott ser retirado do pool genético. A perda da humanidade. Vitari conhecia algumas mulheres que esclareceriam vigorosamente e com entusiasmo o padre sobre todas as aventuras carnavais que ele estava perdendo.

Padre Scott ergueu os olhos e diminuiu o ritmo de beber, consciente de que estava sendo observado. Ele colocou o copo sobre a mesa e resmungou: — Obrigado.

Vitari pegou sua cerveja e sentou-se à sua frente. —Tudo bem, você vai responder algumas perguntas e não brinque comigo.

—Sim.— Ele engoliu em seco e colocou as mãos em concha ao lado do copo.

—Por que os DeSicas estão tentando matar você?

—Não sei. Eu não sei quem eles são.

Ele estava mentindo? Ele falou suavemente, com calma, com a mesma voz suave que usara no confessionário quando Vitari se sentira tentado a revelar os seus segredos. Foi um dom perigoso, essa capacidade de ouvir. As pessoas contavam tudo aos padres, acreditando que esses padres tinham o poder de purificar as suas almas e tirar a culpa, mas um padre não era nada de especial. Apenas um homem, como todos os outros.

—Os DeSica são a Bratva, máfia russa, — explicou Vitari.

A propósito, os olhos de Francis se arregalaram, ele não tinha ideia.

—Eles perguntaram alguma coisa a você?— Vitari perguntou. —Eles queriam alguma coisa de você?

Ele torceu as mãos em concha e parou quando viu Vitari observando. —Eles perguntaram minha data de nascimento.

—Sua data de nascimento?

Padre Scott encolheu os ombros.

Isso não fazia sentido. —Algo mais?

Seus olhos castanhos se ergueram. —Você vai me matar?

—Eu te disse não. — *Ainda não.*

—DeSica não parece russo.

—Não é.

Padre Scott olhou de volta, e houve novamente aquele fogo, aquele desafio, desafiando o mundo a enfrentá-lo, a combatê-lo. Desafiando Vitari a *desafiá-lo*. Tinha que ser ingenuidade, porque poucas pessoas conseguiam olhar Vitari nos olhos e desafiá-lo. Seria quente se não estivesse tão desesperado.

—Os DeSica são comandados por um bastardo cruel chamado Sasha Zhukov, — explicou Vitari. —Ele é a parte russa, o resto deles são animais perdidos que ele pegou. Ele recrutará qualquer um que seja cruel o suficiente. Albaneses, espanhóis, malditos iranianos. Não importa. Quaisquer psicopatas que ele consiga encontrar.

—Você os conhece?

Vitari bufou. —As pessoas para quem trabalho têm história com os DeSica. Mas eles são insetos comparados ao meu... ao meu povo.— DeSica era o inimigo, sempre foi assim desde que Vitari se lembrava. Ele nem se importava em saber por quê. Don Giancarlo deixou claro que qualquer agente do DeSica era um alvo justo. Eles eram todos animais selvagens e precisavam ser sacrificados.

A bochecha do padre Scott se contraiu. —Sua alma não está além da salvação. Sempre há redenção e perdão no coração de Deus.

Vitari se perguntou quanto tempo levaria até que ele abandonasse o catolicismo. —Deus desistiu de mim há muito tempo, padre.

—Ele nunca desiste de seus filhos.

Ele falou com tanta convicção que Vitari quase acreditou nele. —Deve ser bom ter tanta fé. Para se livrar da culpa, para entregar todas as suas merdas a algum poder superior.

Ele desviou o olhar, provavelmente descontente com o tom de Vitari. —Não foi assim que...

—Não pregue para mim. Eu não preciso ser salvo. Neste momento, é você quem precisa ser salvo. E Deus não vai fazer isso, eu vou. Então, responda às minhas perguntas.

Scott pegou seu copo de água, recostou-se, estremeceu com a mesma dor desconhecida e tomou um gole. —Isso tudo deve ser um erro.— Sua mão tremia, fazendo a água em seu copo ondular. —Olhe para mim, eu não sou... eu não sou ninguém.

—Você é algo importante para alguém, ou não haveria dois cadáveres no cemitério de sua igreja.

—Três.

—Três?

—A jovem.

Hm, Vitari tinha esquecido dela. —Conte-me sobre ela. Você a encontrou?

—Sim.— Ele tomou um gole novamente, desviando o olhar.

—Você conhece ela?

—Não.

—Ainda assim, deve ter sido difícil.

—O que era?

—Encontrá-la, assim. Você não vê muita violência, não é, padre?

Ele desviou o olhar novamente e parecia que envelheceu entre um minuto e outro. Vitari às vezes se esquecia de como a maioria das pessoas vivia uma vida tranquila e monótona. Eles seguiam as regras, mantinham suas rotinas, tinham empregos estáveis, faziam compras, tinham filhos, participavam de reuniões do conselho e viviam como ovelhas. As ovelhas não eram ruins; elas eram felizes sendo ovelhas. Não havia nada de errado com isso. Até que os lobos vieram e massacraram metade do rebanho.

O padre Francis Scott acabara de conhecer os lobos.

—Você não tem ideia de por que a máfia russa quer tanto você?— Vitari perguntou.

—Nenhuma. É tudo um erro. Você deveria me levar de volta.

—E você não conhece a mulher em seu cemitério.

—Não. Você vai me levar de volta?

Ele estava mentindo? —Não se preocupe, depois de tudo isso você terá uma história emocionante para contar ao seu rebanho e eles vão te amar ainda mais por isso.— Não haveria *depois*, mas se ele quisesse manter o homem submisso, precisava lhe dar esperança.

Ele ergueu aqueles grandes olhos castanhos. —Eu respondi suas perguntas. Você vai me deixar ir?

—Claro.— Ele se virou, sentindo que o padre Scott via mais em seu rosto do que deveria. —Por que você não se limpa? Há algumas toalhas e roupas extras nos quartos.

Vitari voltou ao convés superior e aos controles do iate, recostou-se na cadeira do piloto e observou o oceano negro brilhar sob a lua. Ele teria que se apresentar em breve e, quando o fizesse, Giancarlo lhe ordenaria que matasse o padre.

Uma bala na nuca bastaria. Não há mais padre Francis Scott.

É uma pena estragar esse rosto lindo. Ele tinha o tipo de vibração de o garoto do vizinho que o tornava acessível, não intimidante. Tradicionalmente bonito, de um jeito... simpático. Como um Labrador⁶ que fazia amizade com todo mundo.

Uma pequena pontada de arrependimento fez seu coração tropeçar.

⁶ O cão.

A família era tudo, era a vida de Vitari. A Battaglia foi para Vitari o que a igreja foi para o Padre Scott. Ele não questionava isso com frequência. Mas Don Giancarlo nem sempre estava certo.

O que os DeSica queriam com o padre?

Vitari precisava de mais tempo...



Vitari terminou uma terceira cerveja enquanto perseguia pensamentos sobre o padre Scott. Ele precisava arrancar mais informações dele, ou o padre morreria. Foi tão simples. O que quer que os DeSica acreditassem saber, poderia valer alguma coisa para o Battaglia.

Havia mais no Padre Francis Scott do que olhos tristes e mentiras tolas, ele tinha certeza disso.

Ele se aventurou novamente no convés e seguiu os sons do chuveiro ligado. A porta do quarto estava entreaberta, como um convite aberto. Vitari abriu-a mais alguns centímetros. O chuveiro ficava na frente do iate, atrás de outra porta que dava para o quarto.

O manto preto manchado e ensanguentado estava amassado no chão. Vitari pegou-o, pretendendo pendurá-lo no braço de uma cadeira próxima, mas o calor do padre permaneceu no tecido. Ele amassou-o entre os dedos e depois levou-o ao nariz. O pano cheirava a cera quente e especiarias, como óleos de massagem.

A água espirrou. Ele estava nu lá atrás, lavando-se no chuveiro.

A porta do banheiro também estava aberta. Um pequeno empurrão abriria um pouco mais, talvez o suficiente para ver o interior.

Jesus, aquelas três cervejas devem ter subido à cabeça dele. Ele não estava tão desesperado para ver um homem nu. Vitari colocou o roupão sobre a cadeira e saiu do quarto. Ele prepararia algo para eles comerem. O iate estava bem abastecido com massas, legumes, especiarias...

Ele parou na cozinha, apoiou as mãos no balcão e riu. O que ele estava fazendo? Tentando fazer amizade com o padre ou perdendo tempo para que ele não precisasse ligar para casa? Nada disso mudaria absolutamente nada.

Ele deveria simplesmente ir ao banheiro e estrangulá-lo no chuveiro, porque quanto mais demorasse, mais difícil seria.

Ele pegou outra cerveja e olhou para a garrafa, com os pensamentos distantes.

—Erm, obrigado pelas roupas.

Vitari se virou e viu um estranho parado no mesmo lugar que o padre Francis Scott. Sem o roupão e vestindo calças e um simples suéter azul e branco com decote em V, ele havia perdido a aura divina e era apenas um homem com cabelos castanhos úmidos que encaracolavam quando molhados e sem meias. Talvez ele não tivesse encontrado a gaveta de meias, e por que isso importava, Vitari não tinha ideia. Ele recostou-se no balcão da cozinha e estreitou os olhos. O padre não tinha o direito de parecer tão *normal*.

—Claro, — Vitari murmurou, depois abriu a cerveja e engoliu três goles sem respirar.

—Eu quero ajudar, — disse ele, esfregando nervosamente um braço como uma criança pega com a mão no pote de biscoitos.

Ele não queria ajudar; ele simplesmente não queria morrer.

O padre Francis Scott ficou ali, todo vulnerável e suave, mas estava longe disso. Na próxima oportunidade, ele tentaria correr e era *rápido*. Persegui-lo foi um exercício cardiovascular e foi por isso que Vitari alertou Sal para perder um pouco da gordura que ele afirmava ser muscular. Porém, Vitari tinha gostado da corrida, e segurando a faca no pescoço de Scott, sentindo-o ofegante contra o peito, com o coração batendo forte.

Sim, ele gostou de estar tão perto dele, ver o medo em seus olhos, e algo mais também...

—Então você tem que ser honesto comigo.

—Eu fui.

—Padre, você mente como eu respiro.

—Eu não estou mentindo, eu não... eu não minto.

Vitari passou por ele e sentou-se no grande sofá de couro, com os braços abertos nas costas das almofadas. Seria isso *algo* nos olhos de Scott agora, a maneira como ele os desceu pelo corpo de Vitari? Havia calor naquele olhar? Vitari presumiu que seu olhar estava cheio de desgosto, mas era mais difícil do que isso. Não nojo, mas alguma coisa... Desafio, de novo? Por que ele tinha que ser desafiador perto de Vitari, mesmo antes de ele ser sequestrado? O que ele estava tentando provar?

—Sente.— Vitari gesticulou com sua garrafa.

Francis sentou-se no sofá oposto, ereto, com as costas retas e as mãos nos joelhos. Ele alguma vez relaxou?

—Eu matei dois homens para mantê-lo seguro. Você não precisa olhar para mim como se eu fosse a escória da Terra.

—Isso não é...— Ele virou o rosto. —Não é isso que vejo.

—Oh?— Vitari inclinou-se para frente. —O que você vê?

Scott olhou, mas seu olhar desviou novamente. Ele estava assustado e Vitari não podia culpá-lo. Ele foi espancado, sequestrado e teve sua vida ameaçada diversas vezes.

Vitari sorriu ao tomar um gole de cerveja e chamou a atenção do padre novamente. Tão crítico. Ele já teve que roubar para comer? Ele já havia sido comprado como carne no mercado? Não. Ele poderia julgar o quanto quisesse. Padre Scott nunca entenderia o mundo de onde Vitari veio, o mundo do qual ele era agora um rei. Ovelhas como ele não sobreviveram entre lobos.

—Então, se não é você que os DeSica querem, é a Igreja, — disse Vitari, expondo um dos muitos pensamentos que desenterrou enquanto Scott mudava de pele sacerdotal. —Alguém com quem você trabalha ou para quem tem ligações com o crime organizado?

Padre Francis Scott ficou muito, muito quieto. —O que?

—A Triade, Bratva, a máfia?

—É isso que você é? Máfia?

Vitari virou a garrafa. —Culpado como o pecado. Embora, tecnicamente, máfia se refira ao crime organizado siciliano. Mas Hollywood fez com que todo sindicato com sede na Itália fosse uma máfia.

Scott engoliu em seco. —Não, sem conexões, para uh... isso, — disse ele, respondendo à pergunta anterior.

Vitari não tinha certeza se ele estava mentindo, não quando estava sentado tão rígido, como se tivesse uma vara enfiada na bunda. —Você terá que ser mais útil do que isso.— Vitari levantou-se e balançou a garrafa de cerveja meio vazia

entre os dedos na frente do padre, balançando-a suavemente. —Pegue, relaxe, temos algumas horas. Vamos descobrir isso.

Ele pegou a garrafa e, quando Vitari foi pegar mais algumas, pegou Scott cheirando a tampa da garrafa.

—Você é italiano?— Padre Scott perguntou.

Vitari riu e abriu mais duas garrafas. —Eu sou complicado.

—O sotaque, eu não tinha certeza...

Ele voltou para os sofás. —Meu pai é italiano. Passei algum tempo na Inglaterra, quando era jovem.— Não havia mal nenhum em contar a Scott algumas verdades caseiras. Ele estaria morto demais para repeti-los de qualquer maneira.

Scott tomou alguns goles de sua primeira cerveja, bebendo-a com intenção. Ele claramente superou sua postura *de não beber*. Talvez fosse como a polícia: sem uniforme, bebiam, usavam drogas, contratavam meninas e meninos para fazer sexo, mas, uma vez uniformizados, eram cidadãos honestos. Como se o uniforme os transformasse em novas pessoas. Será que o manto descartado do Padre Scott significava que ele era uma pessoa diferente?

—Seu nome é mesmo Angel?

Vitari sentiu seu sorriso florescer. —Não.— Esse nome deve ter bagunçado sua cabeça. Ele rezou para que um anjo o salvasse e Vitari – o Anjo da Morte – apareceu? Claramente, seu Deus tinha um senso de humor distorcido.

—Então, como eu te chamo?

—Angel,— ele respondeu, brincando com ele, porque gostava da forma como seus olhos se arregalavam quando ele estava surpreso, ou chocado, o que aconteceu em quase todos os momentos que ele passou com Vitari até agora.

—Você não precisa me chamar de padre. Francis está bem.— Ele também se recostou, imitando a pose de Vitari, e enquanto terminava a garrafa de cerveja, observou Vitari.

Francis parecia estar relaxando, mas não era real. Naquela sua cabeça inteligente, ele descobriu que a única maneira de sobreviver a isso era fazer amizade com Vitari. Eles não ensinaram esse instinto na escola sacerdotal. Onde ele aprendeu essa técnica de sobrevivência ou foi apenas reflexo? Algumas pessoas eram sobreviventes naturais. Alguns não tinham escolha.

—Você não matou aquela mulher no meu cemitério, matou? — perguntou Francis.

—Não. Não tenho ideia de quem ela era.

—Se você não teve nada a ver com ela, então esse pessoal do DeSica deve ter.

—Se conseguirmos descobrir o que eles queriam de você, posso usar isso para acalmar as coisas com meu pessoal. — *E manter você vivo.*

—Eu gostaria de saber. Eu faço. — Ele pegou uma cerveja fresca da mesa. —Eu ajudaria. Eu te contaria tudo. Mas eu não sei de nada. Eles estavam lá durante a comunhão e voltaram depois, quando eu estava sozinho. Perguntaram sobre meu aniversário e onde nasci...

—O que?— Vitari inclinou-se novamente para a frente. —Você não disse isso antes.

—Não fiz? Eu... pensei... eu... é muito. Estou cansado. Não sei o que eu disse...

—Francis, — disse Vitari, talvez com muita severidade quando se encolheu. —Onde você *nasceu*?

—Essa é a questão, você vê. Não sei. Eu fui adotado.

—Adotado.— Vitari apertou a garrafa em suas mãos. —Adotado de onde?— Um zumbido distante encheu seus ouvidos, o sangue subindo para sua cabeça.

—Casa dos meninos Stanmore. É um... uh... um orfanato em Essex.

O barulho ficou mais alto, arrastando-o. —Eu sei isso.

—Ah, você sabe?— Ele ergueu aqueles olhos tristes.

Vitari olhou para Francis, olhou fixamente e tentou lembrar se já tinha visto seu rosto antes. Ele teria sido mais jovem naquela época, com o rosto mais redondo, mais infantil. Francis Scott. Francis era um ano mais novo que Vitari e tinha aquela aparência de menino dourado e saudável.

Ele estaria em uma ala diferente, onde mantinham os *bons* meninos.

Vitari olhou para a garrafa em sua mão.

Stanmore era uma grande parte de seu passado que ele tentou esquecer. Mas as cicatrizes não podiam ser esquecidas; elas sempre seriam parte dele, escondidos sob sua pele.

Francis era um daqueles garotos que ele viu de relance? Os sorridentes e risonhos apareceram como os melhores exemplos de quão brilhante Stanmore era, enquanto o resto deles tremia sob cobertores finos e esperava pelo som da fechadura da porta dos fundos.

Vitari levantou-se. Quais eram as chances de ele e Francis terem sobrevivido à casa dos mesmos meninos? Isso não era uma coincidência. Don Giancarlo tinha que saber. Foi por isso que ele enviou Vitari para a Inglaterra, para St. Mary, para cuidar de um padre. Ambos de Stanmore? O mundo não era tão pequeno. Seu encontro com Francis não foi por acaso. Vitari não acreditava em destino.

Mas o que Giancarlo achava que Vitari encontraria no padre Scott?

—O que está errado? — perguntou Francis.

—Nada.— Ele não conseguia olhar para ele. Ele *conheceria* o pecado dentro de Vitari; ele veria todos os horrores de seu passado.

O sangue latejava em seus ouvidos, ensurdecador e entorpecente ao mesmo tempo. Ele havia deixado o garoto que havia sido na Inglaterra, porque Vitari não era fraco, como aquele garoto que um dia foi. Ele não foi escolhido em uma fila e levado para a câmara fria do outro lado do pátio. Ele não foi instruído a ficar de frente para a parede enquanto eles...

Isso não foi algo que aconteceu com ele. Aconteceu com os outros, não com ele. Essa não tinha sido sua vida.

—Angel?

A garrafa de vidro explodiu em suas mãos. Ele viu sangue, mas não sentiu os cacos de vidro cravando-se em sua pele. As batidas ficaram mais altas, acompanhadas por um assobio estridente, como se ele fosse desmaiar.

Porra, o que ele fez?

Francis estava ao lado dele, seus grandes olhos castanhos oferecendo paz e conforto, mas Vitari não merecia essas coisas.

—Sua mão.— Francis pegou a mão direita de Vitari. Sangue pingou na superfície da pia. Francis abriu a torneira e enfiou a mão de Vitari sob o fluxo de água, lavando pedaços de vidro que pareciam brilhos. Em sua mente, ele se imaginou gritando para Francis não tocá-lo, mas as palavras estavam presas por trás das batidas em sua cabeça.

Francis estava falando. Vitari não ouviu as palavras, apenas os sons suaves delas. Ele gostou daquela voz, gostou da maneira como ela abafava os gritos do seu passado.

Francis arrancou grandes pedaços de vidro da palma da mão de Vitari, e agora seu tom tornou-se repreensivo, algo sobre manter o ferimento limpo. Fios de cabelo úmido caíram sobre a testa de Francis. Ele não pareceu notar como aquela franja rebelde balançava diante de seus olhos.

Vitari tinha onze anos quando a Battaglia o salvou de Stanmore – o enviou para outro país, outro mundo, onde seus punhos lhe deram poder, e sua língua e raciocínio rápido açoitaram os outros como um chicote – e parecia que liberdade era real. Como se ele tivesse encontrado o lugar onde deveria estar.

Ele matou a memória do menino que foi em Stanmore e o enterrou há muito tempo.

Mas quando encontrou o olhar de Francis, viu aquele menino refletido em seus olhos. Porque Vitari queria desesperadamente ser um dos bons. Ele queria que alguém se orgulhasse dele, que o exibisse para o mundo, que soubesse que ele também poderia ser bom, se ao menos lhe dessem uma chance.

Mas eles nunca fizeram.

Francis recuou, ficando quieto. —Parece pior do que é. Apenas alguns cortes. Você está bem?— ele perguntou.

Vitari estava bem?

Alguns dias ele ainda queria ser um dos bons, mas era tarde demais para isso. Então ele *escolheria* um dos bons. Ele tirou a franja rebelde de Francis dos olhos, como um teste, para não ter que se comprometer com mais nada se Francis

recuasse. Mas ele não recuou. Ele piscou, seus lábios se separaram e uma breve confusão de expressões cruzou seu rosto.

Um gostinho daqueles lábios perfeitos, era tudo o que Vitari queria. Ele baixou a mão, tocou o queixo de Francis, ergueu a cabeça e os lábios macios do padre abriram-se numa interrogação suave e surpresa.

Ele era tão fodidamente perfeito. Vitari sentiu o desejo repentino e selvagem de *arruiná-lo*.

Francis engasgou e se afastou, depois recuou até esbarrar na parede, incapaz de fugir mais.

Ele não precisava dizer nada. A repulsa estava gravada no escárnio em seus lábios.

Vitari riu de sua própria idiotice e olhou para sua mão ensanguentada. Ele apertou os dedos, extraindo mais sangue dos cortes, e agora sentiu as feridas, sentiu a queimadura. A dor era tudo que ele merecia. Virando as costas para Francis, ele pegou um pano de prato, enrolou-o na mão e correu de volta para o convés superior.

Ele desligou o piloto automático e acelerou, exigindo mais potência dos enormes motores do iate.

Estariam na costa espanhola no meio da manhã de amanhã.

E lá ele abandonaria o padre Francis Scott, vivo ou morto.

Seu destino não era da conta de Vitari.

CAPÍTULO CINCO

Francis

Ele não tinha certeza do que tinha acontecido. Ele estava limpando a mão de Angel e então... algo mudou entre eles. Angel ficou muito quieto, pálido e retraído, o oposto de tudo o que tinha sido até agora, e houve um momento, apenas um pequeno momento, em que Francis pensou que Angel estava prestes a... beijá-lo. O que era ridículo. Estava tudo na cabeça de Francis, e ele quase ultrapassou os limites e fez algo que teria garantido que Angel o jogasse ao mar.

Ele estava prestes a beijar seu sequestrador, um assassino.

Esses impulsos profanos iriam matá-lo.

Já era ruim o suficiente que ele tivesse sonhado *coisas*. Ele não poderia agir sobre elas. Homens não beijavam homens. Ou fizeram, mas não foi discutido. Certamente não na Igreja. O celibato foi uma jornada. Uma jornada na qual Francis continuava caindo. Ele amava a Deus. Só havia espaço em seu coração para o amor de Deus. A luxúria era egoísta, por sua própria natureza. Ele vivia para Deus, e isso significava que não poderia haver espaço em seu coração, corpo ou mente para o desejo.

Mas... quando Angel tocou seu queixo, ele quis que ele se inclinasse, pressionasse seus lábios nos de Francis, para prová-lo, para beijar um homem. Foi proibido. Mas já fazia muito tempo que ele não tinha intimidade com alguém, e

era complicado, uma confusão na cabeça e no coração, dividido entre duas coisas impossíveis: os votos sacerdotais e o desejo pecaminoso.

Foi o estresse. Apenas estresse. Provocado por *tudo*. Ele era fraco e, em sua fraqueza, perdeu Deus de vista.

Ele se curvou e apoiou as mãos nas coxas. Seu corpo o estava traindo, seu pau tinha ficado grosso nas calças emprestadas, e quanto mais ele tentava não pensar na boca de Angel na sua, mais seus pensamentos se desviavam para um território perigoso. O que teria acontecido se eles tivessem se beijado? Se ele não tivesse imaginado e Angel quisesse?

Ele tinha que clarear a cabeça. Para tirar esses pensamentos. Ele se endireitou, voltou para o quarto e molhou o rosto na pia. Ele rezou, pensou em todas as tarefas diárias e monótonas que tinha que realizar no St. Mary, nenhuma das quais era sexual, e eventualmente, a necessidade desesperada de se tocar desapareceu junto com sua ereção.

Ajoelhou-se e rezou e, quando a voz ficou rouca, saiu do quarto, subiu os degraus do convés superior e, na amurada, com o cheiro de água salgada e de vento úmido no rosto, olhou o horizonte enluarado.

Talvez, se ele pudesse fazer Angel ver que ele era um ser humano que vive e respira, digno de vida, então ele não o mataria?

Francis tinha fé em Deus e fé nos breves momentos de suavidade que viu nos olhos de Angel.

Este não seria o seu fim.

Além disso, se Angel o quisesse morto, ele teria feito nas muitas oportunidades.

Não, tudo o que Francis tinha que fazer era fazer amizade com um assassino. Quão difícil isso poderia ser?



Francis acordou com o som do cordame batendo nos postes e, como o iate não tinha velas, eles tiveram que atracar em algum lugar próximo a outros barcos. Os motores também estavam silenciosos.

Será que Angel o deixara sozinho? Isso parecia improvável, mas esta poderia ser sua chance de escapar. Ele calçou os sapatos – sem meias, não conseguia encontrá-los – e emergiu do convés inferior sob o sol brilhante. A luz brilhante atingiu sua cabeça dolorida e, quando ele semicerrou os olhos, erguendo a mão para protegê-los, o corte queimou novamente.

Os edifícios em redor desta marina eram muito diferentes dos blocos de apartamentos ingleses que tinham deixado para trás. Guarda-sóis pontilhavam a beira da água, cada um marcado com o nome espanhol de um restaurante, e centenas de pessoas estavam sentadas do lado de fora, comendo, conversando, bebendo vinho, rindo.

O cais ficava bem ali. Tudo o que Francis tinha que fazer foi sair do iate e ir embora.

—Nem pense nisso.— Angel apareceu do convés mais alto. —Eu tenho que fazer uma ligação. Fique aqui. Ou, se você realmente precisa correr, vá em frente. Gostei da nossa última perseguição. — Ele desceu do iate e caminhou pelo cais. Francis observou-o afastar-se e, em poucos minutos, fundiu-se com a multidão, deslizando entre eles como se pertencesse.

Francis não iria fugir; ele não tinha ideia de onde era isso ou para onde correr. Mas se conseguisse encontrar um telefone, ligaria para a polícia.

Ele esperou alguns minutos para ver se Angel reaparecia e, quando isso não aconteceu, Francis saiu do iate – sem correr. Embora, à medida que se aproximava da multidão, seu coração acelerasse. Angel não lhe pareceu estúpido o suficiente para deixá-lo vagar livremente, mas aqui estava ele.

A luz do sol aquecia suas costas, através do suéter. A conversa girava no ar úmido. Ele passou pelas mesas e cadeiras externas e entrou no prédio mais próximo, um bar descontraído. Por toda parte, as pessoas continuavam com suas vidas, como se tudo estivesse bem.

Não estava tudo bem.

Ele precisava encontrar um telefone, ligar para a polícia e fugir.

No bar, ele chamou a atenção do barman. —Um telefone? Você tem um telefone? É urgente.

—Telefone?

—Sim, sim, sim. Ugh... urgente. Emergência?— O que era emergência em espanhol? Ele deveria saber. Ele falava latim, o que lhe dava uma base para compreender algumas línguas estrangeiras, mas seu cérebro havia se transformado em uma pasta e o pânico congelou seus pensamentos. Ele deveria ligar para o 999? Não, isso não funcionaria aqui. Onde *era* aqui? Espanha, Portugal? Qual era o número da polícia espanhola? Querido Deus, ele não tinha pensado nisso.

O barman entregou-lhe um telefone.

—Para quem você está ligando?— Angel perguntou, sentando em uma banqueta ao lado dele. Ele encontrou um par de óculos escuros que mascarava

seus lindos olhos e sorriu como se fossem velhos amigos se encontrando para tomar uma bebida.

Francis piscou para o telefone em sua mão enquanto todas as suas esperanças se esvaziavam. —Suponho que você não saiba o número da polícia local?

Angel bufou e arrancou o telefone de sua mão. Ele falou espanhol fluentemente para o barman, que riu às custas de Francis e pegou o telefone de volta, balançando a cabeça como se tudo isso fosse uma piada hilariante.

—Aqui, coloque isso.— Angel entregou a Francis um par de óculos escuros finos.

Francis franziu a testa para eles e soltou um suspiro. Eles pareciam caros. Claro, ele só os trouxe para disfarçar o rosto de Francis da multidão.

—Não fique tão deprimido.— Vitari sorriu. —Tenho boas notícias. Sente-se.

Ele sentou. E colocou os óculos escuros. E quando o barman chegou com dois litros de algo provavelmente alcoólico, Francis olhou para aquilo também. Ele deveria ter fugido. Ele poderia ter chegado longe o suficiente da marina para que Vitari não conseguisse rastreá-lo.

—Nós somos os donos da polícia, — disse Angel. —Então não ligue para eles. Isso só torna tudo mais complicado, o que me deixa de mau humor, o que significa que estou menos inclinado a ajudar você.

—Achei que você fosse um mafioso *italiano*? Isto não é Espanha?

Angel revirou os olhos e riu. —Você realmente não sabe muito sobre crime organizado, não é?

—Não. Porque sou um padre, não um criminoso.

Vitari deu outra risada. —Você tem uma perspectiva ingênua sobre sua própria espécie, padre.

Ele achou tudo isso tão divertido. O sequestro de Francis, os cadáveres em St. Mary, tudo isso foi muito *divertido* para Angel. A raiva fervia nas entranhas de Francis. —Se você soubesse metade de quem eu sou, não ficaria aí sentado me chamando de ingênuo.

Angel disse algo em espanhol novamente para o barman que passava, que pegou um canudo de papel de uma caixa atrás dele e o entregou a Francis.

Francis pegou o canudo.

—Para o seu lábio, — disse Angel.

Ele estava lhe dando um canudo por causa do corte no lábio? Francis o viu espancar um homem até a morte, mas ele estava preocupado com o lábio de Francis? Não, isso não estava certo, Angel não poderia ser *legal*. Ele não era *gentil*. Ele não era *útil*. Ele era uma pessoa horrível.

Francis rasgou o canudo ao meio e jogou os pedaços em Angel. —Você é péssimo.

Ele deveria fazer amizade com Angel, fazê-lo gostar dele, mas não conseguia, não conseguia se humilhar diante de uma pessoa tão terrível.

Angel deu seu sorriso malicioso, aparentemente animado – um forte contraste com o estranho encontro deles na noite passada.

Francis resistiu ao impulso de empurrá-lo da banquetta. A violência não era a resposta. Ele não iria descer ao mesmo nível dos homens que o machucaram. Ah, mas ele queria atacar, gritar, arrancar os óculos escuros e jogá-los nele também.

—Você parou de ser petulante, padre?

—Quais as novidades?— Ele tomou um gole de sua bebida, estremeecendo quando o álcool queimou seu lábio. Angel sorriu com isso também e Francis fez tudo o que pôde fazer para não jogar sua bebida em cima dele.

—Ganhei mais tempo para descobrirmos o que está acontecendo entre você e os DeSica.

—Como?

—Eu disse ao chefe que os DeSica querem você vivo, então você deve saber algo de valor.

—Mas eles iam me matar.

—Não sabemos disso. Eles ameaçaram você, sim. Se eles apenas quisessem que você morresse, você estaria de bruços em um túmulo como a mulher sem nome em seu cemitério.

—Então por que *você estava* lá? O que você queria?

Anjo encolheu os ombros. —Para observar você, inicialmente. Passei uma semana na sua pequena cidade antes de você me notar.

—É isso, você estava lá só para me verificar?

Ele encolheu os ombros novamente. —Eu apenas sigo ordens. Essas foram minhas ordens.

Não, Francis não acreditou. Angel era um assassino. Ele estava lá para *matar* Francis. E os DeSica o atingiram primeiro.

O belo ato de Angel foi uma mentira. Ele queria respostas e, quando as conseguisse, ou quando percebesse que Francis não sabia de nada, Angel o mataria.

Por Deus, Francis tinha que se afastar desse homem.

Tinha algo a ver com a casa dos meninos? Quando ele mencionou Stanmore, Angel se retirou. Mais do que isso, ele esmagou a garrafa que segurava. Stanmore significava algo para ele.

Havia mais em tudo isso, e talvez tivesse algo a ver com o passado de Francis em Stanmore.

—Devíamos comer, — disse Angel. —Conheço um restaurante deslumbrante a uma curta caminhada daqui.— Ele jogou dinheiro no bar. — Vamos.

—Eu ainda estou tomando esta bebida.

—E sem canudo.— Ele fez uma careta fingida e triste que fez Francis querer jogar sua bebida em cima dele novamente.



Os funcionários do restaurante italiano conheciam Angel sem que ele precisasse dizer uma palavra. Francis também não falava italiano e, mesmo que falasse, não tinha certeza se conseguiria captar metade do que estava sendo dito. Falavam rapidamente, passando do espanhol para o italiano, atropelando-se para oferecer a melhor mesa, uma garrafa de vinho e uma cesta de pães e azeitonas.

Angel estava tendo uma discussão acalorada sobre algo no cardápio que envolvia muitos gestos com as mãos e gargalhadas aleatórias.

Francis assistiu a tudo como se tivesse pousado em um planeta estranho.

Ninguém neste restaurante iria ajudá-lo. Eles estavam muito mais interessados em Angel e em garantir que ele estava sendo atendido corretamente. Metade da equipe ficava olhando, como se estivesse aterrorizada.

—Hm, experimente o vinho.

Francis olhou para a taça de vinho.

—Você pode sentar e ficar de mau humor ou optar por desfrutar de uma das melhores refeições italianas que você já comeu. Sua escolha. — Ele tirou os óculos escuros com dedos rápidos e os dobrou. Agora aqueles lindos olhos estavam de volta à exibição, e Francis admirou sua elegância de cílios longos e como Angel olhou pela janela, examinando tudo o que via.

Francis também se virou para a janela. O oceano brilhava sob o sol alto e todos os barcos brilhantes balançavam. Não parecia real. Nada disso. Talvez ele tivesse batido a cabeça com mais força do que pensava e ainda estivesse no St. Mary, no chão, inconsciente, sonhando com toda aquela loucura.

—O que fez você querer ser padre?

Ele voltou seu olhar para a sala, para o homem sentado à sua frente. Parecia ser uma pergunta inocente se tal coisa era possível vindo dos lábios de Angel.

—Você sempre soube ou teve uma epifania?— ele perguntou, recostando-se e girando o vinho em sua taça.

E houve novamente o tom zombeteiro. O relógio de Angel brilhou enquanto ele gesticulava, mas abaixo dele Francis notou a delicada tatuagem em volta de seu pulso. Parecia ser um laço de contas de rosário. Ou arame farpado. Ele não tinha certeza.

—Se você vai ficar sentado em silêncio, — Angel bufou, —esta vai ser uma refeição muito chata.

—O que fez você querer ser um criminoso?

Angel enfiou a língua em sua bochecha e riu. —O problema com os criminosos, *padre*, é que não é uma escolha.

—Nem a minha. — Francis olhou para fora novamente, mas percebeu como o sorriso de Angel desapareceu, como se tivesse sido cortado pela raiz. — Você comparou padres a criminosos, anteriormente. Você insinuou que eu seria ingênuo se não visse como eles eram semelhantes. O que você quis dizer? — perguntou Francis.

Angel pegou sua taça de vinho e seu olhar penetrante dançou sobre os talheres, as taças de vinho, as lindas flores em relevo na toalha de mesa, mas ficou longe de Francis. —Posso ver que você vai ser um verdadeiro pé no saco.

—Então, talvez,— ele sussurrou com veneno, —me deixe ir?

—Ah!— Angel recostou-se e bateu palmas enquanto vários pratos de comida chegavam. A equipe preparou a comida, cheia de sorrisos, inclinações de cabeça e olhares nervosos de soslaio. —Padre, você não vai fazer uma oração antes de comermos?

Francis juntou as mãos, respirou e fechou os olhos. —Deus misericordioso, a quem estão abertos os segredos do coração, que reconhece os justos e torna justos os culpados, ouve as nossas orações pelos nossos irmãos e irmãs que não conhecem os crimes que cometem, concede que através da paciência e da esperança eles possam encontrar alívio em sua culpa, e logo expiarão seus pecados sem impedimentos.

Quando ele abriu os olhos, Angel olhou através dos cílios estreitados.

—Você ora por mim, padre?

—Sim.

—Já me sinto mais santo. Vamos comer.

Ele considerou não comer por princípio, mas seu estômago roncou e a comida tinha um cheiro delicioso. Fazia tanto tempo que não comia que nem

conseguia se lembrar qual havia sido sua última refeição. Provavelmente um brinde, enquanto ele saía correndo pela porta e subia a rua até a igreja, em um mundo e um sonho muito distantes deste.

—É uma boa comida, uma das melhores, e estou faminto, — Angel dizia, servindo mais deliciosos frutos do mar, macarrão e molho em seu garfo.

—Eu vejo isso.

Francis riu, comeu, bebeu vinho e, apesar de querer odiar tudo a cada segundo, o sol brilhava através do restaurante aberto, as pessoas conversavam ao redor deles, a comida era uma das melhores que Francis já havia comido, e havia coisas muito piores ou lugares para estar, em circunstâncias mais terríveis. Angel havia dito que havia ganhado mais tempo para Francis, então isso era uma coisa boa. Mas mais tempo para quê?

—Diga-me, padre Scott, por que um padre? Quero dizer... temos a mesma idade, você é inteligente, atraente, poderia ser qualquer coisa.

Francis olhou para cima com um garfo cheio de macarrão perto dos lábios. Angel achava que ele era atraente? A massa se soltou do garfo e caiu na tigela, respingando na camisa de Francis. Angel deu uma risadinha, de uma forma saudável e estranhamente cativante, e Francis se surpreendeu admirando aquela risada meio bufada. Quando não estava cheia de escárnio, aquela risada continha um calor que ele não achava que um homem como Angel fosse capaz. Ele tinha coração sob todas as ameaças, rosnados e sorrisos superficiais.

—Já estava decidido por mim, — admitiu Francis. —Mas funcionou bem, pois é minha vocação, meu destino.

—'Destino', hein. Parece muito definitivo. Então você não teve escolha?

—Eu poderia ter saído durante os estudos, mas optei por ficar. Quero ajudar as pessoas, orientá-las, estar ao seu lado quando precisarem de Deus.

—E você?— Angel apontou o garfo de sobremesa. —O que *você* precisa?— Ele cortou uma deliciosa sobremesa de creme/torta de framboesa, que tinha um nome italiano que soava muito atrevido, e foi bom que ele se concentrasse nisso, porque a pergunta abalou Francis, arrancando todas as respostas possíveis de sua cabeça.

—Meu, uh, minhas necessidades são irrelevantes. Cada momento meu, cada dia meu, está a serviço de Deus.

Angel pegou a sobremesa de framboesa, abriu a boca e deslizou-a entre os lábios. Ele selou o garfo com os lábios, retirou-o e lambeu o molho brilhante do lábio superior. Então riu e usou o polegar para limpar o resto. Ele lambeu isso também – colocou o polegar na boca e lambeu.

Francis pegou seu vinho. Em seguida, abaixou-o novamente. Meu Deus, por que estava quente? —Eu acho que... um pouco de água?

Angel estalou os dedos, recitou um pouco de italiano e os funcionários zumbiram como abelhas, correndo para cumprir suas ordens. Não porque ele fosse uma pessoa legal, mas porque eles tinham medo dele.

A garçonete chegou. Sua mão tremia enquanto ela despejava água de uma grande jarra, espalhando-a pelas laterais do copo. Ela disse algo em italiano, que chamou a atenção de Angel e lhe rendeu um longo olhar quando ela saiu da mesa.

—Um momento, — disse Angel. Ele se levantou e saiu da mesa, causando então uma espécie de furor nos fundos do restaurante.

Isso foi uma loucura. Francis bebeu a água, desejando nunca tê-la pedido. Esperava que ele não tivesse colocado a garçonete em algum tipo de problema.

Angel voltou, atravessando o restaurante como um tubarão farejando sangue. Ele pegou seus óculos escuros e os colocou. —Estamos indo embora.

—O que aconteceu?

—Nada.

—O que ela disse?

—Nada com que você precise se preocupar.

Mas Francis estava preocupado. Angel agarrou Francis pelo pulso e puxou-o. Ele tentou procurar a mulher entre os funcionários, mas eles ficaram olhando para ele, com rostos amedrontados. Será que Angel fez alguma coisa com a pobre mulher? E se ele a tivesse machucado porque Francis queria um copo d'água?

Ele puxou Francis para fora, sob a luz do sol, e quase o arrastou vários degraus abaixo. Francis puxou o braço para trás. —Pare!

Anjo girou. —Não grite ordens para mim. Nós precisamos ir.

—Você a machucou?

Ele curvou o lábio. —E se eu fiz?

Francis tinha esquecido, só por um breve momento, que o homem com quem desfrutou de uma boa refeição era na verdade um assassino desavergonhado. E isso foi culpa de Francis: ele deixou a comida e a atmosfera distraí-lo. —Então vou orar por você.

—Reze por mim? Jesus Cristo.— Angel riu, então pareceu perceber que eles haviam chamado a atenção de várias pessoas sentadas próximas, bebendo seus coquetéis à beira da água. Sua risada morreu e todo o humor caloroso em seu

rosto se transformou em gelo. —Você vai parar com as besteiras santas? Vamos, precisamos nos mover antes de sermos vistos.

Francis *queria* ser visto. Ele queria ficar parado e gritar para que todos o vissem. Ele plantou os sapatos no chão e agarrou-se ao corrimão que subia os degraus do restaurante. Angel lançou-lhe um olhar de pura raiva e agarrou seus pulsos novamente.

—Não.

Angel puxou.

—Não.— Ele não iria. Angel não poderia matá-lo aqui, diante de uma dúzia de testemunhas.

—Chi cazzo credi di essere?— Angel rosnou e acrescentou veementemente: —Vaffanculo!

Francis não tinha ideia do que isso significava, mas, por alguns suspiros próximos, ele presumiu que não era bom. Então Angel avançou, peito contra peito, e prendeu Francis contra a grade. —Aquela mulher sabia quem você era. Ela disse que a ajuda estava chegando, mas não fique animado, padre, ela estava fodendo com os DeSica, no meu maldito restaurante favorito. Acredite em mim, você não quer a ajuda que ela está oferecendo.

—Confiar em você? Não estou confiando em você. Eu nunca vou confiar em você. Você é um assassino cruel, mentiroso e impenitente. Me deixe ir!

O olhar de Angel disparou por trás dos óculos. Ele o soltou, ergueu as mãos e recuou. —Faça do seu jeito.

Os funcionários do restaurante se reuniram na porta para assistir, ainda sem a colega.

—Chame a polícia, — disse Francis, e depois gritou. —Polizi!— Ele sabia disso. —Polizi!

Angel cuspiu na terra, virou-se e foi embora. Em segundos, ele desapareceu, engolido pela multidão.

O alívio foi retirado como um peso de mil quilos removido de sua alma. Francis caiu nos degraus e cobriu a boca para não chorar. Alguém tocou seu ombro. Ele se encolheu e disse: —Você poderia me ajudar?

A mulher assentiu.

Bom.

Estava quase acabando.

Ele só tinha que esperar, a polícia viria e tudo ficaria bem. —Louvado seja Deus.— Ele balançou. —Louvado seja Deus, louvado seja Deus, louvado seja Deus.

Ele estava indo para casa.

CAPÍTULO SEIS

Vitari

Isso era o melhor. Ele nunca deveria ter se envolvido com o padre de qualquer maneira.

Giancarlo lhe dissera para trazer Francis para casa. Ele ficaria chateado agora que Vitari estava prestes a voltar de mãos vazias. Luca provavelmente seria enviado para terminar o trabalho e Vitari levaria uma surra. Talvez perca um dedo. Merda. Não, isso não aconteceria. Giancarlo o amava.

Vitari desceu o pontão em direção ao iate reluzente. Ele agarrou o corrimão cromado liso e deu um único passo para dentro do barco. Uma marca suja de bota sujava o degrau preto e brilhante. Uma impressão que apontava para dentro do iate, não para fora.

Alguém estava a bordo.

Ele tirou a faca do bolso e subiu os degraus, depois atravessou o convés e desceu. A água batia na lateral do iate, mas, fora isso, havia silêncio a bordo. Nada parecia ter sido perturbado, mas seus sentidos formigavam, os cabelos de sua nuca se arrepiaram. Isso era ruim. Alguém esteve aqui.

Ele recuou e, sem verificar o resto do iate, saiu correndo.

O iate foi comprometido.

Alguém em Puerto Banus os procurava, o que significava que Francis estava em perigo. Como os DeSica já sabiam que ele estava aqui, eles iriam rastreá-lo, torturá-lo, e isso faria com que o que acontecesse em St. Mary parecesse uma maldita comunhão, ou o que quer que os padres fizessem para se divertir.

Por que o idiota insistiu em ficar no restaurante? Por que tinha que ser tão difícil?

Uma onda de calor queimou suas costas, como se alguém tivesse jogado água fervente sobre ele. Uma explosão repentina o fez cair esparramado. Ele escorregou de cara nas ripas de madeira e enterrou a cabeça nas mãos. O rugido tomou conta dele em uma onda ofegante, depois desapareceu com a mesma rapidez.

Com os ouvidos zumbindo, ele se virou e olhou para os destroços em chamas onde *Dolce Vita* estivera momentos antes.

Metal e madeira em chamas choveram por toda parte, caindo na água e martelando outros barcos.

O coração de Vitari ficou preso na garganta. Jesus, isso foi por pouco. Os DeSica iam pagar!

Ele tropeçou, ficou de pé, estremeceu devido a algumas dores agudas no ombro e mancou ao longo do pontão. Gritos apimentaram o som de chamas crepitantes e sirenes distantes. A polícia chegaria em breve, mas em meio ao caos Vitari precisava encontrar Francis. Ele não poderia ter ido longe. Vitari só tinha saído há alguns minutos.

Ele lutou contra a multidão aterrorizada em direção ao restaurante.

Francis não estava lá fora, onde Vitari o havia deixado. Ele subiu os degraus e perguntou aos funcionários em pânico se eles tinham visto o homem com quem ele estava. Ninguém tinha. Vitari amaldiçoou todos eles.

A mulher DeSica saberia.

Ele mancou até as cozinhas. —Abra, — ele gritou para um dos assistentes, apontando para o enorme freezer. O garoto correu, abriu o freezer e Vitari olhou para a mulher trêmula lá dentro.

—Para onde eles estão levando ele?— ele perguntou em italiano, mas pelos olhos arregalados e pelo balançar de cabeça, ela tinha mais medo de seus empregadores do que dele. Esse foi o erro dela. —Vou lhe dar uma chance de me ajudar, e então começarei a quebrar ossos. Você me conhece, né? O Angelo della Morte? Você já ouviu falar de mim? —Ele parou bem na frente dela, e pelo arregalar dos olhos dela e pelo murmúrio de uma oração, ele imaginou que ela o conhecia. —Você sabe por que eles me chamam assim, certo?

—P-por favor,— ela implorou, tremendo. —Eu tenho filhos. Eu faço o que eles dizem ou eles vão machucar meus bebês. Por favor, não me machuque.

—Apenas me diga onde eles estão e ninguém precisará saber que a informação veio de você.

Ela piscou e uma única lágrima grudou nos cristais de gelo em sua bochecha.

—Você está orando? O homem que estou tentando proteger é um homem de Deus. Um padre. Se você não quer me ajudar, então ajude-o.

—O padre, sim. Ele está no noticiário. Foi assim que eu soube que era ele.

Francis estava no noticiário? Bem, isso tornou as coisas mais difíceis. Mas um problema de cada vez. —Última chance. Onde está o padre?

CAPÍTULO SETE

Francis

A visão da polícia espanhola chegando em seu traje todo preto e com *Polícia* impresso na frente deveria ter sido tranquilizadora, mas os dois homens tinham a constituição de guarda-costas e não havia nada de tranquilizador na maneira como colocaram Francis de pé. Ou as armas guardadas na cintura.

—Inglês?— ele perguntou. —Você fala inglês? Eu fui sequestrado.

—Si, si, — disse um deles, tentando acalmá-lo. Seus olhares não encontraram os dele. Disseram mais alguma coisa, algo sobre um carro; Francis sabia disso. Eles o levariam de volta para a delegacia, ele supôs.

—Venha... conosco, — disse o menor dos dois homens em um inglês ruim. Embora pequeno fosse relativo. Suas coxas eram tão largas quanto a cintura de Francis.

Eles o conduziram para longe da orla, entre mais dois bares, e viraram à direita para uma rua de mão única, onde o carro da polícia sinalizado esperava. Um dos rádios dos homens emitiu um sinal sonoro, como se alguém estivesse tentando alcançá-lo. Uma voz distante disse algo, e o homem respondeu com uma palavra curta e cortante no receptor.

Eles já haviam passado pela sombra do prédio e, embora o tráfego fluísse de um lado para o outro no outro extremo da rua e os bares ainda estivessem

movimentados perto da orla, essa parte da rua dos fundos estava vazia. Ninguém estava por perto.

Francis mordeu a parte interna do lábio inferior. Isso não parecia certo.

Uma explosão trovejou acima. Francis cambaleou contra o carro da polícia e olhou para o caminho por onde tinham vindo. Uma coluna de fumaça preta e espessa rolou pelo céu azul acima dos telhados.

Aquela explosão tinha que ter algo a ver com Angel, não é? O que significava que tinha a ver com Francis também. E se Angel estivesse perto daquela explosão? E se ele tivesse sido pego nisso?

Talvez isso tenha sido uma coisa boa. Deus punindo quem merecia. Mas Francis não queria mais mortes. Ele não queria nenhuma das mortes. —Você precisa ir lá, ver se alguém está ferido?— Francis perguntou à polícia.

Eles não hesitaram e olharam para ele como se nada tivesse acontecido.

Eles sabiam que isso estava por vir.

Angel não tinha dito que seu povo era dono da polícia? Então, talvez os DeSica também possuíssem alguns? Angel o avisou...

Francis engoliu em seco. O maior dos dois policiais baixou o braço direito em direção à arma.

Francis disparou e, livre do manto, correu como o vento, correu tão rápido que não havia chance de eles o alcançarem. Um tiro soou. Francis se abaixou, com o coração nos ouvidos, batendo nos pulmões e por toda parte. A adrenalina pulsou através dele. Ele se abaixou para a esquerda, entre dois prédios de apartamentos, depois para a direita. Outro tiro soou. Por que eles estavam atirando? Ele tinha que ir a algum lugar público, talvez perto da água. Nem mesmo a polícia atiraria nele em campo aberto. Ele saltou uma corda baixa

pendurada entre dois postes dourados e colidiu com um conjunto de mesas e cadeiras de bistrô, mas isso não importou, porque todos os outros estavam correndo também.

O iate. O *Dolce Vita* estava em pedaços, com fumaça subindo do que restava do casco.

Será que Angel estava a bordo? O coração de Francis deu um pulso. Ele olhou para trás. A polícia avançava, com armas apontadas para baixo. Ele os perderiam no meio da multidão. Ele abriu caminho entre as pessoas que fugiam, meio louco de pânico, e quando olhou novamente para trás, a polícia ainda estava se aproximando, agora mais perto.

Ele avistou o restaurante onde havia se agarrado à grade. E ali, por algum milagre enviado pelos Céus, estava Angel, mancando escada abaixo. Seu cabelo estava bagunçado, suas roupas empoeiradas. Ele olhou e seus olhos se arregalaram, depois passou por Francis e foi até a polícia atrás dele. A expressão de Angel caiu, perdendo toda a emoção, e ele voltou para dentro do restaurante.

Francis subiu os degraus correndo, irrompeu pela porta e caiu contra o balcão, pulmões ofegantes e queimando. —A... polícia... eles são...

O primeiro policial empurrou a porta do restaurante, seu olhar assassino fixo em Francis. Ele não viu Angel à sua esquerda, esperando para emboscá-lo.

—Por favor, não atire!— Francis estendeu as mãos.

Angel pegou a arma do homem, arrancou-a de sua mão, enfiou-a sob o queixo do homem e puxou o gatilho.

Foi horrível – o sangue, o barulho, como o homem se sacudiu e caiu, morto antes de atingir o chão, onde ficou deitado, se contorcendo. O choque silenciou os

pensamentos de Francis. O segundo policial passou pela porta e apontou a arma para Angel – devagar demais.

Angel mirou, disparou e, de repente, no espaço de alguns segundos, outro ser humano estava morto, descartado como se sua vida não fosse nada. Desapareceu, com o estrondo da arma.

Angel nem sequer piscou.

—Oh...— Francis agarrou-se ao balcão. Foi tão... horrível.

Angel latiu em italiano para os funcionários, agarrou o braço de Francis e conduziu-o pelo restaurante, pelas cozinhas e pela porta dos fundos, até a rua atrás do restaurante, longe do caos. O calor o atingiu e o cheiro sufocante de sangue – ele ainda podia ver, ainda sentir o gosto. Cada vez que seus pulmões se expandiam, sua garganta se fechava. Seu corpo convulsionou em torno do medo e do horror.

—Mantenha-se calmo, padre, — disse Angel, com a voz monótona.

Ele não poderia fazer isso. Não, ele não poderia. Aqueles homens, Angel tinha... E eles estavam mortos, por causa de Francis. Angel havia atirado neles. Eles se separariam. Ele tinha visto pedaços deles pintarem as janelas.

Ele não conseguia respirar. O ar não viria. Sua garganta fechou. Seus pulmões queimaram.

—Ei.— Angel segurou o rosto de Francis com as duas mãos e o manteve imóvel, então tudo que Francis viu foram seus olhos e como eles se estreitaram, como perfuraram a alma de Francis e a encontraram já cheia de buracos.

—Não posso, não posso...

—Sim você pode. Eu entendi você. Precisamos continuar nos movendo. Você entende? Encontre Deus ou o que você precisa para superar isso, mas temos que seguir em frente.

Francis inspirou pelo nariz, depois expirou e depois inspirou. Ele agarrou os braços de Angel, firmando-se. Angel os matou, mas eles tentaram matar Francis, não foi? Eles atiraram nele. Por que? —Por que?— ele chiou. —Eu não... Eles tentaram...

—Você está bem? Sim? Diga sim, Francis, para que eu saiba que você está aí.— Os olhos de Angel finalmente aqueceram, tornando-se humanos novamente.

—Sim.— Sua respiração desacelerou, seu coração também, então suas batidas não enchiam mais seus ouvidos. —Sim, estou bem.

—Bom. Vamos, tenho uma garagem não muito longe daqui. Se não estiver sendo vigiado, logo estaremos na estrada. Desmorone mais tarde.

Eles correram pela rua, deram uma série de voltas confusas e encontraram a porta de uma garagem na lateral de uma loja antiga. Não estava sendo vigiado e, sem saber realmente como ou por quê, Francis entrou novamente no carro com Angel e eles dirigiram para longe da cidade, onde as estradas eram ladeadas por grama dourada e o céu estava desbotado em azul.

Ele olhou para a paisagem que passava e para o mar azul-marinho, quando apareceu. Ele não conseguia pensar, porque isso abria a porta para uma cascata de sentimentos, dores e coisas que ele não conseguia carregar, não com todo o resto na cabeça. Então ele observou o mar passar até o sol começar a se pôr, até que Angel tirou o carro da estrada e entrou em uma pista de terra.

A poeira pairava no ar atrás deles, apagando seus rastros.

Chegaram a uma villa com arcos e piscina e sem edifícios próximos, apenas uma casa o mar e o céu, sem nada entre eles e o resto do mundo.

Francis olhou para a casa caiada. Ele estava apenas... entorpecido. Dentro e fora.

Angel saiu do carro e, com o telefone no ouvido, chutou um vaso próximo, descobriu algumas chaves e destrancou o portão. Francis piscou para a casa, o portão, o céu. E ficou no carro. Ele simplesmente... não conseguia mais. Ele não queria sair. Ainda não. Mais tarde. Ele se sentava, esperava e ouvia seu coração. E ele orava por aqueles pobres homens.

Angel olhou, mas não disse nada. Ele caminhou pelo caminho que ladeava a vila enquanto soltava uma série de sons italianos raivosos no telefone, depois desapareceu de vista.

A voz de Angel desapareceu e agora não havia nada. Apenas o som dos grilos e o *farfalhar* do oceano distante.

E os soluços de Francis.

CAPÍTULO OITO

Vitari

Ele jogou o telefone sobre a mesa e marchou até os fundos da villa, arrancando a camisa. Sal estava tão chateado quanto ele, principalmente por causa do iate. Todos eles gostaram desse privilégio. Agora ele se foi. O que Sal não disse foi como os filhos da puta dos DeSica iriam sentir a dor daquele passo em falso. Ninguém veio atrás de Vitari a menos que quisesse perder suas malditas vidas, a vida de seus filhos, a vida de seus malditos animais de estimação. Don Giancarlo cuidaria disso. A Battaglia não sofreu um desrespeito. Um ataque a um era um ataque a todos.

Vitari parou diante do espelho do banheiro, torceu a cintura e estremeceu ao ver os arranhões sangrentos nas costas. Os cortes eram pequenos. Eles só precisavam ser limpos. A perna dele era o maior problema; estava queimando desde que ele saiu do iate em chamas.

Ele se despiu e tentou dar uma olhada na parte de trás da coxa. Uma pulsação sugeria que havia algo preso ali, provavelmente um pedaço de madeira da explosão. Ele teria que pedir a Francis para removê-lo. Francis prometeu ajudar as pessoas, até mesmo pessoas como Vitari. Ele faria isso. Só que ainda não. Melhor deixá-lo no carro, com o rosto pálido como na morte. Vitari nunca tinha visto um homem vivo ficar tão branco.

Ele superaria isso.

Vitari tomou banho, vestiu uma camisa limpa e enrolou uma toalha na cintura, depois se aventurou na área de estar/cozinha em plano aberto.

Francis sentou-se no sofá, inclinado para a frente, com a cabeça baixa entre as mãos. Pelo menos ele não tinha fugido.

—Você está bem?— Vitari perguntou.

—Eu vomitei perto do carro.

—É normal.— Vitari encolheu os ombros, esperando aliviar o trauma do homem. —Você se acostuma com isso.

—*Acostumar-se com isso?*

Vitari estava pegando um copo em um dos armários altos da cozinha, mas a veemência nas palavras de Francis o fez esperar uma facada nas costas. Ele abaixou a mão e olhou por cima do ombro.

A fúria no rosto de Francis era crua e visceral. Ele não sabia que Francis seria capaz de tal ódio, mas estava certo. Ele odiava Vitari.

Teria sido incomum se ele não o fizesse. Talvez agora não fosse um bom momento para pedir-lhe que curasse o ferimento na perna. De qualquer forma, não foi tão ruim, apenas um arranhão. —Eu preciso conseguir suprimentos. Fique aqui. Se você sair da villa, só se perderá e só há uma estrada. E eu encontrarei você nisso.

—Bem.— Francis zombou.

Vitari voltou para o quarto, vestiu uma calça limpa, pegou as chaves do carro e saiu da villa. Francis não iria a lugar nenhum. Ele estava em choque. Ele ficaria bem.



A cidade vizinha tinha uma loja de conveniência. Vitari jogou o básico em uma cesta, pegou alguns suprimentos médicos e entrou na fila atrás de uma senhora idosa no balcão.

Um rosto familiar sorriu para ele nas primeiras páginas da estante de jornais. Em espanhol, a manchete dizia: ‘Jovem sacerdote desaparecido’. Eles usaram uma foto do padre Francis Scott em suas vestes, seu rosto brilhante rindo enquanto apertava a mão de alguém.

Vitari pegou um papel. Estas partes rurais da Espanha eram católicas devotas. Não era surpresa que estivessem interessados num padre desaparecido, especialmente um tão fotogénico como Francis. Vitari pagou os suprimentos e, ao voltar para o carro, leu a reportagem.

Dois outros corpos foram descobertos em St. Mary, além do Jane Doe⁷. Os dois homens mortos, criminosos conhecidos, tinham ligações com gangues de Londres, mas não houve menção nominal ao DeSica. Uma breve biografia da vida do Padre Francis Scott, todos os seus vinte e quatro anos, ocupava o resto das duas páginas. Houve menção de ele ter sido adotado e de como ele passou a servir a Deus. Da forma como foi escrito, parecia que o padre Scott era o garoto-propaganda dos padres católicos romanos em todos os lugares. Até um arcebispo comentou o quão devastador foi o facto do seu amado Francis ter sido levado. Não

⁷ Referência policial a corpo feminino não identificado.

havia dúvida de que ele havia partido ou fugido. Ele sem dúvida foi levado e os perpetradores seriam levados à justiça, aos olhos da lei e de Deus.

Francis tinha uma vida perfeita. Mas ninguém era tão santo. Nem mesmo Francis. A casa dos meninos Stanmore não produziu anjos de verdade, apenas anjos quebrados como Vitari.

Ele voltou para a villa e encontrou Francis no sofá onde o havia deixado. Ele estava tendo dificuldade em superar os acontecimentos na marina.

—Você é famoso. — Vitari deixou cair o jornal na almofada ao lado da cama.

Ele piscou para fora de seu estado vago e olhou para sua foto sorridente. Havia muito pouca probabilidade de alguém reconhecer este Francis como o padre desaparecido nas suas vestes pretas. Fora de suas vestes, sua aparência era muito diferente, e agora que seu cabelo estava todo despenteado e seu rosto machucado, ele era outro homem.

—Você até deixou um arcebispo preocupado.

Francis examinou o artigo como se não o tivesse visto, depois pegou-o e começou a ler.

Vitari ocupou-se em desempacotar os suprimentos, verificando ocasionalmente se Francis ainda estava lá. Ele estava tão quieto, mas quieto era ruim – quieto significava que ele estava dentro de sua própria cabeça – e embora fossem tão diferentes quanto giz e queijo, Vitari sabia que muito tempo perdido em pensamentos tornava tudo muito pior.

—Você quer café da manhã ou almoço, seja qual for a hora?

Francis ergueu o olhar e aqueles suaves olhos castanhos clamavam por ajuda. Vitari só conhecia duas formas de esquecer. Um, fique bêbado. Ou dois,

foda como se não houvesse amanhã. Francis não parecia o tipo de pessoa que se rebaixava a nenhuma das opções. Quebrar seus votos de celibato provavelmente o faria se sentir pior, acima de tudo.

Embora Vitari o superasse absolutamente.

Toda aquela fúria justificada e reprimida, e pelos vislumbres que Vitari tinha visto, parecia que ele tinha um belo corpo sob aquelas roupas.

Porra, que tipo de religião impediu um belo pedaço de bunda como ele de se divertir? O tipo católico. Era tudo uma questão de sacrifício e devoção através da dor, blá, blá. Vitari nunca deu muita importância a Deus, visto que nenhum Deus verdadeiro jamais deixaria as crianças viverem a vida que ele teve.

—Por que você não toma um banho, eu preparo o café da manhã...

—O que você está fazendo aqui? — perguntou Francis.

—Há uma pista de pouso alguns quilômetros a leste. Um avião pousará em alguns dias. Só temos que esperar e estaremos fora da Espanha.

—Indo aonde?

—Itália.

Seus olhos se arregalaram e seu queixo caiu. —Não posso ir para a Itália.

—Eu odeio dizer isso a você, pai, mas você não tem escolha.— Vitari engoliu a cerveja e depois pegou os ovos. Ele faria uma omelete. A comida era um grande conforto. Depois que Francis estivesse alimentado e tomado banho, ele relaxaria. Se não o fizesse, seriam longos dias.



Francis enfiou a omelete no prato e depois murmurou sobre tomar banho. Vitari o deixou sozinho para lidar com o trauma e, depois de jogar a comida no lixo, carregou um balde de gelo e cervejas para as cadeiras ao lado da piscina.

Quando Francis não apareceu depois de uma hora, Vitari entrou e o encontrou enrolado em uma toalha, de bruços na cama, desmaiado de exaustão.

Vitari cruzou os braços, encostou-se no batente da porta e observou-o dormir. Os sons abafados de seu ronco leve atraíram o sorriso de Vitari. As costas e os ombros lisos de Francis eram tão pálidos quanto Vitari imaginara, mas seu corpo era mais magro do que ele esperava, com uma cintura fina e uma bunda firme e cor de pêssego, abraçada pela toalha. Padre Scott era criminalmente fofo — uma frase que ele nunca acreditou que diria sobre um padre.

Francis poderia estar naquele barco quando ele foi destruído. Se ele não tivesse saído do iate para fazer sua ligação imprudente à polícia, os DeSica o teriam encontrado, cortado sua garganta e depois explodido o barco, destruindo as evidências. Se Vitari não tivesse corrido até o restaurante, a Polícia teria atirado em Francis e jogado seu corpo no mar, para nunca mais ser encontrado.

Aquele padre de cidade pequena com olhos de corça não foi feito para merdas como essa. Ele não iria sobreviver. Era um maldito milagre que ele tivesse vivido tanto tempo.

E isso foi um problema.

Vitari saiu do quarto, pegou o telefone e, com o sol se pondo sobre o oceano, saiu da villa, fechando as portas de vidro atrás de si. Ele ligou para Salvatore.

—Angel, você está no esconderijo?— Sal perguntou. A música do clube tocava ao fundo, junto com conversas indecifráveis.

—Sim, estamos bem. Escute, preciso que você faça uma coisa e fique quieto, certo?

—Claro. O que é?

—Este padre, descobrir mais sobre ele? Alguma coisa em seu passado que o tornaria um alvo para os DeSica? Deve haver uma razão para eles estarem em cima dele.

—Você não pode perguntar a ele?

—Ele não sabe.

—Pergunte a ele *com mais força*.

—Ele não sabe, de verdade, Sal. Ele é como um labrador perdido em tudo isso. É trágico pra caralho.

—Tudo bem, tudo bem. Por onde devo começar?

Se pedisse a Sal para dar uma olhada na casa dos meninos, poderia descobrir o fato de que Vitari cresceu lá. Embora, até onde ele soubesse, não houvesse registros reais do grupo de crianças entre as quais ele fazia parte, apenas sepulturas não identificadas no cemitério local. Só Giancarlo sabia a verdade sobre as origens de Vitari. Para a maioria das pessoas, Vitari era meio italiano, um de uma série de filhos bastardos que Giancarlo negava existir. Um segredo aberto. —Sim, os DeSica perguntaram onde ele nasceu. Descubra isso, hein? É importante.

—O bastardo não sabe?

Vitari olhou para trás através das portas fechadas, verificando se Francis ainda estava fora do alcance da voz. —Ele foi adotado. Passou algum tempo num orfanato em Essex. Apenas... faça algumas pesquisas. Ah, e ei, aquela garota que

o padre encontrou em seu cemitério, descubra quem ela era. Há muita coisa em tudo isso que não faz sentido. Não gosto de saber menos do que os DeSica.

—Você está nervoso, fratello.

—Talvez.

Alguém – uma mulher – tentou perguntar a Sal se ele queria outra bebida. Típica. Ele sempre teve uma amante em movimento. —Você pode fazer isso?— Vitari perguntou.

—Sim, me dê alguns dias.

—E Sal, ei, uh... não conte para Giancarlo, ok? Isso é entre você e eu. —Ele não queria que Giancarlo pensasse que ele estava agindo pelas costas ou o prejudicando de alguma forma. Foi assim que os boatos de merda começaram.

A bufada descontente de Sal soou na linha. —Certo. Você me deve uma.

Vitari bufou e desligou. Ele encobriu Salvatore centenas de vezes, geralmente quando transava com a esposa de algum político proeminente.

Ele sentou-se novamente à mesa da piscina, mas a ligação e todas as perguntas sem resposta o deixaram inquieto. Havia mais em tudo isso, e parecia grande, como se ele também estivesse enredado nisso. Ele olhou para a água convidativa da piscina e começou a desabotoar a camisa.

CAPÍTULO NOVE

Francis

Francis teria que machucar Angel. Não matá-lo – assassinato estava fora de questão –, mas ele poderia deixá-lo inconsciente, roubar o carro e dirigir até ficar sem combustível.

Ele nunca havia batido em alguém antes. Ele havia brigado uma vez, na casa dos meninos, quando tinha oito anos. Mas isso foi culpa do outro garoto. Francis esteve principalmente no caminho quieto.

O que mais ele deveria fazer? Se Angel o levasse para a Itália, provavelmente seria morto lá. Seu corpo nunca seria encontrado. Ele não sabia muito sobre a Máfia, mas tinha certeza de que eles não mandavam estranhos para suas casas, faziam-nos ver todos os seus rostos e depois os deixavam sair impunes.

Então, atacar Angel era a única maneira de ele sobreviver.

Os grilos cantavam do lado de fora das janelas da vila e a noite estava assustadoramente silenciosa. Felizmente, Angel estava dormindo, e tudo que Francis precisava fazer era encontrar algo pesado o suficiente para fazer a maior parte do trabalho quando ele o balançasse.

Depois de abotoar a camisa e as calças, ele esgueirou-se pela villa em busca de um vaso ou bloco de faca que pudesse pegar e empunhar, mas quando entrou no salão, a luz da piscina externa iluminou Angel prestes a mergulhar da beira da

piscina, dentro da água. Angel levantou os braços, dobrou os joelhos e mergulhou como uma flecha abaixo da superfície.

Francis congelou.

Pelo menos Angel usava shorts. Embora ele pudesse muito bem tê-los jogado fora também, apesar de todo o encobrimento que fizeram. Eles se agarraram à sua bunda firme como se tivessem sido pintados.

Francis desviou o olhar e estendeu a mão para o balcão da cozinha, mas a imagem de um Angel quase nu, iluminado por uma luz brilhante, queimou sua mente. Angel tinha um corpo definido com músculos, como o de um esportista: magro, afiado, masculino e brutalmente bonito. Suas costas eram uma obra de arte e, quando levantou os braços, a luz lambeu seus músculos, acumulando-se em cada curva.

Francis fechou os olhos.

Já fazia muito tempo que ele não via um homem nu com os próprios olhos, não fora de uma foto. Ele evitou todas as imagens, configurou seu laptop para bloquear todo conteúdo adulto, então não ficou tentado a pesquisar durante nenhum de seus pontos baixos – e houve muitos. Ele estava indo bem, mas agora Deus colocou a tentação em seu caminho e o iluminou como um espetáculo.

Isso era um teste?

Se fosse, ele já estava falhando.

Ele deveria sair, voltar para a cama e esperar lá até Angel ir dormir. Mas mesmo sabendo que partir era absolutamente o curso de ação correto, ele ergueu o olhar e observou Angel nadar por toda a extensão da piscina, mergulhar debaixo d'água e nadar de volta. A luxúria era um pecado. O sexo era um pecado, se o seu único propósito fosse o prazer. A única vez que o sexo foi considerado

piedoso foi entre homem e mulher na busca de um filho. Como dois homens não criaram a vida com suas atividades lascivas, toda homossexualidade também era pecado.

Ele passou por isso durante seus estudos, confessou seus desejos desaprovados e buscou orientação da Igreja, mas em vez de ajuda, temia que os ensinamentos católicos pudessem ter complicado as coisas. Até por causa de... seu passado. E o motivo da carta do advogado permanecer fechada em sua mesa em St. Mary.

Angel o avistou através das portas de vidro. Ele se apoiou na beira da piscina e aqueles olhos sensuais se fixaram em Francis. Homens como Angel tinham consciência do poder da sua beleza. Ele sabia que era desejável, e a maneira como olhava através dos cílios molhados para Francis agora sugeria que ele conhecia cada pensamento imundo na cabeça de Francis.

Se alguma vez existiu um homem feito de pecado, esse homem era Angel.

Ele ergueu a mão e acenou para que ele se aproximasse, e como Francis não se mexeu, ele riu, empurrou-se para fora da beira da piscina e nadou bastante, mesmo com o pequeno ferimento que Francis havia notado em sua coxa.

Francis não conseguia se esconder disso. Se ele voltasse para seu quarto, só passaria o tempo pensando em Angel e, sozinho em sua cama, estaria livre para agir de acordo com os impulsos inevitáveis. Melhor estar ali, onde poderia esperar que Angel se cansasse e fosse para a cama, depois espancá-lo e acabar com toda aquela provação.

Ele abriu as portas e se aventurou no pátio.

—Junte-se a mim?— Angel perguntou.

O coração de Francis bateu forte. —Eu não nado.

—Isso é como um cenário *de eu não bebo*?

Ele sentou-se à mesa. Tudo iria ficar bem. Ele só tinha que superar isso. —
Eu *não sei* nadar.

—Eles não ensinam natação na escola sacerdotal?

Angel estava zombando dele novamente. Francis pegou uma cerveja do balde de gelo e tentou abri-la na lateral da mesa, como vira Angel fazer no iate. Mas o topo permaneceu teimosamente preso. Ele tentou novamente, sem sorte. Então, para aumentar o horror, Angel emergiu da piscina, subindo os degraus como a tentação personificada. A água escorria por seu lindo corpo e pingava no pátio. Ele se aproximou, pegou uma cerveja do balde, abriu a tampa na lateral da mesa e entregou-a.

Era como se o próprio Adônis tivesse acabado de abrir uma cerveja para Francis. Os shorts minúsculos não fizeram *nada* para cobrir sua masculinidade.

O calor incendiou o rosto de Francis. —Obrigado, — ele murmurou.

—Está tudo no pulso. — A sobrancelha direita de Angel se contraiu, desviando seu sorriso de lado diante de alguma insinuação que Francis não havia percebido. Francis pegou a bebida e observou Angel se virar e mergulhar na piscina.

Felizmente, as luzes da piscina eram tão suaves que Angel provavelmente não tinha visto o rubor no rosto de Francis. Ele poderia superar isso. Ele só tinha que ficar sentado atrás da mesa, beber uma cerveja e fingir que tudo isso era normal. Angel não suspeitaria de nada e, mais tarde, adormeceria, baixando a guarda. Francis simplesmente não tinha que pensar em como o short apertado abraçou a virilha do homem quando ele se aproximou, ou como ele ficou colado em suas nádegas quando ele se virou. Como as gotas de água brilharam em seu

peito dourado. Ou como todo o seu corpo se movia como uma sinfonia de músculos e masculinidade.

Francis tomou um gole para tentar umedecer a boca seca e acalmar o coração acelerado. Não havia como esconder a protuberância nas calças, mas Angel não conseguia ver seu colo da piscina. Sua ereção iria diminuir em breve, uma vez que Francis conseguisse se controlar. *Senhor, dai-me forças para resistir à tentação...*

—Você não nada, não bebe, exceto em circunstâncias atenuantes. O que você faz para se divertir, padre?

Angel apoiou o queixo nos braços cruzados na beira da piscina. Sem o relógio, a delicada tatuagem se destacava em seu pulso. Definitivamente arame farpado. Era a única marca deliberada nele, além de algumas cicatrizes e do corte recente na parte de trás da coxa. Francis sempre foi fascinado por tatuagens e por que as pessoas marcavam sua pele para o resto da vida. Esse arame farpado deve ter um significado profundo.

—Eu, uh... eu não sei. Eu leio, suponho, — ele gaguejou. Quando essa provação terminaria?

—Ok, o que você lê? Thrillers, fantasia, crime... não, espere, *romance*?

—Salmos.

Anjo bufou. —Foda-se, você lê mais do que isso.

Um sorriso apareceu nos lábios de Francis. —Eu li alguma fantasia, — ele admitiu.

—Sim, que tipo? Vampiros e lobisomens, essa merda?

Ele retirou de sua memória a série de fantasia mais conhecida que conseguiu imaginar. — *A Guerra dos Tronos*.

—Foda-se esse final, cara. — Os olhos de Angel brilharam com humor.

—Não a série de TV, os livros. E o final ainda não foi escrito.

—Aquele velho nunca vai terminar de escrever.

—Você *leu* os livros?

—Não, eu assisti a série.— Ele passou a mão pelo cabelo, fazendo as mechas escuras ficarem espetadas. —Não me diga que os livros são melhores – é que Sal diz.

—Eles são.— Francis sorriu e tomou um gole de cerveja. —Quem é Sal?

—Apenas alguém... com quem trabalho, — disse ele, seu humor desaparecendo. —Um amigo. — Angel saiu da beira da piscina e caiu de costas. A água batia em seu peito, na cintura, entre as coxas. Francis desviou o olhar e tentou engolir o coração acelerado. Angel estava se exibindo deliberadamente? Não, era assim que os homens se comportavam. Era normal nadar em quase nada na frente de outros homens. Foram apenas pessoas com mentes e desejos como os de Francis que distorceram o comportamento social aceitável.

Ele tentou não gostar de homens. Um de seus mentores disse que era uma escolha, e ele só precisava decidir não fazê-lo. Mas não funcionou assim para Francis. Ele não tinha escolhido nada. A vida o carregou e, na maioria das vezes, ele tentava se manter à tona enquanto se afogava.

—Você tem outros amigos?— Francis perguntou, quando o silêncio se prolongou por muito tempo.

—Eu tenho família, — respondeu Angel.

—E quanto a... meninas?— Francis perguntou, e esperou que não soasse tão estranho quanto em sua cabeça. Mais calor inundou seu rosto. O que era ridículo. Era uma pergunta simples e inocente.

—Garotas?

—Mulheres. Amantes. Companheiras. Uma Sra. Angel? —Francis engoliu mais cerveja. O gosto era amargo, mas ele precisava de algo para fazer com as mãos, para manter sua mente longe do corpo de Angel.

O sorriso de Angel iluminou seu rosto, cheio de dentes, e seus olhos brilharam com malícia que parecia indicar que ele sentiu cheiro de sangue e estava prestes a morder qualquer vítima suculenta que ele tivesse escolhido. — Você acha que alguém como eu tem relacionamentos, padre?

—Eu acabei de...

—Você acha que vou me estabelecer atrás de uma cerca branca e gerar algumas crianças?— Ele bufou e nadou até os degraus principais, depois desceu.

Angel era cada sonho lascivo, cada fantasia, cada desejo proibido que Francis já teve vindo em sua direção, brilhando molhado, sorrindo como se fosse o dono do mundo, com olhos que poderiam derreter geleiras.

—Quer dizer, eu só presumo...— Ele pegou o rótulo da cerveja. —Eu só pensei, é, você, você é...— ele murmurou, sem ter ideia do que estava dizendo. A luxúria apertou sua respiração e acumulou calor em sua virilha, enchendo seu pau novamente, mas com mais força. Tão duro que doeu.

Ele se mexeu na cadeira, tentando aliviar a pressão, então arrancou um pouco do tecido apertado, mas o ato de se tocar derramou outra onda de calor necessário em sua espinha.

Angel caiu molhado e escorregadio na cadeira oposta e pegou a última cerveja, jogando água na mesa. —Nenhuma mulher com meio cérebro vai me querer. Quero dizer, elas são boas para foder, mas qual o sentido de qualquer outra coisa, sabe?

Francis quase perguntou por que ele achava que ninguém iria querer ele, quando ele era obviamente atraente. Mas a resposta de Angel não teve nada a ver com atração, mas sim sobre quem ele era *por dentro*. Francis *sabia* disso. Ele também sabia que tipo de homem Angel era. Angel estava certo, nenhuma mulher deveria desejá-lo. Ou homem, nesse caso. A reação física de Francis não foi sobre amor, ou devoção, ou qualquer tipo de relacionamento. Seu corpo pensou que precisava do prazer e do desejo que Angel poderia lhe dar. Francis ainda era um homem, mesmo a serviço de Deus. Resistir à tentação não deveria ser *fácil*. A jornada, a situação, a luta foram feitas para machucar. Esse era o ponto.

E agora, estava latejando.

Angel disse alguma coisa, mas Francis mal o ouviu por trás de seus esforços mentais para parar de entrar em combustão no local. —Desculpe, o que você disse?

—E você? Quero dizer, eu sei que você deveria amar a Deus e tudo mais, mas vamos lá, você ainda se diverte, certo? — Ele fez um gesto de bombeamento com a mão direita e sorriu.

O coração de Francis parou. —Não, — ele mentiu, lembrando-se da noite em que se conheceram, quando não foi capaz de banir a visão de Angel ajoelhado no altar, e como isso se transformou em ele ajoelhado na frente de Francis, com os olhos cheios de lágrimas e desejo sombrio enquanto ele deslizava o pau de Francis entre os lábios e o chupava.

—Certo, — Angel falou lentamente. —O quê, seu pau é tão sagrado que nunca fica duro?

Luxúria, desejo, medo, confusão e raiva giravam em sua cabeça – em seu coração – emaranhados em uma massa de emoções. Ele sabia que estava

respirando com muita dificuldade e logo Angel notaria, mas como poderia deixar de *querer* o homem terrível na cadeira em frente?

Ele se levantou e saiu correndo do pátio, poderia ter corrido, mas estava escuro e Angel não perceberia o quanto ele estava duro. Ele não lhe devia nenhum tipo de explicação. Suas batalhas pessoais não tinham nada a ver com Angel; elas eram privadas.

Senhor Deus, faça com que esta noite acabe.

Agora, ele só precisava encontrar algo forte o suficiente para bater na cabeça de Angel. Isso resolveria o problema de desejar um homem que ele nunca poderia ter.

CAPÍTULO DEZ

Vitari

Padre Francis Scott estava claramente passando por algumas coisas.

Vitari terminou a cerveja sozinho à beira da piscina e repassou a conversa mentalmente. Eles estavam se dando bem, ele pensou, até que Vitari mencionou paus. Ele provavelmente deveria ter pensado melhor, já que o padre era celibatário, mas ele nunca foi capaz de resistir a cutucar as feridas. Naturalmente, Francis tinha alguns gatilhos.

Rindo da reação do padre, ele carregou o balde de gelo e as garrafas vazias para dentro, jogou-os na pia, ouviu o chuveiro ligado e dirigiu-se para seu próprio quarto. Ele escovou os dentes, secou o cabelo com uma toalha e caiu na cama vestindo apenas cueca. Francis não iria a lugar nenhum e Vitari não dormira muito nos últimos dois dias. Ele pegaria algumas horas, e amanhã, talvez Sal tivesse algumas pistas sobre o passado do padre que satisfariam o horrível e perturbador contorcer-se de pavor nas entranhas de Vitari.

Ele se mexeu e se virou por um tempo, com calor demais para dormir e muito nervoso para sonhar. Ele nunca foi muito bom em dormir. Algumas horas aqui e ali foram tudo o que sua mente acelerada lhe permitiu.

A porta do quarto se abriu com um rangido. Vitari manteve os olhos fechados. Passos suaves sussurravam contra o chão de ladrilhos, aproximando-se.

Vitari acalmou a respiração, fazendo parecer que estava dormindo, curioso para ver o que Francis tramava. Ele não tinha coragem de...

Ele ouviu o *barulho*, virou-se, estendeu a mão e agarrou o pulso de Francis. O padre apareceu, o rosto branco de choque. Ele deixou cair a pedra que estava prestes a acertar no crânio de Vitari, e ela quicou na cama ao lado do ombro de Vitari, depois rolou para o chão com um *baque pesado*. Vitari tinha que dar crédito a quem merecia; ele não esperava por isso.

Mas agora ele segurava Francis pelo pulso e, longe de ser a vítima, Vitari tinha sua presa exatamente onde queria. A compreensão surgiu no rosto de Francis e seu choque diminuiu. Ele iria tentar justificar suas ações. Seu olhar desceu, mas voltou para o rosto de Vitari. O choque estava de volta, arregalando seus olhos castanhos. Ele ainda não havia tentado se afastar.

Se o padre quisesse jogar, Vitari estava disposto. Ele puxou Francis, desequilibrando-o, e quando ele tombou para frente, Vitari saiu de baixo dele. Francis soltou um grito de espanto, depois congelou de costas com Vitari posicionado sobre ele, ainda segurando seu pulso.

Ele se contorceu um pouco, então parou de se contorcer e olhou furioso. Suas narinas dilataram-se. —Saia de cima de mim.

Lá estava aquele fogo delicioso. —Você me atacou, padre.

Ele se contorceu novamente, seus quadris roçando os joelhos de Vitari. Vitari mudou de posição, prendendo Francis contra o colchão, e mais uma vez Francis congelou. Ele respirava como se estivesse furioso e seus olhos ardiam com uma raiva sacerdotal justa. Vitari provavelmente deveria deixá-lo ir. Ele não tinha intenção de machucá-lo, mas então sentiu o corpo tenso de Francis imprensado entre os joelhos de Vitari, e a batida firme de seu pulso contra a mão

de Vitari, e talvez, apenas talvez, em algum lugar daquela cabeça perfeitamente inocente, Francis quisesse *isso*.

A maneira como seus olhos ficaram malvados quando ele observou Vitari mais cedo na piscina, e como ele se tornou sarcástico depois... Ele ficava irritado quando estava com medo, ou confuso, como agora.

E se Vitari o testasse um pouco, uma pequena provocação... só isso?

Ele abaixou a cabeça, misturando a respiração acelerada de Francis com a sua mais lenta. Os olhos de Francis se arregalaram, os cílios tremulando e seus lábios se separaram, exatamente como fizeram na cozinha do iate, quando Vitari tirou a franja dos seus olhos. Vitari molhou os lábios, bem devagar, e os grandes olhos castanhos de Francis acompanharam o movimento, absorvendo-o como um homem sedento. Tudo bem, isso era... alguma coisa, e era muito quente. Francis estava duro? Porque Vitari estava. Ele perderia a cabeça se Vitari se abaixasse e o tocasse? Ele queria isso? Vitari hesitou, mas apenas porque essa antecipação era boa – o desejo, o momento antes de os limites serem traçados e as linhas serem cruzadas. Até agora, eram apenas dois homens; nada aconteceu, apenas uma tentativa tola de Francis de nocauteá-lo.

—O que você quer, padre?— Vitari sussurrou, quase certo de saber a resposta. As palavras passaram pelos lábios de Francis. Ele poderia virar a cabeça; ele poderia dizer não. Vitari não o impedia de falar o que pensava.

Vitari acariciou os lábios de Francis, cutucando-o um pouco, para ver se ele respondia. Suas respirações se misturaram, mais rápidas agora. A pele de Vitari zumbia e seu pau pendia para baixo em sua cueca, roçando o tecido quente. Ele ainda não tinha encostado seu pênis em Francis, sentindo que isso poderia ser um passo longe demais. Mas se o padre já não estivesse duro, suas pupilas dilatadas

sugeriam que ele estava no caminho certo. Deus, Vitari ansiava por tocá-lo. Ele estava ali, preso, pertencente a Vitari. Tudo o que ele precisava fazer era dizer a palavra e Vitari lhe proporcionaria uma noite que jamais esqueceria. Uma noite como nenhuma outra. Todas as maneiras pelas quais ele poderia fazer o padre Francis Scott ofegar, gemer e implorar por mais... Será que ele era um fundo desinibido? Ele o deixaria virá-lo e fodê-lo com força no colchão? Só o pensamento fez o pau de Vitari pingar.

—O. Que. Você. Quer.

Vitari passou a ponta da língua sobre o lábio inferior de Francis, e o gemido estrangulado de Francis pode ter sido o som mais doce que Vitari já tinha ouvido. Aquilo não foi um gemido de medo ou desgosto – esse gemido foi um som nascido de uma necessidade pura e desesperada.

Vitari baixou os quadris, cavou seu pau contra a cavidade do quadril de Francis, através de suas roupas, e foda-se se ele não sentiu a forte cutucada do pau de Francis sondando sua virilha. Agora ele tinha alguma coisa, agora tinha a prova de que Francis não era tão doce e inocente como tentava tanto ser. Ele também era apenas um homem, cheio de fraqueza e desejo, cheio de falhas e erros. E Vitari queria lambe cada centímetro de seu corpo pecaminoso para limpá-lo. Ele queria foder? Ele chuparia seu pau entre aqueles lábios doces? Um sessenta e nove?

Porra, Vitari estava indo muito à frente. Francis estava petrificado com Vitari, ou com medo de como ambos eram duros e o que isso significava.

Vitari poderia ter mais sorte indo suavemente, mas iria matá-lo não perder a porra da cabeça e derrubar todas as barreiras de Francis.

—Não é tão inocente, não é? — Vitari chupou o lábio de Francis entre os seus e depois mordiscou. Padre Scott estremeceu. Sua respiração cortava seu nariz, mas foi a ação brusca do quadril que fez Vitari morder o próprio lábio. O pau de Francis esfregou o de Vitari. Ele sabia disso?

Quando foi a última vez que alguém o tocou?

Vitari persuadiu Francis a abrir a boca com a língua – sugando, mordendo – mas como Francis não parecia muito interessado em perseguir um beijo, Vitari passou a língua pela mandíbula, girando-a sob a orelha. E a cada respiração, Francis estremeceu ou se contorcia ou apertava seu pau com mais força contra o de Vitari. Eles nem estavam fazendo nada, mal se tocavam, e foi o carinho mais quente que Vitari já experimentou.

Ele libertou o pulso de Francis e Francis soltou um suspiro em staccato. Esse suspiro foi uma rendição. Ele estava lutando sua própria batalha por um tempo. Mas embora Vitari pudesse chupá-lo a noite toda e parecesse que os quadris de Francis tiveram a ideia certa, o resto dele claramente não estava no jogo.

Vitari havia libertado o pulso, mas ainda não se moveu. E quando Vitari se apoiou nas mãos, Francis olhou através dele, através do teto e adiante.

Ele poderia atacá-lo, mas com apenas metade de Francis na sala, não parecia certo.

Era hora de recuar, mesmo que isso lhe doesse, ou que doesse mais em seu pau. Mesmo assim, ele tinha a própria mão para terminar, e com o gosto de Francis nos lábios e o padre enchendo sua cabeça, sua mão seria mais que suficiente.

Vitari suspirou em sua própria rendição, endireitou-se nos braços e se afastou.

Os dedos finos de Francis apertaram seu pulso, sobre a tatuagem de arame farpado, e puxaram Vitari para baixo. Sua outra mão segurou a nuca de Vitari e, de repente, a boca de Francis queimou a de Vitari. Sua língua empurrou, selvagem e açoitadora, e porra – era como se algum interruptor tivesse sido acionado na mente de Francis. Ele ganhou vida e estava faminto.

Vitari agarrou seu rosto e depois suas costas, puxando-o para seus braços. Francis moveu-se com ele, balançando-se para mais perto, buscando mais. Vitari precisava dele nu, precisava senti-lo tremendo sob suas mãos, sua boca, precisava beijar as batidas de seu coração.

Ele se endireitou, montando nos quadris de Francis, e abriu rapidamente os botões da camisa. Com o peito exposto, Vitari caiu e lambeu a extensão de pele abaixo, perto da cavidade do osso do quadril. Os dedos de Francis se enfiaram em seu cabelo e torceram, direcionando-o para baixo, em direção ao seu pênis. Vitari não precisou de mais incentivo. Ele abriu a braguilha da calça de Francis e exalou o calor firme de seu pau através da cueca. O cheiro doce de seu pré-sêmen destruiu qualquer noção de ir devagar.

Vitari puxou a cueca boxer de Francis para baixo, expondo o comprimento fino de seu pau, e o chupou em sua boca. Francis resistiu, arqueando-se para fora da cama. Ele jogou as mãos de cada lado dele e agarrou os lençóis, apertando-os em seus punhos. Deus, ele era uma visão, perdido e encontrado ao mesmo tempo, entregando-se a Vitari como um sacrifício, como Cristo na porra da cruz. E Vitari o pegou, chupou, acariciou, lambeu a cabeça de seu pau e bombeou. Vitari queria que ele gozasse e não iria parar até que o destruísse.

Francis ofegou; seu corpo ágil estremeceu e tremeu.

Vitari o lambeu profundamente, chupou suas bolas e trabalhou sua língua até o eixo denso, encontrando o olhar intenso de Francis sobre ele a cada centímetro do caminho. Caramba, ele era gostoso, olhando para Vitari daquele jeito, como se o odiasse, mesmo enquanto Vitari o chupava.

Vitari agarrou seu próprio pau com a mão livre e bombeou. Ele precisava disso, precisava de alívio, e enquanto chupava e trabalhava Francis entre seus lábios, ele perseguiu sua própria euforia, alternando entre dar atenção ao pênis de Francis e ao seu próprio. Bombeando e lambendo, e fodendo seu punho, e chupando o pau de Francis, mais forte, mais rápido.

Então Francis jogou a cabeça para trás, seus gemidos agora vindos em ondas. Chega de brincadeira. Vitari apertou seu eixo entre os dedos e bombeou, envolvendo-o com a língua ao mesmo tempo, chupando com força. Francis tentou resistir, mas nem mesmo Deus o impediu de gozar.

Porra salgada atingiu o céu da boca de Vitari. Ele engoliu, puxou e bombeou o resto da liberação de Francis, observando o esperma cremoso jorrar de seu pênis. Francis estremeceu e engasgou, seu orgasmo o dominando.

Sem pensar, Vitari agarrou seu próprio pau. Não demorou muito, algumas estocadas rápidas, e ele gozou com muita força, derramando-se sobre as calças de Francis, sobre sua coxa. Ele gostou de ver o esperma nele, queria lambê-lo, mas então percebeu a expressão tensa de Francis caindo sobre eles como uma porta batendo.

Francis saltou da cama, tropeçando nos próprios pés, e saiu correndo do quarto.

Vitari olhou para a porta aberta, ainda zumbindo. O que diabos ele fez de tão errado? Ele esfregou o peito, sobre o coração. A culpa de Francis era problema dele. Vitari não tinha tais escrúpulos.

Pelo menos com Francis, tudo o que acabaram de fazer seria mantido entre eles. Não havia nenhuma maneira de o padre Francis Scott contar a uma única alma como havia perdido sua porra para Vitari.

Ele caiu de lado e enterrou o rosto nos travesseiros, respirando o cheiro persistente de Francis. De qualquer forma, não importava, era apenas sexo, algo para passar o tempo enquanto esperavam pela coleta.

Ele rolou de costas e suspirou, depois lambeu os lábios, sentindo o gosto de esperma, e sorriu. Ele fechou os olhos, fodido e gasto. O sono o levou em segundos.

CAPÍTULO ONZE

Francis

Não importava quanto tempo ele ficasse sob os jatos quentes do chuveiro, seu pecado não seria eliminado. A culpa se instalou, como sempre acontecia. Ele deveria ter sido melhor, mais forte. Ele não era digno. Ele nunca seria digno. Ele estava quebrado. Ele sempre esteve quebrado. Ele pensou que ser padre iria consertá-lo. Isso foi o que lhe disseram. Deus iria consertá-lo; ele apenas tinha que estudar muito, obedecer aos seus superiores e ajoelhar-se ao serviço de Deus e da Igreja.

Mas ele não foi consertado. Ele era o mesmo de sempre.

Ele fechou os olhos e viu Angel chupando seu pau. Ele o provou nos lábios, pôde sentir seus beijos vibrantes sob a orelha, descendo pelo pescoço. E ele estava duro novamente. Seu maldito corpo estava conspirando contra ele! Por que ele não conseguia se controlar?

Este foi o castigo por duvidar de Deus, por duvidar de tudo e por desistir.

Ele deixaria Angel ficar com ele. Francis estava sob seu comando, e ele tentou dizer não, ele realmente tentou, mas Angel estava sobre ele, nu e duro, e Deus, ele estava desesperado e fraco. Ele não podia nem alegar que Angel o havia dominado. Francis poderia ter dito não. A qualquer momento. Aqueles olhos

escuros, eles olharam para ele, imploraram, zombaram e o tentaram. Mas eles também pediram permissão. E Francis disse sim com o seu corpo.

Ele não podia culpar Angel por isso. Foi tudo culpa de Francis.

Ele quase não dormiu e, quando ouviu Angel fazendo barulho pela cozinha, fechou os olhos com força e torceu para que a cama o engolisse. Mas ele teria que enfrentar o homem cujo esperma manchou suas calças, que tinha o pau de Francis na garganta.

Talvez ele não dissesse nada. Seria apenas uma coisa que aconteceu. Se nenhum deles mencionou isso, então não precisava existir.

Quando Francis saiu do quarto, a vista para o mar além das janelas tornou-se cinzenta e furiosa, e o mar ficou com uma cor azul escura e agitada. Angel estava no pátio, falando ao telefone. O vento soprava em sua camisa aberta e varria seus cabelos, e vislumbres de seu peito e abdômen perfeitos cantavam para Francis como o canto de uma sereia. Por que ele tinha que ser tão *lindo*?

Francis ligou a máquina de café e ouviu-a gorgolejar. Concentrar-se nisso significava que ele não teria que observar Angel andando de um lado para o outro, ou admirar como suas calças de cintura baixa se agarravam aos quadris estreitos.

Francis deveria ter batido na cabeça dele com a pedra.

Ele nem tinha sido capaz de fazer isso!

A porta deslizante de vidro sibilou e Angel voltou. Ele não parecia presunçoso. Ele não estava sorrindo. Nenhum sorriso. —Então, sabemos quem era a mulher, — disse ele. —O nome Victoria Chance significa alguma coisa para você?

—Não, eu não acho que saiba.

Ele estremeceu. —Não, eu não pensei que seria. Ela é – era – uma prostituta, acompanhante, tanto faz. Normalmente ela está em Londres e atende uma clientela específica. Políticos, celebridades, etc.

A pobre mulher provavelmente também não teve escolha na vida. —Crime organizado?

—Sim. Ela está ligada aos DeSica, as mesmas pessoas que estão atrás de você. — Ele começou a andar. Seus sapatos batiam nos azulejos, como fizeram em St. Mary, quando ele se ajoelhou no altar. O cérebro sonolento de Francis forneceu inutilmente a imagem de Angel caindo sobre ele. Ele lhe deu as costas e começou a preparar o café.

—Mas há uma razão pela qual ela estava lá e uma razão pela qual a mataram no seu cemitério.

—As pessoas vêm à igreja por vários motivos, mas a maioria vem em busca de ajuda. — Francis olhou para trás e encontrou Angel se aproximando.

Ele entregou o café a Angel. Não precisava haver nenhum motivo por trás disso. Nada disso precisava ser estranho ou desconfortável. Apenas dois homens. Bebendo café. —Eu não sei quantos açúcares você ingere, mas como você está muito longe de ser doce, eu te dei, uh... dois.

Angel franziu a testa, pegou a xícara e sorriu enquanto bebia. —Dois está... bem.

Isso foi... ok. Era normal. Eles não precisavam mencionar a noite passada. Melhor se concentrar na situação deles do que nos erros que cometeram. Isso não significou nada; foi apenas uma... viagem pelo caminho da vida.

—Os DeSica não estavam em sua cidade antes de mim, mas suspeito que Victoria estava, — continuou Angel. Ele se encostou no balcão, relaxando. —Acho

que ela veio até você por um motivo específico, e eles a mataram por isso. Agora eles têm um cadáver e a polícia, e eles mostraram sua posição, então eles tinham que interrogá-lo. Você tem certeza de que não a conhecia?

—Não.— Ele se lembrou do rosto dela quando tentou virá-la na grama. Agora que ele conhecia a vida em que ela estava envolvida, desejou que ela tivesse conseguido passar pelas portas da igreja. Ele poderia tê-la ajudado. Porém, havia algo nela, algum pequeno tique irritante no fundo de sua mente. Como se... talvez ele a conhecesse, mas de onde? —Suponho que ela possa ser familiar, mas não tenho ideia de onde.

—Ela não tinha nada com ela? Nenhum item pessoal?

—Quero dizer... não que eu tenha visto, mas não é como se eu tivesse vasculhado os bolsos dela...

—Um telefone ou uma bolsa poderiam ter nos contado mais, por exemplo, por que ela estava vindo até você, especificamente.

Francis deixou Angel na área da cozinha e sentou-se na beira do sofá, preferindo manter distância entre eles para poder pensar sem toda aquela *distração*. —E quanto a Stanmore? Poderia ter alguma coisa a ver com isso?

—Não, — disse Angel, depois voltou a andar.

—Eles perguntaram onde eu nasci, como se isso fosse importante.

—Eles estavam apenas tentando ter certeza de que você era o padre certo, aquele que eles tinham ordens de interrogar e matar. Não é nada. Mas eles *realmente* querem colocar as mãos em você. Então ou você sabe algo que eles não querem que seja revelado ou você *é* algo que eles não querem que seja divulgado. Mas você não tem nenhuma ligação com a máfia, certo?

—Não.— Francis tomou um gole novamente. —Quero dizer, eu acho que não.

—Ou você faz ou não.

—Não, eu não. Eu disse que não. Sou apenas um padre.

—É muito importante. Não há nada, você tem certeza? Você não recebeu, não sei, uma confissão de um chefe da máfia?

Por que ele se sentiu como se estivesse sendo julgado? —Só você, — ele murmurou.

Angel parou de andar e inclinou a cabeça. —Eu não confessei para você.

—Você estava prestes a fazer isso.

Que pecado o trouxe aqui?

Você fez.

—Não, eu... não estava, — Angel zombou. —Eu não preciso de algum poder superior para me perdoar. Você entende isso, certo? Você e eu, não somos iguais. Faço o que faço porque gosto. Eu não sei por que diabos você faz o que faz, porque isso parece te deixar miserável todos os dias da sua vida.

Angel não sabia *nada* sobre ele. E ele estava errado. Francis não estava infeliz. —Isso não é verdade.

—Não é? Você esqueceu, padre, eu o observei por uma semana. E isso foi o suficiente para saber que você odiava vestir aquela batina. Você disse sim para todos quando queria mandar todos se foderem. Você terminou. Naquela noite em que eu orei no altar, sabe o que eu orei? Eu orei por você, porque sua vida parecia um inferno.

O coração de Francis sacudiu as costelas. Como Angel sabia, como ele tinha visto... a verdade? —Você não sabe nada sobre mim. Você é um bandido, você

nem tem uma alma que valha a pena salvar...— Francis se interrompeu de repente, envergonhado e perturbado por ter dito tais coisas. Ele se levantou e quis retirar as palavras de alguma forma. —Eu não quis dizer...

Angel deu uma de suas risadas descuidadas e resmungou: —A diferença é que eu sei que minha alma está baleada. O que aconteceu com você, hein, para arruinar a sua?

—Nada.— Sem ter para onde ir, Francis sentou-se e abraçou seu café. *Tudo.*

—Não se preocupe, tudo isso acabará em breve. Eu mesmo atirarei em você para acabar com seu sofrimento.

—O que?

—Uma figura de linguagem.— Seu sorriso estava de volta. Aquele frágil, olhe para mim. Cheio de mentiras. —Eu não vou atirar em você.

Angel achou que isso era uma piada? Ele sequestrou Francis, trouxe-o para cá, fez coisas terríveis com ele. Francis bateu o café na mesa, espalhando-o pelos dedos e pela mesa. —Eu deveria ter batido em você com aquela pedra!

—Então eu não teria chupado você.— Angel se lançou, empurrou Francis no peito, forçando-o contra as almofadas do sofá, e se apoiou nele, com o rosto a centímetros de distância. —Isso é esperma nas suas calças, padre?

Francis mostrou os dentes com escárnio. —Você se aproveitou de mim.

—Você está certo, eu aproveitei seu pau na minha garganta.

Francis deu um tapa com a mão aberta e acertou com força no rosto de Angel. Francis engasgou e, no momento entre um segundo e outro, o coração de Francis parou. Sua palma queimou. Ele bateu nele *com força*. Angel lentamente

nivelou o olhar e depois lambeu o canto do lábio. O sangue brilhava em sua língua.

—Oh, padre, você não deveria ter feito isso.

Ele atacou. Sua boca bateu contra a de Francis. Sua língua empurrou para dentro. Francis engasgou, tentou se afastar, virou a cabeça, mas então a boca de Angel estava roçando sua mandíbula, seus dentinhos mordiscando, e uma cascata de arrepios traiçoeiros correu pela espinha de Francis, acumulando-se em seu pênis. Ele não queria isso. Ele gritou, mas nenhum som veio, porque o desejo maior, raivoso e mais desesperado anulou aquela pequena voz de negação.

Ele precisava disso; ele precisava tanto disso que iria rastejar para fora de sua própria pele para consegui-lo. Ele queria Angel nele, com ele, queria ser fodido e mordido, e queria Angel de joelhos novamente, olhando para Francis, implorando, enquanto Francis enterrava seu pênis entre os seus lábios repetidamente. Ele queria foder a boca sorridente de Angel, foder como um animal.

Ele agarrou a camisa aberta de Angel, tentou empurrá-lo, mas puxou-o para perto. —Oh Deus.— E ele beijou Angel, quebrando os lábios juntos, fodeu com a língua. Eles balançaram – loucos, ásperos, empurrando, agarrando. Ele também estava com medo, com medo disso e de sua insanidade, e com medo de Angel e desses sentimentos estranhos que ele tinha por um homem cruel, assassino e pecador.

Angel se libertou, montou nas coxas de Francis e sussurrou em seu ouvido: —Vou arruinar você, padre.

O suspiro que saiu de Francis foi o tipo de lamento animal sem fôlego que homens adultos não deveriam fazer. Isso era tão errado que até as palavras

estavam erradas, implicando coisas terríveis e maravilhosas. Ele *queria* ser arruinado. Oh Deus, Angel iria levá-lo direto para o Inferno, e ele iria para lá por sua própria vontade.

Angel o segurou, a mão quente no peito de Francis. Com a outra mão, ele desabotoou as próprias calças, depois agarrou a mão esquerda de Francis e enfiou-a na cueca. Um pênis firme, quente e ereto preencheu seu aperto. Angel sorriu e começou a se mover, e então Francis se moveu também, deslizando seu controle sobre o pau de Angel. E estava bem ali, entre eles, rosado e vazando esperma perolado. Ele queria provar, lambe, mas estava preso, preso sob Angel e à sua mercê. De alguma forma, isso tornou tudo isso mil vezes pior e mais enlouquecedor. Mas também melhor. Nada fazia sentido. Foi tudo uma loucura.

Angel jogou os ombros para trás e fechou os olhos. Ele balançou os quadris no ritmo da mão de Francis, deslizando seu pau entre os dedos e o polegar de Francis – tão molhado que não precisava de lubrificante. Angel era lindo assim. Com os olhos fechados, ele não viu como Francis observava cada pequeno tique de seu sorriso pecaminoso e como sua língua se estendia, tocando seus lábios. Ele era livre, mais livre do que Francis jamais havia sido. Essa liberdade estava estampada em seu rosto. Bênção. Ele não odiava isso; ele não se sentiria culpado quando isso terminasse. Ele fodeu a mão de Francis com abandono.

O ciúme era uma farpa amarga nas entranhas de Francis. Ele nunca foi tão livre. Ele odiava Angel de novo, mas queria ser ele também. Ser tão livre que nada importasse. Estar tão em paz consigo mesmo que pudesse sorrir como se o mundo lhe devesse mil favores.

Talvez Angel estivesse certo. Francis esteve no Inferno.

Em uma onda de ódio, talvez medo, e muita necessidade, ele empurrou Angel, mas o guiou para baixo também, colocando Angel no sofá. E com Angel olhando curiosamente para ele, Francis se arrastou e pegou o pênis grosso e cheio de veias entre os lábios, onde ele precisava que estivesse. Angel tinha um gosto quente e era mais largo do que ele esperava. E se ele amordaçasse? E se ele não pudesse acomodar isso? Angel empurrou, e todas essas preocupações desapareceram, empurradas para fora enquanto o pau de Angel descia por sua garganta. Ele engasgou, retirou-se e depois lambeu a saliva e pré-sêmen do pau quente de Angel.

Angel usou a mão e a boca no pau de Francis na noite passada, e Francis fez o mesmo agora, fazendo-o gemer.

—Porra, padre, quem diria que você dava um boquete tão bom?

Ele não queria conversar. Ele queria fazer Angel gozar com tanta força que perderia a cabeça.

Francis chupou com força, esfregou, bombeou, ouvindo a respiração entrecortada de Angel e como ele estremecia. Ele estava perto e tinha os olhos fechados. Ele agarrou o ombro de Francis, guiando seu passo, acelerando-o.

—Porra, sim.— Os olhos de Angel se abriram e ele olhou para Francis e sorriu. —Você vai engolir?

Houve aquele tom zombeteiro novamente, desafiando Francis a fazer isso. Ele balançou a cabeça, trabalhando no pau de Angel. Sua mão queimou com a ação repetitiva, mas Angel não estava ganhando. Sim, ele ia engolir. Angel deve ter visto o fogo nos olhos de Francis, e foi a cutucada final, derrubando-o. O bombeamento rítmico de Angel falhou. Porra salgada atingiu a língua de Francis. Ele engasgou e engoliu por despeito, fingindo odiar tudo, quando na verdade seu

próprio pênis estava em pé e exigindo, tão duro como nunca foi, sua pressão insuportável, como se ele pudesse gozar com um único golpe.

Angel saiu de baixo de Francis, colocou-o de joelhos e enfiou a língua em sua boca, onde seu próprio pênis estava segundos antes. A língua de Angel girou e Francis empurrou para trás, tomando o melhor que pôde, e então Angel agarrou seu pau e deu três bombas rápidas e devastadoras que dispararam uma onda de luxúria selvagem nas veias de Francis. Ele gozou com força, agarrando o braço de Angel para não cair contra ele.

Angel apertou, torcendo-o, fazendo doer, mas de um jeito estranhamente bom. Francis sibilou e estremeceu, libertando seu pau dos dedos encharcados de esperma de Angel.

Angel ergueu os dedos e lambeu, os olhos escuros absorvendo o choque no rosto de Francis.

Francis não sabia o que era isso. Parecia ódio quando viu Angel chupar os próprios dedos para limpar o esperma, mas também parecia liberdade, parecia como se tivesse cruzado uma linha e não quisesse voltar.

Seja lá o que fosse, ele poderia estar perdido. E talvez ele não quisesse ser encontrado.

CAPÍTULO DOZE

Vitari

Padre Francis Scott pode ter sido a melhor foda que ele já teve, e tudo o que eles fizeram foi chupar um ao outro. Havia algo de poético nos olhos do padre quando ele gozou, como se sua rendição significasse mil vezes mais do que os típicos encontros do tipo foda-me rápido atrás das grades decadentes.

Ele não queria ser lírico, mas Francis fodeu com todas as suas emoções em seu rosto, lá fora, para Vitari ver e beber. E ele odiava o que eles estavam fazendo. Ele também odiava Vitari na maior parte do tempo, mas também precisava de sexo, como um homem faminto precisava de sustento. E então Vitari iria dar a ele. Repetidamente.

—Isso não aconteceu. Isso não pode acontecer novamente, — disse Francis.
—Nunca.

Ele queria isso. Mas agora ele estava tendo uma crise, provocada pelo momento em que Vitari lambeu o esperma de Francis.

Ele empurrou Angel para longe dele e ficou de pé, mas não tinha para onde correr. Ainda nem era noite, então os pecados de Francis estavam no quarto com eles, em plena luz do dia. Seu rosto estava vermelho, suas sardas ressaltadas. Ele rosnou como se pudesse quebrar alguma coisa. Angel recostou-se no sofá e observou o padre saltar pela sala, andando de um lado para o outro, cada passo

como um martelo num prego. Ele definitivamente iria quebrar alguma coisa, talvez ele mesmo. O homem estava se desfazendo e talvez Angel devesse sentir alguma culpa por sua participação nisso, mas tudo o que ele sentia era satisfação.

Francis pegou a caneca de café e atirou-a nas portas de vidro.

Lá estava. A raiva. Ele a manteve enterrado profundamente, tão profundamente que o mundo raramente a via. Mas Vitari testemunhou isso agora.

A caneca explodiu. O café respingou no vidro temperado e caiu no chão. — Nunca mais! — Francis gritou. — Entendeu?

— Claro. — Angel guardou seu pau. Talvez ele sentisse algo se contorcendo por dentro, algo como culpa? Eles se divertiram, até que a próxima discussão irrompeu. Ele saiu, deixando Francis andando de um lado para o outro, murmurando e orando.

As nuvens cinzentas de antes haviam se dissipado, deixando o oceano brilhando como diamantes em seda azul. Agora Vitari estava ficando todo poético. Francis devia estar passando para ele. Ele riu da própria piada e saiu do pátio, tomando o velho caminho coberto de vegetação que descia a encosta, em direção aos penhascos. Ele sempre odiou esta casa. Estava muito isolado, muito solitário. Mas hoje, apesar de Francis ter perdido a cabeça lá atrás, Vitari sentiu-se estranhamente em paz. Provavelmente endorfinas por ter seu pau sugado por alguns dos lábios mais doces que existem. Aqueles lábios talentosos provaram que Francis não era virgem. Vitari se perguntou – com todo o negócio do padre – se ele teria passado a vida toda preso. Não há muito tempo para brincar e descobrir se você está na escola sacerdotal. Ou talvez tivesse havido, porque Francis não era novato em chupar pau.

Talvez a escola sacerdotal fosse exatamente onde ele aprendeu isso.

Ele sabia em primeira mão que os padres não eram todos os exemplos brilhantes de celibato que afirmavam ser. Vitari fungou, chutou um tufo de grama e semicerrou os olhos para o sol, mas mesmo naquele lugar distante, ele ainda podia ouvir a fechadura tilintando como um sino badalando de seu passado. Ele se encolheu. Apenas uma memória. Não precisava tocá-lo aqui, quando ele estava tendo um maldito momento, admirando o mar, seu corpo ainda ligado ao sexo.

Ele não tinha planejado transar com Francis novamente. A noite anterior tinha sido interessante, mas hoje ele precisava se concentrar em entrar em contato com Sal, para descobrir o que realmente estava acontecendo com Francis. Então Francis se arrastou para fora da cama, com olhos sonolentos e cabelos desgrenhados, e fez café para Vitari, dizendo alguma bobagem sobre a doçura que tinha feito coisas estranhas nas entranhas de Vitari. Depois disso, a merda foi por água abaixo, terminando com o tapa, que ainda ardia. E não havia nenhuma maneira de Vitari deixar algum padre com olhos de corça lhe dar um tapa. Então ele o beijou, porque naquele momento parecia a coisa certa.

Estava começando a parecer que sempre que ele se aproximava de Francis, ele queria transar com ele em vez de matá-lo. O que definitivamente *não poderia* ser uma ocorrência contínua.

Algo brilhou na grama mais abaixo na encosta. Ele estreitou os olhos, olhando para o brilho do oceano.

Alguém estava lá embaixo. Eles tinham um escopo ou binóculos. Se fosse uma mira de rifle, Angel estava fodido. Não havia cobertura e ele se destacava ao

ar livre. Mas como ele ainda respirava, quem quer que estivesse lá fora ou não o queria morto – ainda – ou ele não era o alvo pretendido.

Ele fungou novamente e caminhou na direção do convidado, tomando cuidado para não avisá-los de que os havia visto. Ele não viu o brilho novamente. Talvez não tenha sido nada, apenas uma garrafa jogada na grama?

Os arbustos farfalharam e uma figura fugiu.

Vitari correu atrás dele, saltando algumas pedras e se aproximando do homem que fugia.

Ele virou para a esquerda, Vitari avançou, interrompendo-o, e derrubou-o no chão. Ele deu um soco nele uma vez, com força no estômago, deixando-o sem fôlego, e prendeu-o no chão. Ele o revistou em busca de armas.

Sem arma ou binóculos. Ele poderia tê-los deixado cair. De qualquer forma, Vitari o tinha agora. —Quem é você e que porra você está fazendo me espionando? — O idiota olhou furioso, os lábios selados. —Ah, você quer jogar esse jogo? Claro, vamos brincar. —Vitari saiu de cima dele. O cara deu um soco e ganhou um soco no estômago que o tirou da luta. Vitari o agarrou, colocou-o de pé e o levou de volta para a vila.

Ele encontrou Francis ajoelhado na sala de estar, jogando pedaços de caneca quebrada em uma panela. Ele olhou para cima, surpreso ao descobrir que eles tinham um convidado. —Quem é ele?

—Boa pergunta. Vamos descobrir. — Vitari empurrou o homem para o sofá, virou-se, pegou um pedaço de caneca quebrada do chão e marchou de volta para o idiota. Uma faca da cozinha teria sido mais fácil, mas não tão dramático. Ele cortou o pedaço irregular de porcelana na bochecha do homem, abrindo uma linha fina e sangrenta.

O suspiro de Francis abalou os nervos de Vitari. Ignorando o julgamento do padre, Vitari cerrou o punho no cabelo do homem e segurou a ponta da porcelana contra seu pescoço áspero e suado, onde a artéria pulsava. —Vamos tentar isso de novo. Quem é você e por que diabos você está aqui?

Ele tinha a pele mais escura, mais morena que Vitari, e tinha uma barba curta e bem cuidada. Seu rosto não era familiar, então talvez ele não conhecesse Vitari ou sua reputação, porque havia uma clara falta de mendicância saindo dos lábios do homem.

Vitari enfiou o pedaço de caneca entre os dedos, cerrou o punho e deu um soco na barriga do idiota, acertando-o com a ponta afiada. Ele engasgou, e agora o medo apareceu em seus olhos. —Sim, eu absolutamente vou te foder.

—Oh, Deus, — Francis gemeu.

Seu tom irritou a determinação de Vitari. Ele estava *tentando* trabalhar aqui; ele não precisava do olhar justo de Francis pesando sobre ele.

—Vá lá fora e procure uma arma, — ordenou Vitari.

—O que?— Francis respondeu. Ele contornou Vitari, ainda segurando a pá de lixo. O que diabos ele iria fazer com isso? Recolher o interior do homem? Porque do jeito que a merda estava indo, esse bastardo não sobreviveria ao encontro.

—A arma dele, vá encontrá-la. Desça o caminho da piscina. Está lá fora.

Francis sustentou seu olhar. Ele sabia que não estava sendo enviado para encontrar uma arma; ele estava sendo expulso para não ter que assistir Vitari estripar esse homem.

—Você não precisa fazer isso, — disse Francis.

—Vá, — Vitari rosnou.

O padre olhou do rosto de Vitari para o homem sangrando, e se ele recusasse, então eles teriam um problema, e talvez Vitari tivesse que reconsiderar deixar Francis ter sua liberdade. Mas ele se virou e passou pelas portas do pátio.

Vitari observou Francis se afastar o suficiente para não ouvir o que viria a seguir, depois olhou para o homem que ele havia esfaqueado.

O intruso sorriu. —Bicha.

Vitari sorriu. —Está nos observando há algum tempo, não é? Você ficou duro, hein? Me ver chupar um padre?

O homem cuspiu e o de cuspi atingiu a bochecha já dolorida de Vitari. Droga, ele só precisava se abster de matar esse idiota homofóbico por tempo suficiente para obter respostas dele.

—Giancarlo não sabe que seu filho é uma merda, — disse o cara.

—Giancarlo?— Ele não deveria estar ouvindo esse nome, não nos lábios desse idiota. O que Giancarlo tem a ver com isso? Vitari engoliu em seco. —Você é da Battaglia?

O idiota sorriu e fechou os lábios.

Tudo bem então, essa foi a parte onde a gritaria começou. Vitari agarrou o homem pela testa e pressionou a parte saliente da caneca em direção ao seu olho direito. Ele lutou, e o globo ocular brilhante girou, procurando uma saída. —Eles querem que você vá embora! — ele deixou escapar.

As veias de Vitari congelaram. —O que?

—Essa bomba foi feita para você.

A bomba no iate? —Você está mentindo. — Não havia como a família se voltar contra ele. De jeito nenhum. Isso foi algum tipo de manobra dos DeSica. E se esse cara estivesse distraindo Vitari enquanto um parceiro ainda estava lá fora,

na grama? Merda, ele não tinha considerado que poderia haver mais deles. E Francis estava vagando como um cordeiro perdido.

Jesus.

Vitari empurrou o pau. —Você é DeSica. Eu conheceria seu rosto se você fosse da família.

O cara sorriu e enxugou a bochecha, depois cutucou a facada superficial em sua barriga. —Não DeSica. DeSica saberia que você está aqui?

Não, ele estava errado. Talvez eles os tivessem seguido, embora Vitari tivesse verificado se havia sido seguido nos retrovisores do carro quando eles saíram de Puerto Banus.

Ele o estudou e esperou alguns instantes, precisando de tempo para realinhar seus pensamentos em torno dessa nova informação. —Quem te disse onde estamos? Quem mandou você aqui?

Ele encolheu os ombros.

—Não é bom o suficiente!— Vitari o agarrou, jogou-o no chão e pisou em sua mão. Ossos quebraram sob o calcanhar de Vitari e os gritos do homem encheram a vila. Francis pode ter ouvido, mas agora estava feito, e por que diabos Vitari se importava com o que Francis ouvia?

O padre era uma maldita distração.

Vitari colocou o joelho no peito do homem, agarrou-o pelo pescoço com a mão esquerda e ergueu o pedaço irregular da caneca com a direita, travado entre os dedos, com a ponta à mostra. —Bem no pescoço, você vai sangrar em três minutos. É isso que você quer?

Agora ele estava com medo. Já era hora.

—Quem te enviou? Foi Sasha? O chefe DeSica. —Tinha que ser.

—Você não está... ouvindo...— o idiota chiou.

—Não era a porra da minha família!— Vitari latiu. Ele apertou com mais força, fazendo o idiota ofegar. Seu rosto escureceu e seus olhos choraram, ficando vermelhos. Vitari relaxou e o idiota engasgou e engoliu ar. —Tente novamente.

—Salvatore!

—Agora eu sei que você está mentindo, seu pedaço de merda!— Ele puxou o braço para trás e olhou para a artéria pulsante do homem em seu pescoço.

—Não!— Francis latiu.

Vitari hesitou e ergueu o olhar para encontrar Francis atravessando as portas do pátio, com um rifle ao lado. Francis não deveria estar aqui, prestes a testemunhar Vitari matar mais uma pessoa. E ele definitivamente não deveria estar carregando um rifle de caça.

Nada disso deveria estar acontecendo.

—Francis, — Vitari sibilou. —Deixe-me fazer meu trabalho.

—Ele não precisa morrer.— Francis engoliu em seco com tanta força que Vitari ouviu o clique. E então ele ergueu o rifle e mirou Vitari pela mira. Seu dedo pousou no gatilho.

Vitari riu. —Abaixe a arma para que eu possa terminar isso.

—Não.

Porque agora? Por que Francis tinha que fazer essa merda *agora*?

—Eu deixei você matar aqueles homens em St. Mary, — disse Francis, —e você matou a polícia. Não vou deixar você matá-lo.

—Eu matei aqueles homens para salvar você, seu idiota.

Francis zombou. —Não coloque isso em mim.

—A trava de segurança está desligada?

Francis piscou. Ele não sabia onde estava a segurança. Mas ele não baixou a arma e Vitari não conseguiu ver a segurança do seu ângulo. E agora a mão de Francis tremia. Ele ainda estava com o maldito dedo no gatilho. Se aquela arma estivesse preparada, não seria necessária muita pressão para disparar. —Você não vai atirar em mim, Francis. Abaixei a arma.

—Deixe ele ir.

—Você está segurando a arma que ele ia usar para *te matar*!

—Mas ele não fez isso, e ele não precisa matar ninguém, e nem você.

Vitari franziu os lábios. Ele não queria morrer porque Francis não sabia usar uma arma. Ele sabia que seria um pé no saco. —Mi hai rotto i coglioni, — murmurou Vitari, e o espião DeSica riu de suas palavras grosseiras. —Cale a boca.

Francis recuaria se Vitari se abstivesse das ameaças de assassinato e, assim que abaixasse a arma, Vitari simplesmente teria que tirá-la dele. Ele se endireitou e desceu do suposto assassino, depois jogou o pedaço de caneca ensanguentada sobre a mesa de centro.

Francis ainda estava com a maldita arma e, pelo ângulo, o tiro atingiria Vitari no estômago. Ele já tinha visto feridas suficientes no estômago para saber que não queria morrer daquele jeito, segurando as entranhas com as mãos. —Francis, a arma?

—Cale-se!— Francis gritou.

Vitari apertou os lábios e ergueu as mãos. Talvez ele tenha subestimado o quanto as últimas quarenta e oito horas mexeram com a cabeça de Francis.

—Onde estão as chaves do carro?

—Pra onde você vai?

—Em qualquer lugar. As chaves!?

—Balcão de cozinha.— Ele observou Francis contornar a mobília, o dedo ainda roçando o maldito gatilho. —Cuidado com a arma, Francis. Estou fazendo o que você quer e seu dedo está bem perto do gatilho.

Francis pegou as chaves do balcão e correu de volta para as portas do pátio. Ele encontrou o olhar de Vitari, depois olhou para o idiota no chão antes de fugir.

Vitari baixou as mãos e suspirou. Ele poderia deixá-lo ir, mas os policiais iriam buscá-lo, e ou a Battaglia ou os DeSica iriam arrancá-lo de suas mãos antes que os policiais britânicos pudessem chegar para resgatar o padre desaparecido.

O assassino olhou para ele do chão, esperando para ver o que ele faria: perseguir o padre ou matá-lo.

—Porra!— Vitari saiu correndo pela porta, contornou a lateral da villa e ouviu o motor do carro rugir. Ele balançou as pernas, ignorando a ferida ardente na coxa, irrompeu pelo portão e bateu na porta do carro. O carro deu uma guinada para frente, depois para trás e subiu no barranco de grama. Vitari agarrou a maçaneta da porta, enfiou os dedos e abriu-a.

Francis girou o volante e acelerou, girando o carro, levantando poeira e areia e jogando Vitari para longe. Ele saiu do caminho e tossiu em meio à poeira enquanto o veículo acelerava pela pista. Ele poderia tentar correr atrás dele, mas Francis não diminuía a velocidade.

Ele o havia perdido.

Vitari colocou as mãos nos quadris e observou o carro saltar ao longo da pista. —Maldito padre.

Lembrando-se do assassino, ele correu de volta pelo caminho, para dentro da vila, mas o assassino havia fugido.

—Porra!

Vitari ficou no pátio e examinou a encosta árida.

Jesus, que confusão. Ele não estava nem perto de saber por que Francis era um alvo tão quente, e agora os DeSica estavam brincando com ele. Tudo ficou muito *pior*. Ele havia perdido Francis, não tinha ideia do que os DeSica queriam, e agora o assassino havia desaparecido – e ele testemunhado Vitari foder a mão de Francis. Merda como essa poderia matá-lo.

Vitari ergueu as mãos. Ele terminou com os padres. Fodam-se todos eles. E foda-se Francis.

Ele voltou para a villa e tirou o telefone do bolso.

Era hora de ir para casa.

CAPÍTULO TREZE

Francis

Ele tinha feito isso. Ele estava livre.

Ele estremeceu ao volante, apesar do calor. Seus dentes batiam. Mas ele estava livre. Não tinha ideia de para onde estava indo, *mas estava livre* e isso era bom.

O rifle estava no banco do passageiro.

Ele quase puxou o gatilho. Quase atirou em Angel. Ele queria.

Não importava.

Ele estava livre.

Ele dirigiria e... iria para longe. Apenas dirija.

O carro continuou funcionando por algumas horas, até que o sol se pôs e as placas de trânsito exibiam nomes de lugares em espanhol que Francis não conseguia ler. Depois havia postes de luz e duas faixas de tráfego. Ele dirigiu na Inglaterra, mas não no exterior, onde dirigiram no lado oposto da estrada.

Ele atravessou uma cidade movimentada e continuou por outro trecho do campo sem chamar atenção para si mesmo. Ele poderia ter parado e pedido ajuda, mas dada a sua experiência na marina, com os policiais que tentaram atirar nele, ele só queria continuar dirigindo e ficar o mais longe possível de *tudo*.

O indicador de combustível caiu abaixo da barra de advertência laranja e lá fora não havia... nada. Ele passou por alguns barracos com telhado de zinco e por um cachorro errante ocasional. Eles tinham lobos na Espanha? Não. Ele não pensava assim. Coiotes? Por que ele não sabia dessas coisas?

O carro engasgou, tossiu, continuou andando mais um pouco e morreu. Ele rolou até o acostamento e sentou-se ao volante, com os faróis acesos, olhando para a escuridão. Este foi outro teste então. Um salto de fé. Ele tinha fé. Deus não o abandonaria. Deus nunca abandonou os devotos. Ele lhes deu as ferramentas de que precisavam quando precisavam delas. Neste momento, Francis poderia ter usado um telefone. Ou uma lanterna.

Estava tudo bem.

Tudo estava bem.

Ele ficaria com o carro e esperaria até o nascer do sol antes de seguir em frente.

Ele estaria seguro no carro.

Pelo menos ele tinha uma arma.



Os nós dos dedos batendo na janela o acordaram e uma velha de rosto gentil espiou dentro do carro. Ela recitou espanhol fluentemente e sorriu, mostrando lacunas nos dentes.

—Telefone?— ele resmungou.

—Si.— Ela assentiu, então seu sorriso desapareceu. Ela tinha visto a arma no banco do passageiro.

—Ah, não, isso é só... isso não é meu.— Ele riu nervosamente. —Sou padre. Eu não uso... armas.

Ela correu de volta pela estrada e por uma trilha sinuosa em direção a uma fazenda distante. E se ela também estivesse pegando uma arma?

—Deus, conceda-me força.

Ele teria que caminhar. Se ele pegasse a arma, pareceria um maluco. Se ele tivesse deixado a arma, uma criança poderia encontrá-la. Se a polícia o encontrasse *com* a arma, provavelmente atiraria nele.

Ele escondeu a arma debaixo do banco, saiu do carro e começou a andar.

Ondas de calor caíram. Mas ele estava bem, considerando os últimos dias. Poderia ter sido muito pior.

Então... Ele caminharia até encontrar alguém com um telefone e então ligaria para St. Mary. Julia provavelmente atenderia, mas tudo bem, ela chamaria a polícia, e eventualmente eles arranjariam alguém para vir e encontrá-lo aqui... Onde quer que fosse aqui.

Ele olhou para trás. Nenhum carro, nada no céu azul. Apenas luz do dia brilhante.

Ele não tinha água nem comida.

E se Angel o encontrasse?

Não, ele não estava pensando *nele*.

Sirenes soaram ao longe. Então ficou mais alto. Ele semicerrou os olhos para ver a névoa de calor que ondulava na estrada.

Eles não poderiam todos querer matá-lo, poderiam?

Carros de polícia apareceram no morro, um após o outro. Seis ao todo. Bastante. Talvez a gentil velhinha tenha ligado para eles e dito que ele tinha uma arma.

Ele parou e ergueu as mãos, tentando parecer o mais inofensivo possível.

Os carros pararam bruscamente. Homens armados saíram de dentro com coletes verdes com GARDIA na frente. Eles cercaram-no, gritando ordens em espanhol.

—Oh Deus.— Ele não entendia o que eles queriam. —Meu nome é Padre Francis Scott, — ele gaguejou. —Eu sou um padre.— Ele só precisava manter a calma e falar devagar. —Fui sequestrado. — Seu coração disparou. O medo obstruiu sua garganta, tentando sufocá-lo.

Eles o colocaram de joelhos, puxaram seus braços para trás e colocaram algemas frias em seus pulsos. Por que eles estavam armados? Eles o consideravam perigoso? E se ele acabasse numa prisão espanhola? Não, eles teriam que ter tradutores. Não poderiam prender um padre sem justa causa e jogá-lo na cadeia, poderiam?

—Eu sou o padre Scott. Eu sou inglês. Fui trazido aqui por um homem... um homem que trabalha para a Battaglia.

—Nós sabemos quem você é, padre, — disse uma mulher em um inglês com sotaque. Ela saiu das fileiras de oficiais, usando o mesmo colete à prova de balas, mas seu sorriso era gentil. Ela se agachou na frente dele. —Está tudo bem, padre. Você está seguro. Vamos limpar você, sim? E você pode nos contar sobre a Battaglia.



—Como você está se sentindo, padre?

—Muito melhor, obrigado.— Ninguém havia tentado matá-lo ainda.

—Isso é bom, bom.— A policial, que Francis agora conhecia como Catalina Diaz, era especialista em crime organizado e parecia ser o equivalente espanhol de um inspetor-chefe, portanto, uma posição mais elevada do que a maioria na grande delegacia de polícia de Marbella. Ela usava seus longos cabelos escuros e ondulados em um rabo de cavalo prático e conversava com sua equipe em um tom afiado e autoritário. Francis sempre se sentiu intimidado por mulheres poderosas, mas quando ela sorria, o que fazia com frequência, seu traço implacável desaparecia. —Há um contato da Agência Nacional do Crime vindo do Reino Unido. Antes que eles cheguem, Padre, você poderia responder algumas perguntas para nós, senhor?

—Eu não estou preso?

—Não, não. Uma cortesia, — explicou ela. —Ajuda.

Ele estava sentado no que parecia ser uma sala de interrogatório, mas não havia dispositivos de gravação. Apenas cadeiras confortáveis, um bebedouro e uma janela com vista para o centro de Marbella. —Tudo bem, é só que... Havia alguns policiais em uma marina, em um porto, — explicou ele, sem saber se ela conseguia entender tudo o que ele estava dizendo. —Em algum lugar, eu não sei. Foi a algumas horas de onde você me encontrar. Eles, uh... eles eram corruptos, eu acho. Não sei em quem confiar.— Ele se mexeu, desconfortável. De alguma

forma, ele havia sujado os sapatos com areia, provavelmente da trilha da vila, e isso causou bolhas. Tudo doeu. Na verdade, ele só queria ir para casa. Ele colocou as mãos sobre a mesa e cutucou as unhas. —Hum... foram alguns dias difíceis.

—Eu sei e sinto muito por tudo que você passou. Assim que a NCA⁸ o levar para a Inglaterra, perderemos a chance de falar com você, e é na polícia corrupta que você mencionou que estou interessado. E na Battaglia.

Ele assentiu. As pessoas estavam mortas. A justiça tinha que ser feita. —Tudo bem, sim, tudo bem. Eu ajudo.

—Obrigado, padre.

Ela colocou uma pasta sobre a mesa, abriu as travas e retirou uma pilha de fotos de dentro, depois as colocou em fileiras sobre a mesa. —Diga-me se você reconhece algum desses homens.

Ele observou cada foto pousar e estudou suas estóicas fotos. —Oh sim!— Ele apontou para a foto de um dos policiais que atirara nele na marina. —Aquele, ele era um dos policiais.

—Não é polícia, — disse Catalina, gravemente. —DeSica.

—Mas quem são os DeSica?

—Uma das duas grandes organizações criminosas que operam no sul da Itália. DeSica são menores, mas igualmente perigosos. Battaglia é a Máfia, você conhece o termo, sim?

—Sim.— Infelizmente, Angel o esclareceu que a máfia não era um produto de Hollywood e era, na verdade, muito ativa.

—Eles traficam pessoas, drogas, armas, produtos falsificados. Austrália, Canadá, Londres. E Espanha. O que aconteceu com este homem? —Ela bateu na

⁸ Agência Nacional de combate ao Crime.

fotografia do homem DeSica. Ele olhou para o rosto plácido e lembrou-se vividamente de como Angel segurou uma arma sob o queixo do homem DeSica e explodiu seu cérebro por todo o teto do restaurante.

Se ele contasse a ela, eles poderiam acusar Angel, prendê-lo e condená-lo. Com a ajuda de Francis, como testemunha. Era a coisa certa a se fazer. Angel os matou. Ele não hesitou. Ele deveria ser preso. Deveria estar atrás das grades. Mas havia também a Igreja a considerar e a colocação de Francis em St. Mary. Um escândalo como esse seria desaprovado, independentemente do fato de nada disso ter sido culpa dele.

Eles o apoiariam, ele esperava.

E então havia Angel... e o que eles fizeram. Junto. Se Francis o acusasse, ele revelaria o quanto eles foram... íntimos. Francis era padre há apenas alguns meses. Um escândalo como esse arruinaria toda a sua vida.

—Padre?

—Eu, er... eu não... Eles me perseguiram e, uh... havia uma bomba, e o barco... ele, bem, explodiu, e eles estavam... estava confuso, muitas pessoas correndo.— Ele esfregou a testa suada. —Não estou, não sei, é muita coisa para absorver.

—Está tudo bem, pai.— Ela sorriu, e seu coração acelerado desacelerou. —*Esse* homem?

Ela colocou mais fotos enquanto ele repassava mentalmente as dolorosas últimas vinte e quatro horas. Imagens de mais suspeitos, mais rostos inexpressivos, mas lá estava Angel, com uma expressão entediada, olhando para a câmera como se desafiasse quem tirou aquela foto a usá-la contra ele. Mesmo ali,

com seu fundo totalmente branco, seus cabelos e cílios pretos, combinados com aqueles olhos assustadores, prenderam Francis. —Eu, ah...

—Este é o homem que levou você?

Ela tinha que saber que era. —Sim, — ele disse calmamente.

—Angel, sim?

—Sim, ele disse que seu nome era Angel.

—Sim, sim.— Ela recostou-se na cadeira. —Este homem... Ele é Vitari Angelini, Angelo della Morte, Anjo da Morte. Filho de Dom Giancarlo Ciani. Você tem muita sorte. Vitari Angelini é um criminoso muito perigoso.

Sim, ele mesmo chegou a essa conclusão. Mas ele não tinha ideia de que Angel – Vitari – era *filho de um chefe da Máfia*. Ele estava levando Francis de volta à Itália para ver *seu pai*.

—Eles iriam pedir resgate por você?— ela perguntou.

—Resgatar-me?— Quem pagaria? Ele não conseguia imaginar que a Igreja se mancharia com tais coisas, e ele não tinha família e tinha muito pouco dinheiro. —Não sei. Ele não disse, realmente. Ele parecia querer evitar que o DeSica me encontrasse, mais do que qualquer outra coisa. Foram eles que vieram à minha igreja. Na Inglaterra. Os corpos... eu... eles... — Ele tocou a testa novamente e a cicatriz onde havia batido no banco. Isso parecia ter sido há semanas, não apenas alguns dias.

Seu coração batia forte como um pássaro preso em seu peito. Ele não poderia fazer isso, ainda não. —Sinto muito, está tudo confuso.

Uma batida na porta o sacudiu e uma mulher mais jovem enfiou a cabeça, disse algo em espanhol e saiu novamente.

Catalina reuniu suas fotos e as guardou dentro de sua maleta. —Eu gostaria de falar um pouco mais com você, talvez quando você estiver instalado na Inglaterra? Si?

Ele realmente queria ajudar, era só... muito. —Sim. Sinto muito, estou me sentindo um pouco... sobrecarregado.

Ela parecia simpática e, diante daquele sorriso genuíno, Francis tentou não soluçar como um idiota.

—Tudo bem, seu contato está aqui.

Ele foi entregue aos cuidados de uma mulher sucinta da NCA, que parecia ser a agência governamental do Reino Unido que lidava com gangues do crime organizado. Ela se apresentou como Priti Sharma e explicou como o levaria imediatamente ao aeroporto, pois era importante que eles deixassem o solo espanhol, o que implica que ele ainda não estava a salvo das garras da Máfia.

Eles deixaram a delegacia em uma carreata de carros sinalizados e chegaram a um pequeno aeroporto, onde um avião bihélice sem identificação os aguardava. Ele embarcou e, em uma hora, eles estavam no ar. Tudo parecia surreal, como um sonho. Mas nada parecia real desde que encontrara o corpo de Victoria Chance no cemitério da igreja. Talvez até antes disso – quando ele se ajoelhou diante da fila de bispos na Catedral de Westminster, prestes a ser ordenado.

Ele olhou pela janela e viu a Espanha encolhendo-se sob eles.

Ele algum dia seria livre?



Eles pousaram no aeroporto London City no momento em que o sol começava a se pôr, pintando o horizonte de Londres com o brilho vermelho do final do verão. Quando o avião pousou em solo britânico, Francis suspirou para aliviar seus nervos em frangalhos. Quase em casa.

—Queremos fazer-lhe algumas perguntas, senhor Scott, — disse Priti, esquecendo-se de que era padre ou preferindo ignorar o fato. Ele não podia culpá-la; ele não parecia nem se sentia particularmente sacerdotal.

Ela juntou suas malas e acenou para ele seguir em frente. —Mas como você estará em boas mãos, estamos muito felizes por você tirar um dia para se recuperar.

—'Mãos seguras'?

—Padre... Hawker, acredito que o nome dele seja, veio buscá-lo.

—Padre Hawker.— Por que Francis sentiu como se tivesse saído de um ninho de vespas para outro? Padre Hawker era muito gentil e prestativo. Francis deveria estar aliviado por estar aqui para ajudá-lo.

Desceram os degraus do avião para o ar gelado de Londres e, enquanto Francis seguia Priti, olhou para frente e avistou o padre Hawker parado com as mãos cruzadas à sua frente, perto de uma das portas de serviço do terminal. O vento puxava sua batina, ondulando-a em torno de seus tornozelos, mas o pano preto abraçava sua barriga gorda. Ele ergueu os braços quando Francis se aproximou e o abraçou sem hesitação. —Meu Deus, você está horrível, Francis.— Ele deu um tapinha nas costas enquanto eles se separavam.

—Eu me sinto péssimo, honestamente.— Ele não esperava um abraço. Ou para ver o padre Hawker em Londres. Toda essa confusão, para Francis.

—Vamos entrar, — insistiu o padre Hawker, ansioso para sair do vento frio.

Eles entraram juntos no prédio usando um túnel de serviço, o que parecia um pouco estranho, mas a mente de Francis estava desgastada pelo estresse e pela falta de sono, e muito pouco fazia sentido.

Ele esperou sentado em uma cadeira de plástico, como um menino malcomportado, do lado de fora da sala do diretor, enquanto Priti e o padre Hawker discutiam sobre o hotel em que Francis ficaria hospedado e o número para onde ligar se houvesse algum problema. Ele deve ter cochilado, porque quando o padre Hawker cutucou gentilmente seu joelho, Priti havia sumido e estavam apenas os dois no longo e frio túnel.

—Francis, sei que você passou por muita coisa e tenho certeza de que só quer que toda essa provação acabe. Mas temo que haja uma grande multidão de repórteres na frente do aeroporto, e parece que o arcebispo gostaria que você estivesse apresentável quando ele o cumprimentar diante das câmeras.

Muito pouco do que ele acabara de dizer fazia algum sentido.

Padre Hawker estendeu uma pilha de pano preto dobrado e fez uma careta.
—Desculpe.

Não apenas pano, uma batina.

Ele queria que Francis usasse batina, agora? Eles haviam pousado há poucos momentos.

—Uh, eu uh...— Francis levantou-se e pegou a pesada batina. —Agora?

—Sim.

Suas próprias roupas – as que ele pegou emprestadas de Angel – estavam imundas. Pelo menos as calças estavam tão manchadas que já não se notavam quaisquer marcas incriminatórias. —Um banho primeiro, certo?

Padre Hawker franziu a testa. —O Arcebispo Montague está esperando.

Montague estava aqui. O coração de Francis acelerou novamente e de alguma forma bateu forte em seus ouvidos e em seu peito.

Padre Hawker consultou o relógio. —Ele está esperando há algum tempo.

Francis não tinha escolha. Foi tão simples. Ele deveria vestir a batina e ser o padre que todos esperavam que ele fosse.

— Sim, sim — murmurou ele, consciente da crescente impaciência do padre Hawker. Recolhendo o manto, ele o jogou sobre a cabeça e o puxou para baixo. Ele era abotoado perto do pescoço, para que ninguém notasse que ele não estava usando branco por baixo. Padre Hawker entregou-lhe o duro colarinho branco. Ele pegou e se encolheu com a lembrança nítida de Angel jogando sua velha no lixo em uma parada de descanso.

—Francis?

Por Deus, ele só queria acabar com isso. —Estou bem. Sim. Estou bem.— As batinas eram sempre pesadas, mas esta parecia particularmente pesada. Ele seguiu em frente, presumindo que o padre Hawker o guiaria no caminho correto, e viu seu reflexo nas paredes de vidro. Além do corte na testa, dos hematomas e do fato de ele não estar usando meias, nada havia mudado. Ele ainda era o padre Francis Scott, recém-ordenado, recém-saído da escola sacerdotal – como diria Angel.

Uma estranha bolha de risada tentou sair de seus lábios, o que definitivamente não aconteceria. Ele tinha de cumprimentar o arcebispo com equilíbrio e graça, aparentemente na frente dos jornalistas.

O que você quer, padre? Angel perguntou, dessa maneira, suas palavras como minas terrestres na mente de Francis.

O que Francis queria nunca importou.

—Você vai ficar bem? — perguntou o padre Hawker, avançando vários passos enquanto bufava para alcançá-lo.

—Por que eu não estaria?— Francis fixou seu sorriso habitual nos lábios.

O zumbido de fundo de muitas pessoas conversando sinalizava que ele estava se aproximando da saída. O Arcebispo Montague estava esperando. Ele foi o mentor de Francis, seu patrono. O homem a quem ele jurou obedecer em todas as coisas, abaixo apenas de Deus. E Francis estava prestes a cumprimentá-lo, tendo testemunhado vários assassinatos, enquanto suas calças carregavam a mancha seca de esperma do homem que os matou.

A náusea molhou sua língua. Os limites de sua visão latejaram.

Ele só tinha que superar isso, apenas evitar a bagunça em sua cabeça e coração e fazer isso.

Francis empurrou uma porta para uma galeria de rostos. Centenas de pessoas estavam atrás de uma barreira fina e todas viraram a cabeça em direção a ele. Então as câmeras surgiram e uma saraivada de flashes o cegou, cada um perfurando sua nuca.

Ele agarrou-se ao sorriso como um bote salva-vidas e desviou o olhar para a esquerda, seguindo as barreiras, e lá estava o arcebispo Montague, com sua barba grisalha e olhos sorridentes. Francis deslizou em sua direção e, quando a mão do arcebispo se ergueu, Francis ajoelhou-se e beijou o anel pontifício. Frio, duro, metálico. Seu intestino se revirou. Ele engoliu bile e sorriu para o arcebispo. As batidas em sua cabeça se transformaram em gritos, mas ele usava o sorriso como um escudo.

—Padre Francis, como foi ser mantido prisioneiro?— um dos jornalistas ligou.

—Padre Francis, você está feliz por estar em casa?

—Você foi torturado?

—Houve um resgate?

—Padre, uma foto rápida sua e do arcebispo?

Montague colocou a mão na cabeça de Francis e fez uma oração, e quando Francis fechou os olhos, sonhou que estava de volta a um pequeno restaurante italiano na costa espanhola, observando os barcos balançando nas águas ensolaradas.

Porque até jantar com um assassino era melhor do que aqui.

CAPÍTULO QUATORZE

Vitari

O vinho tinha subido à cabeça de Vitari, mas não tinha importância, ele ainda tinha inteligência suficiente para olhar Luca e se certificar de que o idiota não estava disposto a fazer ou dizer algo que lhe valesse um soco na cara. Desde que o irmão mais velho de Luca foi preso, o pequeno Luca Esposito estava tão desesperado para fazer seu nome.

A equipe encheu o copo de Vitari várias vezes, e Sal estava rindo daquele jeito, rindo de algum idiota que o havia interrompido no trânsito de Roma, então Sal o perseguiu e ameaçou cortar suas bolas. As risadas e o barulho das conversas familiares enchiam o ar da noite.

Vitari tirou a camisa úmida do peito. Giancarlo optou por transferir a festa para o pátio, para aproveitar ao máximo a brisa da noite. Ele parecia confortável na cabeceira da mesa, conversando profundamente com o pai de Sal, Antonio – o pequeno Toni.

Tudo estava como deveria ser. Só que Vitari não conseguia se livrar da sensação de que tudo *não estava* bem. Desde que desembarcou em solo italiano, há um dia, ele sentia uma coceira incômoda no fundo da mente que não conseguia coçar. A essa altura, ele já deveria estar meio bêbado, atirando em latas ou se drogando com Sal. Geralmente entravam em Le Castella, talvez pegavam

um iate pela costa, pegavam mulheres, Vitari fingia que estava sendo sugado, depois passeavam pelos bares à beira-mar, talvez comesçassem uma briga. Se uma noite não terminasse com os nós dos dedos sangrentos, não valia a pena lembrar.

Mas nada disso parecia certo esta noite. Ele estava muito ligado, muito alerta.

—Você parece deprimido, cara.— Sal agarrou seu ombro e deixou cair seu corpo musculoso de urso na cadeira ao lado de Vitari. —Aquele padre chegou até você?— Ele sorriu. Seus olhos vidrados sugeriam que ele estava tão bêbado quanto Vitari deveria estar.

—Ele não, os DeSica. Eles estavam envolvidos nisso, e isso me fode.

—Deixa para lá. Você está de volta, está feito. Beba mais vinho. —Ele bateu o copo com o de Vitari.

O pai de Sal, Toni, chamou a atenção de Vitari e o chamou com um aceno.

Sal grunhiu um som de desculpas e Vitari levantou-se e depois aproximou-se. Ele evitou ter que lidar com o pai o dia todo, mas o encontro era inevitável.

—Estamos colocando Luca no padre, — disse Toni.

Vitari sustentou o olhar do homem mais velho apenas o tempo suficiente para saber que a ideia era terrível, depois baixou o queixo. —O que você achar melhor.— Luca estava por perto, provavelmente ouvindo, pensando que tinha ganhado.

Toni olhou para Giancarlo, então os dois homens lançaram seus olhares para Vitari, e foi como ser encarado por dois leões que ainda não haviam decidido se valeria a pena matá-lo. Eles não matariam Vitari. Ele era sangue. O problema indesejado de uma prostituta, mas seja como for, Giancarlo ainda era seu pai. Mas havia formas mais criativas de ferir alguém do que matá-lo.

—Estamos enviando você para a América do Sul para supervisionar as operações lá, — disse Giancarlo. Ele falou devagar, com seriedade, sabendo que era o rei do seu mundo e que todos os outros estavam abaixo dele.

Vitari fez o que sabia fazer melhor e caiu de joelhos. Ele pegou a mão do pai e beijou o anel. —Eu falhei com você e sinto muito por isso. Eu vou consertar isso. Eu te amo, pai. Você é tudo e devo minha vida a você. Estarei para sempre ao seu serviço. — As palavras saíram dele rapidamente. —E a serviço da Battaglia...— Ele fez uma pausa para umedecer a garganta. —...Eu imploro, por favor, não me mande para a América do Sul.

Mandá-lo para a Venezuela foi um castigo. Ele estaria fora de vista, fora de alcance. Ele preferiria que Giancarlo pegasse um dedo do que mandá-lo do outro lado do mundo para a porra da selva.

Giancarlo sorriu e cobriu a mão de Vitari com a sua. —Bom garoto.— Então seus dedos se fecharam, esmagando a mão de Vitari. Ele ofegou. Giancarlo agarrou-o pela nuca, puxou-o para o colo e zombou: —Falhe de novo, como o filho da prostituta que você é, e não voltará da Venezuela. — Ele o soltou e sorriu e riu, e tudo estava bem no mundo quando Vitari tropeçou e ficou de pé, com a mão queimando, o rosto ainda mais quente.

O idiota do Luca – com seu cabelo loiro tingido – sorriu do seu assento e levantou o dedo médio, como uma maldita criança.

Vitari prometeu quebrar as pernas de Luca com um pé-de-cabra. Mais tarde. Como ninguém queria se associar com ele, agora que ele havia caído em desgraça, ele saiu da mesa e correu pela grama, deixando para trás os jardins da casa.

—Angel,— Sal chamou, apressando-se para alcançá-lo. —Foda-se Luca. Ele sabe que não é você, então ele tem que ser um idiota.

Vitari acenou para que Sal não visse o quanto as palavras de Giancarlo o haviam deixado cru, o quanto doía ser chamado pelo próprio pai de todas as coisas que ele sabia ser. —Estou bem, volte para a refeição.

—Vamos para a cidade.— Sal passou o braço em volta dos ombros de Vitari, tropeçando nele.

Vitari o empurrou. —Foda-se, Sal.

Sal avançou novamente, agarrou Vitari e puxou-o para perto. —De jeito nenhum, você precisa de mim.

As travessuras de Sal provocaram um sorriso relutante. —Você precisa ficar sóbrio.

Mas já estavam a meio caminho da estrada sinuosa para a cidade, e Sal não iria partir agora que se agarrara a Vitari. Ele nunca fez isso. Ele era provavelmente o único amigo verdadeiro que Vitari tinha. Todos os outros queriam se aproximar dele porque era filho de Giancarlo, pensando que subiriam mais um degrau da escada Battaglia, sem perceber que Vitari estava no último degrau.

Ele foi até a cidade com Sal e, depois de mais alguns drinques grátis nos bares, a dor das palavras de seu pai desapareceu. Giancarlo ficou assim. Sua raiva era um chicote. Mas uma vez desferido o golpe, tudo acabou.

—Esse é o seu padre?— Sal perguntou, apontando para a pequena TV ligada no modo silencioso no canto do bar.

Padre Scott ficava bem em seu manto preto imaculado. Descia de seus ombros e se alargava em seus quadris em linhas longas e elegantes. Tão

fodidamente equilibrado e gracioso. Ninguém sabia que ele tinha chupado o pau de Vitari. Exceto o assassino desaparecido. Esse cara precisava morrer. Vitari teria que fazer isso.

—Sim, é ele.

A mensagem na parte inferior da tela dizia: *Amado sacerdote encontrado pela polícia espanhola. O Arcebispo cumprimenta o Padre Scott.* Francis ajoelhou-se e beijou o anel do arcebispo, tal como Vitari fizera com o pai. Talvez eles não fossem tão diferentes, exceto que Francis pertencia a algum lugar e Vitari não.

O arcebispo, um homem barbudo na casa dos cinquenta anos, sorriu para a multidão com a mão na cabeça de Francis e, enquanto a câmera fazia uma panorâmica, Vitari viu os olhos do homem. Seu estômago embrulhou e ele estendeu a mão para o bar. Ele o conhecia. Mais do que o *conhecia*. O som da fechadura soou em sua mente como um sino de alerta, e sua visão turvou. Ele não estava mais no abafado bar, mas na Inglaterra, há muitos anos.

Sal resmungou algo sobre estar de volta e tropeçou em duas mulheres, aumentando o charme. Ele não percebeu o episódio repentino de Vitari.

Vitari encostou-se no bar e observou como o arcebispo colocou a mão entre as omoplatas de Francis e o guiou para fora do aeroporto. As câmeras dispararam, os repórteres gritaram perguntas como se fossem balas e Francis nem sequer se encolheu. Ele sorriu como se tudo estivesse bem, mas exibia o mesmo sorriso quando Vitari o observava em sua paróquia. Era falso.

Bom.

Deixe-o sofrer. Deixe todos sofrerem. Fodidos pretensiosos.

Padre Scott era o problema de Luca agora.

Sal estava tentando convencer as duas mulheres a se juntarem a eles. Vitari suspirou para o teto, forçando seu coração a desacelerar. O pânico também diminuiu. O passado às vezes o emboscava, especialmente em noites como aquela, quando ele se odiava. Mas sempre passou.

As mulheres se juntaram a eles e foram para o próximo bar, depois para o próximo, ficando mais barulhentos a cada bebida que servia. Ninguém se atreveu a detê-los. Eles eram donos desta cidade.

Sal desapareceu com seu par, deixando Vitari com a bela jovem com quem ele flertou a noite toda. Ela provavelmente estava meio excitada, meio aterrorizada. As mulheres locais sabiam que não deviam se envolver com homens Battaglia, então esta e a de Sal provavelmente eram de alguma outra cidade, vieram apreciar a vista para o mar, provar os bares e os homens.

Ele não podia mais adiar o inevitável e conduziu-a para fora do bar, virando por um beco de paralelepípedos. Vitari levantou a garrafa de cerveja cara com uma das mãos, quase tomando um gole, mas hesitou ao cair contra a parede, olhando para um caminho composto por muitos degraus irregulares. Sua acompanhante se inclinou e tentou enfiar a língua entre seus lábios. Ele odiava essa parte, mas era necessária. Sempre havia uma chance de ela ter sido obrigada a isso, ou ela conversaria mais tarde, e ele precisava manter as aparências. Ele a beijou de volta, colocando um esforço casual nisso. Então embalou a cabeça dela, afundando os dedos em seus cabelos. Fingir era fácil, até certo ponto.

Ela deslizou pelo corpo dele, beijando seu peito através da camisa aberta, e ele tomou um gole de cerveja. Sem ofensa para ela, mas ela poderia muito bem ter sido uma boneca de plástico por tudo o que fez pelo pau dele.

Ele estava tão cansado de falhar.

Ele enfiou a mão no bolso, abriu a carteira e tirou algumas centenas de euros. —Aqui, pegue.

Seu rosto ficou confuso e ofendido, mas também aliviado. Ele não era um idiota, e ela também não.

—Nós transamos, foi ótimo, — ele balbuciou. —Diga aos seus amigos que você fodeu Vitari Angelini.— Então ele não precisou fazer essa dança novamente por mais alguns meses.

Ela arrancou as notas dos dedos dele, ajustou a blusa de cintura baixa e recuou, verificando se tinha permissão para sair ou se aquilo era algum jogo distorcido.

—Vai!

Ela se encolheu e Vitari riu. Ele pensava assim. Ela não ia chupá-lo porque queria, era tudo uma questão de família, nome e comportamento. —Foda-se,— ele rosnou.

Ela o amaldiçoou e marchou para longe, batendo os calcanhares. Vitari riu e depois cambaleou, quase caindo de um degrau. Jesus, ele tinha bebido demais e agora este degrau parecia o lugar perfeito para descansar um pouco.

Ele deslizou pela parede enquanto o beco girava, engoliu o resto da cerveja e jogou a garrafa na parede oposta, vendo-a se quebrar em mil pedaços brilhantes. Suas entranhas se apertaram, dobrando-se para dentro. Ele puxou os joelhos para cima e os abraçou. Mas a sensação piorou, como se todas as partes feias dele estivessem afogando seu coração na escuridão, e ele não pudesse melhorar porque os pedaços quebrados estavam *dentro*.

Ele soluçou, depois riu e passou as mãos nos cabelos.

Uma fechadura abriu. Ele saltou da parede e caiu no lado oposto do beco. Um portão se abriu e um gato preto trotou de dentro. Seu dono fechou o portão novamente e o ferrolho acertou em cheio.

O ar apertou seus pulmões. Ele se dobrou, agarrou as coxas, e então seu corpo rejeitou tudo, e ele vomitou uma noite inteira de álcool. E agora ele se odiava ainda mais. Talvez ele devesse apenas colocar a porra de uma arma na cabeça e fazer um favor à família.

Ele se agarrou à parede às suas costas e olhou para cima, para as estrelas aquosas.

Talvez Francis devesse ter atirado nele. Então o maldito padre iria para o Inferno, onde Vitari já estava.

CAPÍTULO QUINZE

Francis

Francis fechou a porta do chalé e subiu a rua tranquila, passando pelo carteiro, que tentou parar e fazer mil perguntas. St. Mary estava onde ele a havia deixado. Claro que sim. A Igreja Católica era imóvel, imortal, indomável.

Francis empurrou o portão e subiu o caminho de pedras.

Tudo ficaria bem.

Ele estava de volta ao lugar ao qual pertencia e faria as coisas de maneira diferente. Ele seria digno.

Tudo o que aconteceu foi... uma jornada. Ele estava apenas começando e ainda não havia chegado ao destino, só isso.

O padre Hawker o aconselhou, obteve sua confissão, embora Francis não lhe tivesse contado o pior de tudo. Ele iria desabafar sua alma, mas ainda não. O padre Hawker foi muito complacente e prestativo; ele não queria que o homem suportasse o peso de todas as coisas terríveis que Francis tinha visto e feito. Ele oraria e buscaria a orientação de Deus, mas, mais importante ainda, serviria a Deus e aos seus paroquianos, porque agora sabia o quão importantes eles eram.

St. Mary era seu santuário.

Tudo ficaria bem.

Ele desejou bom dia a Julia e tentou não pensar na tristeza nos olhos dela. Foi ela quem encontrou os mortos e alertou a polícia sobre sua ausência. Ele falaria com ela sobre isso, quando ambos estivessem prontos.

—Uma xícara de chá, padre?

—Uma ideia fabulosa. Obrigado.

—Eu vi você no noticiário parecendo muito bonito.

—Ahn, sim.— Ele puxou a cadeira de trás da mesa e sentou-se. Isso parecia certo. Parecia um novo começo. Como uma segunda chance. Angel tinha sido um teste e uma lição.

Francis aprendeu a ser grato por tudo que recebeu.

Ele abriu a gaveta de cima e congelou.

A carta Privada e Confidencial estava em seu diário. Aberta.

Ele olhou para os pedaços irregulares do envelope rasgado. —Julia, você abriu isso?

—Aqui esta.— Ela colocou a xícara de chá na mesa, sacudindo o pires, e espiou dentro da gaveta. —Não, isso já estava aberto quando coloquei lá. Presumi que você o tivesse aberto?

Seu sorriso se contraiu. —Sim provavelmente.— Ele não tinha.

Julia repassou os acontecimentos do dia, desfiando-os um por um, mas sua voz desapareceu por trás do pavor que latejava em sua cabeça.

Francis bateu a gaveta. Alguém o abriu. Alguém *leu*. Ele não teve a oportunidade de abri-lo antes de ser levado, mas sabia o que dizia. —Havia mais alguém no meu escritório enquanto eu estava fora?

—Uh ...— Julia mexeu de um pé para o outro. —A polícia esteve aqui. Muita polícia. E o padre Hawker, suponho.

Não, o padre Hawker não teria aberto uma carta marcada como *PRIVADO*. A polícia não abriria cartas, abriria? Talvez tivessem, para ver se isso era relevante para o seu desaparecimento. Ele teria que descobrir.

—Alguém mais?

—Havia algumas outras pessoas da Igreja aqui. É melhor perguntar ao Padre Hawker sobre eles. Ele falava muito com eles.

—Eles tinham nomes?— ele perguntou, lamentando instantaneamente a aspereza em sua voz, mas isso era importante.

—Padre, está tudo bem?

Não, nada estava bem! Por que alguém revirou seus itens pessoais e abriu uma carta particular? —Você pode me dar um momento, Julia?— Ele olhou para a porta, para ela e para a porta novamente. Ela limpou a garganta e correu para fora, fechando a porta atrás dela.

Ele colocou as mãos nos lábios e suspirou pelo nariz. Alguém conhecia seus segredos. Alguém conhecia seu passado. Ele abriu a gaveta, tirou a carta, arrancou as páginas e segurou a carta com as duas mãos.

Reivindicação histórica de abuso

Notificação de intenção de apresentar uma reclamação/resultado legal

Requerente: Padre Francis Scott

Réu: Arcebispo Charles Montague

Francis continuou lendo, absorvendo apenas metade das palavras. ... *forte argumento contra... evidências adicionais... depoimentos de testemunhas.*

Ele largou a carta. O que ele estava fazendo? Isso causaria um escândalo. Isso prejudicaria a todos que ele tocou, arruinaria a St. Mary, o padre Hawker e todos os padres que ele sabia serem boas pessoas. E foram muitos. A culpa foi dele.

Ele não disse não; ele poderia ter parado. Depois de tudo que ele passou, dos corpos deixados em seu rastro, esta carta parecia... trivial e sem sentido.

O telefone em sua mesa tocou – seu som estridente incessante abriu caminho através da névoa em sua mente – e ele pegou o fone.

—Padre Scott, St.

—Não achei que você fosse responder.

Angel.

O coração de Francis saltou para a garganta. Ele bateu o fone no gancho.

Tocou novamente.

—Você quer que eu atenda isso?— Julia perguntou.

—Não!— Ele pegou o fone e tinha nos lábios as palavras para dizer a Angel que o deixasse em paz, mas elas não vieram, e quando Angel não disse nada, Francis também não. Ele ouviu suas respirações suaves, sentiu-as novamente em seu pescoço, sussurrando em seu ouvido. *Vou arruinar você, padre.*

Francis afundou-se na cadeira e esfregou a testa, ainda ouvindo a respiração suave de Angel. Mas o nome dele não era Angel. Ele deliberadamente usou esse pseudônimo para irritá-lo. —Vitari.

—Ah, eles te disseram meu nome verdadeiro...

—Você não pode me ligar aqui.

—Então onde?

—Não nunca. Você não pode me ligar nunca. —Ele deveria desligar agora. Mas não o fez. Algo na voz de Vitari suavizou os nervos em frangalhos de Francis e o levou para longe, de volta àquela mesa perto da janela com vista para a marina espanhola. Ele esfregou um pouco mais a cabeça, tentando afastar uma

dor crescente. A linha estava silenciosa, exceto por um suspiro ocasional das roupas caras de Vitari.

Ele podia vê-lo em sua mente – vê-lo claramente, ajoelhado no altar, vestindo aquelas roupas caras, seu relógio brilhando. —O que a tatuagem significa?— perguntou Francis.

—Que tatuagem?— ele perguntou em resposta, sua voz suave, ligeiramente abafada.

—No seu pulso.

Houve um farfalhar, como se ele tivesse olhado para o próprio braço para se lembrar. —É um símbolo.

—Sobre o que? — perguntou Francis, asperamente. Ele tinha que saber. Ele nem tinha certeza do porquê.

—Compromisso. Prisão. Vida.

Ele adorava a maneira como sua voz era cortada no final de cada palavra e como o som delicioso dela chegava em seu ouvido, deslizando através de suas defesas.

Vitari riu novamente. —O que você está fazendo, padre?

—Como você conseguiu esse número?

—Tem uma coisa incrível, não sei se você já ouviu falar, se chama internet. Digitei seu nome e sua igreja, e lá estava...

Ódio e frustração renovados ferviam em suas entranhas. Ele não deveria estar fazendo isso, não deveria estar falando com ele. —O que você quer?

—Talvez eu queira confessar?

—Acho que aquele navio partiu.

—Oh, ouça você, com tanta raiva. Você está de batina? Eu vi você na TV. Eu tinha esquecido como você fica bem de preto.

Francis desligou. Havia uma maneira de bloquear números, não havia? Ele pediria a Julia para fazer isso.

O telefone tocou novamente.

Ele pegou. —Não me ligue, não pense em mim, você e eu terminamos.

—Eu não sabia que havíamos começado, — ronronou o homem perverso.

—Você é terrível.

—Eu sei. Diga-me de novo, deixe-me ir para algum lugar privado para que eu possa *realmente* aproveitar.

Ele estava... ele iria... tocar... a si mesmo? Céus, não. Não ao telefone. —Vou desligar.

—Mas você não é.

—Vá embora.

Ele riu de novo e aquele som derramou luxúria quente pela espinha de Francis, até chegar ao seu pau. Francis mordeu o lábio. *Deus, conceda-me forças.*

—Porra, eu tinha esquecido o quanto você é divertido. Mas, falando sério, você precisa ouvir. Isso não acabou. Você pode sentar-se atrás de sua mesa e em sua igreja e fingir que está tudo bem, mas a família quer você. Eu falhei, então agora eles estão enviando outra pessoa.

Não, por que esse pesadelo não acabaria? —Não posso fazer isso de novo.

—Eles conseguem o que querem, Francis. Você precisa...

—Eu não fiz nada para você ou sua família! Por que você simplesmente não me deixa em paz?

—Esta é uma boa pergunta. Talvez você devesse descobrir?

Francis desligou, tirou o telefone do gancho, mas não teve certeza se a ligação ainda estava completa e, furioso, puxou o fio da parede, enrolou-o no telefone e jogou tudo fora para o canto da sala. Agora Vitari não poderia ligar para ele. Ninguém mais poderia, mas tudo bem. Ele consertaria isso mais tarde.

Ele agarrou sua cabeça e apertou, expulsando todos os pensamentos impuros e a voz diabólica de Vitari, e quando parou de ouvi-lo sussurrar em seu ouvido, jogou a carta do advogado no lixo e rezou e rezou e rezou, até que tudo o que ele era, seu coração e mente e carne e pensamentos eram oração.

Ele tinha um dever para com sua igreja. Ele não iria viver sua vida com medo.

Então ele sorriu com seu sorriso doloroso e saiu do escritório para começar o dia.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Vitari

Vitari raramente fumava maconha – não gostava de perder o controle, mas era isso ou injetar, e ele ainda não estava muito afim de desaparecer *naquele* buraco negro. Ele passou o dia fazendo preparativos para a Venezuela. O avião partiu perto da meia-noite de um campo de aviação privado. Ele tinha – consultou o relógio sob o brilho da luz da rua – duas horas.

A ligação anterior para Francis foi interessante. Quando ele tentou ligar de volta, a linha tocou. Ainda assim, ele tinha certeza de que havia irritado o padre da maneira mais deliciosamente perversa. As palavras de Francis ficavam entrecortadas e cortantes sempre que ele tentava e não conseguia manter a calma, e essas palavras afiadas soavam como uma doce música aos ouvidos de Vitari.

Ele arrastou o baseado, inclinou a cabeça para trás e soprou fumaça no ar.

A aldeia estava quieta. No meio da semana significava que os turistas do fim de semana não haviam chegado.

Sal disse que o encontraria aqui, mas o idiota não apareceu.

Talvez a Venezuela fosse uma viagem rápida de uma semana. Mas era improvável. Algo estava errado, alguém estava trabalhando contra ele, ou talvez ele tivesse fodido tudo muitas vezes e tudo isso era culpa dele?

Um assobio atraiu sua atenção para três membros da equipe de Luca que subiam a rua em sua direção. Vitari se endireitou, os cabelos da nuca se arrepiando. Ele olhou para a esquerda e, com certeza, lá estava Luca com outro de seus aliados.

Vitari sorriu e aproveitou o tempo para terminar seu baseado enquanto eles se aproximavam como tubarões farejando sangue. Era assim que ia ser, né? A festa de despedida. Vitari sacudiu o cigarro e começou a arregaçar as mangas.

—Pensei em dizer adeus, — disse Luca, todo sorrisos e arrogância, agora que tinha os números de Vitari. —Sabe, obtenha informações sobre o padre, já que você estava *tão perto*.

Vitari manteve o sorriso, mas o deslizou para o lado. —Saia da minha frente, Luca.

Luca sorriu, com os ombros erguidos, cheio de confiança. O idiota era só braços e pernas, magro como se tivesse um distúrbio alimentar ou um vício em drogas. Ele se apoiou um pouco demais no produto para o gosto de Vitari. —Você ainda acha que está por cima, — Luca zombou.

Vitari suspirou pelo nariz. Os outros o cercaram. Se colocassem a mão nele, seriam homens mortos, todos eles. Giancarlo cuidaria disso. —Isso vai demorar? Tenho um avião para pegar.

Luca assentiu e o cara à direita de Vitari avançou – devagar demais. Vitari esquivou-se do golpe preguiçoso e deu um soco no nariz, assustando-o para trás. Outro idiota pensou que poderia tentar. Vitari dançou para a esquerda e estalou os nós dos dedos no queixo do idiota. Mas então o saco caiu sobre sua cabeça, os braços agarraram os seus, puxando-os para trás, e seus joelhos bateram no chão.

—Não se preocupe.— Luca pressionou a boca contra o saco e enfiou as palavras no ouvido de Vitari. —Você vai pegar seu avião.

Vitari lutou, mas as múltiplas mãos se apertaram. —Foda-se, Luca, seu idiota!

A risada de Luca foi toda a resposta que ele teve. Então as mãos o ergueram e o levaram pela estrada, depois o colocaram em um carro. Ele chutou o assento à sua frente, mas não fez nenhuma diferença. Vitari recostou-se, poupando forças, e tentou distinguir alguma forma através do saco de aniagem.

O som de hélices gêmeas funcionando revelou que eles haviam levado Vitari ao campo de aviação mais cedo. Ele foi agarrado novamente, retirado do carro e jogado em uma cadeira. Alguém arrancou o saco e Vitari examinou o hangar cheio de caixotes de transporte. Produtos.

Luca se ajoelhou na frente dele, ainda com aquele maldito sorriso de orelha a orelha. Vitari olhou de volta. Isso acabaria em breve; ele pegaria um avião e planejava sua vingança, mas agora Luca tinha as cartas. Ele não faria nada permanente; ele não tinha coragem.

Luca enfiou a mão no bolso, tirou o telefone e passou o polegar pela tela, depois estendeu-o na frente de Vitari. A foto mostrava Vitari montado no padre Scott no sofá do esconderijo espanhol. Vitari estava com a cabeça jogada para trás e estava bem claro onde o padre estava com a mão.

Vitari bufou, a mente trabalhando rápido. Seria difícil argumentar que ele o estava torturando daquele ângulo.

O assassino os filmou. O maldito assassino que Francis havia *soltado*.

—Você deixou o padre ir depois que ele esfregou seu pau, Angel?— Luca perguntou.

Vitari manteve a boca fechada, mas seu sorriso estava ficando pesado demais para segurar por muito mais tempo.

Luca desviou a foto, exibindo uma nova de Francis. Sua bunda para cima, de cabeça baixa, enquanto chupava o pau de Vitari no mesmo sofá.

Vitari franziu uma sobrancelha. Ele se lembrava bem. Francis tinha uma boca muito misericordiosa.

Ele ergueu o olhar para o rosto sorridente de Luca.

—Você vai para a Venezuela e fica lá, — disse Luca, —ou Giancarlo recebe essas fotos de seu filho fiel com o pau enfiado na garganta de um padre.

Não era sempre que Vitari ficava sem palavras, mas ele não tinha nenhuma agora. Luca o pegou pelas bolas.

A vergonha corroeu sua confiança, e ele não sentia humilhação há muito tempo. Essas imagens não só arruinariam Vitari, como também destruiriam Francis. Era assim que Luca conseguiria Francis. Ele não teria que ameaçá-lo fisicamente. Não haveria nenhum corpo deixado para trás em St. Mary. Francis teria que ir com Luca ou aquelas fotos do padre católico mais fotogênico do Instagram dando um boquete no filho de um chefe da máfia se tornariam virais.

—Acho que temos um entendimento.— Luca se endireitou. —Entre no avião e não volte, mano.

—Eu não sou seu maldito mano.

Luca estava sobre ele em um segundo, com os dedos em volta da garganta, apertando com força. Ele empurrou seu rosto rosnante para Vitari. —Você é tudo o que eu digo que você é. Eu sabia que você estava fodido, mas não percebi o quão fodido você é, Vitari. O que você é... — ele lançou seu olhar sobre ele — ... é uma imundície de chupador de pau.

Vitari se libertou, mas os homens de Luca atacaram. Os punhos choveram rápido demais para Vitari desviar. Ele não podia fazer nada além de se enrolar e levar a surra.

CAPÍTULO DEZESSETE

Francis

O ar de setembro tinha um toque outonal e as folhas das árvores que cercavam o campo de jogo local ficaram âmbar e vermelhas. A maioria dos habitantes da cidade enfrentou o frio para celebrar a festa da colheita, envoltos em casacos grossos.

Francis garantiu que a Igreja fornecesse doações para instituições de caridade locais, o que tinha o benefício adicional de se manter ocupado. Uma mente concentrada não deixava espaço para pensar no passado recente. Com o festival a todo vapor, ele fez suas rondas, conversando com quem o conhecia, e também se apresentou para alguns rostos novos. Os jovens lutadores da sua paróquia pareciam apreciar o facto de ele não ser muito mais velho do que eles. O desemprego era abundante. Depressão comum. Ele ajudou a aliviar seus fardos, orou com eles e ouviu suas aflições.

As crianças brincavam. Algumas das crianças mais velhas chutaram uma bola do outro lado do campo. A graça de Deus lhes concedeu tempo seco, mesmo que estivesse frio.

Foi um bom dia. Um dia honesto e relaxante, e um dos melhores desde a sua ordenação.

Se ao menos ele conseguisse se livrar da Sra. Roe e de sua aversão pelos horários dos ônibus locais, que ela parecia acreditar que ele poderia consertar. A mente de Francis vagou enquanto ele a ouvia lamentar os serviços do conselho. O olhar dele passou por cima do ombro dela, em direção à fila ao redor da lanchonete. Um homem estava sozinho, de lado, vestindo uma blusa cinza com capuz, com o capuz levantado. Ele virou a cabeça, escondendo o rosto, e saiu andando, desaparecendo atrás da van.

—Padre?

—Oh? Sim. Minhas desculpas, você estava dizendo?

A Sra. Roe continuou a explicar como a diminuição das rotas de ônibus estava dificultando a visita do filho, a cerca de trinta quilômetros de distância, e como ela não tinha carro...

Francis examinou a multidão. As pessoas conversavam e riam, as crianças brincavam de perseguição e tudo parecia como deveria ser. Por que, então, um calafrio percorreu sua espinha?

Ele contou à NCA sobre a ligação de Vitari, e eles garantiram que, caso Vitari Angelini ou qualquer uma das entidades conhecidas de Battaglia entrasse no país, informariam Francis e, se considerassem necessário, enviariam proteção. Ele não tinha notícias da NCA ou de Vitari, e quase parecia que a vida estava voltando ao normal. Tão normal quanto poderia ser.

O homem de capuz provavelmente era apenas um visitante inocente da feira. Os acontecimentos recentes o estavam deixando nervoso.

Francis pediu licença à Sra. Roe, para sua consternação, e pediu um chocolate quente para viagem na barraca de caridade do abrigo de animais. Uma bebida quente o aqueceria e afastaria o desconforto. Ele tomou um gole e

conversou com Carol, a gerente da instituição de caridade, sobre não mexer nas pilhas de toras nesta época do ano, para salvar os ouriços em hibernação.

—Está frio o suficiente para congelar suas bolas, você não acha, padre?— um estranho disse ao lado dele, seu inglês com forte sotaque. Francis olhou por cima, captou o estranho sorriso do capuz cinza e baixou o olhar para o telefone que tinha na mão, inclinado em sua direção.

A imagem na tela contrastava com o ambiente amigável do festival e fez com que sua mente voltasse para uma vila espanhola, quando ele chupou o pau de Vitari tão profundamente que ele ficou engasgado.

Seu coração parou, mas também bateu mais forte. Ele também parou de respirar e olhou para o rosto do estranho. Olhos finos e profundos, uma mecha de loiro tingido nas pontas de seu cabelo preto.

—Você gostaria de um chocolate quente?— Carol perguntou a ele.

—La ringrazio, ma per questa volta no, — disse ele, soando cortês e educado.

Carol piscou para ele, perdida. —Oh, você não é daqui, não é?— Ela riu.

—Meu nome é Luca, — disse ele, guardando o telefone no bolso. —Venha comigo, padre. Temos muito o que discutir.

Ele tinha que afastar esse homem daquelas pessoas, não apenas por causa do que ele tinha em seu telefone, mas porque sempre que alguém da sua espécie cruzava o caminho de Francis, pessoas morriam. Havia famílias aqui, crianças, inocentes.

—Sim, — ele disse automaticamente, e acompanhou Luca. Quem era ele? O que ele queria? Chantagear Francis? Para machucá-lo? De onde ele veio? Havia

outros por perto? Uma nova pergunta surgiu a cada passo seu. Tinha mais, o Vitari estava aqui, eram os DeSica ou alguma outra coisa?

—Vamos caminhar até os carros ali como se fôssemos velhos amigos. Se alguém te ver, sorria. Nada está errado. Estamos apenas dando um passeio nesta linda cidadezinha.

Francis ainda segurava seu chocolate quente. O calor queimou através do copo de papel até seus dedos frios. Alguém chamou seu nome.

—Vire-se e acene, como se você fosse voltar em breve.

Francis engoliu em seco. Este homem ia colocá-lo num carro, tal como Vitari tinha feito. Francis *não* voltaria tão cedo. Vitari tinha sido diferente deste. Luca falou baixinho, com calma, mas seus olhos estavam frios. Ao contrário dos olhos de Vitari. Eles sempre tiveram alma.

Francis virou-se e acenou, depois apressou-se. Ele não poderia fazer isso de novo. Seu coração disparou. Ele não poderia ir com ele. Mas a foto... Luca teria mais fotos incriminatórias. Se essas fotos fossem tornadas públicas, toda a sua razão de viver seria destruída. Ele seria laicizado.

—O que você quer?— Francis perguntou, surpreso ao encontrar sua voz calma.

—Só você, — disse Luca, como se fosse educado e charmoso. —Você não vai ser um problema, vai, padre?

—Não. Sem problemas.

E se ele chamasse a polícia? Mas como fugir sem arriscar que aquela foto e outras semelhantes se tornem públicas. —Não tenho dinheiro e a igreja não pagará resgate. Eu não sou útil para você.

—Padre.— Lucas suspirou. —Estou aqui apenas para levá-lo onde você precisa estar.

—Eu não sei de nada. Isto é um erro. Eu disse a Vitari...

—Giancarlo decidirá o que você é.— Ele parou ao lado de um BMW preto reluzente e abriu a porta traseira.

Francis olhou para o banco de trás. Seu coração batia tão rápido que começou a sufocá-lo. O suor frio escorria pelas suas costas. —Eu... eu não vou.

—Padre, posso digitar uma mensagem de texto e colocar aquela foto na internet em menos de dois minutos. É isso que você quer? Como a Igreja Católica vê os homossexuais? E esses votos de celibato? Hm, isso não parece bom para um novo padre como você.

O maior medo de Francis estava no telefone daquele homem – não que ele fosse exposto como gay, isso era inevitável, mas que o arcebispo Montague continuasse intocável, irrepreensível. Se a Igreja o laicizasse, Francis não estaria mais *lá dentro* e perderia os meios de revelar a verdade, perderia o acesso a tudo o que lhe dava voz. Se ele não estivesse mais na Igreja, ele seria silenciado. Ele não seria nada.

Ele não estava pronto. Era muito cedo. Ele precisava de mais tempo.

—Padre?

Mas se ele entrasse no carro, talvez nunca conseguisse escapar. Uma vez foi o suficiente.

Ele não poderia passar por isso novamente.

Ele olhou para o chocolate quente fumegante. O que quer que ele fizesse aqui determinaria seu destino. Mas ele não estava sendo levado sem luta, não como antes. Com uma onda de raiva, ele jogou o chocolate quente no rosto de

Luca. O homem gritou, recuou e Francis girou para fugir. Ele voltaria para casa e chamaria a polícia. Eles o protegeriam.

Luca agarrou seu braço.

Francis cambaleou e deu um tapa com a mão aberta, acertando com força na bochecha de Luca. Sua palma queimou. O golpe soou como um tiro. A cidade inteira deve ter ouvido isso. Luca tropeçou no carro, com a mão no rosto. —Oh, você vai se arrepender disso, seu filho da puta imundo!

Correr. Ele tinha que correr! Os sons dos pneus derrapando no cascalho solto quase não foram registrados por trás das batidas em seus ouvidos.

—Francis!

Vitari.

Francis virou-se novamente e lá estava ele, ao volante de um elegante carro branco, a porta do passageiro aberta, o motor acelerando. Ele usava óculos escuros, escondendo os olhos. —Entre!

Ele sabia que não deveria, mesmo enquanto corria para o carro e se jogava no banco do passageiro. O bom senso lhe dizia que Vitari não era melhor que Luca, mas seu coração sabia que isso era mentira.

—Coloque o cinto, isso vai ficar animado.

O carro deu uma guinada, a porta do passageiro bateu com a aceleração repentina e Francis colocou o cinto.

—Foda-se, padre, acabei de ver você bater em Luca Esposito?— Vitari riu, pisou fundo na marcha e dirigiu o pequeno carro esporte de dois lugares pela cidade. Ele estendeu a mão e ajustou o espelho. —Ele está seguindo. Está tudo bem, vou perdê-lo.

Vitari exigiu mais do carro, fazendo o motor gritar. Ele mudou de marcha e correu por estradas rurais sinuosas e oscilantes.

Francis agarrou-se ao assento. Eles iriam morrer. Ele escapou de um louco escolhendo outro. Ele devia estar bravo também. Isso tudo foi uma loucura! Ele rezou, fechou os olhos, depois os abriu novamente e encontrou Vitari olhando e sorrindo daquele jeito que ele fez. Sua boca inteligente se enganchou em sua bochecha. Seu lábio estava cortado e os óculos escuros escondiam a sombra de um hematoma preto ao redor do olho. Ele foi espancado e agora que Francis viu aquela marca, viu outros hematomas nele também. Sua mandíbula, seu pescoço.

Vitari jogou o carro nas curvas, quase perdendo o controle.

—Devagar, por favor?

—Não posso fazer isso.— Ele apertou os dedos no volante e sorriu.

Ele estava louco. —Você quer morrer enrolado em uma árvore?

—É melhor que ser pego.

—Não, não importa! Você está se ouvindo?

—Você está com saudades de mim?

—Não. Eu esperava nunca mais ver você – vá devagar!

O carro deslizou para o lado, cruzando a linha branca para a pista oposta em uma curva cega. Francis fechou os olhos com força e rezou, respirou e desejou estar longe, muito longe, e não de volta no carro com Vitari Angelini.

Vitari não diminuiu a velocidade. Não contornando as pistas, e então, quando chegaram à rodovia, ele pisou fundo no acelerador e acelerou o carro em alta velocidade, ultrapassando outros motoristas como se estivessem parados. Pareceu uma eternidade até que Vitari finalmente diminuiu a velocidade, reduziu

a marcha e desviou o carro para uma estrada lateral sinalizada para um campo de aviação local.

Eles aceleraram pela estrada até o que parecia ser nada mais do que um armazém com um único grande avião de carga de hélice dupla na pista, os motores já ligados e zumbindo.

Vitari derrapou o carro até parar abruptamente, abriu a porta, saltou e gritou para Francis se apressar.

Ele olhou para o grande avião, pronto para decolar. Não havia ninguém por perto, embora devesse haver gente comandando o campo de aviação, não é?

—Francis!

Ele saiu do carro e correu atrás de Vitari. Ele claramente tinha isso planejado. Não foi por acaso que o avião estava esperando por ele. Como ele chegou aqui tão rápido e para onde estava indo?

Vitari subiu correndo os degraus de metal em direção à porta aberta do passageiro.

Francis colocou o sapato no primeiro degrau, a mão no corrimão frio, e parou.

Os motores rugiam, as hélices giravam, chicoteando sua batina em volta das pernas, gelando-o até os ossos. Ele ergueu o olhar e encontrou Vitari no último degrau.

—Padre?— A corrente de retorno dos motores agitou o cabelo curto de Vitari e agitou sua camisa. —Depressa, Luca não estará muito atrás. Precisamos ir embora.

Partir com Vitari era a coisa errada a fazer. Ele sentiu isso em seu coração. Ele não poderia correr para sempre. Ele deveria chamar a polícia e fazê-los lidar

com toda essa insanidade. Eles disseram que iriam protegê-lo. Vitari era o diabo em forma humana, o epítome da tentação e do pecado. Onde quer que ele fosse, pessoas morriam.

Vitari desceu alguns degraus e arrancou os óculos escuros, expondo a extensão dos hematomas no rosto. Seu olho estava preto, a sobrancelha dividida. Ele ofereceu a mão. —Francis, venha comigo.

—Deus Todo-Poderoso e Misericordioso, ouça graciosamente nossas orações e liberte nossos corações das tentações do mal.

Os motores do avião trovejavam, o vento soprava contra Francis, e parecia que ele estava à beira de um precipício, como se aquele momento fosse o teste final e não houvesse retorno disso.

—Ele lhe mostrou as fotos?— Vitari gritou acima do barulho dos motores. —Luca é dono de você. Se você não vier comigo agora, ele irá destruí-lo. Venha comigo, Francis. — Ele lambeu os lábios. —Eu vou mantê-lo seguro.

—Por que?— Francis gritou de volta.

O sorriso de Vitari desapareceu. Seus cílios baixaram, antes que ele olhasse para Francis com renovada intensidade. Chega de mentiras. Tudo o que ele disse a seguir era a verdade. —Porque nós dois estamos fodidos, porque preciso descobrir por que você é tão especial, porque eu... porque não quero ir sozinho.

E se este teste não fosse sobre Francis? E se nunca tivesse sido sobre ele? E se o homem que lhe implorou agora fosse a verdadeira razão pela qual Francis estava aqui?

Ele prometeu ajudar as pessoas, e agora mesmo, com a mão estendida, Vitari precisava de ajuda. Suas palavras não eram toda a verdade, mas seus olhos eram honestos. Ele não queria ficar sozinho.

Francis estendeu a mão e agarrou sua mão. Dedos quentes fecharam-se em torno dos seus e Vitari puxou-o escada acima e guiou-o para dentro do porão de carga. O cordame sacudiu em torno de pilhas de caixotes de madeira. Não havia janelas e nada de conforto.

Vitari bateu a porta, trancou-a e acenou com a cabeça em direção aos pequenos assentos aparafusados na lateral do avião. —Sente-se, vai ser um vôo longo.

A fuselagem tremeu, os motores rugiram, ganhando impulso, e o avião rugiu ao longo da pista.

Francis sentou-se e afivelou o cinto com dedos desajeitados. As caixas estavam todas sem identificação. O que foi que a policial espanhola disse? A Battaglia traficava pessoas, armas, drogas...

Vitari caiu no chão, ergueu uma perna comprida, esticou a outra e esfregou a testa. Ele pegou Francis observando e sorriu. —Primeira classe para a Venezuela.

CAPÍTULO DEZOITO

Vitari

Vitari esperava que Francis perdesse a cabeça e tentasse escapar do avião, mas se ele estava cansado de correr ou se estava em estado de choque, ele não respondeu, apenas olhou para as caixas, com a bochecha tremendo.

Não foi fácil chegar até aqui, untar as mãos, usar seu nome enquanto ainda era bom voltar ao espaço aéreo do Reino Unido e depois ter um avião carregado de produtos parado em um campo de aviação em lugar nenhum, como um pote de mel para federais em todos os lugares.

Mas Luca não estava ganhando, e agora que Vitari tinha Francis, Luca não conseguia chegar até ele. Ninguém poderia. DeSica, a polícia, até Giancarlo. Talvez a Venezuela fosse uma coisa boa. Pelo menos ele poderia controlar sua vida lá.

Ele tinha certeza de que Francis estava prestes a correr novamente pelos degraus. Ele ouviu sua oração sobre o mal e leu grande parte dela em seus lábios. Francis provavelmente estava certo, ele *era* mau. Já lhe tinham dito isso muitas vezes no pequeno quarto escuro desde a sua infância. Malvado, quebrado, inútil.

O avião saiu do chão e subiu, depois nivelou. Eles estavam a caminho. Que porra ele iria fazer com Francis quando eles pousassem?

Ele não tinha planejado que o padre o acompanhasse as fazendas de coca. Francis ficaria bem. Ele era muito mais durão do que parecia ou do que se imaginava. Ele era engenhoso, rápido e escondeu uma onda de raiva que o fez acertar aquele lindo tapa em Luca. Aquele pequeno idiota merecia.

Mas então, Francis sempre foi diferente. Desde o momento em que Vitari colocou os olhos nele, ele soube que o homem era especial, mas não conseguia entender por quê.

Eles não conversaram e, depois de um tempo, os motores do avião fizeram Francis dormir.

Vitari apoiou o queixo no joelho e observou a cabeça de Francis pendendo para o lado. O manto preto se agarrou a ele – sua armadura. Depois que ele o tirasse, ele ficaria vulnerável novamente. Vitari sabia disso. Essas vestes o protegiam, mas também o pesavam. O retângulo de colarinho branco estava em volta do pescoço, como um laço. Vitari imaginou soltá-lo pela segunda vez, depois montaria no colo de Francis, levantaria seu queixo e o beijaria. Ele o beijaria até que os olhos de Francis não estivessem mais cheios de dor, até que ele estivesse livre daquele laço.

Foi um sonho estúpido.

Homens como Vitari não tinham finais felizes. E eles definitivamente não pegaram os mocinhos.

Ele estava fodido de qualquer maneira. Ambos eram.

A menos que conseguissem descobrir por que Giancarlo queria Francis, por que os DeSica o queriam. Por que dois dos maiores sindicatos do crime do mundo estavam tão interessados em um padre? O que ele poderia ter visto? O que ele

fez? Algo importante o suficiente para arriscar a exposição, para perder os executores, para que o pai de Vitari o banisse para a Venezuela.

Vitari abraçou os dois joelhos contra o peito, depois apoiou o queixo em cima e deixou que o avião vibrante e o cordame oscilante o acalmassem em algum lugar perto do sono. Com alguma sorte, a Venezuela seria um passeio no parque em comparação com as últimas semanas.

Não poderia ficar muito pior.



Vitari acordou sobressaltado. Os motores do avião estavam desligando enquanto o avião fazia barulho e ricocheteava na pista.

Francis sentou-se rígido no banco, com a batina dobrada no colo. Suas roupas civis chocaram novamente com as impressões de Vitari, deixando de lado o homem do clero e toda a pompa que o acompanhava, restando apenas um homem de calça preta e camisa branca lisa de botão.

Ele olhou furiosamente para Vitari, o que era melhor do que o olhar de mil milhas que ele lançava aos caixotes quando eles deixaram a Inglaterra.

Vitari ficou de pé e esticou os músculos doloridos e machucados. —Você está bem?

Francis assentiu, resmungando: —Sim.

—Tudo bem.— Vitari agarrou o cordame perto da porta e observou Francis se levantar, com a batina presa com segurança debaixo do braço.

Ele ainda se parecia com o padre Francis Scott, *o infame padre inglês*, mas esperava que ninguém deste lado do Atlântico esteja prestando atenção às notícias internacionais. —Você vai precisar de um nome diferente.

—Por que?

—Porque você é famoso e alvo de todos os sindicatos guerrilheiros de Caracas.

—Mas eu gosto do meu nome.

Porra, ele estava tão molhado atrás das orelhas que ia levar um tiro. —Basta escolher um nome, — Vitari retrucou.

—Eu não sei... Justin?

Ele não era um Justin. —Não esse.

—Você escolhe um então,— ele rosnou de volta. O suor brilhava no rosto de Francis.

A umidade da selva começou a penetrar no avião, agora o ar-condicionado estava desligado. Vitari tirou a própria camisa das costas. Ele odiava a selva. Jesus, o que ele estava fazendo aqui *com Francis*? A porta bateu do lado de fora.

Vitari olhou de soslaio para Francis. —Frankie.— Ele puxou a gola do pescoço e desabotoou os botões superiores. —Mantém as coisas simples.

Francis fez uma careta. —Frankie?

—Aqui a merda é diferente, — disse Vitari. Por que seu coração estava batendo forte? Ele geralmente não ficava tão nervoso ao cumprimentar os habitantes locais. —Fique comigo, não faça nada estúpido e você ficará bem.

A porta se abriu e uma rajada de ar superaquecido da selva entrou, como se você estivesse entrando em uma sauna. O pessoal de Carlos saiu do caminho e o próprio homem sorriu, estendendo a mão para Vitari apertar. Atrás dele, dois

homens vestindo roupas camufladas e carregando rifles de assalto montavam guarda.

— Ahn-hel, — Carlos cumprimentou, sorrindo de orelha a orelha.

Eles apertaram as mãos. Vitari assumiu o papel de representante da Battaglia e apresentou Frankie como um *amigo importante* em espanhol.

Carlos e Francis apertaram as mãos, enquanto Francis piscava e sorria e não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo, então Carlos se debruçou sobre as principais áreas do negócio. Eles desceram os velhos degraus enferrujados do avião, enquanto a porta de carga do avião se abria com um rangido. Um exército de moradores locais apareceu e começou a descarregar produtos manualmente em direção a um comboio de caminhões estacionados.

Carlos e seus homens armados escoltaram Vitari e Francis em direção a uma fileira de Toyota Land Cruisers pretos e brilhantes, e Francis ficou boquiaberto com a operação, os olhos arregalados e o rosto pálido, como um cervo perdido diante dos faróis.

Carlos tirou uma pepita de ouro do bolso e jogou-a para o alto. Vitari pegou-o e sorriu, pesando na mão a pepita do tamanho de uma bola de golfe. — Legal. — Ele colocou-o no bolso e subiu na frente de um Land Cruiser que o esperava. Francis mexeu no cinto de segurança do banco traseiro, tentando retirá-lo de onde estava preso entre os assentos. Ninguém usava cintos; eles atrapalharam uma saída rápida caso o comboio fosse emboscado. Vitari poderia ter contado a ele, mas vê-lo lutar foi mais divertido.

Ao seguirem por uma trilha na selva, Francis deve ter notado que ninguém usava os cintos e desistiu de tentar pescar o seu. Vitari escondeu um sorriso atrás da mão e olhou pela janela para a selva quente. A trilha se alargou, depois se

juntou a uma estrada de cascalho e, quando o sol nasceu sobre as montanhas cobertas de selva, o comboio chegou à cidade de El Cristo. Os caminhões de escolta vigiados partiram, o que não era mais necessário, já que o de Vincente Sindicato era dono do El Cristo, e a Battaglia era dono do Vincente. Eles estavam tão seguros aqui quanto em casa, na Calábria. Talvez mais seguro.

Carlos mostrou-lhes uma casa recém-construída, situada a meio caminho de uma colina, num terreno entre palmeiras, com vista para a cidade. Vitari fez todos os tipos de ruídos impressionados, esperando poder tomar um banho antes de começar a trabalhar. Mas então Carlos convidou Vitari para tomar café da manhã com a família – um convite que não pôde ser recusado.

—Você deveria ficar aqui, — disse Vitari a Francis em inglês, enquanto Carlos recitava ordens para que seus homens informassem às governantas que tinham companhia.

—Aqui?— Francis estava parado no meio da sala de estar, com a camisa úmida grudada no corpo, o cabelo grudado no rosto e o ventilador balançando acima, parecendo perdido. —O que é este lugar?— Ele agarrou sua batina como um talismã. Ele havia saído de seu pitoresco vilarejo inglês para a selvagem floresta tropical venezuelana em menos de vinte e quatro horas.

—Relaxe, Frankie. Voltarei mais tarde.

Ele assentiu com os olhos arregalados.

Vitari sustentou seu olhar e algo parecido com culpa se contorceu em suas entranhas. Não era culpa dele que Francis estivesse aqui, então por que ele se sentia responsável por ele? —Eu sou um rei aqui. Ninguém vai te machucar. — Vitari sorriu, esperando que um pouco de sua confiança pudesse acalmar a mente de Francis.

Francis engoliu em seco, piscou algumas vezes e assentiu, mas pareceu não estar convencido. Ele só precisava de algumas horas para que o choque cultural passasse. Ele ficaria bem.

Vitari saiu de casa e desceu o morro com Carlos. Quando olhou para trás, para a colina, Francis estava na varanda, observando-os partir.

Não há para onde correr aqui, padre.

Esse pensamento deveria ter aliviado a culpa de Vitari, mas inexplicavelmente piorou a situação.

CAPÍTULO DEZENOVE

Francis

Os dias seguintes passaram como um borrão de homens armados visitando a casa, e Vitari saindo durante a maior parte dos dias sufocantes. Uma noite ele não voltou e Francis se convenceu de que Vitari estava morto na selva, abandonando Francis no meio de um país estrangeiro, sem saída.

Todas as manhãs ele acordava coberto de suor por causa da umidade e do medo. Ele preparou seu próprio café da manhã com os suprimentos e depois orou pedindo orientação para si e para Vitari.

No terceiro dia, Isabel, a governanta, chegou e, embora ela não soubesse nada de inglês e ele só soubesse algumas palavras básicas em espanhol, eles conseguiram iniciar uma conversa estranha e interrompida. Ele preparou uma bebida para ela depois de se sentir culpado enquanto ela trabalhava para limpar a casa no calor. Ele descobriu que ela tinha uma família – dois meninos. Ela lhe mostrou fotos e, depois, decifrando e gesticulando, ele também descobriu que o marido dela havia sido morto nas montanhas. Ele não perguntou por que, mas percebeu que a maioria dos homens da cidade trabalhava para a organização de Vitari.

Ele orou com ela, o que ela pareceu apreciar, e quando ela saiu, a sensação de solidão e isolamento voltou.

Esta era a sua vida agora? Fugitivo em uma terra distante?

Pelo menos a vista das montanhas era de tirar o fôlego. Ele tentou não pensar muito sobre o que acontecia sob a copa da floresta. Mineração ilegal de ouro, com certeza, já que ele viu a pepita de ouro que o contato de Vitari lhe deu quando chegaram. Fábricas de drogas. Cocaína, talvez. Exploração dos habitantes locais.

Isabel voltou à noite, alguns dias depois, e enquanto reabastecia os armários, perguntou sobre Francis em um inglês ruim. Ele não podia dizer quem ele era, mas disse a verdade de outra forma. Sem família, sem esposa, ninguém com quem falar. A família dele era a Igreja, disse-lhe ele, mas não se atreveu a dizer mais nada. Ela mencionou que a cidade tinha uma pequena igreja e que seu filho estava doente, então ele orou com ela enquanto ela segurava seu rosário.

Foi bom ajudá-la. Deu-lhe uma âncora na tempestade que se tornou sua vida.

Vitari entrou cambaleando quando terminaram de orar, encontrando os dois ajoelhados na mesa de centro. Seu olhar mordaz e suas pupilas dilatadas alertaram que algo ruim havia acontecido. Ele latiu para Isabel em espanhol, claramente aterrorizando-a tanto que ela saiu correndo de casa.

—Você está aqui há menos de uma semana e está orando com a porra da governanta?— Vitari pegou uma garrafa sem identificação do armário, arrancou a tampa e despejou o líquido branco e transparente em um copo. Ele engoliu em seco e olhou para Francis através dos cílios escuros. —Ela sabe que você é padre?

Francis não havia perdido a arma enfiada na parte inferior das costas de Vitari.

—Não.— Ele sentiu que se ela o fizesse, nunca mais veria Isabel. —O filho dela não está bem...

—Eu não ligo.— Ele tomou outro gole profundo de sua bebida e contornou o balcão da cozinha, mantendo a mão sobre ele para se equilibrar. —Você nem fala a mesma língua.

—Deus é universal.

Vitari riu, parecendo insensível e cruel. —Deus?— ele zombou. —Não há Deus aqui.

Francis endireitou-se. Vitari era um homem perigoso, ainda mais quando estava fora de controle. Mas ele não *parecia* perigoso agora. Ele se apoiou no balcão, olhando para Francis, como se esperasse um julgamento, desafiando-o a comentar. O que quer que ele procurasse, deve ter encontrado, porque soltou uma risada, caminhou pela sala de estar e saiu para a varanda.

Francis esperou um pouco e depois juntou-se a ele do lado de fora, onde se sentou numa espreguiçadeira, bebendo sua bebida. —Há uma igreja aqui, — disse Francis. —Eu gostaria de visitar...

—Faça o que você quiser.— Vitari acenou com a mão. —Apenas fique na cidade. Vá muito longe na selva e alguém irá confundi-lo com um turista e cortar suas orelhas como pedido de resgate.

Isso era verdade ou ele estava apenas sendo dramático? —Posso sair de casa?

—Eu disse sim, não foi? Você não é meu prisioneiro. Jesus.

Depois de ficar preso por dias, ele olhou para a estrada lá fora que serpenteava colina abaixo e quis sair imediatamente, apenas para esticar as pernas e olhar para algo diferente da mesma vista e das mesmas paredes. Mas o

estado de Vitari o impediu. Neste momento, sentado na espreguiçadeira, olhando para as montanhas, uma aura de tristeza pairava ao seu redor. A bebida era uma muleta.

—O que aconteceu hoje?— perguntou Francis. Sentou-se na segunda espreguiçadeira, longe o suficiente para dar espaço a Vitari.

—Nada.— Ele continuou a olhar para as montanhas, mas sua bochecha se contraiu enquanto ele rangia os dentes. Ele olhou por cima. —Você acha que vou confessar meus pecados?

—Não...

—Jesus, você gosta de saber tudo sobre todo mundo? Você gosta de ouvir todos os seus segredos suculentos e fodidos, padre?

—Não é nada disso.— Se ele soubesse o preço que custa suportar o peso de tantos pecados, ele não rosnaria como estava agora. Se ele soubesse das vezes em que Francis enterrou o rosto nas mãos e chorou sob aquele peso, não o julgaria com aquele olhar frio. Mas isso não era sobre Francis.

Vitari olhou para ele de lado. —Qual foi o pior segredo que você já ouviu?
Francis permaneceu em silêncio.

Vitari sorriu, os dentes brilhando ao luar. —Todas aquelas ovelhas do seu rebanho. Aposto que eles fazem todo tipo de merda e contam tudo no dia seguinte para que possam fazer de novo. É uma maldita piada.

Francis apertou os lábios e também olhou para as montanhas. Não era possível argumentar com Vitari quando ele estava assim. Ele tinha muita coisa acontecendo em sua cabeça para ver o dano que suas palavras estavam causando.
—Eu entendo sua raiva.

—Não, você não faz.

—Você está com dor. Você vai me deixar orar por você?

Vitari arqueou uma sobrancelha. —Vá em frente então. Vamos ouvir isso.

Francis fechou os olhos, baixou a cabeça e rezou. —Senhor Deus, esteja perto de nós em meus momentos de fraqueza e dor. Sustenta-nos pela tua graça, para que a nossa força e coragem não falhem. Cure-nos de acordo com a sua vontade e ajude-nos sempre a acreditar que o que nos acontece aqui é de pouca importância quando você nos mantém na vida eterna, meu Senhor e Deus. Amém.

Francis esperava um comentário sarcástico, alguma repreensão, mas Vitari apenas sorriu e encarou a selva novamente. Eles ficaram em silêncio juntos, ouvindo o coaxar dos sapos e o chilrear dos grilos. Um calor envolveu o coração de Francis, e ele sabia que Deus estava ali com eles.

—Eu vi uma criança ser surpreendida hoje.— A expressão de Vitari ficou mais tensa enquanto ele lutava para esconder sua mágoa. —O idiota estúpido estava roubando ouro. Ele já foi pego antes, então... — Ele tomou um gole para abafar as palavras.

A perda de vidas humanas sempre foi terrível, mas a perda da vida de uma criança, ainda mais. Francis fechou os olhos e suportou o peso daquela confissão. Quando ele abriu os olhos novamente, ele perguntou: —Você poderia ter impedido isso?

Vitari parou. Ele engoliu em seco. —Talvez. Não. É complicado.

O silêncio voltou.

—As crianças não merecem isso, — sussurrou Vitari. —Homens adultos podem foder uns com os outros, sabemos no que estamos nos metendo, mas aquele garoto só estava tentando sobreviver. Ele não estava roubando ouro por causa da ganância. A mãe dele está doente – descobri mais tarde. Os médicos aqui

são caros. — Ele esfregou o rosto. — Devemos cuidar dessas pessoas, é assim que funciona. Somos donos deles, eles ajudam a esconder a nossa operação da polícia e nós cuidamos deles. Nós nos importamos com eles. Eu não vim aqui para executar crianças inocentes.

Algo gelado e cruelmente afiado brilhou nos olhos de Vitari. Ele se levantou e agarrou a espreguiçadeira.

Francis estendeu a mão e pegou sua mão, ajudando a firmá-lo.

Vitari olhou para as mãos entrelaçadas e franziu a testa. A profundidade da dor em seus olhos foi profunda. Francis também sentiu isso – a agonia da perda e da culpa.

— Vou para a cama. — Vitari libertou a mão e cambaleou pela sala de estar, desaparecendo nos fundos da casa.

Francis ficou na varanda, ouvindo o chilrear e o farfalhar da selva e, às vezes, as risadas ocasionais trazidas até ele pela brisa que soprava pela cidade. O calor ainda estava lá, em seu peito. Um conforto e um propósito.

Ele olhou para as luzes cintilantes da cidade e se perguntou se todo o trauma, toda a angústia e os testes o haviam levado ao único lugar na Terra onde ele precisava estar.

Amanhã, ele visitaria a igreja.



Passaram-se semanas, depois meses. Francis via Vitari pouco e passava a maior parte do tempo na pequena igreja, ajudando onde podia. Vitari passava

dias e noites fora, fazendo tudo o que fazia na selva. Eles orbitavam um ao outro, conscientes um do outro à distância. Certa noite, Vitari anunciou que ficaria fora por uma semana e, na manhã seguinte, foi embora. Desapareceu como névoa sob o sol. Enquanto estava fora, Francis dedicou-se a ajudar aqueles que precisavam da orientação de Deus. *Blanco Padre*, começaram a chamá-lo. Padre Branco.

Não houve mal nenhum nisso. Ele gostou deles. Eram pessoas boas, pessoas honestas, apanhadas num mundo de violência, política e crime que tinha as suas raízes em muitas gerações anteriores. Ele não poderia consertar isso, mas poderia dar-lhes consolo e orientação espiritual.

Ele voltou para casa, cansado do dia de trabalho, mas também animado, de uma forma saudável que raramente experimentara na Inglaterra.

—O que você está fazendo?— disse Vitari. Ele encostou-se na parede oposta, na sala com as luzes apagadas, os braços cruzados, como uma emboscada. Depois de dias sem ele, ele reapareceu como um estranho na vida de Francis, apenas a silhueta de alguém que quase conheceu.

Uma arma no coldre contrastava com a camisa branca de Vitari.

—Eu não...

—Blanco Padre?— Vitari se afastou da parede e chegou mais perto. —Que porra é essa? Você quer que Luca venha aqui? Você quer ser encontrado, é isso? —Seus olhos furiosos brilharam na escuridão.

Ele não tinha motivos para ficar com raiva. Ele simplesmente não entendeu. Francis ergueu as mãos. —Eles não sabem quem eu sou. É apenas um nome.

—Você não consegue evitar, não é?— Vitari bufou. —Você só precisa ser o centro das atenções, polir sua auréola onde todos possam ver.— Ele parou na frente dele e lançou seu olhar depreciativo sobre Francis.

Francis permaneceu firme e cerrou os punhos. Por que Vitari estava agindo assim? —Gosto das pessoas, gosto de ajudá-las. O que mais devo fazer? Sentar-me aqui e esperar por você?

—Isto não é um acampamento de férias, — ele rosnou, e a crueldade em seus olhos era real. —Existem pelo menos oito sindicatos criminosos que terão prazer em empurrar você contra a parede e colocar uma bala em seu cérebro. Estou tentando proteger você, Francis.

— *Você* me sequestrou. Você me trouxe aqui!

—Eu não sequestrei você.— Ele bufou. —Você entrou naquele avião comigo por sua própria vontade. Isso não é minha culpa. Você escolheu estar aqui.

—Para ajudá-lo!

Vitari recuou. —Eu não preciso da sua maldita ajuda.

—Sim, você faz, Vitari. Você está uma bagunça, está com dor e eu posso ajudá-lo.— Francis aproximou-se, estendendo as mãos, tentando fazê-lo ver e compreender. —Este não é você, nada disso. Toda essa vida em que você está envolvido, você finge que ama, mas tem medo, todos os dias.

—Afastese, padre. Eu não sou seu caso de caridade.— Vitari moveu-se como se fosse virar-se, depois cambaleou e enfiou um dedo na cara de Francis. — Você é quem precisa salvar a todos porque não pode salvar a si mesmo. Você é quem está preso, não eu.

A torrente de raiva tomou conta de Francis. Vitari estava sofrendo e foi então que ele atacou. Ele não precisava da raiva de Francis, precisava de alguém para ouvi-lo, alguém para lhe dizer que tudo ficaria bem. Vitari não estava aqui porque queria. Ele *estava* preso. Como ele poderia não ver isso?

—Maldito seja, Francis, — ele rosnou. —Não volte para aquela igreja.

Francis franziu a testa. —Vou voltar.

Ele soltou uma risada tensa. —Eles vão descobrir quem você é.

—Eu não ligo. Estou ajudando as pessoas. Estou fazendo a diferença aqui.

—E você esta? Quanto a mim?— Vitari bateu no peito, suas mãos ficando mais animadas a cada segundo. —Você não entende? Somos homens mortos. Basta a *família* dizer a palavra e seremos executados como aquele garoto estúpido. Estou aqui porque não te matei quando deveria, você está aqui porque Luca tem fotos suas chupando meu pau e os DeSica estão convencidos de que você é importante. Mantenha a porra da cabeça baixa, Francis, ou não poderei protegê-lo, porra.

Não, ele não estava obedecendo a Vitari. Ele passou muito tempo de joelhos, obedecendo aos outros. Esta era a vida dele e ele poderia fazer algo aqui. —O que mais está lá? Por que estou aqui? Você não entende, eu tenho que fazer isso. Eu tenho que melhorar as coisas. Eu tenho que ajudá-los.

—Por que?

—Porque...— As palavras ficaram presas em sua garganta como arame farpado. Porque ele estava quebrado por dentro, porque essa era a única maneira de iluminar sua alma, porque pela primeira vez em muito tempo ele sentiu como se pudesse ser redimido.

A impaciência passou pelo rosto de Vitari. —Por que você tem que arriscar nossas vidas por estranhos, Francis?

—Eu sou um padre.

Vitari riu. —Não, você não é, lembra? Você é Frankie, um ninguém que a selva vai mastigar e cuspir. Eu mesmo deveria atirar em você.

—Tudo bem, então faça isso!— Ele se lançou em direção à arma de Vitari.

Vitari – rápido como um raio – sacou a arma e apontou entre os olhos de Francis. Francis congelou, engolindo em seco, e ergueu as mãos.

O lábio superior de Vitari se curvou. Ele pressionou a arma sob o queixo de Francis, inclinando a cabeça para trás, e se aproximou. Seu peito firme queimava contra a camisa de Francis. Ele respirava rápido também. —Não me tente, Francis, — ele sibilou perto do rosto de Francis, olhando para cima. Francis fechou os olhos. A pressão fria da arma aumentou quando Vitari se inclinou para ela. Vitari não atiraria nele, eles tinham ido longe demais, mas a arma enfiada em seu queixo zombava de qualquer sentido ou razão.

—Você me deixa louco, — Vitari sussurrou. As palavras deslizaram pelo canto da boca de Francis. —Você é tão bom, o tempo todo.

Os lábios de Vitari roçaram o mesmo lugar, e então sua língua brincou e a arma ainda cravou, e o calor de Vitari queimou o corpo de Francis. Ele podia sentir o cheiro do metal frio, da colônia de Vitari, do gel que ele usava no cabelo e do suor. Mas não era o medo que o fazia tremer.

—Eu vou te foder e te arrastar para a terra comigo. — A boca de Vitari roçou sua bochecha, entregando as palavras em seu ouvido, onde elas romperam todas as suas barreiras e deslizaram para dentro. Seu miserável corpo vibrava de luxúria, indefeso quando se tratava de Vitari. Ele soube minar os pontos fortes de Francis e expor todas as suas fraquezas.

Ele não conseguia abrir os olhos; se fizesse isso, cairia no olhar de Vitari e não haveria escapatória. Assim, rígido, de olhos fechados, indiferente, Vitari ficava entediado.

O cano duro da arma desceu pelo pescoço e pelo peito de Francis, e o coração de Francis bateu mais forte à medida que a arma mergulhava. Ele estava duro. Estava errado. Tudo sobre isso estava errado. Mas ele era fraco, apenas um homem com necessidades e desejos, e muito, muito longe do padre perfeito que Vitari parecia acreditar que ele fosse.

A temida luxúria fez seu pênis doer.

—Não,— ele resmungou.

Vitari o ignorou, e o cano frio e firme da arma acariciou o pau de Francis, preso desajeitadamente em sua calça. Vitari estremeceu e suspirou na boca de Francis; nem um toque, nem mesmo, e nem um beijo, apenas uma promessa de um. Mas o não tocar tornou tudo mais nítido, mais cruel, mais real. A dureza da arma o esfregou e Francis apertou os olhos com mais força. Ele poderia suportar isso. Era apenas luxúria, apenas necessidade animal. Quando Vitari ficasse entediado e parasse, as necessidades selvagens desapareceriam.

—Eu sinto seu calor. Você quer... foder. —Ele arrastou as palavras pelo pescoço de Francis, tornou-as lentas, tornou-as torturantes.

A respiração de Francis falhou. Seu pau se contraiu, flexionando, buscando mais fricção. Se Vitari colocasse a mão ali, Francis não resistiria. Mas Vitari não o tocava com as mãos, apenas com a boca e a arma.

—Quantas vezes você sonhou comigo de joelhos, Francis? Eu sei que você gosta de mim lá.

—Por favor...— A arma bateu nele e Francis ficou molhado por isso. Era desviante usar uma arma como essa, mas... era tão bom, parecia um alívio, e quanto mais Vitari esfregava a arma nele, mais ele a desejava.

—Por favor, o que, padre?

Por favor, pare, por favor, não, por favor, com mais força, por favor, mais, por favor, me foda, me chupe. Por favor, me arruíne.

Francis abriu os olhos e as pupilas dilatadas de Vitari brilharam como diamantes negros no escuro. Ele estava lá, em todos os lugares ao mesmo tempo, e Francis não conseguia escapar. Não queria. Deus, ele iria gozar. Ele tentou não se mover, não sacudir os quadris, tentou não buscar cada vez mais, cada vez mais rápido. Ele estava fodendo uma arma? Isso estava acontecendo?

A boca perversa de Vitari pairou sobre a de Francis. Seu ombro estremeceu com a fricção, e seu sorriso se transformou em um sorriso malicioso, um sorriso que Francis queria engolir direto de seus lábios.

—Seu coração está acelerado. Você gosta?

Francis mordeu o próprio lábio, abafando um gemido. Vitari esfregou com mais força e mais rápido. A arma clicou mecanicamente. E se estivesse armado?

A luxúria quente desceu pela espinha de Francis, e a necessidade líquida surgiu em suas bolas. Por que esses pensamentos violentos o atormentavam?

Vitari chupou o lábio inferior de Francis entre os dentes, apertou-o ali e mordeu-o suavemente, e com a ação de sua fricção violenta, o ataque tornou-se difícil demais para ser combatido, demais para ser contido. O êxtase trovejou em sua direção, com um brilho ofuscante. Ele gritou, estremeceu, jorrando esperma, e Vitari enfiou a língua entre os lábios, abafando seus gritos, beijando-os. Ele jogou a arma, passou um braço em volta da cintura de Francis e apertou-o contra si. O pau duro de Vitari cavou no quadril de Francis, cutucando-o enquanto Vitari golpeava seus quadris, tentando fodê-lo ainda com as roupas.

—Não.— Francis colocou as mãos entre eles. —Não pare.— Ele empurrou e Vitari cambaleou para trás. Ele sorriu, limpou a boca com as costas da mão e

bufou, depois ajustou as calças em torno de sua ereção óbvia. Aquele seu olhar imundo e satisfeito fez Francis querer bater nele – e beijá-lo.

—Provocadora de pau,— Vitari rosnou. Ele apontou para o meio de Francis. —Você tem um pouco de esperma aí, Padre.— Ele pegou sua arma. Francis não conseguia tirar os olhos da arma e observou Vitari recolocá-la no coldre e caminhar em direção aos fundos da casa. —Estarei no chuveiro cuidando das minhas bolas azuis.

—Não faça isso de novo!— Francis chamou, detestando como sua voz tremia.

—Claro, — Vitari respondeu. Mesmo que Francis não pudesse ver o sorriso, ele ouviu.

Ele ficou imóvel no escuro, desconfortavelmente molhado *lá embaixo*. O som da água correndo encheu a cabeça de Francis com imagens de Vitari nu sob os jatos de água, o pau na mão que bombeava, a cabeça jogada para trás, tão livre quanto qualquer homem poderia ser. Ele queria fazer isso, retribuir, não porque achasse que deveria, mas porque queria ver a alegria no rosto de Vitari e saber que foi ele quem lhe deu aquela paz, só por um tempinho.

Ele suspirou e olhou para as paredes, os móveis, a vista da montanha pela janela. Ele tinha certeza de que não havia nada nos ensinamentos do Senhor a respeito de homens que transavam com armas.

Esta era a sua vida agora.

E amanhã ele voltaria para a igreja.

CAPÍTULO VINTE

Vitari

A Venezuela não era tão ruim. A operação Vincente funcionou como uma arma bem lubrificada, produzindo cocaína das plantações de coca e dos campos de processamento bem escondidos, enquanto as minas de ouro enterradas nas profundezas das colinas geravam lucros constantes. A Battaglia forneceu armas e rotas seguras para enviar o produto da Venezuela para a Europa. O Vicente forneceu o produto.

Aqui, Vitari não precisava pensar na merda que o esperava em casa. Como *ainda* estava aqui e Luca não tinha aparecido, Giancarlo devia estar satisfeito com a operação venezuelana.

O comboio de Land Cruisers voltou para El Cristo ao anoitecer e virou para a esquerda, evitando uma colorida procissão de pessoas. —O que está acontecendo? — Vitari perguntou a Carlos.

—Ah, a celebração. — Carlos continuou explicando que a celebração religiosa era uma tradição local que começou como um dia sagrado e depois terminou como um encontro noturno de comida e vinho.

Vitari assistiu ao desfile colorido pelos vidros escuros do SUV e, claro, lá estava Francis segurando um buquê de flores desabrochando no meio da

população da cidade, conversando animadamente. Uma criança agarrou-se à sua perna, olhando para ele como se ele fosse o maldito messias dela.

Aquele idiota. Vitari teria que lembrá-lo da conversa que tiveram várias noites antes. A conversa em que Vitari deixou bem claro que Francis não deveria voltar para a igreja. Eles tinham uma coisa boa acontecendo aqui. Francis precisava manter a cabeça baixa.

Eles fugiram dos Land Cruisers e Carlos explicou como sua família estaria nas comemorações e quase todos na cidade estariam nas ruas. Vitari concordou em encontrá-lo mais tarde, depois voltou para casa, comeu alguma coisa e, da varanda, observou as luzes da procissão percorrerem a aldeia.

Ele trocou de roupa e entrou na cidade. Alguns moradores mais jovens o abordaram com presentes de bebidas e comida. Após as primeiras emboscadas de meninas tímidas, ele avistou Francis no meio da bagunça, conversando e rindo com uma família. Uma garotinha entregou-lhe uma flor amarela e, embora Vitari não conseguisse ouvir as palavras, viu como Francis sorria como se aquela flor minúscula não tivesse preço. Ele se ajoelhou e disse algo para a garota que tinha olhos arregalados e cheio de admiração. Ele nem falava espanhol. Como ele saiu de um avião da Inglaterra e entrou na vida aqui como se sempre tivesse pertencido?

Blanco Padre.

Vitari bufou e engoliu o vinho condimentado que lhe foi oferecido.

Ele abriu caminho pelas festividades carnavalescas, tentando chegar até Francis, mas quando Francis o viu, a alegria cintilante desapareceu de seus olhos e seu amplo sorriso se estreitou. Ele se endireitou, endireitando-se e desligando-se ao mesmo tempo. Sua reação não deveria ter importado. Era sensato manter a

guarda levantada. A maioria das pessoas fazia isso perto de Vitari. Mas, por alguma razão, desta vez, ver Francis fechado corroe o calor da noite.

—Uma palavra, — sugeriu Vitari.

Francis agradeceu à família em espanhol e acompanhou Vitari. —Não vou parar, — disse ele.

—Eu vejo isso.

A atmosfera de festa cresceu à medida que caminhavam em direção à rua principal. Uma banda tocava um número animado de bateria e guitarra, as bebidas fluíam, as pessoas dançavam na terra, com luzes de fadas penduradas acima delas.

—Onde estamos indo? — perguntou Francis.

—Para uma bebida.

Francis olhou de soslaio para ele, esperando a captura. Vitari sorriu de volta, tentando manter o clima casual entre eles. Eles estavam na Venezuela há meses e mal mantinham uma conversa normal, o que era culpa de Vitari. Ele estava ocupado. Mas não esta noite. Ele não podia mais evitar Francis.

Eles abriram caminho até um bar tipo barraco lotado. O homem que servia as bebidas reconheceu Vitari e recusou o pagamento, entregando em seguida duas garrafas sem marca. Francis aceitou a bebida, mas permaneceu rígido, olhando ao redor como se tivesse entrado em um covil de pecado. Não foram as pessoas que o deixaram em alerta máximo, foi Vitari.

—Algo está errado?— Francis perguntou, chamando a atenção de Vitari.

—Não.— Vitari riu e apoiou o quadril no topo do bar em ruínas feito de tábuas de andaime.

—Então por que estamos aqui?

—Relaxe. Não podemos simplesmente tomar uma bebida?

Francis estreitou os olhos, procurando o truque, depois, relutantemente, sentou-se no banco e tomou um gole de bebida. Agora que Vitari o tinha aqui, ele não sabia o que dizer. Repreendê-lo por suas atividades na igreja o afastaria. Francis não gostaria de falar sobre o negócio; eles apenas discutiriam. Então o que sobrou? Deus?

—Comecei a ler *As Crônicas de Gelo e Fogo*, — Vitari deixou escapar, captando a primeira coisa não comercial e geralmente segura que lhe veio à cabeça.

—Você tem?

—Sim, quero dizer, só li trinta páginas. Eu sou mais um cara de artes visuais. Não é muito bom em ficar parado.

Isso arrancou dele um leve sorriso, que permaneceu também, iluminando seu rosto e fazendo com que suas sardas se aprofundassem. O calor voltou ao peito de Vitari. Como se o bem-estar de Francis significasse mais para Vitari do que ele imaginava.

—Não é a mesma coisa lê-lo quando você conhece as grandes reviravoltas, — disse Francis.

—Como quando Stark separa a cabeça do pescoço? Maldito idiota. Ele era muito ingênuo.

Eles conversaram um pouco sobre os livros e séries de TV e Francis perdeu a postura rígida, ficando mais animado. Ele provavelmente acreditava que estava prestes a levar uma bronca, e talvez isso ainda acontecesse mais tarde, mas por enquanto, Vitari gostava apenas de passar um tempo com ele. —Você está aprendendo espanhol?

Francis pigarreou e retirou uma frase em espanhol que fez os dois rirem ainda mais. —Talvez trabalhe mais nisso.

Vitari sugeriu que fossem para fora, onde a música era mais alta e a noite estava animada com pessoas e luzes pisca-pisca, tambores fortes e guitarras animadas. Uma voz masculina sensual cantada em um espanhol rico e profundo. O calor da selva diminuiu, fazendo o rosto de Francis brilhar. Seus olhos brilharam também, o gelo anterior descongelado.

—Quando você está assim, esqueço quem você é, — disse Francis, relaxando na mesinha que encontraram à margem da festa. Ele sorriu seu sorriso suave, quase tímido. Seu sorriso *verdadeiro*.

—E quem sou eu?— Vitari brincou, curioso.

—Ah, aí está a questão.— Ele riu um pouco e estudou a garrafa de cerveja em suas mãos. O calor tocou seu rosto, provavelmente por causa do álcool potente ou do calor da noite. —Você realmente quer saber?

—Eu sei, mas quero ver se *você* sabe.

Eles se sentaram próximos, lado a lado, Vitari de frente para a multidão e os casais dançando, enquanto Francis estava de costas para o mundo. O ângulo oposto significava que Vitari podia vê-lo pelo canto do olho enquanto observava a festa. E ele não conseguia tirar os olhos dele, não esta noite.

—Não sei, acho que já conversamos sobre isso, — disse Francis, ainda tímido.

—Nós temos?

—Gritamos, principalmente.— Ele riu e olhou para cima, encontrando o olhar de Vitari nele. —Você está envolvido em tudo isso, mas não acho que seja onde você quer estar. Nenhum de nós faz.

Este normalmente teria sido o momento em que eles discutiriam, mas suas palavras não o irritaram desta vez. —Achei que você gostasse daqui?

—Sim, não é isso que quero dizer.

Vitari levantou-se, girou a cadeira e sentou-se de costas para o grupo, mais perto de Francis. As comemorações continuaram, mas no canto deles a música não era tão alta, e eram só os dois, em sua pequena bolha. —O que você quer dizer com Blanco Padre?

Francis riu novamente. —Não tive nada a ver com esse nome.

Quando ele riu, toda a dor em seus olhos desapareceu, deixando-os suaves, abertos, honestos e tão perfeitos que Vitari quis estender a mão e passar os dedos pelos cílios macios e castanhos. Seus joelhos se tocaram; Francis provavelmente não percebeu, ou se afastaria. Mas o toque queimou Vitari, fazendo sua pele ferver.

Vitari desviou o olhar e olhou para o mato nos fundos do barraco próximo. Isso foi... muito. Ele estava muito bêbado, então talvez fosse o álcool que estava fodendo seu coração. Mas estar aqui com Francis, sem insanidade, sem raiva, apenas os dois – parecia um pedaço de normalidade que Vitari raramente experimentava.

—Eu queria perguntar, posso... quero dizer... esta é a minha vida agora? Posso ficar?

Ele *queria* ficar? Na Venezuela? —Porra, eu não esperava por isso,— Vitari riu.

—Sim.— Ele riu também. —A selva também não foi onde eu me vi. Mas eu gosto daqui, gosto muito mais do que...

—Inglaterra? Sim, eu conheço esse sentimento. —Vitari respirou fundo, enchendo os pulmões com ar com aroma de especiarias. —Talvez.— Ele poderia fazer funcionar. —Mas você tem que ser Frankie. Padre Francis Scott não existe. A família vai te deixar em paz se acharem que você está morto em uma vala em algum lugar.

Ele empalideceu um pouco. Ele havia esquecido a verdadeira razão pela qual eles estavam aqui. Vitari tocou a mão apoiada na mesa, ganhando o olhar de Francis. Porra, a maneira como Francis o estudava agora, através daqueles cílios em forma de pincel, os olhos cheios, talvez um pouco bêbados, os lábios rosados macios.

Vitari queria mantê-lo seguro, mas era mais do que desejo. Seu coração bateu tão forte que Francis deve ter ouvido.

Os dedos de Francis se abriram suavemente, tocando os de Vitari, depois deslizaram sob os dele e se fecharam, de mãos dadas em algum tipo de compreensão mútua. Só que Vitari não entendia nada disso.

Só que ele lutaria com a porra do mundo inteiro para proteger Francis.

Ele puxou a mão para trás e tomou um generoso gole de cerveja. Que porra? O que ele estava fazendo? O que *eles* estavam fazendo?

Francis retirou a mão e apoiou-a na coxa. Ele se virou, claramente envergonhado.

Porra, porra, porra, isso não era um romance de conto de fadas. O lugar de Vitari entre os Battaglia estava em risco, e Luca deixou os dois em apuros com as fotografias incriminatórias. Os DeSica ainda estavam por aí, caçando Francis.

Talvez Francis pudesse se esconder na selva, mas Vitari não. Em algumas semanas, ele seria convocado de volta para casa, e qualquer romance que estivesse florescendo aqui seria melhor morrer na videira.

—Desculpe, — Francis murmurou, pensando que era culpa dele por ter tocado sua mão depois de toda a merda que Vitari tinha feito com ele, assumindo sua culpa como ele tomou a de todos os outros.

—Qualquer que seja.— Vitari saltou do banco e abriu caminho entre os casais dançantes. Ele era um idiota, bebendo com Francis como se fossem amigos. Francis o odiava. Como ele deveria. O cara era um maldito santo e Vitari era... indigno.

CAPÍTULO VINTE E UM

Francis

Vitari desapareceu na multidão, engolido pelas comemorações.

Francis fechou os olhos e tentou acalmar seus pensamentos confusos. Ele não deveria tê-lo tocado daquele jeito, mas ele só quis dizer isso como um conforto, e Vitari parecia precisar disso.

Francis precisava disso.

Enquanto eles se sentavam, conversavam, sorriam e riam, os muros de Vitari desmoronaram, e Francis viu o verdadeiro homem por trás da bravata cruel e da postura criminosa, por trás dos sorrisos falsos e dos rosnados cruéis. O homem que Francis queria conhecer, com quem queria passar um tempo. Queria tocar.

Era um pecado, ele sabia disso, mas as coisas eram assim em Vitari.

Ele bebeu o resto da cerveja, ouviu a voz suave e romântica do cantor e o dedilhar do violão e, em vez de relaxar, a batida rápida da música acelerou seu coração. Seu joelho saltou. O mesmo joelho em que Vitari se apoiou, provavelmente sem saber como seu toque havia inflamado Francis. Querer Vitari não parecia pecado, não parecia errado. Não mais. Na verdade, nunca pareceu *errado*. Sua cabeça atrapalhou o que seu coração sabia.

Ele saiu do banco, deixando a bebida para trás, e abriu caminho entre as pessoas sorridentes e felizes atrás de Vitari. O que ele estava fazendo? O que ele iria dizer? Ele pareceria um idiota, ou pior, Vitari ficaria bravo e gritaria com ele sobre a igreja e como nada disso era um jogo.

Francis não tinha respostas, apenas sabia que não poderia deixá-lo ir.

Avistou a silhueta de Vitari no morro, marchando até a casa.

—Vitari!

Vitari virou-se e rosnou por cima do ombro. —Que porra você está fazendo?

Francis diminuiu a velocidade, com passos inseguros. Isso era o que ele temia. Ele tinha entendido tudo errado. —Eu só...— Ele olhou de volta para a festa. —As comemorações continuam. Eu pensei...

—Então divirta-se, Francis. Você merece isso.— Vitari continuou subindo a colina.

Francis ficou na estrada, a meio caminho entre o grupo e a figura de Vitari em retirada. Ele queria voltar e participar das festividades, mas qual seria o sentido sem Vitari? Ele não podia deixar as coisas como estavam; ele não podia deixá-lo voltar para aquela casa vazia e beber sozinho.

Ele começou a subir a colina, aproximando-se de Vitari. Ele o convenceria a voltar. O segurar as mãos foi um erro. Isso não significou nada.

Chegou em casa no momento em que Vitari bateu a porta e parou novamente.

Talvez ele devesse voltar? Claramente, Vitari queria ficar sozinho.

Isso era culpa dele; ele havia ultrapassado os limites. As linhas entre eles eram tão confusas, sempre mudando. Ele nunca sabia onde estava. Ele pediria desculpas, conversaria com ele. Tinha que haver uma maneira de consertar isso.

Abriu a porta e lá estava Vitari com o ombro apoiado na parede do corredor, esperando. Ele parecia ameaçador no escuro, com o quadril levantado e uma sobrancelha levantada. —Eu disse para você voltar. Você nunca escuta, porra.

Ele não iria ouvir agora. Pior que isso, ele estava prestes a fazer algo insano, algo maluco. Ele entrou e se aproximou de Vitari no corredor escuro.

As sobrancelhas de Vitari se ergueram ao sentir que algo havia mudado, e então Francis, sem pensar, estendeu a mão e tocou a mandíbula afiada de Vitari. Ele pressionou os lábios nos de Vitari. Tinha que ser rápido, ou ele rosnaria e diria algo áspero, e isso nunca aconteceria. Mas isso *precisava* acontecer. Vitari estava em seu sangue, queimando-o, e sempre que Vitari sofria, Francis também sofria. Seu coração batia forte, medo e adrenalina emaranhados em uma mistura inebriante, mais potente que o álcool.

Ele não entendia, não os entendia, mas sabia que quando eles se tocavam, o barulho interminável que enchia a cabeça de Francis desaparecia, e havia apenas o gosto e a sensação de Vitari em sua língua, e o cheiro de Vitari a loção pós-barba cara e leve que ele usava – o cheiro e o sabor dele eram sempre tão deliciosos, como o pecado.

Os lábios de Vitari se separaram, sua língua entrou. Ele deixou cair a garrafa, ela quebrou, e então seus dedos enfiaram-se no cabelo de Francis, e Vitari balançou-se, agarrando o quadril de Francis com a mão livre. Ele o empurrou contra a parede, e o beijo passou de uma pergunta cuidadosa a uma

exigência selvagem. Vitari beijou com o corpo, não apenas com a boca. Ele balançou em Francis como uma onda, entrando e saindo novamente, solto e selvagem.

Francis deslizou as mãos pelas costas de Vitari, puxando-o para mais perto, precisando senti-lo mais, por inteiro, de uma vez. Mais, ele precisava de mais, precisava tirar a camisa, mas os botões da camisa estavam teimosamente presos, os botões muito pequenos sob seus dedos...

Vitari recostou-se, tirou a camisa problemática pela cabeça e jogou-a de lado. Seu peito nu era ainda mais tentador na sombra. Francis se aproximou e chupou o peito esquerdo, sentindo o gosto de suor salgado. Vitari soltou um gemido necessitado e então agarrou Francis, guiando-o para baixo. Os dentes de Francis roçaram seu mamilo; ele chupou e provocou, e Vitari rosnou, o som baixo e rico, dedilhando mais alto a necessidade de Francis.

A música da cidade zumbia pela casa, mas o mundo real estava longe. Eles estavam perdidos em alguma outra realidade, longe desta. Francis empurrou e Vitari recuou, depois riu quando Francis o empurrou contra a parede oposta e atacou seu pescoço. Não foi suficiente. Nunca seria suficiente. Agora que ele havia desencadeado essa necessidade entre eles, queria *devorá-lo*.

—Eu quero você, — Francis sussurrou durante uma pausa nas ondas de desejo. Ele encontrou o olhar de Vitari, e seus olhos não estavam zombando agora.

Ele não disse nada, apenas olhou, depois se endireitou e beijou Francis na boca, inclinando a cabeça de Francis para trás, fazendo-o implorar com os lábios. Eram a calma no centro da tempestade, seu toque dolorosamente gentil, tão cheio de significado e sentimento, que Francis não ousou se mover por medo de arruiná-lo. Como isso poderia estar errado quando parecia tão certo?

Vitari agarrou Francis pela bunda e puxou-o do chão. Francis prendeu as pernas em volta de sua cintura, lançou os braços ao redor dele também e beijou-o sem fôlego, sabendo que Vitari podia sentir o quanto ele queimava por ele, o quão duro ele estava. Ele brincou com a boca, mordeu os lábios como Vitari havia feito, e Vitari rosnou, sibilando enquanto carregava Francis para a sala. Eles esbarraram em alguma coisa, derrubaram.

Vitari jogou-o na beirada da mesa de jantar, puxou fora as calças de Francis e depois empurrou-o no peito, derrubando-o para trás, de modo que ele teve que se apoiar nas mãos.

Vitari olhou para cima e, entre suas respirações aceleradas, houve um momento em que eles trocaram olhares, e a profundidade da necessidade crua no olhar de Vitari enviou choques de luxúria ao âmago de Francis.

Vitari agarrou seu pau, abaixou-se e sua boca quente e apertada fechou-se sobre o pau de Francis, levando-o profundamente.

Sim, ele precisava disso. Precisava tanto que não conseguia pensar, não conseguia respirar. Ele não iria durar. —Oh Deus.— Ele não poderia durar. Acabaria muito cedo. Ele não queria que isso acabasse, mas precisava da libertação.

Vitari puxou o pau de Francis, mergulhou, pegou Francis em seus braços e capturou-o em um beijo enlouquecedor enquanto suas mãos trabalhavam na camisa de Francis, abrindo os botões até que estivessem nus, peito com peito nu. Pele quente e lisa acariciava a pele. A boca de Vitari queimou o pescoço de Francis. Ele agarrou-se a ele, precisando dele mais perto. —Mais, — Francis ouviu-se exigir. Ele nem tinha certeza de como eles poderiam se aproximar, ou como isso poderia melhorar, mas então Vitari recuou, desabotoou as calças,

deixou-as cair e tirou os sapatos. Ele se endireitou, ficando orgulhosamente nu. Pau duro e saliente. Corpo brilhando ao luar.

Francis congelou, chocado com a visão.

Foi como na piscina, mas sem o short. Vitari não se importava de estar exposto, mas mais do que isso, sabia o quão selvagemmente era lindo.

—Viu algo que você gostou?— Ele pegou seu próprio pau na mão e acariciou.

Francis não conseguiu encontrar voz para responder.

Vitari riu, trouxe Francis de volta para seus braços e tirou-o da mesa. Com alguns movimentos confiantes, ele manuseou Francis e gentilmente se aproximou, pressionando-se contra a nudez de Francis, mudando o ritmo de volta para um movimento lento e opressivo. Uma dança de pele com pele.

Deus, a sensação de músculos firmes em todos os lugares certos, a provocação suave de seus pelos minúsculos, e então, quando Vitari chegou tão perto, seus pênis se tocaram, acariciaram, e Francis revirou os olhos e murmurou uma oração para que o Senhor os ajudasse a impedi-lo de gozar muito cedo. A risada sombria de Vitari desvendou os últimos fios do controle de Francis. Ele estava perdido, tão perdido que não se importava com nada, apenas com o corpo quente de Vitari e todas as maneiras pelas quais Francis poderia devorá-lo.

Ele caiu de joelhos, pegou o pau de Vitari na mão e enfiou-o profundamente na boca, sobre a língua, engolindo até onde ousou.

—Porra, Francis, sua boca é um pecado.

Isso definitivamente era. Francis chupou com mais força, balançando, lambendo, usando os lábios para apertar ainda mais, depois ofegou e lambeu o

comprimento de Vitari, acariciando a cabeça salgada, lambendo seu pré-sêmen. Ainda não era suficiente, mas ele não tinha certeza até onde Vitari iria levar isso.

—Droga.— Vitari agarrou a cabeça de Francis e fodeu sua garganta. — Deus, você vai me fazer gozar.

Francis se libertou, com falta de ar, e esperou que a sala parasse de girar. Ele beijou as coxas trêmulas de Vitari, afundando os dedos em músculos firmes e poderosos.

—Você está me segurando, Padre.— Vitari riu.

Francis, de joelhos, olhou para seu belo corpo. Ele estava segurando *tudo*, como uma represa contendo um lago cheio. Mas não mais. Ele se endireitou e apertou seu pau contra o de Vitari, fazendo-o ofegar, como se Vitari estivesse à mercê de Francis. O poder era bom, poder de dar prazer.

Vitari agarrou os dois paus na mão e bombeou os dedos molhados. Francis agarrou seu braço, agarrando-se a ele. A respiração de Vitari cortou sua bochecha. Deus, ele iria ficar completamente desfeito. Ele balançou os quadris, fodendo a mão e o pau de Vitari, buscando um atrito quente e delicioso. Deus, sim. Era isso. Isso era tudo.

Vitari apertou o queixo com a mão livre e ergueu a cabeça. Ele bombeou com a outra mão, e Francis fodeu, e os olhos de Vitari o beberam. —Você é uma maldita força da natureza, Francis.

Sua alma estava condenada há anos.

Ele fodeu com mais força, depois olhou para os paus presos na mão de Vitari, e foi o gatilho final, o empurrão final. O êxtase o cegou. Ele gozou. Jatos cremosos caíram sobre os dedos de Vitari e subiram por seu quadril.

—Eu não posso...— A mão de Vitari estremeceu, seu ritmo rápido foi interrompido, e ele gozou também, resistindo, derramando. Sêmen atingiu a barriga de Francis. Era imundo e maravilhoso, e Francis estava exausto, ainda vivo, vazio, mas cheio. Sua cabeça girou, os joelhos ficaram fracos. Ele agarrou Vitari e apoiou a cabeça em seu ombro, descendo do ponto mais alto.

Eles ofegavam juntos, de coração a coração, pegajosos, molhados e trêmulos.

—Se você disser que não podemos fazer isso de novo, eu posso morrer aqui mesmo.

Francis riu e ergueu o olhar. Vitari olhou para baixo, e o arrepio elétrico que o percorreu foi o mesmo de quando ele tocou a mão de Vitari na mesa antes. Este era o verdadeiro Vitari, complicado e perdido, tal como Francis. Exceto, impossivelmente, que eles encontraram algo um no outro. Francis ainda não tinha certeza do que era esse algo. Ele simplesmente sabia que não era ruim, não era pecado. Foi real e animou seu coração ferido.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Vitari

Vitari não tinha feito isso. Isso tudo era Francis. Ele não apontou uma arma para sua cabeça, não o ameaçou, tudo o que fez foi ir embora, com a intenção de deixá-lo na celebração.

Mas Francis o seguiu.

Ele lhe deu outra chance de ir embora, disse-lhe para voltar.

E Francis o seguiu novamente.

Isso estava acontecendo, Francis o escolheu.

Ele sabia que Francis havia enterrado toda a sua paixão. Ele viu isso em vislumbres de sua raiva. Mas ele não esperava que o sacerdote mais santo que você ardesse como um incêndio, consumindo tudo em seu caminho. Acontece que *tudo* era Vitari.

Vitari o guiou até o chuveiro, já que ambos estavam pingando esperma, e uma vez que Francis ficou sozinho dentro do cubículo, ele não desabou nem entrou em crise, como Vitari esperava. Ele se lavou, esticando-se sob a água, com o pau meio duro e pendurado para baixo, e então Vitari foi quem ficou olhando. Francis era magro, com pernas longas, quadris estreitos e um pau que cabia perfeitamente nas mãos de Vitari e descia por sua garganta.

Francis tomou banho e seu cabelo ficou alisado, deixando seu rosto magro, quase cruel, mas então ele sorria, e caramba, se Vitari não ficava duro de novo ao observá-lo.

Ele também não iria esconder isso. Ele tinha visto o modo como Francis olhou para ele nu. Deve ter matado ele ver Vitari nadando na villa meses atrás. Não admira que ele tenha fugido naquela época.

Francis também estava fingindo não olhar agora, mas seu pênis tinha notado, com certeza. Ele pegou o sabonete, ensaboou-se e hesitou na hora de esfregar o pau.

Vitari não hesitou. Ele abriu a porta do chuveiro e tirou o sabonete da mão. —Deixe-me.— Ele ensaboou a mão, deixou cair o sabonete e passou os dedos pelo pau de Francis. Os cílios de Francis tremularam, seus lábios se separaram, o calor invadiu seu rosto e peito. Ele respondeu tão lindamente, tão rápido em se render, seu rosto cheio de necessidade desesperada, seu corpo tenso, pronto para ser fodido.

Vitari deslizou a mão abaixo das bolas de Francis, colocando-as em concha, depois amassou suavemente. Francis pousou contra os azulejos, usando a parede para segurá-lo.

Vitari massageou e amassou, concentrando-se nas bolas e no eixo, evitando a cabeça. Ele não queria derrubá-lo tão cedo.

A água choveu sobre os dois, lavando a espuma. Ele nunca esteve livre para tocar outro homem assim, para saboreá-lo, saboreá-lo. Seus encontros sempre foram acontecimentos apressados, desesperadores, com muito medo de serem descobertos, e mais tarde, quando soube como a família tratava os homens que transavam com homens, ele parou completamente.

Mas aqui, agora, ambos estavam livres.

Vitari cercou Francis, prendendo-o na parede. Ele capturou seus pulsos e os segurou na altura dos ombros, impedindo-o de percorrer Vitari com suas mãos delicadas. Ele gentilmente girou os quadris, deslizando seu pau contra o de Francis. A pele grudava na pele limpa, tremendo com o movimento. O que ele queria fazer era virar Francis, ensaboar-se e afundar-se profundamente em sua bunda, mas como Francis tinha acabado de chegar à ideia de que sexo era bom, ele não queria forçar muito cedo. Não se tratava apenas de sexo, tratava-se de silenciar todo o barulho na cabeça de Francis, todas as vozes do seu passado lhe dizendo que isso era errado. Vitari não queria dar a essas vozes nenhuma desculpa para provarem que estavam certas. Isso foi o suficiente; foi mais que suficiente.

A respiração de Francis voltou rápida enquanto ele estava preso sob as mãos de Vitari, os paus esfregando, sacudindo, deslizando. Vitari libertou um dos pulsos, pegou um frasco de condicionador, mexeu os dedos o suficiente para reunir um creme macio e espesso e passou a bombear Francis. Francis deixou cair a cabeça para trás, mas não fechou os olhos. Ele fixou seu olhar castanho em Vitari. O condicionador untava as coisas o suficiente para durar, isso e o fato de terem dissipado a primeira onda de luxúria.

Eles poderiam desacelerar as coisas. Aproveitar mais. Apreciar isso.

—Faça você mesmo, — disse Vitari, soltando-o.

Francis olhou carrancudo, claramente irritado por ter seu orgasmo iminente interrompido. —Eu?

—Sim.— Vitari apoiou um braço sobre seu ombro e então teve uma ideia melhor. —Goze em mim.— Ele caiu de joelhos e olhou para Francis. Pelos

encontros passados, por mais breves que tenham sido, ele suspeitava que Francis se apaixonasse por ele de joelhos.

Francis agarrou seu próprio pau ensaboado, olhou para baixo e bombeou-se, acelerando. Seu rosto molhado era a imagem do êxtase, olhos vidrados abertos, lábios carnudos.

—Na minha cara, faça isso.— Vitari segurou seu próprio pau. Ele acariciou e apertou, alternando entre prazer e dor para parar de gozar cedo demais.

Francis era lindo. Vitari não o merecia, nem isso. Francis deveria fazê-lo implorar, e Vitari o faria. Ele imploraria por aquele esperma. —Estou de joelhos por você. Eu sei que você gosta de mim aqui. Arruíne-me, Francis.

Francis engasgou, estremeceu e soltou um grito estrangulado. Sêmen atingiu o rosto de Vitari. Ele fechou os olhos, deixando chover, e lambeu a doçura dos lábios. —Porra, sim.— Ele fodeu o punho, bombeando como um homem enlouquecido, e gozou com força, seu pau babando enquanto o orgasmo o queimava. Ele praguejou em italiano e agarrou-se, ofegante, à perna de Francis.

—Você está...— a voz de Francis rangeu. —Você está bem?

Vitari jogou a cabeça para trás e piscou para os trechos de água ao ver a expressão adoravelmente preocupada de Francis. —Venha para a cama.

Francis engoliu em seco e aquele sorrisinho tímido levantou seus lábios, enfiando simultaneamente uma bala no coração de Vitari. Sim, ele morreria pelo padre Francis Scott.



O sol estava alto lá fora, assando a cidade. Carlos e os outros estariam esperando. Mas Francis estava bem perto, respirando suavemente, dormindo profundamente, e nada estava estragando aquele momento. Seu cabelo castanho estava encaracolado e emaranhado devido ao manuseio brusco de Vitari. Seus lábios também estavam rosados, seu queixo estava um pouco vermelho por causa da queimadura de barba por fazer. Ele parecia arruinado. O pau de Vitari se contraiu. Foi ele quem fez Francis enlouquecer repetidamente na noite passada. Francis fodeu a boca de Vitari como um animal e gritou seu nome enquanto descia pela garganta de Vitari. Ele o fez derramar a língua, viu o choque em seu rosto, então aquele sorriso tímido se tornou perverso.

Vitari rolou de costas e suspirou. Tornaria o dia mais fácil, sabendo que ele tinha o esperma de Francis dentro dele.

Ele nunca tinha acordado ao lado de um amante antes. Seus encontros foram todos apressados, foadas desesperadas, seguidas de ameaças cruéis para que seu amante não gritasse sobre Vitari Angelini ser gay.

E se Francis acordasse e odiasse o que eles fizeram?

Vitari virou a cabeça, observando-o dormir.

Francis estava um pouco bêbado e o clima de festa provavelmente o afetou. E se ele pensasse que Vitari havia se aproveitado dele novamente? Ele não tinha, não é? Francis tinha ido até ele. Ele não o forçou a fazer nada que ele já não quisesse. Mas e se fosse como todo o resto, e Francis tivesse acabado de transar com ele porque estava com medo de não fazê-lo?

Vitari levantou as pernas da cama, juntou as roupas e vestiu-se fora do quarto, tomando cuidado para não acordá-lo.

Se Francis ia acordar cheio de arrependimentos, Vitari preferiu não estar por perto para ver.

Ele pegou a arma, guardou-a no coldre, amarrou as botas e enfiou a cabeça pela porta do quarto. Francis caiu de bruços e roncou, com a bunda nua exposta ao ar. Ele conseguia distinguir a pequena marca vermelha onde Vitari havia mordido a nádega direita. Ele não queria nada mais do que rastejar de volta para a cama, deslizar os dedos na bunda de Francis e fazê-lo ofegar novamente. Eles não tinham ido tão longe ontem à noite. Ele sentiu que o jogo anal estava fora dos limites. Mas como agora ele tinha a melhor visão daquele traseiro cor de pêssego, parecia justo pensar em todas as coisas que poderia fazer com ele.

Ele estava ficando duro novamente.

Rindo de si mesmo, deixou Francis dormindo. Hoje foi sua visita a Caracas – um dia inteiro de carro. Ele não conseguiria voltar antes do anoitecer.

Talvez ele devesse ter deixado um bilhete, como um namorado apaixonado? Jesus, ele estava mal.

Ele se encontrou com Carlos, entrou no Land Cruiser e se preparou para passar um dia dirigindo, sabendo que Francis estaria esperando quando ele voltasse, e na noite seguinte planejava arruiná-lo novamente e fazer com que Francis o arruinasse em troca.

Ambos estavam malditos, exatamente do jeito que Vitari gostava.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Francis

Era meio da tarde quando Francis acordou, e a maior parte do dia já havia passado. Isabel e outros da igreja estariam se perguntando onde ele havia ido parar.

Ele ficou deitado na cama por um tempo, o corpo ainda latejando. Vitari tinha sido... meticuloso, com os dentes, e a língua, e as mãos, e... o pau. Francis endureceu sob o lençol novamente, seu pau era uma bateria recarregável que nunca parava.

Ele não esperava que Vitari ainda estivesse na cama com ele, e teria sido estranho se estivesse. A noite passada foi... —Maravilhosa, — ele sussurrou. Ele nunca se entregou tão egoisticamente, nunca se rendeu tão completamente. Ele sempre esteve em alerta máximo, com medo de ser pego, com medo de estar fazendo algo errado, com medo de perder o controle e depois cheio de culpa. Não havia nada disso agora. Apenas... paz em seu coração.

Se Deus não queria que ele sentisse paz, então talvez Deus tivesse escolhido o discípulo errado: Francis.

Embora Deus *não* o tenha escolhido...

Ele estremeceu e virou de lado, ajustando seus pensamentos. Ele não queria que a escuridão o seguisse até aqui. Apenas deixe-o aproveitar a manhã seguinte.

A dor e o castigo inevitáveis viriam mais tarde. Vitari ainda tentaria expulsá-lo da igreja, e Francis continuaria indo. Ninguém era dono dele. Não mais.

Ele estava livre aqui.

Ele não podia passar o dia inteiro na cama. Ele não queria que Vitari pensasse que ele estava tão arrasado que não conseguiria sair pela porta. Tomou banho, vestiu-se e levou uma caneca de café fresco para a varanda. A cidade estava tranquila, ao contrário da noite anterior, quando pulsava com vida, calor e cor. Ele também adorava estar entre pessoas incríveis que abriram seus corações e lares para ele.

Uma trilha de caminhões 4x4 cinza serpenteava pela cidade pela estrada principal. Às vezes acontecia, quando as pessoas que trabalhavam nas minas ou nos campos de coca mudavam de turno. Mas esses caminhões eram diferentes. Ele semicerrrou os olhos para a luz do sol, protegendo os olhos. Os homens na traseira das picapes carregavam rifles.

Eles se levantaram e colocaram as armas nos ombros.

Tiros estouraram, como fogos de artifício.

Francis agachou-se, mas do alto da colina ele pôde ver claramente como os homens disparavam balas nas casas, atirando em ondas. Então a gritaria começou. Uma jovem saiu correndo de casa, a mesma que lhe dera uma flor na noite anterior. Ela correu, gritando por sua mãe, e então caiu como uma boneca quando as balas a atingiram nas costas.

—Deus não.— Francis fechou os olhos com força. O choque competiu com a doença, agitando suas entranhas. Ele pode vomitar ou desmaiar.

Uma porta da casa atrás dele bateu.

Ele virou.

Eles estavam aqui, homens com rifles, a parte inferior do rosto coberta por máscaras, de modo que apenas os olhos apareciam. Se ele fugisse, eles atirariam nas costas dele como na garota. Se ele não corresse, eles atirariam nele onde ele estivesse agachado. Ele ia morrer aqui, por nada.

Ele ficou de pé e ergueu as mãos. —Espere, não atire! Por favor.

Os homens apontaram as armas para ele e gritaram em espanhol, que Francis entendeu apenas parte. —Não atire. Me llamo Padre Francis Scott, sou um padre católico. Seu chefe vai me querer vivo!

Eles gritaram mais um pouco e correram para ele.

—Eu sou um padre!

Eles sacudiram as armas, gesticulando para que ele se abaixasse. Ele começou a se ajoelhar, então eles estavam sobre ele, prendendo seus braços atrás das costas. Mãos o ergueram e o empurraram em direção à porta. E se eles fossem executá-lo?

—Meu nome é Padre Francis Scott. Por favor, sou um padre inglês! Por favor, não me mate.

A coronha do rifle caiu e a escuridão se instaurou.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Vitari

Caracas estava ocupada fingindo ser uma cidade segura para que os turistas americanos voltassem. Parecia seguro à primeira vista, e tinha até algumas das grandes franquias nas ruas principais que os americanos reconheceriam. Mas a corrupção era profunda. Vitari sabia, porque a Battaglia participou de tudo, até o prefeito.

Enquanto os carros circulavam pelas ruas, os pedestres observavam, instintivamente conscientes de que estavam na presença da realeza. Isto era o que os estrangeiros não entendiam sobre a Máfia. Não era tão simples como apenas mais uma gangue criminosa. Sua influência era profunda; corria nas veias de um país, mantendo-o vivo, alimentando-o, nutrindo-o e ao mesmo tempo tirando dele também. Elimine a Máfia e o país entrará em colapso. A Battaglia fez mais bem ao povo daqui do que os políticos corruptos e o governo eleito.

E foi aqui que Vitari reinou.

Eles trocaram os Land Cruisers surrados por uma frota de novos e sofisticados Mercedes importados. Carlos o estava levando a um hotel recém-construído para mostrar o quão longe o Vincente havia chegado e para mostrar alguns de seus melhores produtos. Carlos estava ansioso para agradar. Vitari não

teve queixas até agora. Merda, Carlos e sua operação provavelmente eram mais valiosos para a Battaglia do que Vitari.

Entraram no hotel como reis, flanqueados por um pequeno exército de segurança. Ninguém ousaria atacá-los. A segurança serviu como um flex. Eles *eram* malditos reis.

Vitari foi conduzido a uma sala de conferências novinha em folha, onde, claro como o dia, vários pacotes de cocaína estavam empilhados sobre a mesa. Um caixote de armas estava aberto no chão e, atrás, uma fileira de quatro jovens terminava a apresentação, vestidas com vestidos curtos com decotes profundos. Duas delas tentavam não chorar através dos sorrisos.

Vitari escondeu seu sorriso de escárnio. Havia alguns aspectos do negócio que ele não tocava, e o tráfico de pessoas era um deles. Ele sabia que isso aconteceu, mas ficou bem claro. Essas jovens venezuelanas tinham sido compradas ou estavam prestes a ser vendidas.

Um dos ansiosos tripulantes de Carlos enfiou um canivete em um pacote de cocaína e desenhou algumas linhas na mesa. Carlos não perdeu tempo em levar um golpe. Porra, Vitari odiava essa parte do trabalho. Melhor acabar logo com isso. Ele não poderia recusar sem causar um incidente internacional e levar novamente o asco de Giancarlo.

Ele cheirou a linha e esfregou a poeira do nariz, engolindo o formigamento imediato. Todos zombaram uns dos outros em comemoração – bem, quase todos. Não as mulheres.

Vitari fez um tour pelo novo prédio, com seus lustres de cristal, piscina infinita à beira-mar e área de deck. Tudo comprado, pago e construído com dinheiro da Máfia. Foi quase embaraçoso o quão arraigada a Venezuela estava.

As meninas foram junto. Todos sabiam para onde a festa estava indo e não foi um final feliz. Se Francis soubesse dos acordos que Vitari fez, ficaria novamente enojado. Ele sabia o que Vitari fazia, mas não *entendia*.

A cocaína tinha suas garras nele, acelerando seu coração, deixando-o solto e livre. Ele realmente *não* precisava pensar em Francis trabalhando.

A reunião mudou de rumo, mudando para um cassino no subsolo, onde as bebidas e a cocaína fluíam. A garota de Vitari era pequena, mal havia chegado à puberdade, e não havia nenhuma maneira de ele tocá-la. Ele não poderia salvá-la dos outros quando partisse, mas poderia fazer isso para que ela não tivesse que ter medo por uma noite.

Quando a garota tentou fazê-lo se mover, ele não conseguiu dizer que ela era fofa, mas não fez nada por ele sem causar uma cena, então ele brincou, deixando-a encurralá-lo enquanto os outros jogavam, bebiam e tateavam a noite toda.

—Você... com o padre, sim?

Vitari piscou para ela. *Como diabos ela conhece Francis?* Seus pensamentos giratórios de cocaína pararam bruscamente. —O que?

—O padre.— Ela arrancou uma foto amassada de entre os seios e estendeu-a. A foto mostrava uma fileira de padres mais velhos, todos alinhados em suas vestes, com o rosto de Francis circulado com caneta vermelha. Ele não precisava ser destacado; seu rosto fresco o destacava como um civil em uma formação criminosa.

Vitari pegou a foto. —Que porra é essa? Onde você conseguiu isso?

Ela apontou. —Está em perigo.

Ele olhou para ela e mal resistiu a agarrá-la e sacudir todas as respostas. O choque abalou seus pensamentos altivos ou bêbados. Ele não esperava que Francis o seguisse até Caracas. Isso era um negócio. Se Francis entrou em contato com o negócio, então seu disfarce reconhecidamente frágil como Frankie foi descoberto. —Como você sabe sobre ele?

—Victoria Chase.

A mulher morta no cemitério de Francis? Tudo isso parecia ter acontecido há muito tempo. Vitari agarrou a garota e a empurrou para um canto sombrio, fazendo parecer que eles estavam ficando quentes e pesados atrás de uma cortina. Ela olhou para ele, olhos muito brilhantes, mas longe de serem inocentes. —Como você conhece Vitória? Quem te deu esta foto?

—Não Victoria. Adelita... é minha irmã.

O nome Victoria Chase nunca pareceu certo, e agora ele sabia por quê. Merda, ela sabia que sua irmã estava morta? Ele não poderia contar a ela, não aqui, e fazê-la cair em pedaços. —Porra.— Ele tinha que afastá-la dos outros. —Jogue junto, ok?— Ele mudou para o espanhol, repetiu a ordem, agarrou a mão dela e depois se dirigiu a Carlos conversando com seus homens ao lado de uma das mesas de blackjack. —Vou levar a garota para cima. Terminamos esta noite, Carlos?

Carlos sorriu e deu um tapinha nas costas dele, com os olhos vidrados por causa das drogas. Ele disse-lhe para se encontrar no saguão em uma hora.

Vitari apressou a garota pelos corredores, subiu um lance de escadas e tentou várias portas fechadas antes de encontrar uma que estava aberta. Ele a puxou para dentro, fechou a porta e trancou.

A garota choramingou e tropeçou para trás, entrando na sala.

—Eu não vou machucar você.— Ele ergueu as mãos, tentando parecer menos ameaçador. —Conte-me tudo o que você sabe sobre *aquela* padre.

Seus grandes olhos castanhos se arregalaram, inseguros, mas esperançosos. —Eu não sei muito. Minha irmã disse que ele me ajudaria.

Como diabos Francis iria ajudá-la? Ele nem deveria estar na Venezuela.

A menos que não fosse agora. Ela estava falando sobre depois que seria contrabandeada para a Europa em algumas semanas. Uma vez lá, sua irmã lhe disse para procurar o padre Scott. —Disseram-lhe para procurá-lo na Europa?

Ela assentiu.

—Quem te contou?

Ela mordeu o lábio, encolhendo-se, cada vez mais assustada a cada segundo que passava.

—Quem lhe disse para procurar Francis?

—Adelita.

A mulher morta que Francis alegou não conhecer. —Como ela... ela o conheceu?

Ela estremeceu. Ele a estava perdendo. A garota estava apavorada. Porra. Ele enfiou a mão no bolso e tirou a pepita de ouro que Carlos lhe dera quando chegou, depois a entregou e fechou os dedos em torno dela. —Quando terminarmos, você precisa sair deste hotel e continuar andando. Direi ao seu treinador que você está aqui, dormindo. Use isso para sair do país. É tudo que posso fazer por você. Mas você tem que me contar como sua irmã conheceu Francis.

—Eles conheceram.

Francis, aquele maldito mentiroso. —Onde?

—Não sei. Muito tempo atrás. Ela confiava nele. Ela disse que ele ajudaria, ela iria até ele, mas parou de mandar mensagens. Não consigo alcançá-la.

Vitari recuou e cerrou os punhos para não bater em alguma coisa. A cocaína estava fodendo com seus nervos, mas ele tinha isso sob controle; foi o maldito Francis que o fez querer gritar para o céu. Ele conhecia a mulher mortas esse tempo todo e mentiu sobre isso?

Ele caiu na beira da cama. —Você disse que ele está em perigo. O que você sabe?

—Eu os ouvi falando sobre um padre, padre Scott, e sabia o nome. Eles olhavam para você enquanto conversavam, certificando-se de que você não pudesse ouvir.

—Os homens que estavam comigo estavam discutindo sobre o padre?— Então Carlos sabiam quem era Francis. O conto de fadas deles na Venezuela acabou.

—Sim, eles disseram que ele precisa ser... tratado. Eles não acharam que eu ouvi, mas eu ouvi, e parecia que você não deveria ser informado, como se você o conhecesse? Eu pensei, talvez se você o conhecesse, você poderia me ajudar? Não quero ir para Inglaterra. Eu não quero estar aqui...

—Porra!

Ela se assustou e choramingou novamente, com medo de que ele batesse nela. Ela provavelmente já teve algo pior feito com ela.

—Isso é tudo?

Ela assentiu e enxugou as lágrimas do rosto.

—Ok, você precisa ir enquanto todos estão lá embaixo. Apenas saia daqui, certo? Não corra. Aja como se tudo estivesse normal. Você vai ficar bem. Vá.

Ela assentiu e saiu correndo da sala.

Vitari enterrou o rosto nas mãos. Maldito Francis, se ele tivesse apenas fingido ser Frankie, nada disso teria acontecido. Mas não, ele tinha que ser o padre, tinha que ser o fodido do Blanco Padre e ajudar todo mundo, e agora o pedacinho do paraíso deles acabou.

—Não, não, por favor, não...— a garota choramingou.

Vitari levantou-se e abriu a porta. Dois homens caminhavam pelo corredor e, quando Vitari saiu da sala, o homem da frente ergueu a arma com silenciador e colocou uma bala entre os olhos da irmã mais nova de Adelita. Ela balançou para trás e caiu, contorcendo-se no chão com um buraco de choro na testa.

O coração de Vitari bateu forte. Ele viu a pepita de ouro cair de seus dedos e ergueu o olhar para o cano de uma arma. —Que porra é essa?! Você sabe quem eu sou?

O bastardo sorriu. —Fique de joelhos, Angel.

Se ele tentasse pegar a arma, o cara provavelmente explodiria metade do rosto de Vitari. —Ordens de quem?

—Apenas negócios.

—De quem são as ordens?!

—De joelhos, lindo garoto.

Vitari rosnou e caiu de joelhos, e o parceiro do atirador circulou atrás dele, provavelmente para amarrar seus pulsos. Ou executá-lo. Vitari tinha cerca de três segundos para acertar as probabilidades ou o jogo terminaria. Ele esperou até que o parceiro se abaixasse e batesse a cabeça para trás, acertando o nariz do homem.

A pistola do atirador atingiu a bochecha de Vitari. O interior de seu lábio se partiu e o sangue rodou em sua língua. Ele cuspiu na cara do atirador, cegando-o, e atacou. O atirador tropeçou para trás, caiu sobre a garota morta e, ao cair, Vitari agarrou a arma, pegou-a, engatilhou-a e disparou, explodindo o rosto do homem. Ele girou e atirou novamente, derrubando seu parceiro com um tiro na cabeça.

Três cadáveres, e nada disso foi culpa de Vitari.

Ele ajeitou as roupas, pegou a pepita de ouro, limpando o sangue de seu brilho dourado, e colocou-a no bolso. Era hora de dar o fora de Caracas, provavelmente da Venezuela também.

Ele desceu as escadas correndo, a cabeça e o corpo zumbindo. Se os homens com quem ele viajou para cá sabiam sobre Francis, então Carlos fazia parte disso. Ele gostava de Carlos, confiava nele. O bastardo.

Ele enfiou a arma no cinto, contra o quadril, e avistou Carlos do outro lado do cassino, ainda conversando profundamente com sua equipe. A maioria dos outros homens formaram pares com as meninas.

—Carlos, preciso de uma maldita palavrinha.

O sorriso descontraído de Carlos mudou, tornando-se cauteloso, quando ele viu um hematoma crescente na bochecha de Vitari e o aço em seus olhos. Carlos se levantou e estendeu a mão para trás dele.

Vitari jogou a jaqueta para o lado, revelando a arma. —Não faça isso. Não quero ter que dizer à sua esposa e aos seus filhos que você não voltará para casa.

A sala ficou em silêncio, exceto pelas duas irritantes máquinas caça-níqueis tilintando no fundo.

—Você quer foder comigo, Carlos? Você quer foder com a Battaglia? Posso derrubar toda essa porra de império.— Até saber a verdade sobre tudo isso, ele não tinha certeza em que lado poderia confiar, incluindo o seu, mas jogaria a carta Battaglia em que sempre confiou até que ela parasse de funcionar.

—Obrigado pelo tour, mas acho que já estamos de volta, não é?— Vitari sugeriu.

Eles entraram nos carros, com Vitari mantendo Carlos por perto.

—O que está acontecendo?— Carlos perguntou. —O que aconteceu lá atrás?

—Fui atacado por dois homens no seu cassino.— Ele decidiu deixar Francis e a garota morta fora disso por enquanto. Ele não queria que Carlos soubesse que ele se importava com nenhum deles.

Os olhos de Carlos se arregalaram. —Não meus homens. Eles não trabalham para mim. Porque eu faria isso? Você é tudo para nós, para minha família, meu povo. Você nos protege, você nos dá o que precisamos para manter as minas. Eu nunca colocaria isso em risco. Você tem que acreditar em mim. Somos como irmãos, sim?

Ele parecia genuíno, mas isso significava apenas que ele também foi mantido no escuro. —E quanto a Frankie, hein? O que você sabe sobre ele?

Os olhos de Carlos se arregalaram. Ele gesticulou descontroladamente. —Blanco Padre? Nada. Ele é seu convidado, um amigo, sim?

Mentiroso.

Porra, ele tinha que voltar para El Cristo. Se eles fossem fazer alguma merda com Francis, fariam isso enquanto Vitari estava a centenas de quilômetros de distância.

Seria uma longa viagem para casa.



Eles chegaram a El Cristo às 3 da manhã, com a vila ainda envolta em escuridão.

Ele já tinha visto mortos o suficiente para saber como se isolar da brutalidade disso, mas quando os mortos eram pessoas inocentes e crianças, pessoas com quem ele dançou, pessoas com quem comeu, conversou, que se deitaram de bruços na terra, o coração endurecido de Vitari quebrou.

Os homens do comboio correram para suas casas, abandonando os veículos e Vitari. Carlos estava entre eles. Os gemidos e lamentos começaram logo depois.

Vitari desceu do Land Cruiser e, a poucos passos, encontrou um rastro de sangue escuro para onde um corpo havia sido arrastado.

A Battaglia deveria proteger essas pessoas – *ele* deveria protegê-las.

Francis!

Vitari podia ver a casa da rua principal. Todas as suas janelas estavam escuras.

Porra, não. Ele disparou colina acima, o coração batendo forte, os pulmões e as pernas queimando. —Francis!— A porta da frente estava entreaberta. —Francis!— Ele entrou correndo pelo corredor onde Francis o beijara.

Ele sabia o que aconteceu, sabia que encontraria Francis numa poça de sangue. Ele fortaleceu seu coração, desligou todas as emoções e, liberando sua arma, varreu cada cômodo. Atrás de uma dessas portas ele encontraria seu corpo, assim como aquelas pessoas da cidade. Sempre terminaria assim.

Ele varreu cada cômodo, certo de que iria encontrá-lo.

Mas não havia corpo. Nenhum sangue. Apenas uma caneca de café quebrada na varanda.

Vitari caiu na espreguiçadeira e cobriu os olhos com dedos trêmulos. A raiva era um calor crescente e visceral, uma tempestade em sua cabeça e em seu peito. Ele precisava parar, respirar e pensar.

Francis foi levado.

Se ele tivesse apenas jogado o jogo, se tivesse ficado em casa e parado de ser tão legal, se tivesse feito como Vitari lhe dissera, nada disso teria acontecido.

Embora o massacre não tenha sido culpa de Francis. Isso tinha sido outra coisa. *Alguém*.

Tantos mortos.

Mas não Francis.

Ainda não.

Ele enxugou a umidade dos olhos e, quando o sol nasceu sobre as ruas encharcadas de sangue de El Cristo, ele engatilhou a arma, carregou uma bala na câmara e jurou ao Deus de Francis que o Anjo da Morte queimaria o mundo para salvar seu padre.



O som sombrio de choramingos vinha de quase todas as casas, mas as casas silenciosas eram piores. Ninguém havia retornado a eles.

Vitari empurrou a porta da frente de Carlos, passou o olhar pelo corpo coberto de lençóis no chão e encontrou Carlos curvado à mesa de jantar. Sua esposa chorou em algum lugar nos fundos.

—Preciso de um caminhão e armas.

Carlos virou a cabeça e a agonia em sua alma estava bem ali, em seu rosto manchado de lágrimas. Ele enfiou a mão no bolso e jogou a chave do caminhão para Vitari. —As armas estão na cabana, nos fundos.

Vitari assentiu e ficou ali. Ele deveria dizer alguma coisa, mas o quê? Que palavras poderiam tirar a dor do homem? —Vou matar todos eles por isso.— Ele saiu e deu a volta pelos fundos da casa, onde um dos Land Cruisers estava estacionado, até a cabana atrás dele. Vitari começou a carregar uma coleção de rifles e pistolas do local no banco de trás.

Ele tinha visto marcas de pneus percorrendo a cidade, em direção ao oeste. Quem quer que tenha feito isso estava escondido perto das minas. Ele caçaria todos os filhos da puta e os executaria.

Carlos chegou e, sem dizer uma palavra, juntou-se a ele no carregamento. Três outros homens pararam numa segunda picape, igualmente armados.

—Eles foram para oeste, em direção à mina, — disse Vitari. Ele pendurou dois coldres nos ombros e depois verificou os carregadores das armas gêmeas.

—Tocara fez isso.— Carlos subiu ao volante enquanto Vitari andava de espingarda.

—Tem certeza que?— A milícia Tocara nunca foi uma ameaça. Eles não eram mais do que um punhado de jovens com fervor religioso que se limitavam a sequestrar caminhões e turistas em busca de emoções fortes. Eles tinham que

saber que a Battaglia iria eliminá-los da porra do mapa por causa disso. Algo mudou para eles atacarem o Vincente.

—Ninguém mais é estúpido o suficiente.

Eles levaram Francis, não o mataram, então sabiam que ele valia a pena. Eles podem ter acabado de ver seu rosto pálido e imaginado que alguém na Europa pagaria alguns milhões para que ele voltasse para casa em segurança. Vitari *esperava* que fosse só isso.

Deixe-o estar vivo.

Os caminhões avançaram pela selva, por estradas devastadas e por entre a densa folhagem.

Os Toccara os estariam esperando, mas talvez não tão cedo, já que Vitari havia abreviado a viagem a Caracas.

—Pare aqui.— Ele acenou com a cabeça para uma área ampliada da pista. —Caminhamos o resto do caminho, nos espalhamos e procuramos sinais de acampamento.

Novos rastros cortavam a estrada à frente. Eles não estavam longe da operação de mineração. Os Toccara ou quem quer que estivesse por trás disso seguiram pela trilha, em direção à mina isolada, provavelmente matando todos os trabalhadores, de modo que a notícia de sua aquisição não chegou à cidade.

À medida que desciam dos veículos, a água batia nas folhas grossas, seja por causa da chuva ou do suor da selva. As roupas de Vitari grudaram nele. Seu aperto na arma era gorduroso. Ele odiava a porra da selva, odiava tudo sobre isso.

Ele não poderia trazer os mortos de volta à vida, mas poderia matar os filhos da puta que devastaram sua cidade.

Um gerador roncou em algum lugar à frente e, à medida que se aproximavam, vozes fluíam na vegetação rasteira. Os homens de Carlos espalharam-se silenciosamente e rastejaram em direção aos arredores da mina.

Vitari entrou em um ponto baixo e pantanoso, depois abraçou uma margem ascendente com a barriga e espiou por cima, e lá estavam eles. Alguns caminhões brancos e surrados estavam estacionados em torno de uma área de floresta desmatada. Surgiram tendas, toldos também, para proteger da chuva e do calor, onde os homens se reuniam, conversando despreocupados, como se não tivessem acabado de massacrar mais de cinquenta pessoas.

Francis estaria em uma dessas tendas.

Algumas sentinelas vigiavam onde a trilha entrava no acampamento, com rifles de assalto nos braços, mas não prestavam atenção ao que estava ao redor, apenas à estrada.

O ácido queimou a parte de trás da língua de Vitari. Esses filhos da puta estavam prestes a aprender que machucar a Battaglia era uma sentença de morte. Mas mais do que isso, isso era pessoal. Francis estava lá e Vitari sabia por experiência própria que ele não teria se rendido silenciosamente. Ele ficaria machucado, assustado, orando ao seu Deus para enviar um anjo.

Vitari olhou para a esquerda e para a direita. Carlos e os outros estavam escondidos, prontos para se vingar.

Ele sacou as duas armas, apoiou os dedos nos gatilhos e acenou para Carlos.
—Eu preciso do padre vivo.

Carlos assentiu e colocou seu rifle no ombro. Os outros se armaram.

Se eles entrassem rápido e forte, não sobraria um filho da puta de pé.

Vitari assentiu, dando o sinal, e eles avançaram.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Francis

A mordaca que enfiaram em sua boca queimava com sal e uma substância oleosa que cheirava muito a diesel. Sua cabeça latejava por causa da fumaça. Mas como ele foi amarrado pelos pulsos e tornozelos e jogado no chão lamacento, não havia muito que pudesse fazer a não ser usar a língua para tentar forçar o pano a sair de entre os lábios.

Ninguém estava prestando muita atenção nele. Eles nem sequer o verificaram na tenda desde que o deixaram lá.

Ele soltou o trapo e cuspiu fios, depois girou a língua em volta da boca seca para tentar se livrar do gosto horrível.

Agora, para os pulsos. Ele tentou se contorcer e puxar, tentou forçar os pulsos através das braçadeiras, um de cada vez, mas eles estavam muito apertados. Ele tinha visto um vídeo de autodefesa no YouTube, onde a vítima separava os pulsos para quebrar as amarras. Ele tentou, mas só conseguiu cortar os pulsos. Talvez eles devessem estar na frente dele para que aquele movimento funcionasse? Ele não conseguia se lembrar, mas tentaria.

Curvando os joelhos até o queixo, ele empurrou os pulsos amarrados para baixo, sob a bunda, contorceu-se para a esquerda e para a direita e arrancou os

braços de debaixo dele. Ele lutou para passar as pernas, mas conseguiu e agora estava com as mãos amarradas no colo.

Se ele se lembrasse do vídeo corretamente, ele deveria estender as mãos...

A aba da tenda se abriu.

Francis encarou o homem em quem ele jogou chocolate quente alguns meses atrás. Lucas Esposito. O equipamento de camuflagem folgado o inundou, mas não havia como confundir seu rosto magro e seus olhos injetados.

Luca viu o pano no chão e bufou. —Você é escorregadio, não é, padre? — disse ele em inglês. Ele avançou e se agachou, os braços apoiados nos joelhos. Seu olhar varreu Francis da cabeça aos pés. Ele enfiou a língua na bochecha. —Você parece bem para um homem em fuga. Acho que você não fugiu muito longe de Angel, certo?

Francis ficou quieto. Ele já havia dito que não sabia de nada, que tudo isso era um erro. Ninguém ouviu.

Luca passou o polegar no nariz e cheirou. —O quê, você achou que seria feliz para sempre aqui, Blanco Padre?

Vitari estava certo. Ele não deveria ter feito barulho, deveria apenas ter ficado em casa, mas não poderia viver assim.

—Você me fez um favor, manteve Angel distraído. Mas eu não poderia protelar para sempre. Você é um homem popular, Padre. Por alguma razão, os DeSica estão oferecendo alguns milhões para colocar as mãos em você. Isso é muito dinheiro para um padre desconhecido.

—Você está trabalhando para eles agora?

Luca cuspiu para o lado. —Não me insulte. Eu não te entregaria a esses filhos da puta nem que eles pagassem dez milhões. Eu tenho honra.

—Você matou todas aquelas pessoas inocentes por causa de sua honra?

—Quais pessoas? Ah, os locais? Não, eles estavam no caminho.

A raiva queimou a garganta de Francis. —As crianças também, elas estavam no seu caminho!?!— Ele não pretendia levantar a voz, mas as palavras explodiram dele.

O tapa de Luca caiu como o golpe de um chicote. Francis sentiu gosto de sujeira e piscou para si mesmo, com o rosto em chamas. Ele se levantou do chão. —Você os matou como se não fossem nada.

—Porque eles não *são* nada. Você quer que eu bata em você, padre? Porque eu vou. Cale a boca sobre as pessoas. Ninguém dá a mínima para eles. Eles trabalham para mim, para o negócio. Eu sou a porra do deus aqui.

Ele sabia que não deveria responder, deveria ficar quieto, submisso, mas mostrou os dentes com escárnio. Vitari, apesar de todos os seus defeitos, *nunca* teria matado crianças a tiros. —Vitari Angelini é cem vezes mais homem que você.

Luca se lançou e agarrou Francis pelo queixo, jogando sua cabeça para trás. —Vitari está fodido. Ele é um homo chupador de pau como você. Ele nunca vai sair desta maldita selva. Mas você vai, você vai voltar comigo, padre. Algumas pessoas muito poderosas querem colocar as mãos em você e ficarão muito agradecidas quando eu trazer você.

Luca ofegou, seu hálito quente contra a boca de Francis. Ele beliscou as bochechas de Francis com mais força, esmagando-as contra os dentes.

—Talvez você devesse chupar meu pau, hein? Foi assim que Angel fez você cooperar?— Luca se abaixou, pegou uma faca e cortou as amarras que prendiam os tornozelos de Francis, liberando suas pernas.

Francis respirou pelo nariz e olhou de volta. Se Luca ousasse colocar seu pau em qualquer lugar perto da boca de Francis, ele perderia seu pau entre os dentes de Francis. Ele tentou transmitir isso com seu olhar, mas o sorriso satisfeito de Luca cresceu.

—Você gosta de pau? Você quer provar o meu?

O tiroteio estourou do lado de fora da tenda.

Luca o soltou e tirou uma arma de sua cintura. —Que porra é essa?

Francis caiu sobre o cotovelo.

Tiros rápidos ressoaram em uma batida staccato. A lona da tenda foi perfurada para dentro e dois novos buracos apareceram.

—Porra!— Luca enfiou os dedos no cabelo de Francis e o colocou de pé. A dor percorreu a espinha de Francis.

Luca enfiou uma arma sob o queixo de Francis e fez uma careta de escárnio. —Vamos ver quanto vale realmente a sua vida.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Vitari

Luca com roupa camuflada saiu de uma das tendas, com Francis agarrado ao peito, uma arma sob o queixo. O pânico congelou o coração de Vitari. —Não atire!

—Abaixem as armas ou o padre encontrará seu Deus!

—Luca, seu *filho da puta*! — Vitari olhou para Luca pela mira de sua arma, mas Francis se moveu, lutando, fazendo Luca lutar com ele. Se Vitari atirasse, era tão provável que ele atirasse em Francis quanto em Luca.

—Abaixem suas armas!— Luca ordenou. —Todos vocês, filhos da puta, vocês trabalham para mim, vocês trabalham para Don Giancarlo!

Carlos olhou para Vitari. Vitari balançou a cabeça. Não havia como o Battaglia ter sancionado isso. Giancarlo não arriscaria desestabilizar toda a operação venezuelana. Toda essa merda foi obra de Luca.

—Eu sei o que você está pensando, Angel. Giancarlo não faria isso? —Luca riu. —Há mais coisas acontecendo aqui do que seu pequeno caso de amor com esse homem do clero. Isso é maior que você, maior que eu, talvez até maior que Giancarlo. Grande o suficiente, ele correrá o risco de perder território por causa disso. Você deveria ter entregado o padre, então talvez ainda tivesse uma chance com a família. Mas você acabou. Essa merda é o último prego no seu caixão,

Angel. Todas essas pessoas mortas sob sua supervisão? As minas de ouro sob o controle dos Toccara? Giancarlo vai culpar você. Tudo que você toca desmorona. Sua única graça salvadora poderia ter sido trazer o padre, mas você não o fez. Você é um homem morto. Você nunca foi digno da família. O filho de alguma puta, resultado da foda de quinze minutos de Giancarlo na boceta de uma puta, escondido na Inglaterra, onde todos os segredos sujos estão enterrados.

Sua mira falhou, as palavras de Luca encontraram um ponto fraco na armadura de Vitari.

—Ele sabe.— Os olhos de Luca brilharam. —Ele sabe o que você é. Sabe que você gosta de levar na bunda, Angel.

A doença azedou o intestino de Vitari. Luca deu as fotos para Giancarlo.

Não importava. Giancarlo não iria queimá-lo por causa de algumas fotos. Ele serviu a família durante toda a sua vida, desde que o arrastaram para fora daquela maldita casa de meninos. Ele amava a família, amava Giancarlo. Isso tinha que contar para alguma coisa.

Os lábios de Francis se moviam, provavelmente em oração.

Alguns dos guardas de Luca haviam entrado, os que ficaram vivos. Vitari e Carlos mataram metade. Os homens de Carlos estavam todos armados, armas apontadas, dedos nos gatilhos, esperando a palavra para afastar Luca e seus homens. Mas se Vitari desse a ordem, Francis também morreria.

Se Vitari não resolvesse isso, não recuperasse o controle da mina, estava acabado.

Mas consertar isso significava que Luca puxaria o gatilho contra Francis.

Carlos e seus homens queriam vingança. Esposas e filhos jaziam mortos. Sangue por sangue.

Apenas Vitari e seu coração partido os impediram.

Ele precisava acabar com isso, ordenar que matassem. Mas Francis morreria.

Porra, por que ele se importava tanto?

O branco dos olhos de Francis apareceu, seu olhar fixo em Vitari. O que ele estava pensando? Ele estava orando por si mesmo ou por Vitari?

Ele não poderia matar Francis, mesmo que isso significasse que sua vida acabaria. Aquele maldito padre merecia viver mais do que qualquer um aqui. Ele era a única coisa boa naquele lugar, a única coisa boa na vida de Vitari.

—Abaixem suas armas, — ordenou Vitari.

Carlos lançou um olhar interrogativo para ele.

—Faça isso,— Vitari retrucou.

As armas tilintaram quando Carlos e seus homens se renderam.

O sorriso de Luca cresceu, mas ele manteve a arma sob o queixo de Francis.

Jesus, Vitari iria matar todos eles por um padre. —Deixe-o ir, Luca.

Luca encolheu os ombros. —Mate eles!— ele gritou, e colocou Francis em movimento, empurrando-o na frente dele, em direção a um dos caminhões.

Os homens de Luca ergueram as armas.

Choveu tiroteio.

Vitari pegou suas armas e mergulhou em busca de cobertura. As balas pulverizaram o gerador que ele havia deixado. Lascas de tinta e balas voaram. Vitari se agachou, abraçou as pistolas contra o peito e, quando as balas atingiram o chão, avistou Luca fugindo com Francis. Luca estava com a arma apontada para as costas de Francis. Vitari não conseguia ouvir por causa do barulho dos rifles de

assalto, mas viu a boca de Luca se mover, ordenando que Francis entrasse no caminhão próximo.

Provavelmente Vitari não sairia vivo desta mina. Mas ele iria muito bem levar Luca com ele. Ainda agachado atrás do gerador, ele segurou uma pistola na palma da mão e alinhou a mira com a cabeça de Luca enquanto subia ao volante do caminhão. O rosto em pânico de Francis apareceu na janela.

Luca fez meia-volta com o caminhão e acelerou com força. As rodas traseiras do caminhão levantaram arcos de lama.

Vitari seguiu a silhueta de Luca. Em segundos, o caminhão desapareceria na pista. Ele mirou, respirou e puxou o gatilho. A janela do passageiro quebrou e o caminhão desviou em direção às árvores e bateu em uma árvore rígida, parando bruscamente. Vapor sibilava sob o capô.

Vitari piscou o suor dos olhos. Agora ele só tinha que chegar lá...

O gerador atrás dele engatou e morreu. Um silêncio denso caiu sobre o local da mina. Ele não ousou olhar para ver se os homens de Luca o estavam atacando. Eles tinham que ser. Ele só precisava ver Francis descer do caminhão, só precisava saber que estava bem. As chamas espalhavam-se pela grade do caminhão.

—Saia, Francis, — ele murmurou, orou ou implorou. Será que Deus estava ouvindo?

Ele não estava saindo.

Por que diabos ele não estava saindo?

Vitari enfiou a cabeça no gerador. Um dos membros da milícia que chegava olhou na direção do caminhão, preocupado com seu chefe – e não procurando por Vitari. Vitari ergueu a arma, disparou, depois girou a mira para o homem

atrás dele e disparou, derrubando-o. Vitari saiu correndo de seu esconderijo e correu como a porra do vento em direção ao caminhão. Ele saltou sobre um barril, quase tropeçou e caiu de joelhos, mas recuperou o equilíbrio e continuou correndo.

Um tiro soou.

O fogo subiu pelo braço esquerdo de Vitari. O bíceps teve um espasmo. A arma caiu de seus dedos, mas ele ainda tinha a única arma sobrando. Ele saltou sobre uma pilha de galhos caídos e derrapou na lateral do caminhão. A porta estava aberta. Francis não estava lá dentro. Nem Luca.

Uma bala atingiu o caminhão, errando por pouco a cabeça de Vitari.

Ele disparou para o mato, seguindo um rastro de folhas pisoteadas. Francis podia correr como uma gazela; ele ficaria bem, ele tinha que estar. Ele sobreviveria, seu Deus cuidaria disso. Os padres tinham que tirar alguma vantagem de todo o acordo de devoção vitalícia, certo?

Tiros dispersos soaram atrás dele. Lascas explodiram nos troncos das árvores pelas quais ele passou correndo.

—Francis!?!— Onde diabos ele estava?

Ele correu, pulou no mato, escorregou no chão molhado. A selva terminou abruptamente, o céu azul brilhante se abriu e o chão desapareceu. Vitari quase caiu na beira de uma ravina irregular. Ele derrapou de bunda, ofegante, e se agarrou a tufo de grama.

Merda, e se Francis tivesse caído lá?

Uma mão saiu de um arbusto próximo e agarrou o braço encharcado de sangue de Vitari. Francis emergiu das folhas grossas. A sujeira grudava em seu rosto branco. —Rápido. Aqui.

Vitari ficou de joelhos, seguindo Francis até um buraco escondido que havia sido arrancado da lateral do abismo, provavelmente de uma árvore caída.

Eles ficaram lado a lado, ouvindo os homens de Luca. Os pulmões de Vitari se agitaram. Seu coração bateu forte.

Alguns gritos soaram e depois desapareceram.

Vitari largou a arma e ergueu o braço esquerdo. Seu biceps latejava. O sangue encharcou sua camisa. Ele desabotoou os primeiros botões da camisa e tirou o tecido do ombro. A bala o atingiu, mas não ficou em seu corpo.

—É ruim?— Francis sussurrou, com os olhos arregalados na escuridão.

—Não. Apenas um arranhão.

Vitari vestiu a camisa e deitou-se no musgo úmido e na terra. Eles esperariam até o anoitecer e então sairiam da selva. Depois disso? Porra, só deus sabia. Ele não conseguia pensar no amanhã. A Venezuela estava fodida, ele estava fodido. Ele só queria deitar na terra e respirar.

O que ele deveria dizer a Francis? Ele devia estar lá quando Luca e a Toccara invadiu a cidade. Ele teria visto pelo menos parte do massacre. Essas pessoas também eram seus amigos. Francis queria ficar, construir uma vida aqui. Não havia chance disso agora.

A culpa o deixou doente. Isso foi tudo culpa dele.

—Por que diabos você não me ouviu?— Vitari rosnou.

Francis ficou quieto e depois sussurrou. —Sinto muito.

Vitari cerrou os dentes. —Essas pessoas estão mortas por causa do seu maldito egoísmo.— Ele disse isso, depois desejou não ter dito, mas agora estava claro, e a tristeza arruinou o rosto de Francis. —Minha vida inteira está uma merda por sua causa.

—Eu não queria isso!— Francis sibilou. —Eu não queria nada disso! Não entendo por que isso está acontecendo! Não sei o que essas pessoas querem de mim!

Vitari tapou a boca com a mão e baixou a cabeça. —Calma, — ele sussurrou, —Calma, eles ainda estão por aí. Quietos.—

Quando a respiração ofegante de Francis diminuiu, Vitari retirou a mão, deixando-o levantar. O olhar de Francis refletiu no rosto de Vitari, acusador, mas também temeroso. Mas sob esse medo, ele estava sofrendo. Assim como Vitari.

—Sinto muito, — disse Vitari. —Eu não... O que eu disse não foi de propósito.

Seu olhar parou de se contorcer. —Mas você está certo.

—Você não fez isso.

—Eu deveria ter ouvido você.

—Bem, sim, mas se você fizesse, você não seria você.

Eles ficaram em silêncio novamente, apenas com o barulho do vento através das árvores e as gotas de água pingando das folhas gordas. Não vieram mais sons do campo de mineração, mas ainda faltavam algumas horas para o anoitecer. Eles tiveram que esperar.

—A mulher morta...— Vitari disse depois de uma hora de silêncio. Tentou molhar os lábios, mas sua boca estava ressecada por falta de água.

Francis virou a cabeça. Eles estavam próximos, lado a lado. A luz fraca aqueceu os suaves olhos castanhos de Francis e, por um momento, o medo fez o coração de Vitari tropeçar. Ele quase o perdeu. A única coisa boa em sua vida.

Vitari tossiu para limpar o nó emocional na garganta. —No cemitério da sua igreja. Você disse que não a conhecia.

—Eu não.

Ele parecia genuíno, mas ela conhecia Francis. —O nome Adelita significa alguma coisa para você?

Francis apoiou-se nos cotovelos. —Adelita, eu não...— Seus olhos se estreitaram. E aí estava. Ele a conhecia. E ele sabia muito mais. Ele apertou os lábios e seu pomo de adão balançou enquanto ele engolia. —Não, eu não...

—Não minta para mim, Francis.

Seu olhar mudou. —Eu não a reconheci. Já se passaram anos...

Finalmente, ele admitiu que a conhecia. —Eu conheci a irmã dela.

—Adelita tem uma irmã?

— *Tinha*.— Vitari perdeu o sorriso ao lembrar da jovem morta no corredor do hotel. —Como diabos você conhece duas garotas venezuelanas e por que elas pensaram que você poderia ajudá-las?

Francis sentou-se e arrastou os joelhos até o peito, mantendo-os ali. —Eu não sabia de onde ela era. Eu só... No lugar onde cresci, nos conhecemos lá.

O gelo tocou o coração de Vitari. —Stanmore?

Francis assentiu. —Havia uma cocheira reformada nos fundos, onde às vezes ficavam as meninas. Elas não ficaram por muito tempo. Eu não sabia para onde elas foram.

—Adelita era uma prostituta DeSica, — confirmou Vitari. —Meu palpite é que ela foi contrabandeada para a Inglaterra anos atrás. Agora que a irmã dela deveria se juntar a ela, ela decidiu pedir ajuda a você.

Francis assentiu, mas seus olhos haviam escurecido. Não sobrou nada do seu sorriso.

—Por que você?— Vitari perguntou. —Um padre em uma cidade do nada no meio da zona rural da Inglaterra. Por que você é tão especial?

Francis apoiou o queixo nos joelhos. Ele não poderia ter se tornado menor se tivesse tentado. —Eu a ajudei antes, em Stanmore. Anos atrás.

Claro que sim. Ele ajudaria qualquer um, mesmo aqueles com almas podres como Vitari. —Ajudou-a com o quê?

—Não posso falar sobre isso.

—Sim você pode. Porque alguém lá fora está tornando nossas vidas um inferno por causa disso.

—Não posso.

—Não pode ou não quer?

—Eu a encontrei com um dos meninos, — ele sussurrou. Seus olhos suaves escureceram. —Ela, uh... ela não queria ficar com ele.

Vitari sentou-se também e começou a mexer nas folhas ao redor deles. Ele e Francis estavam alojados no mesmo orfanato, e ele presumiu que Francis não tivesse sido tocado por toda aquela merda que acontecia por trás das portas trancadas. Mas e se isso o *tivesse* tocado? E se ele escondesse melhor que Vitari? —Você parou com isso?

—Eu falei para ele parar, ele não gostou, deu um soco. Nossa briga alertou a equipe.

—O que aconteceu com Adelita?

—Não sei, nunca mais a vi. Ou qualquer uma das garotas.

—Minha mãe era uma prostituta, — admitiu Vitari. —Não conheço a história, provavelmente foi igual à de Adelita. Nem sei se ela era inglesa ou italiana, ou de outro lugar. Ela foi engravidada por Don Giancarlo, meu pai. Eles

me enviaram para Stanmore quando eu tinha... não sei... cinco anos, talvez? Jovem o suficiente para esquecer de onde vim.

—Você estava em Stanmore?

—Sim.

—Eu não... não me lembro de você.

Vitari sorriu. —Você não faria isso. Eles mantiveram os quebrados fora da vista.

—Isso não é...— Algo deve ter ocorrido a ele, algo que sufocou suas palavras. Talvez ele soubesse o que aconteceu com os quebrados, e só agora estava percebendo o quão quebrado Vitari estava.

Francis provavelmente desejou nunca ter tocado nele.

Vitari queria contar-lhe sobre o seu arcebispo, o homem a quem Francis se ajoelhou e beijou o seu anel. Como ele pressionou Vitari de cara contra uma parede fria, como ele o *tocou* e como a situação piorou. E como os outros meninos também sofreram. Mas se contasse a verdade a Francis agora, isso traria de volta à vida o menino que Vitari fora, o menino que Vitari fora em seu passado, o menino que ele não podia permitir que existisse.

—Quando eu tinha doze anos, — continuou Vitari, —Giancarlo me levou até ele. Ele me disse que eu era filho dele, que ninguém deveria saber, e que eu deveria fazer o que ele dissesse. Se eu fizesse isso e nunca falasse de Stanmore, ele cuidaria para que eu estivesse seguro. Então esse sou eu, com uma história trágica e tudo mais. E você? O que você estava fazendo lá?

—Não sei. Era minha casa.

Isso foi besteira. Ele sabia, mas não queria dizer. —Como você passou daquela merda para o sacerdócio?

A bochecha de Francis se contraiu. —Era uma saída, — disse ele com firmeza.

Sabendo tudo o que Vitari sabia, sobre como Francis alegou nunca ter tido escolha, e como quando conheceu o Padre Francis Scott, ele tinha os olhos assombrados de um homem preso no Inferno... ele não tinha certeza se Francis alguma vez tinha saído de Stanmore. Ainda estava com ele, como permaneceu com Vitari. Ele esperava por trás de cada sonho, espreitava por trás do cotidiano, esperando para emboscá-lo.

—Você acha que tudo isso tem algo a ver com Stanmore? — perguntou Francis, afastando o assunto de sua vida pessoal.

—Se não, é uma coincidência cósmica que você e eu viemos da mesma casa de meninos, e a mulher morta encontrou você lá, e a irmã dela me encurralou em um cassino venezuelano com uma foto sua, implorando por ajuda.

Francis esfregou a sujeira da bochecha e disse: —Ela tirou minha foto?

Vitari vasculhou os bolsos e encontrou a foto, toda amassada e úmida, mas intacta. Ele entregou.

—Oh.— Os olhos de Francis ficaram vidrados. —Essa foi a minha ordenação. Por que estou circulado em vermelho?

—Porque você está no centro de tudo isso.

Francis fez um gesto para devolver a foto.

—Mantenha.

—Luca disse que isso era maior do que nós, — disse Francis, guardando a foto no bolso.

—Meu palpite, alguém com muito dinheiro e poder quer que você seja silenciado. Alguém ficou sabendo disso e quer usar você contra aquela pessoa

poderosa. A questão é: por que agora? Por que não há dez anos? O que mudou?— Vitari observou Francis em busca de qualquer reação, qualquer pista que ele soubesse mais do que estava deixando transparecer, mas olhou para o outro lado da ravina na selva.

—Sou um peão num jogo de poder.

—Sim.

Francis puxou as pernas novamente. —Como sobreviveremos a tudo isso?

—Eu vou pensar em algo.— Francis olhou para Vitari com verdadeira esperança nos olhos e, mesmo quando o coração de Vitari desmoronou, ele sorriu.

—Eu sempre faço.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Francis

Eles caminharam pela selva à noite, atravessando arbustos longos e rebatendo folhas gigantes e molhadas para o lado. Luca ainda estava foragido. Ele mataria Vitari, e Francis não desejava chegar perto de Luca novamente. O psicopata cruel fez Vitari parecer um santo.

Um silêncio horrível e sufocante sufocou El Cristo.

Vitari disse a Francis para esperar na linha das árvores enquanto ele se abaixava e desaparecia dentro da casa que dividiam há meses.

Francis esperou, sentado no chão, roendo as unhas e ouvindo qualquer farfalhar ou aceleração do motor. Vitari voltou pouco depois, falando ao telefone via satélite. Ele se aninhou no mato ao lado de Francis e deu instruções em espanhol fluente, depois encerrou a ligação. —Agora vamos esperar.

—Para que?

—Para Giancarlo ligar de volta.

Giancarlo. O pai do chefe da máfia de Vitari. —E se Giancarlo estiver por trás de tudo isso?

—Isso é o que eu preciso saber. Se Luca está trabalhando sozinho numa vingança pessoal contra mim, então eu tenho influência. Mas se a *família* o está apoiando, então estamos ambos fodidos e podemos muito bem pegar um voo para

a porra de Goa ou algum outro lugar. Giancarlo vai me dizer para ser fodido ou vai facilitar o caminho de volta para a Itália.

—Você está me levando para a Itália?

—Você tem uma ideia melhor? Continuamos correndo, eles vão nos encontrar... —O telefone tocou e Vitari atendeu.

Francis ouviu a conversa unilateral, mas Vitari falou tão rápido que não tinha esperança de traduzir nada do italiano. Ele não levaria Francis para a Battaglia, levaria? Para o pai dele? Por que ele faria isso? Eles vieram aqui para afastá-lo *de* tudo isso.

Francis estava feliz aqui, contente, e agora isso se foi. Ele não tinha certeza de onde pertencia, mas não era nem perto da Máfia. E se ele de alguma forma contactasse a polícia britânica... Será que eles o resgatariam? Ou Catalina Diaz, do esquadrão espanhol do crime organizado? Alguém, alguma agência, deve ter o poder de deter estas pessoas, de impedir novos massacres, extorsões e abusos?

Mas se ele chamasse a polícia, isso colocaria Vitari em enorme risco de ser capturado, e eles iriam querer respostas. Francis seria uma testemunha chave. Eles prenderiam Vitari. Tudo seria espalhado pela internet. Tudo o que ele fez.

Francis sabia muito sobre as minas, as rotas das drogas e os Battaglia estavam por toda parte. Se ele falasse contra eles, eles o matariam. A menos que quem o queria vivo fosse mais poderoso que a Battaglia e o pai de Vitari. Quem era mais poderoso que a Máfia? O coração de Francis afundou. A Igreja.

Ele não queria pensar nisso, não queria abrir as portas e deixar isso entrar em sua mente agora. Mas... e se a Igreja estivesse por trás disso o tempo todo?

Não foi por acaso que ele e Vitari foram criados no mesmo orfanato e, sabendo disso, as peças do quebra-cabeça começaram a se encaixar. Stanmore

não era apenas a casa de qualquer garoto. Um chefe da Máfia tinha enviado os seus segredos para lá. E a Igreja Católica também. O arcebispo Montague foi o patrono de Stanmore.

Shh, não faça barulho, esse será o nosso segredo.

Vitari perguntou-lhe porquê agora. O que mudou para desencadear tudo isso.

Poderia ter sido a pressa de Adelita até a sua igreja para pedir ajuda, mas o mais provável é que fosse a carta Privada e Confidencial ainda na gaveta da escrivaninha de Francis. Alguém o abriu, leu e deixou ali, como uma arma fumegante. Ou um aviso.

Ele estava prestes a processar Montague por abuso sexual histórico, e não havia nada que a Igreja desprezasse mais do que alguém quebrando seu voto de obediência.

—Ei, Francis?

Ele piscou diante do rosto suave e meio sorridente de Vitari e da verdadeira preocupação que encontrou ali. Vitari o protegeria? Ele lutou com Luca para salvá-lo...

—Eu perguntei, você está bem?

—Sim. Bem.— Mas seu coração batia forte, sua cabeça girava e suas mãos tremiam, e se ele se levantasse, poderia cair novamente.

Vitari franziu a testa e se ajoelhou diante dele. —Não desmorone sobre mim agora. Precisamos ir para a pista de pouso amanhã de manhã. Vamos pegar carona para sair daqui. Eu sei que você queria ficar, e sinto muito que tenha acontecido assim... Francis?

Havia mãos sobre ele – mãos quentes e pesadas. As pessoas estavam mortas. A Igreja estava de alguma forma envolvida em tudo isso. Foi o Arcebispo Montague? Se fosse esse o caso, então tudo isso era culpa de Francis. —Eu disse que estou bem!— Ele empurrou Vitari. Ele precisava respirar. Pensar.

Vitari ergueu as mãos e recuou. —Tudo bem. OK. Porra.— Ele colocou as mãos nos quadris e virou as costas para Francis. —Jesus, estou fazendo o que posso. Eu sei que não sou perfeito como você, mas estou tentando mantê-lo vivo.

—Perfeito?— Francis engasgou com uma risada. —Você acha que sou perfeito? — Vitari estava bravo? Ele franziu a testa para Francis agora, como se *Francis* estivesse louco. Será que Vitari não estava prestando atenção? Francis não era perfeito. Ele falhou em tudo. E agora ele estava falhando nisso também. Tudo isso foi por causa dele. Adelita, os mortos na marina, as dezenas de mortos na aldeia e os que estavam na mina. Se ele tivesse feito o que lhe foi dito e sido o padre perfeito que todos queriam que ele fosse, nada disso teria acontecido.

Tudo o que ele precisava fazer era manter a boca fechada, e ele não conseguia fazer isso.

—Isso é tudo minha culpa!

Vitari baixou as mãos. —Isso não é culpa sua.

—Isso é! Você não entende, eu... — Ele se levantou e cambaleou. Deus, ele se sentia doente, perdido e todo quente. Tudo doeu. Ele não conseguia respirar.

—Francis.— Vitari estendeu a mão para ele.

—Não me toque. Não me toque, Vitari.

Os olhos de Vitari se arregalaram de choque, então suas barreiras caíram, e até isso feriu Francis por dentro, como uma facada no peito. Porque ele se

importava com Vitari, ele se importava com todos eles. —Apenas... me deixe em paz.

—Certo, porque eu sou um lixo, um daqueles que eles costumavam fazer fila no fundo e se revezar para foder enquanto você conseguia uma passagem só de ida para a santidade.

—O que?— Francis encontrou seu olhar.

—Políticos, homens ricos, celebridades, até padres, assim como você. Então, vá se foder, Francis. Não vou tocar em você, se é isso que você quer. Não gostaria de sujar sua auréola.

Um soluço saiu de Francis. Então outro. O olhar de Vitari o acusou de todos os pecados que ele sabia serem verdadeiros. Ele não conseguia fazer isso, não conseguia ouvir, não conseguia ver de novo e reviver. Ele sabia que isso tinha acontecido com outras pessoas na casa, claro que sabia, por isso tentou fazer a diferença, por isso estava prestes a expor o escândalo. E por que eles estavam sendo caçados. Mas isso aconteceu com Vitari também?

Vitari pisoteou a grama. —Vamos para o campo de aviação, — ele resmungou.

Um arrepio percorreu-o e lentamente, a cada batida do coração, o pânico diminuiu. Francis se abraçou e seguiu Vitari, com a alma cheia de buracos.



O Land Cruiser passou por buracos e abriu rachaduras na estrada. O relógio de Vitari brilhava ao sol enquanto ele segurava o volante. Uma mancha de sangue manchou o mostrador do relógio, mas Vitari não pareceu notar, nem se

importar. Ele enfiou a arma no bolso da porta. A parte da alça se destacava, facilmente acessível se ele precisasse agarrá-la rapidamente.

Francis fez um novo corte no lábio, cortesia do tapa de Luca.

Ele presumiu que Luca estava lá fora. Ele estava vivo depois que o caminhão bateu na árvore. Francis sabia disso, mas estava focado em fugir e não tinha visto para onde Luca havia fugido.

Vitari não explicou o resultado do telefonema. Mas um avião estava vindo atrás deles e eles claramente não tinham escolha. A Venezuela não estava mais segura. Não que fosse tão seguro para começar.

—Sinto muito, — disse Francis, quando não aguentou mais o silêncio escaldante de Vitari. Ele não tinha vontade de iniciar outra discussão. Ambos estavam exaustos e machucados, emocional e fisicamente.

—Está bem.— Vitari olhou para a estrada. Sua bochecha se contraiu.

A lama grudou no pescoço de Vitari e uma folha apareceu em seu cabelo bagunçado. Ele sempre foi tão tranquilo, tão contido, que vê-lo desgastado e ansioso fez com que Francis desejasse poder fazer mais, dizer mais para aliviar a dor.

De volta à casa, depois das celebrações e antes de tudo dar errado, Francis viveu uma das melhores noites de sua vida. Talvez a melhor. Ele teve algumas desventuras sexuais durante seus estudos. Você não estudou com os mesmos homens durante cinco anos em ambientes fechados sem algumas... indiscrições. Pelo menos foi assim que ele se desculpou. Mas aquela noite com Vitari foi um nível de prazer totalmente diferente.

Ele pensou que eles tinham alguma coisa. Algo bom.

Mas agora Vitari era novamente um estranho.

Foi a revelação de Francis sobre Stanmore que criou uma barreira entre eles? Ou seria inevitável que terminassem assim? Francis não pretendia afastá-lo... ou trazer à tona o passado.

—Eu também sinto muito,— Vitari murmurou, então lançou um de seus sorrisos descuidados para Francis. —Eu sou um idiota.

—Verdadeiro.

Vitari bufou e depois olhou para ele. —Você está bem?

—Eu penso que sim. Você?

—Sim. Meu braço dói.— Ele girou o ombro e estremeceu novamente. — Poderia ser pior.

E assim, com um sorriso genuíno e algumas palavras, a distância entre eles desapareceu.

O caminhão passou por alguns trechos irregulares da estrada, mas a faixa de terreno limpo à frente indicava que eles estavam perto do campo de aviação. O contorno de um avião de carga apareceu à frente, provavelmente o mesmo em que eles haviam voado meses atrás.

Ele havia escolhido ir com Vitari para a Venezuela, embora não soubesse para onde estavam indo. E ele tinha arrependimentos, mas Vitari não era um deles.

—Vou fazer o desvio piloto para a Espanha. Uma vez lá, Diaz, chefe da unidade espanhola de crime organizado, irá buscá-lo, — disse Vitari. —Ela concordou em acolhê-lo, se você responder às perguntas dela sobre a Battaglia. Depois disso, ela entregará você aos federais britânicos. Já que você é um alvo tão importante, eles vão colocá-lo na proteção de testemunhas.

Francis ficou em silêncio por alguns minutos, absorvendo tudo o que acabara de ouvir. Vitari estava... salvando ele? —Terei que realmente ser uma testemunha?

—Sim,— ele falou lentamente. Seus dedos apertaram o volante. —Vou mexer alguns pauzinhos, ver se consigo jogar Luca debaixo de um ônibus.

—Figurativamente?

—Se eu pudesse encontrar um ônibus, tornaria isso literal. Ele precisa morrer.

Francis conteve a própria risada antes que ela se libertasse. —Então você está bem com a Battaglia? Eles não sancionaram as ações de Luca?

—Difícil dizer. Giancarlo não disse. Eu acho que estou bem. Estou na merda, mas também sou de sangue. Eu tenho algum espaço para manobrar.

Isso foi... muito. Ele havia organizado a entrega de Francis às autoridades, correndo grande risco para si mesmo. Isso não deve ter sido fácil. —Obrigado.

—Sim, bem, um de nós tem que sobreviver a isso. Melhor você do que eu. — Ele estacionou o caminhão na pista de pouso e diminuiu a velocidade de aproximação em direção ao avião. As hélices não estavam girando, então eles tiveram algum tempo antes da decolagem.

Francis estudou o rosto de Vitari sob a luz minguante do sol. Todas aquelas linhas nítidas não pareciam mais tão nítidas. Ele se lembra de tê-lo visto pela primeira vez, de joelhos, com a cabeça baixa enquanto orava em frente ao altar. Ele sabia então que Vitari era diferente. Especial. Ele viraria a vida de Francis de cabeça para baixo, mas também lhe mostrou o que significava estar *vivo*. Ele lhe mostrou que a verdadeira paixão não era um laço, era uma porta aberta. Os

últimos meses, embora horríveis em muitos aspectos, também foram uma revelação. Francis se encontrou aqui. Ele lamentaria deixar Vitari.

—O que?— Vitari riu.

Francis desviou o olhar. Seu rosto aqueceu. —Nada.

—Você me olhando assim parece estranho.

Francis riu. —Que tipo de estranho?

—Como se você estivesse *olhando para dentro de mim* de forma estranha.

—Talvez eu esteja,— ele disse presunçosamente, desviando o olhar para que Vitari não visse seu rubor. —É um estranho bom ou estranho ruim?

—Isso é...

Algo bateu na porta do motorista com um rugido devastador. O Land Cruiser tombou. Francis agarrou-se ao painel, mas a gravidade agarrou-lhe o braço e atirou-o para cima enquanto o SUV rolava, sacudindo-o de um lado para o outro. Seu cinto de segurança permaneceu firme, mas Vitari caiu entre todos os escombros, chovendo vidro e metal gritando. Vidro choveu no rosto de Francis. Ele fechou os olhos com força, preso na tempestade de barulho e calor.

A queda parou com um silêncio ensurdecedor. Francis ficou pendurado de lado na cadeira, preso pelo cinto. Vidro caiu de seu cabelo e arranhou o pescoço, preso nas roupas. Ele piscou, tentando limpar o borrão em sua visão.

Vitari?

Ele não estava na caminhonete. Ele deveria estar na caminhonete. Ele foi libertado?

Francis cutucou o cinto, mas a maldita coisa agarrou-se. Ele cutucou de novo e de novo. Finalmente cedeu, jogando-o na porta do passageiro fechada. O

SUV estava tombado de lado. O pára-brisa estourou, a moldura quebrou. Ele provavelmente poderia rastejar através dela, sobre vidros quebrados.

Vapores potentes arrancaram lágrimas de seus olhos. Houve fogo? Ele tinha que escapar.

—Saia daí, padre!

Luca.

Francis recuou, com o coração disparado. Não, não...

—Saia daí ou seu caso de caridade morre! Não estou brincando, padre!

Vitari. Ele tinha Vitari.

Francis cerrou os dentes, contendo uma onda crescente de medo e raiva. Ele se agachou, tentando pensar. Talvez se ele tivesse uma arma, algo para acertá-lo? Ele examinou a bagunça dentro do carro destruído e ali, enfiada atrás do assento, estava a arma de Vitari.

—Você tem dez segundos antes que eu dê um tiro na nuca de Angel. Nove...

CAPÍTULO VINTE E OITO

Vitari

Porra, doeu.

Areia e sujeira cravaram-se em sua bochecha. O sangue escorria pela nuca, passando pela orelha e descendo pela bochecha. Ele estava deitado de bruços, onde suas costelas queimavam, como se ele tivesse engolido gasolina e colocado fogo. A bota de Luca nas costas não estava ajudando. O calcanhar cravou em seu rim machucado.

Os destroços quebraram algo dentro, algo vital, algo que fez sua língua ficar com gosto de sangue. Ele não iria a lugar nenhum.

—Saia daí, padre!

Francis. Porra. *Correr!*

Ele era bom em correr. Ele fugiria.

Vitari arranhou a terra.

A bota de Luca acertou suas costelas e, por um segundo incandescente, Vitari não conseguiu respirar, pensar ou se mover. Ele tossiu, sentindo o gosto de mais sangue, esperançosamente de um corte na boca e não das costelas quebradas que o espetavam em lugares que não deveriam.

—Saia daí ou seu caso de caridade morre!— Um martelo de arma clicou. —
Eu não estou brincando, Padre!

Luca tinha uma arma apontada para ele. Claro que sim... A escuridão pulsava no ritmo de seu coração. Vitari virou a cabeça, apoiando o queixo na grama, e viu o Land Cruiser destruído tombado de lado, as rodas ainda girando. O semi que Luca havia atropelado estava parado nas proximidades: um velho caminhão-tanque de combustível.

Isso... não foi bom.

—Você tem dez segundos antes que eu dê um tiro na nuca de Angel. Nove, oito, sete...

Luca sabia que eles iriam para a pista de pouso. Ele foi informado?

Mas Vitari não conseguia pensar nisso, apenas em dizer a Francis para fugir.

E lá estava ele, rastejando pelo para-brisa empenado. Ele parecia bem, não sangrento e picado como Vitari. Isso foi bom. Ele fugiria. —Corra...— Vitari resmungou. O sangue escorria pelo seu queixo. Ele deveria ter usado a porra do cinto de segurança.

—Cale-se!— Luca o chutou novamente. Vitari gemeu. Ele estava morrendo aqui. Ele sabia disso, sentia isso. Mas Francis estava bem. Francis ia escapar.

—Eu estou saindo!— Francis cambaleou para longe do Land Cruiser, com as mãos levantadas, e viu Vitari. Escondeu o rosto enrugado, como se fosse chorar. Jesus, Vitari tinha que estar mal para Francis quase chorar.

Não faça isso, pensou Vitari. Não desperdice lágrimas comigo. Ele tentou sorrir, para mostrar a Francis que tudo ficaria bem. Ele jurou salvá-lo. Tudo o que Francis precisava fazer agora era fugir.

Francis piscou rápido demais, mordendo o lábio. —Deixe-o ir e eu irei com você.

O calcanhar de Luca cavou mais fundo. —Eu deveria ter feito isso, mas merdas acontecem, sabe? Estamos muito longe da Itália. Ninguém vai chorar pelo corpo de Angel.

As narinas de Francis dilataram-se e a sua justa fúria sangrou-lhe nos olhos. —Você gostaria de ser metade do homem que ele é.

O que ele estava fazendo? *Não, Francis, não o provoque. Apenas corra.* — Corra!— Vitari balbuciou, sentindo o gosto de sangue novamente. Por que Francis estava se aproximando? Ele precisava fugir, não se aproximar de Luca. Ele nunca fez o que lhe foi dito.

—Metade do homem?— Lucas riu. —Angel é um cachorro vadio que seu pai encontrou na beira da estrada. Ele nem é totalmente italiano. Ele é um vira-lata e merece morrer como um.

—Espere!

Luca deve ter apontado a arma para Vitari, para Francis congelar como ele. Francis mudou de posição, com a mão estendida para a frente, como se estivesse tentando aplacar um animal selvagem. Luca era selvagem, tudo bem. Mas ele não podia ser fundamentado. Porra, Vitari ia morrer aqui. Uma bala na cabeça. Ele sabia disso. Ele engoliu mais sangue. Ele estava tão fodido. —Droga, Francis, — ele sibilou.

—O quê ele fez pra você?— perguntou Francis. —Por que você o odeia? Se ele é um vira-lata, o que importa o que acontece com ele?

Francis, vá se foder! Ele estava tentando o quê, protelar? Pelo que? Ninguém estava vindo. Francis avançou um pouco mais, com a mão ainda estendida, tentando amenizar a insanidade de Luca.

—O que ele fez?— Lucas bufou. —Ele sempre foi o favorito, sempre o número um. Sou melhor que ele, mas Giancarlo não me vê. É sempre sobre Vitari, sempre fodido Vitari. Vitari fez isso, Vitari protegeu a família, Vitari garantiu o negócio, sempre ele! É a minha vez. Protegi o nome Battaglia desde que comecei a andar. A Battaglia é minha família, está no meu sangue, mais do que no dele!— O chute de Luca acertou seu lado novamente, quase o derrubando. Ele viu a arma agora e olhou para o cano. Viu a morte vindo direto para ele.

—Mate-me,— Vitari gemeu. —Mas deixe Francis ir. Diga a Giancarlo que o padre também morreu. Acabe com isso.

Luca estreitou os olhos. —O padre é meu.

—Não se mova!— Francis gritou.

Luca ergueu a cabeça e soltou uma risada incrédula. —Você está brincando?

Vitari se contorceu, ofegando diante da agonia que abria um buraco em seu peito. Oh Deus, Francis tinha a arma de Vitari apontada para Luca. Ele ia ser morto. Luca não era um idiota. Ele sabia que um padre não iria atirar nele.

—Largue a arma, Luca!— Francis gritou. Ele nem estava segurando a arma corretamente. Ele estava com as duas mãos nela, os dedos escorregando.

—Você acha que pode me matar, hein?— Lucas riu. —Você vai puxar o gatilho? Um homem do clero, um homem de Deus? Você não é um assassino. — Luca deu seu sorriso de comedor de merda. —Pare de brincar, Branco Padre. Abaix *sua* arma.

Francis respirava como um touro bufando. Ele tinha aquela arma apontada para o peito de Luca. Mas ele não iria puxar o gatilho. Não por Vitari. Sua boa alma católica estaria condenada para sempre. Condenação eterna. Os católicos

não brincavam com essa merda. Francis ajudou as pessoas. Ele não as matou. Ele deixou o maldito suposto assassino espanhol ir, perdeu o conteúdo do estômago depois que Vitari matou os dois policiais espanhóis corruptos.

Mas havia o Francis que Vitari sabia estar ali, o homem de fogo e paixão, o homem que ele mantinha tão profundamente enterrado que poucos o viam. *Aquele* Francis era diferente. Aquele homem bebeu cerveja, jogou canecas de café nas paredes e gozou na cara do Vitari. Aquele homem era imprevisível, e aquele homem estava lá, olhando para a mira da arma, com o dedo no gatilho.

Oh merda, ele iria atirar em Luca.

—Francis, não, — Vitari engasgou.

Ele se condenaria, em sua própria mente. Ele nunca mais voltaria disso. Você não poderia confessar o assassinato. Ele iria atirar e desprezaria Vitari por isso para sempre.

—Francis, abaixe a arma, — implorou Vitari. Ele colocou um braço sob si mesmo e levantou a cabeça, tentando fazê-lo ver que tudo ficaria bem. Ele não precisava fazer isso, não por Vitari.

Lucas bufou. —Um maldito padre não vai atirar em mim.

—Sim ele vai.

Luca olhou novamente para Francis e mostrou os dentes num rosnado. —Eu vou matar seu amigo de merda aqui. É isso que você quer, padre?

—Coloque. A arma. Para baixo, — disse Francis, estranhamente calmo. Ele baixou um braço e segurou a arma com firmeza na mão direita.

A risada de Luca falhou e desapareceu, e nos olhos de Francis, Luca viu a verdade.

Francis *atiraria* nele.

Luca apontou a arma de Vitari para apontar para Francis. —Você não tem coragem, padre.—=

Porra, Francis nem estava respirando com dificuldade agora. Ele olhou para um homem apontando uma arma para ele, tão frio quanto qualquer assassino que Vitari conheceria.

—Não, não por mim, por favor...— Vitari implorou. Ele sentiu gosto de sangue nos lábios. —Francis, não por mim.

Se Francis fizesse isso, isso o arruinaria, e Vitari não aguentaria. Ele prefere morrer a arrastar Francis para o Inferno. Lágrimas frias tocaram as bochechas quentes e arranhadas de Vitari. —Por favor.

—Você irá para o Inferno, — disse Luca.

—Então vejo você lá, — respondeu Francis. E puxou o gatilho.

A arma resistiu. Luca tropeçou e estendeu a mão para o peito. Mas era com o ferimento de saída nas costas que ele deveria se preocupar mais, onde o tiro havia estourado seu coração através das costelas.

Luca caiu de joelhos, depois caiu para frente e bateu de cara no chão.

Um soluço caiu de Vitari. Não, não... Não por ele. Não pelo garoto que ele era, que chorou sozinho no escuro, esperando o som da fechadura fechar. Ele estava morrendo, e seu ato final nesta Terra foi arruinar a coisa mais linda que ele já conheceu.

Isso não era real. Não poderia ser. Ele não queria isso.

Francis chamou seu nome, mas ele estava longe, em algum lugar na escuridão, e tudo bem, porque significava que ele estava longe de Vitari. Ele teve que ficar longe. Ele estava mais seguro ali, longe da escuridão de Vitari.

Francis puxou o gatilho.

Ele matou um homem. Para salvar Vitari.

Ele nunca seria perdoado.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Francis

Duas semanas depois

Inglaterra

A Catedral de Westminster não era a Abadia de Westminster mais famosa, mas era uma das maiores, mais belas e inspiradoras catedrais católicas de toda a Europa. Os sapatos pretos de sola macia de Francis faziam apenas um sussurro enquanto ele caminhava pela nave entre os bancos. Ele usava roupas simples e colarinho branco, como esperado dele. Ele deveria usar a batina, mas quando tentou, quase esvaziou o estômago.

Era um processo, dissera o Padre Hawker, quando Francis foi educadamente encorajado a confessar-se. Ele não contou ao padre Hawker metade do que viu e do que fez parte, e nunca contaria. Alguns segredos tiveram que ser enterrados.

Então a intimação chegou enquanto ele ainda estava em Londres, respondendo a intermináveis entrevistas policiais nas quais mentiu - e se descobriu convincente, quando importava. Não, ele não sabia por que a Máfia continuava a sequestrá-lo. Não, ele não conseguiu identificar nenhum deles. Não, ele não tinha visto muito o executor conhecido como Angelo della Morte, cujo nome verdadeiro era Vitari Angelini, apenas que houve algum tipo de batalha de gangues na Venezuela, na qual Vitari quase morreu.

Ele ainda não tinha certeza se estava vivo, mas estava estável no hospital de Caracas, onde Francis foi forçado a deixá-lo. A polícia britânica tinha enviado alguém da Agência Nacional do Crime para recolher Francis, e tê-lo-iam prendido se ele lhes dissesse que queria ficar ao lado da cama de Vitari.

Ele esteve sob custódia protetora por duas semanas, até agora.

A Catedral estava vazia, provavelmente por causa do homem vestido com uma túnica toda branca, esperando no altar. O Arcebispo Montague levantou a cabeça e sorriu quando Francis se aproximou. Ele havia raspado a barba e a transformação foi severa. Ele passou de um velho gentil a um patriarca imponente e bonito.

Francis engoliu o gosto amargo na boca e sorriu de volta.

—Ah, padre Scott, — disse Montague, depois estendeu a mão direita, o anel brilhando.

Francis ajoelhou-se, segurou os dedos do homem e beijou o anel. Náusea acre queimou a parte de trás de sua língua.

—Uma provação terrível, meu amigo. Terrível.

Francis levantou-se e olhou Montague com seus olhos frios e duros. —Sim, foi.

—Mas está tudo acabado agora.

—Não há indicação de que a Máfia deixará de tentar e...

—Oh, eles cessaram, — disse Montague, com absoluta confiança. —Você não será mais incomodado.

Como ele poderia saber disso? Francis engoliu a pergunta, com medo da resposta.

—Quero falar sobre você e seu futuro brilhante conosco, padre Scott. Vamos deixar tudo isso para trás, certo?— Seu braço pousou nos ombros de Francis e, ao guiá-lo de volta pelo corredor, nem mesmo o tecido grosso das vestes de Montague entre eles conseguiu mascarar a lembrança do toque de Montague em sua pele nua.

—Não serei de muita utilidade para a Igreja, — disse Francis, mantendo a voz calma. —A polícia sugeriu que eu deveria ser colocado na proteção de testemunhas.

—Ah, isso não é necessário.— Montague riu. —Você simplesmente virá aqui, para Westminster, e trabalhará ao meu lado. Alguém do seu calibre nunca deveria ter sido colocado em St. Mary. Você está perdido aí.

O chão caiu debaixo de Francis e ele quase caiu junto. Apenas o braço de Montague o segurou. —Vou trabalhar aqui?

—Sim, perto de mim,— ele sorriu, olhos tão gentis que não poderiam esconder mil pecados. —Como sempre deveria ter sido.— Seu braço deslizou livremente e o arcebispo deslizou em direção às portas principais. —Eu já fiz os preparativos. Sua vida está aqui agora, Francis. Seguro, ao meu lado. Venha e eu lhe mostrarei suas acomodações. Elas não estão longe das minhas.

Francis agarrou-se às costas do banco mais próximo. Claro que este foi o seu castigo, pelo que ele fez. Por matar um homem. Tirando uma vida. Ele merecia isso.

Ele suportaria. Ele não tinha escolha.

Ele era o padre Francis Scott, o padre ordenado mais jovem da Inglaterra, prodígio do arcebispo Montague, e não era simplesmente perfeito.

Ele afrouxou o sufocante colarinho branco, ergueu o queixo e seguiu o arcebispo desde a catedral.

CAPÍTULO TRINTA

Vitari

Ele sonhou com Francis apontando uma arma para a cabeça de Luca e depois explodindo-o. Em alguns desses sonhos, Francis apontou a arma para Vitari e Vitari caiu de joelhos. Às vezes, Francis atirava e Vitari acordava sobressaltado. Outras vezes, nesses sonhos, Vitari o chupava enquanto Francis apontava a arma para a cabeça de Vitari. Ele gostava mais desses sonhos.

Quando acordou, Francis não estava na cadeira ao lado da cama do hospital, onde esperava que estivesse. Mas Sal estava. E quando ele acordou de novo, não havia ninguém lá, o que foi pior.

Ele durou duas semanas no hospital venezuelano, curando-se de uma perfuração no pulmão, com guardas armados nas portas, seja para mantê-lo dentro ou para manter outras pessoas fora. Quando Sal regressou, disse-lhe para o tirar do país e, no dia seguinte, estava num avião privado, aterrando numa pista de aterragem na Calábria.

A casa era um pequeno apartamento perto da orla. Fazia alguns anos que não passava muito tempo ali, mas precisava disso agora, precisava descansar e recuperar as forças antes de enfrentar Giancarlo. Infelizmente, Giancarlo não era conhecido pela sua paciência.

No terceiro dia desde o regresso de Vitari, Giancarlo veio visitá-lo.

—Sente-se, — disse Giancarlo, como se o apartamento fosse dele.

Vitari sentou-se no sofá. A porta da varanda estava aberta e uma leve brisa marítima mantinha o apartamento fresco.

Giancarlo acenou com a cabeça para que sua comitiva fosse embora e os homens armados saíram, deixando Vitari sozinho com o pai. Giancarlo ficou sentado em silêncio. Esperando por uma explicação.

Vitari pigarreou. —A Venezuela era...

—A Venezuela foi um desastre inaceitável, — disse Don Giancarlo.

A Venezuela estava uma bagunça. —Luca estragou tudo...

Giancarlo ergueu a mão. —Sem desculpas.

Vitari cerrou a mandíbula e baixou a cabeça. —Aceito total responsabilidade, — ele disse, detestando cada palavra.

—O negócio perdeu muito investimento nessas minas e na operação Vicente. Antes da sua chegada, a região funcionava bem.

Vitari sabia disso. Eles também perderam boas pessoas. A intervenção de Luca foi um desastre deliberado e ele não fez isso sozinho. Luca não teve coragem de avançar como fez e iniciar uma guerra territorial. Ele disse que tinha a permissão de Giancarlo, e talvez tivesse. Vitari não tinha certeza. Mas porquê sabotar a sua própria operação e milhões de euros? A menos que houvesse algo – ou alguém – que fosse tão devastador, poderia arruinar Giancarlo. A menos que houvesse muito mais segredos na casa de meninos Stanmore do que a merda pela qual Vitari passou. Segredos que poderiam derrubar o chefe Battaglia?

Muita coisa tinha acontecido desde que ele recebeu a ordem de vigiar um padre em uma cidade inglesa em nenhum lugar.

Ele não sabia onde Francis estava. Mas ele *sabia* que esteve ao lado da cama de Vitari. Foi ele quem salvou Vitari. Ninguém mais teria feito isso.

Vitari devia a vida a Francis.

Ele não sabia o que tudo aquilo significava, apenas que Francis ainda estava em perigo, onde quer que estivesse. E talvez Vitari também fosse. Ele encontrou o olhar de seu pai. Ele amava Giancarlo, mas também mantinha uma arma presa sob a mesa de centro entre eles.

—O padre não é mais uma preocupação sua, — disse Giancarlo, levantando-se. Ele foi até a varanda e ficou lá como uma maldita obra de arte italiana, olhando para seu império.

—Ele está seguro?

Giancarlo voltou para o sofá, mas parou atrás de Vitari. Vitari encolheu-se sob o olhar do pai, sentindo-se novamente como uma criança pequena. Perdido no escuro.

—Ele está protegido, — disse Giancarlo, olhando fixamente para o nariz, fazendo Vitari sentir-se fedorento a cada segundo que passava. —Você não deve chegar perto dele. Você não entra em contato com ele. Se eu descobrir que você teve contato com o padre, você será expulso. Excomungado. Morto para mim. Você entende, meu filho?

Isso foi sobre as fotos.

Vitari molhou os lábios e assentiu. Pelo menos Francis estava vivo. Mas Giancarlo tinha as fotos, o que significava que também tinha alguma influência sobre Francis. Ele guardaria as imagens e as usaria quando acreditasse que seria mais eficaz. As fotos queimaram Giancarlo também, pois Vitari era filho dele, e chupar o pau de um padre não refletiu bem na família.

Giancarlo acenou com a cabeça, virou-se, mas rapidamente voltou e apontou um dedo para o ar. —Se você chupar o pau de um homem de novo, eu pessoalmente cortarei sua língua.

Ele saiu do apartamento, suas palavras pesadas no ar. Vitari olhou para a porta aberta da varanda. Considerando todas as coisas, ele saiu levemente. Ele ainda tinha todos os dedos e a língua, por enquanto. E ele sabia que Francis estava vivo. Considerando o maldito desastre monumental que tudo tinha sido desde o início, ambos tiveram sorte de estar respirando.

Talvez não tenha sido sorte.

Ele foi até a varanda e olhou para as águas azul-turquesa.

Talvez tenham sido Francis e as suas orações, porque não havia outra explicação para a forma como o Angelo della Morte tinha sobrevivido quando as probabilidades estavam tão contra ele.

Talvez Deus existisse. Mas se isso fosse verdade, Ele certamente abandonaria Francis agora.

Onde quer que Francis estivesse, ele estaria sofrendo e Vitari não conseguiria alcançá-lo. Nunca.

Ele estava sozinho.

Assim como Vitari.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Francis

Os dias passaram num turbilhão de apresentações, aclimatando-se à vida agitada da cidade de Westminster. Era mais fácil dedicar-se a todas as tarefas possíveis e preencher as horas do amanhecer ao anoitecer, do que parar, descansar e pensar. Pensar levou à lembrança, e a lembrança levou ao arrependimento e à tristeza. E culpa.

Ele tinha um escritório num antigo prédio da chancelaria reformado, nos terrenos da Catedral de Westminster, a algumas portas da sala do arcebispo. As tábuas do piso rangiam do lado de fora da porta do escritório sempre que alguém passava. Ele ainda não tinha parado de se encolher quando alguém o fez. Felizmente, o arcebispo também estava demasiado ocupado com os seus deveres para prestar muita atenção a Francis.

Francis manteve a cabeça baixa e fez tudo o que se esperava dele, e muito mais, mas em muitos aspectos sentia falta das pessoas de St. Mary, até mesmo da Sra. Roe e de suas visitas frequentes para reclamar do marido ou dos ônibus. Essa parte da sua vida, embora breve, foi a mais normal. Ele desejou ter apreciado mais.

Ele recostou-se na cadeira do escritório e esfregou a ponta do nariz. As palavras em sua agenda ficaram confusas. Suas costas queimavam, entre as

omoplatas. Ele precisava de descanso. Já se passaram semanas desde que ele se juntou a Westminster e ele ainda não tinha tido um momento para si mesmo. Ele não poderia continuar assim, mas se parasse, temia que os demônios esperassem no escuro.

Uma batida em sua porta o tirou de seus pensamentos vagantes.

O Arcebispo Montague entrou, sua aparência surpreendentemente normal em roupas civis, mas é claro, ele ainda usava o colar e o anel necessários. Seu sorriso alcançou seus olhos cinza-ardósia.

Dez anos atrás ele tinha cabelos escuros e estava cheio de sorrisos chamativos. Ele visitava a casa dos meninos para orientá-los em oração, e Francis sentava-se à janela e observava o pequeno carro esportivo vermelho do padre Charles Montague, pensando que o padre – que ainda não era arcebispo – devia ser uma pessoa muito importante para possuir tal coisa. Ele era bonito, charmoso e gentil.

Francis queria ser igual a ele.

Montague apoiou-se na lateral da mesa e cruzou as mãos sobre os joelhos. —Ouvi dizer que você está se adaptando bem. Não tive dúvidas, é claro. Você sempre foi um aluno exemplar.

—Obrigado.

—Mas é importante descansar. Os curadores feridos são muitas vezes os primeiros a cair.

Francis engoliu o gosto amargo na língua. *Ferido*. Será que ele se referia a acontecimentos recentes ou a anos atrás, quando foi ele quem infligiu aqueles ferimentos? —Sim, eu vou.— Ele forçou um sorriso.

Montague estendeu a mão e colocou a mão no ombro de Francis, apertando-o suavemente. Francis suspirou pelo nariz, lutando contra o instinto de se livrar dele. —Por que você não tira folga no sábado? Venha jantar comigo. Estamos ambos tão ocupados que duvido que teremos muito tempo para nos vermos nas próximas semanas.

—Estou... obrigado, mas tenho muito que fazer.— Ele apontou para a agenda em sua mesa e para a infinidade de redemoinhos coloridos e datas rabiscadas. —Eu realmente preciso conversar com todos...

—Isso pode esperar. Devo insistir. —Ele se inclinou mais perto. —Seu bem-estar é muito importante, principalmente depois da provação. Cuidarei de você pessoalmente, Francis.

Ele estava perto, tão perto que Francis podia sentir o cheiro do café em seu hálito e da colônia que ele usava, a mesma colônia rica e amadeirada que ele usava há anos. O cheiro revirou seu estômago.

Ele se ajoelhou diante de Montague, beijou seu anel e jurou obedecer e servir. Ao ser ordenado, também assinou um contrato que garantia seu silêncio nos assuntos internos da Igreja. Ele não poderia recusá-lo legal ou espiritualmente.

Shh, não faça barulho, esse será o nosso segredo.

Mas foi apenas um jantar.

—Obrigado, — disse Francis, forçando as palavras. —Gostaria disso.

—Bom garoto.— Montague deu um tapinha em seu ombro e se levantou. —Por volta das oito horas?

Ele saiu sem esperar pela resposta de Francis. Porque Francis não tinha escolha.

Ele olhou para a porta fechada do escritório, com o coração e a cabeça estranhamente silenciosos, como se ambos tivessem sido esvaziados.

O telefone em sua mesa vibrou. Ele piscou e então pegou mecanicamente o fone. —Padre Francis Scott.

O interlocutor permaneceu quieto. Mas Francis ouviu sua respiração suave, como sussurros sensuais em um quarto escuro. Seu coração ganhou vida. Não poderia ser...

Ele recostou-se na cadeira, segurando o fone perto. O interlocutor também se mexeu, suas roupas farfalhando. Francis fechou os olhos e sentiu aquela respiração agitada em seu pescoço, sentiu o toque suave de seus lábios. *Arruíne-me.*

—Angel?— ele perguntou, usando o pseudônimo. Parecia mais seguro e mais adequado neste momento. De alguma forma, através dos quilômetros, com barreiras entre eles, Vitari sabia que Francis precisava dele.

—Olá Padre.

Francis abriu os olhos e inclinou-se para frente. Vitari não deveria estar ligando. O que quer que eles tivessem, todas as coisas que fizeram, tudo acabou, no passado. Uma vida diferente. Mas o coração de Francis bateu forte, fazendo o sangue quente voltar às veias geladas, descongelando seu corpo, trazendo-o de volta à vida em torno da pequena e danificada centelha de sua alma.

Vitari viveu.

—Você aceitará minha confissão? — Vitari perguntou, em seu tom malicioso e zombeteiro.

Francis suspirou, como se fosse ele quem desabafasse sua alma. —Você sabe que eu vou.

Continua em *Ruin Me, Forgive Me* #2.

Ainda não acabou para Francis & Vitari. Junte-se a eles enquanto eles se unem mais uma vez em um mundo de crimes violentos e assassinatos cruéis.

SOBRE A AUTORA

A vencedora do Rainbow Award, A. Nash (Ariana Nash), escreve fantasia LGBTQ+ e romances contemporâneos cheios de personagens moralmente desafiadores, ação, traição e amor ardente entre dois (ou mais) homens.

ALQUIMISTA DOS LIVROS
ARIANA NASH

FORGIVE ME



EQUIPE

REV. INICIAL - VITTY
REV. FINAL - RHEYNA
FORMATAÇÃO - NEPHRUS